

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Cairo de Souza Barbosa

**Colonialismo, dependência e alegorias do Brasil na
historiografia literária de Antonio Candido (1960-1973)**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em História pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Henrique Estrada Rodrigues

Rio de Janeiro,
dezembro de 2023



Cairo de Souza Barbosa

**Colonialismo, dependência e alegorias do Brasil na
historiografia literária de Antonio Candido (1960-1973)**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em História pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Henrique Estrada Rodrigues

Orientador

Departamento de História – PUC-Rio

Prof^a. Maria Elisa Noronha de Sá

Departamento de História – PUC-Rio

Prof^a. Beatriz de Moraes Vieira

Departamento de História – UERJ

Prof. Eduardo Wright Cardoso

Departamento de História – PUC-Rio

Prof. Edu Teruki Otsuka

Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada –

USP

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2023.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Cairo de Souza Barbosa

Graduado em História (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Tem experiência nas áreas de Teoria da História, História do Brasil e Historiografia Brasileira, atuando especialmente nos seguintes temas: colonialismo, dependência, ensaísmo, alegoria e dialética.

Ficha Catalográfica

Barbosa, Cairo de Souza

Colonialismo, dependência e alegorias do Brasil na historiografia literária de Antonio Candido (1960-1973) / Cairo de Souza Barbosa; orientador: Henrique Estrada Rodrigues. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de História, 2023.

210 f.; 30 cm

1. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2019.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História Social da Cultura – Teses. 3. Antonio Candido. 4. Historiografia Literária. 5. Pensamento Social Brasileiro. 6. Teoria da História. 7. Século XX. I. Rodrigues, Henrique Estrada. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Para Bruna e Gaia:
amor que é oceano.

Agradecimentos

Essa tese foi tecida por muitas mãos. Embora seja um truísmo dizer isto, preciso ressaltar que, sem a presença de diversas pessoas que tentarei elencar abaixo, esse trabalho não teria se realizado ao longo de quase cinco anos. Aproveito essa singela oportunidade para agradecer a todos e todas que me deram amparo e que me acolheram nesse período. E já me desculpo, de antemão, por possíveis esquecimentos – a memória não tem sido uma grande aliada. Ou, como diria Funes, de Borges, “meu sonho é como a vigília de vocês”.

Ao meu orientador, Henrique Estrada Rodrigues, por abraçar essa pesquisa e, através da escuta ativa e de indicações precisas, ter contribuído ativamente para a construção das reflexões aqui propostas. Às minhas antigas orientadoras e componentes da banca de defesa, Beatriz de Moraes Vieira e Maria Elisa Noronha de Sá, por quem nutro enorme admiração, sou grato pelos ensinamentos, afagos e conselhos.

Aos professores que compõem esta banca: Eduardo Wright Cardoso, por topar arguir esse trabalho e pelas conversas profícuas na disciplina de seminário de tese, que me permitiram desenlaçar pontos nodais da pesquisa; Edu Teruki Otsuka, pela disponibilidade e interesse em avaliar o escrito. Aos arguidores da banca de qualificação: Rodrigo Ramassote, pelas sugestões cirúrgicas que me permitiram reelaborar diversas hipóteses deste trabalho; Thiago Nicodemo, pelos questionamentos estimulantes; Marcel Jasmin, Maurício Parada e Regiane de Mattos, pelas aulas instigantes e por toda ajuda no percurso; Javier Uriarte, pela interlocução constante que atravessa fronteiras.

Aos grandes amigos de vida: Paulo César, Fernanda Ribeiro, Anne Gabrielle, Cesar Albuquerque, Patrick Gonçalves, Sérgio Duarte, Orlando Santos, Bia Prechet, Felipe Rodrigues, Everlin Barbosa e Julio Cezar, pelas felicidades imensas que sempre me proporcionaram. Aos meus afilhados, Bento Muniz e Maria Alice Galvão, fonte inesgotável de afeto e centelha de esperança no futuro. Aos amigos de jornada: Henrique Gaio, Géssica

Guimarães, Daniel Pinha, Ábner Sótenos, Rodrigo Perez, Gabriel Mello, Renan Siqueira, Pedro Demenech, Felipe Taumaturgo, Miguel Mattos, Juliana Sabatinelli, Mauro Franco e Dalton Sanches, com os quais pude compartilhar as alegrias da vida acadêmica e profissional.

À minha família de sangue: Edinho, Claudia, Victor e Edson, a quem devo tudo e mais um pouco. Sou grato por tê-los ao meu lado, por serem pilares essenciais em minha vida e por todo apoio incondicional. À minha família de coração: Mário, Andréia, Orlando, Maria e Gustavo, com quem aprendi sobre afeto, zelo e carinho, por ter sido escolhido e cuidado.

À minha terapeuta, Maria Teresa Lago, que, com a lanterna em mãos, me ajudou a remar ao longo dessa angustiante jornada.

Ao Botafogo, meu melhor amigo, minha sina e meu primeiro amor. Como lembra Armando Nogueira: “O Botafogo é bem mais que um clube - é uma predestinação celestial.”

Às instituições nas quais leciono, especialmente a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) e o Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais (CEPE), aos queridos docentes, com quem divido as inúmeras salas de professores, e aos meus alunos, com quem aprendo e me permito sonhar com um mundo melhor, mais justo e igualitário.

Aos funcionários da PUC-Rio: Cláudio Santiago, Débora Evelyn, Igor Fernandes, Edna Timbó e Anair Oliveira, pela ajuda e por todo o suporte nesses anos. A Vinicius Dantas e Paula Siega, pelas gentilezas de me fornecerem documentos valiosos para este trabalho. A Max Gimenes, pelos diálogos candidianos e pelos inúmeros auxílios logísticos na pauliceia. Aos funcionários do arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), especialmente Elisabete Ribas, pela recepção cordial.

À Gaia e Lulu, fonte das minhas alegrias genuínas, amor que eu não imaginava ser possível sentir.

À Bruna Maciel, por ser paixão, carinho, refúgio e morada; por todos os obstáculos que superamos juntos – meu encontro de alma, meu grande amor.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, a quem agradeço imensamente.

Resumo

Barbosa, Cairo de Souza; Rodrigues, Henrique Estrada. **Colonialismo, dependência e alegorias do Brasil na historiografia literária de Antonio Candido (1960-1973)**. Rio de Janeiro, 2023. 210p. Tese de Doutorado – Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Essa tese investiga as noções de colonialismo e dependência e as alegorias do Brasil na historiografia literária de Antonio Candido na década de 1960 e início dos anos 1970. Nesse contexto, o crítico circulou por diversos países e teve contato com novos repertórios intelectuais, conceituais e políticos que o possibilitaram promover, com base numa hermenêutica da distância, uma transformação das ideias com as quais sua obra operava nos decênios anteriores, especialmente no que diz respeito à interpretação da própria realidade sociocultural latino-americana. A partir daí, e já imbuído de uma descrença em relação à panaceia desenvolvimentista, Candido buscou averiguar os efeitos deletérios do colonialismo na formação da América Latina, vinculando-os ainda à estruturação de uma situação de dependência que, no século XX, legou ao continente a persistência dos caracteres do subdesenvolvimento no processo de ordenação das sociedades. Além disso, o crítico buscou apresentar, por uma perspectiva dialética, algumas alegorias da historicidade brasileira presentes na ficção realista-naturalista, de modo a tensionar a própria condição política do país à época, sob a égide da ditadura militar. Por fim, procurou identificar os motivos de, mesmo mergulhado nessa condição histórica de “atraso”, ter emergido no continente uma forma poética de grande vigor estético, o Superregionalismo que, em tons esteticamente inventivos, tratou de questões consideradas universais, rompendo com as tópicas estritamente nacionais.

Palavras-chave

Antonio Candido; Historiografia Brasileira; Pensamento Social Brasileiro; Colonialismo; Alegoria; Dependência.

Abstract

Barbosa, Cairo de Souza; Rodrigues, Henrique Estrada (Advisor). **Colonialism, dependence, and allegories of Brazil in Antonio Candido's literary historiography (1960-1973)**. Rio de Janeiro, 2023. 210p. Doctoral Thesis – Program Postgraduate in Social History of Culture at the Pontifical University Catholic of Rio de Janeiro.

This thesis investigates the notions of colonialism and dependency and the allegories of Brazil in Antonio Candido's literary historiography in the 1960s and early 1970s. In this context, the critic traveled to different countries and came into contact with new intellectual, conceptual and political repertoires that enabled him to promote, based on a hermeneutics of distance, a transformation of the ideas with which his work had operated in the previous decades, especially with regard to the interpretation of Latin America's own socio-cultural reality. From then on, and already imbued with a disbelief in the developmentalist panacea, Candido sought to investigate the deleterious effects of colonialism on the formation of Latin America, also linking them to the structuring of a situation of dependence which, in the 20th century, left the continent with the persistence of the characteristics of underdevelopment in the process of ordering societies. In addition, the critic sought to present, from a dialectical perspective, some allegories of Brazilian historicity present in realist-naturalist fiction, to tension the very political condition of the country at the time, under the aegis of the military dictatorship. Finally, it sought to identify the reasons why, despite being immersed in this historical condition of "backwardness", a poetic form of great aesthetic vigor emerged on the continent, Superregionalism, which, in aesthetically inventive tones, dealt with issues considered universal, breaking with strictly national topics.

Keywords

Antonio Candido; Brazilian Historiography; Brazilian Social Thought; Colonialism; Allegory; Dependency.

Sumário

1. Introdução	12
2. Colonialismo e crítica anticolonial	27
2.1 Revisão das ideias críticas	27
2.2 Hermenêutica da distância	37
2.3 Artifícios ideológicos	53
2.4 Dois gumes	62
2.5 Repertório anticolonial	81
3. Alegorias do Brasil	84
3.1 Desleitura deliberada	84
3.2 Solo fértil	86
3.3 Marxismo estruturante	99
3.4 Ordem e desordem	109
3.5 Espontâneo e dirigido	118
3.6 Historicidade brasileira	129
4. Dialética da dependência	138
4.1 América Latina em sua literatura	138
4.2 Desvantagens do subdesenvolvimento	148
4.3 O lado oposto e outros lados do atraso	162
4.4 Novateurs brésiliens	174
4.5 Equilíbrio de antagonismos	178
5. Considerações finais	188
Referências bibliográficas	191

Mas o que foi leve não foi a terra pesada, estímulo dos devaneios da vontade. Foi o fogo sutil, levíssimo, que consumiu a minha roupa, a minha calva, os meus sapatos, as minhas carnes insossas e os meus ossos frágeis. Graças a ele fui virando rapidamente cinza, posta a seguir num saquinho de plástico com o meu nome, a data da morte e a da cremação. Enquanto isso, havia outros seres que pensavam em mim com uma tristeza de amigos mudos: os livros.

Antonio Candido (1997)

1. Introdução

Entrelugar

O que há de significativo na produção de Antonio Candido nas décadas de 1960 e 1970, período imediatamente posterior ao da elaboração de suas obras mais conhecidas? Para ser mais específico: nos escritos do autor nas décadas de sessenta e setenta, o que há de diferente em relação às ideias mobilizadas por ele nos livros “clássicos” dos anos 1950, especialmente em *Formação da literatura brasileira* (1959)? De que maneira essas reflexões do crítico se inseriam nos debates travados à época pelos intelectuais do Brasil e da América Latina? Quais foram suas contribuições para as discussões sobre os impasses e as turbulências políticas pelas quais passava o continente naquele momento?

A tese aqui apresentada parte dessas indagações primárias para investigar alguns textos da historiografia literária de Antonio Candido elaborados nas décadas de sessenta e setenta, período em que o crítico ampliou sua circulação internacional, se aproximou de novos debates intelectuais e se apropriou de repertórios teórico-conceituais distintos daqueles com os quais sua obra operava nos decênios anteriores. Para tanto, vamos analisar, de forma específica e detida, as noções de colonialismo e dependência e as alegorias do Brasil presentes em alguns dos seus ensaios escritos entre 1960 e 1973, especialmente “Literatura de dois gumes” (1966), “Literatura e subdesenvolvimento”. “Dialética da malandragem” (1970) e “De cortiço a cortiço” (1973), dentre outros.

Do ponto de vista cronológico, nossa análise se inicia no ano de 1960, momento em que Candido desembarcou no Uruguai para lecionar alguns cursos sobre a “Unidade cultural da América Latina” na *Universidad de La Republica* (UDELAR). Por lá, teve contato com diversos intelectuais, com destaque para Ángel Rama, com quem estabeleceu uma parceria decisiva nos anos seguintes, especialmente no que diz respeito à ampliação de seu escopo analítico para a América Latina. Como mostra Pablo Rocca (2022), o programa oferecido na UDELAR foi nomeado de “*La creación literaria latinoamericana (Balance y perspectivas)*”. Seriam quatro

abordagens da literatura do continente: como descoberta da América; como transmigração da Europa, como tensão entre Europa e América; e como expressão sintética da América. A visão que atravessa o olhar da disciplina ofertada por Candido é o da literatura latino-americana como “manifestação artística de impulsos estéticos” e como “instrumento de luta” (CANDIDO, 1960, p. 248).

Na volta ao Brasil, em 1961, Candido redigiu um prefácio a ser anexado à reedição de *O método crítico de Silvio Romero*¹, em que apontou, dentre outras coisas, que haveria no país, naquele momento, um movimento de “revisão das ideias críticas”. De fato, se sua tese de livre-docência em Literatura defendida em 1945 havia ressaltado os aspectos positivistas e a valorização dos “fatores causais externos” à literatura presentes na crítica romeriana, no prefácio essa visão é matizada, de modo que Candido ressalta também a importância de se ter em vista os elementos estético-formais da obra poética. Como veremos adiante, embora sua preocupação maior fosse com as disputas internas à própria teoria literária, o crítico dá indícios de que campo intelectual brasileiro passaria por transformações decisivas.

Entre 1964 e 1966, Candido esteve na Europa para lecionar na *Université de Paris-Sorbonne* e no *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine*, onde ofereceu cursos na cadeira de Literatura Brasileira. Foi durante esse período que um evento se tornou determinante em sua trajetória: o *Terzo Mondo e Comunità Mondiale e Quinta Rassegna del Cinema Latino Americano*, realizado em Gênova, na Itália, em 1965. O encontro reuniu intelectuais, cineastas e escritores do chamado “Terceiro Mundo” e apresentou amplos debates sobre colonialismo, violência, imperialismo, cultura, dentre outras questões. Candido não só participou ativamente das discussões como apresentou uma comunicação intitulada, em tradução livre, “Natureza, elementos e trajetória da cultura brasileira²”, que destrinchou o que ele chamou de os “artifícios ideológicos” e as

¹ A obra, originalmente produzida em 1945, só foi reeditada de fato em 1963, embora o referido prefácio tenha sido escrito dois anos antes, em 1961. Cf. CANDIDO, 1963.

² Nature, elements et trajectoire de la culture brésilienne. In: *Columbianum. Terzo Mondo e Comunità Mondiale: Testi delle relazioni presentate e lette ai congressi di Genova*. Milão: Editore Marzoratti, 1967, p. 411-416.

“mitologias” envolvidas na construção da cultura brasileira, tais como a noção de cordialidade e a ideia de uma “contribuição ativa das três raças” para formação do país.

Esse episódio foi crucial para que, em 1966, Candido produzisse “Literatura de dois gumes”, texto que repercute parte do vocabulário conceitual *terzomondista*. O ensaio foi confeccionado com vistas à participação, no mesmo ano, em um evento sobre cultura latino-americana na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos. No texto, o crítico apresenta novos conceitos e categorias com o objetivo de investigar os contornos do colonialismo e suas heranças na formação da literatura brasileira e latino-americana, no momento em que os debates sobre desenvolvimento, superação do atraso e os caminhos para se chegar ao moderno tomaram o centro da agenda intelectual nacional. O olhar sobre a colonização da América Latina como um processo impositivo, baseado em mecanismos violentos de dominação, toma o centro da análise, de modo que o crítico passa a enxergar a literatura do continente como um conjunto de fenômenos poéticos implicados, sobretudo, por essas práticas de conquista, não somente como resultantes da “aclimatação penosa da cultura europeia” nos trópicos (CANDIDO, 1964, p. 10).

Em 1968, por articulação de Richard Morse, Candido vai aos Estados Unidos para lecionar por um semestre na Universidade de Yale. Naquele momento, o país vivia acentuada turbulência social e política fruto de diversos eventos, dentre eles a intensificação das lutas contra a segregação racial, articuladas em torno do movimento por direitos civis dos negros; a participação ativa na Guerra do Vietnã, cuja repercussão pública amplificou os debates sobre o Imperialismo e as diversas formas de violência de Estado; e as ressonâncias do “Maio de 68”, que contribuiu para a afirmação de novas formas de sensibilidade, sociabilidade e subjetividade. Mergulhado nessa efervescência, Candido vai oferecer cursos que vão abordar a chamada ficção realista-naturalista latino-americana do século XIX, que teria produzido obras deliberadamente preocupadas em apreender o “meio”, o “ambiente” e a “atmosfera” externos à obra literária.

Pouco tempo depois, Candido confeccionou “Dialética da malandragem” (1970) e “De cortiço a cortiço” (1973), dois ensaios elaborados na esteira dessa experiência nos EUA. Nos textos, em diálogo com alguns pressupostos de certo marxismo heterodoxo, o crítico apresenta diversas formas de compreensão dialética das dinâmicas socioeconômicas que conformaram os países da periferia do capitalismo. De modo geral, nos interessa considerar as alegorias da malandragem e dos cortiços como forma de pensar a historicidade brasileira, cuja sociedade, naquele momento, vivia sob a égide da ditadura militar. Esse regime de exceção se assentava, dentre outras questões, no discurso da construção da ordem e na presença constante do “capitalista estrangeiro”, dois temas que norteiam os enredos dos ensaios mencionados. Candido vai buscar nessas reflexões, portanto, tensionar a condição política do país à época.

Foi nesse mesmo período, ainda em Yale, que o crítico foi convidado para colaborar com *América Latina en su literatura*, livro coordenado por Cezar Fernandez Moreno e que reuniu diversos intelectuais preocupados em analisar as culturas latino-americanas. Candido então elabora “Literatura y subdesarrollo” (1970), ensaio que, ancorado em uma perspectiva dialética, vai investigar os problemas envolvidos na “condição de atraso” dos países da América Latina na interface com a posição dependente do continente em meio às dinâmicas do capitalismo global. É nesse texto que o crítico elabora, de maneira mais estruturada, a noção de superregionalismo para caracterizar a literatura do continente produzida a partir da década de cinquenta, momento que, segundo ele, representa a síntese das tendências universalistas e localistas que se apresentaram na cultural latino-americana desde o período colonial.

Os ensaios aqui analisados têm algumas características em comum: foram elaborados a partir de uma “hermenêutica da distância”, isto é, são resultado de reflexões produzidas por Candido em seus deslocamentos fora do país, em contato com outros repertórios epistemológicos; se debruçam sobre temas correlatos, de modo que apresentam não somente estudos cerrados sobre determinadas obras literárias, mas também discussões mais amplas sobre as sociedades da América Latina e os

problemas do subdesenvolvimento, do atraso, da desigualdade, da violência, do colonialismo etc. Por fim, são textos que, de maneira geral, tiveram menos ressonância entre a fortuna crítica da obra de Candido, tendo em vista que seus intérpretes, na maioria das vezes, voltaram suas penas somente para os livros clássicos do período anterior à década de sessenta.

Essas perspectivas circunscritas, por exemplo, à análise de *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero* (1945), *Os Parceiros do Rio Bonito* (1954) e *Formação da literatura brasileira* (1959), podem ser vistas não somente no campo dos estudos especializados, mas também na própria divulgação pública dos feitos de Candido. Com sua morte em 2017, diversas notícias, homenagens e honrarias, quase todos revestidos de tons laudatórios, apologéticos e encomiásticos, ressaltaram o papel do crítico e historiador da literatura para a estruturação do próprio pensamento brasileiro no século XX. Na maioria das vezes, destacavam sua atuação em diversas universidades, a participação na organização de eventos decisivos para a área de estudos culturais, além de ressaltar a publicação de obras consideradas “incontornáveis” para a compreensão do próprio fenômeno da literatura, em suas premissas teóricas e perspectivas historiográficas. O que mais saltou aos olhos foi perceber como, na maioria dos obituários³, as produções listadas em destaque eram apenas aquelas anteriores à década de sessenta.

Mesmo que nos apeguemos à explanação de Italo Calvino sobre a força do clássico, ao ressaltar que ele “é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” e que ele “persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (CALVINO, 2007, p. 9-15), restringir a obra de um intelectual às ideias contidas em três de seus livros considerados exemplares é, antes de qualquer coisa, tomá-lo por uma visão facciosa. Para ser mais específico, ao tratarmos de um autor que produziu ativamente por quase setenta anos, deve-se deixar de lado tanto a ilusão da apreensão da totalidade de seu pensamento, quanto a tentativa de produzir generalizações axiomáticas, sob risco de perder a

³ No levantamento feito, selecionamos os maiores portais online do país em termos de audiência, tais como G1, El País, Veja, Folha de São Paulo e UOL.

complexidade contida nas próprias transformações ocorridas ao longo de uma empreitada intelectual.

Essa tese, assim, pretende apresentar acontecimentos e ideias de Candido que foram relegadas a segundo plano por sua fortuna crítica, quase sempre assolada pela força centrípeta exercida pelo peso de suas obras mais conhecidas na esfera pública. Além disso, pretendemos também lançar um olhar distinto para os próprios textos aqui elencados, de modo a perceber neles a ressonância das múltiplas costuras intelectuais tecidas em um período de ampla circulação internacional por parte do crítico. Com isso, o objetivo é indicar o quanto seu pensamento é variado, de modo que tomá-lo apenas por seus clássicos é lançar sobre ele um olhar fragmentário.

Para chegar a essa problemática, nosso ponto de partida foram as visões construídas, no campo da história da historiografia literária, sobre o pensamento de Antonio Candido. Ao analisarmos os pontos de vista construídos por sua fortuna crítica, percebemos algumas brechas dentro das quais é possível operar. Para ser mais específico, a ideia aqui é construir uma percepção sobre o autor que ocupe uma posição fronteira diante desses estudos, um entrelugar capaz de se aproximar deles, mas também de tensioná-los.

Inventário

Pela leitura dos ensaios de Candido, chegamos, em retrospectiva, à fortuna crítica de sua obra. Mesmo em casos mais recentes, em geral essas leituras ainda se debruçam somente sobre as formulações presentes na *Formação*, embora tomem também como objeto de estudos os outros livros “clássicos” que já elencamos, especialmente *Parceiros* e *O método crítico*. Essas visões foram selecionadas porque, a nosso ver, têm mais rendimento para os pontos analisados nessa tese, ou seja, por tratarem especificamente de três possíveis lacunas deixadas por Candido: a abordagem estritamente sociológica, em contraposição à preocupação estética; o olhar eminentemente nacionalista-formativo; a posição fortemente eurocêntrica e a ausência de críticas ao colonialismo. O nosso

objetivo, ao inventariá-las, é mostrar o rendimento positivo de uma ampliação do escopo temporal de determinado pensamento, quer dizer, o quanto é produtivo verificar as releituras feitas por Candido, nos seus próprios ensaios dos anos sessenta e setenta, em relação a problemas colocados nas décadas anteriores.

Começemos por Flora Süssekind, em *Tal Brasil, qual romance?* (1984), que anota o paralelo existente entre a tradição literária brasileira e a ideia de linhagem da sucessão familiar. Com a força patriarcal, o instituidor do cânone – aqui, Candido aparece em destaque – estabelece o princípio de coesão da família, de modo a traçar os delineamentos de uma identidade genealógica.

A construção de uma história literária, como a de uma árvore genealógica, se faz com o ocultamento das diferenças e descontinuidades. Nada que possa enfear, tornar cômico ou desfazer os perfis de seus grandes autores ganha ênfase. Nada que coloque em dúvida a caracterização de tal literatura como um processo contínuo e evolucionista de aperfeiçoamento. [...] Uma literatura tem sua tradição equilibrada pela pedra das estátuas de seus 'grandes' escritores, pelas prateleiras de suas assépticas bibliotecas, pela filiação de uns a outros, pela enumeração de escolas diferentes que se sucedem "logicamente", pela continuidade de um conjunto de obras e nomes que, sem ambiguidades, parecem repetir-se numa trajetória idêntica (SÜSSEKIND, 1984, p. 33-34).

Candido, assim, teria contribuído decisivamente para construir uma teoria literária nacionalista, fincada numa ideologia estética realista, de modo que os textos literários selecionados para ingressarem no cânone, enquanto "pura denotação, homologia perfeita, reflexo sem interferências, repetição sem a diferença", seriam a manifestação desse espírito nacional. "Paternidade, autoria e nacionalidade parecem ser, portanto, coisa que não se discute" (SÜSSEKIND, 1984, p. 32). O elogio à "personalidade literária" de determinado fenômeno poético significaria, na prática, uma adesão à própria visão de mundo por parte crítico. Como na construção familiar patriarcal, Sussekind considera que é o patriarca quem determina com se deve sentar à mesa. Candido seria, então, o patriarca da organização do que se deve considerar a tradição literária nacional.

Em “Concepção de história literária na Formação” (1991), Luiz Costa Lima analisa as reflexões de Candido a partir de uma sentença peremptória: a atividade crítico-literária brasileira no século XX esteve acuada por ao menos três eixos: a questão da especificidade do literário, a relação da linguagem poética com a sociedade e a noção de literatura nacional. Essa última, é preciso dizer, estaria vinculada a projetos de construção do próprio Estado-nação, de modo que as histórias literárias serviram de “sucursal do *pathos* das histórias políticas, uma e outra movida pela ação de seus heróis e pais da pátria” (LIMA, 1991, p.149-150). Embora outras visadas da crítica-literária tenham se desenhado, como aquela erigida pelo formalismo de Afrânio Coutinho, interessado na compreensão do próprio objeto literário, a visão candidiana, por motivos não dissecados por Costa Lima, teria se tornado hegemônica no campo dos estudos literários brasileiros.

O estudo que sedimentou essa posição dominante, para Costa Lima, foi *Formação* (1959), livro que, na visão dele, apresenta uma incongruência de fundo: para figurar no sistema literário brasileiro seria preciso que a obra em questão tivesse contribuído organicamente para a construção da nação. Só que, na visão do autor, a ideia de uma contribuição orgânica seria ambígua porque não trata propriamente daquelas produções poéticas que serviram como influências entre escritores. Por isso, o verdadeiro e não abertamente declarado critério adotado por Candido seria o de incluir, como contribuição coerente à tradição literária, aquelas obras que favorecem uma coesão homogeneizante de verniz nacionalista.

O Barroco é então ‘sequestrado’ da *Formação* não tanto porque sua circulação fosse drasticamente menor que a dos árcades senão porque impede que se lançassem ‘as bases de uma literatura brasileira orgânica, como sistema coerente’. Em termos da extensão de recepção de uns e outros a ideia de sistema, enquanto sistema, não supõe um patamar que justificasse a exclusão de Gregório e a inclusão de Cláudio Manoel e Tomás Antonio Gonzaga. Tais gestos só se explicam porque o peso recai na qualificação de sistema *nacional*. Só assim se faz justiça às palavras do autor (LIMA, 1991, p. 162, *grifo do autor*).

Candido teria realizado uma operação, na visão de Costa Lima, cujo objetivo seria escamotear sua orientação teórica nacionalista de corte

romântico, resguardando-se num lugar seguro que apregoa para si uma abordagem pretensamente descritiva do fenômeno literário. Essa seria a “armadilha” da “prática historiográfica” de Candido, ao eleger a “descrição como seu recurso por excelência porque ela parece assegurar a neutralidade de quem fala e a objetividade do que diz”, de maneira que tenta esconder o autor da “cena de enunciação” (LIMA, 1991, p. 159). *Formação*, ao tentar buscar apenas conectar a linguagem literária com a sociedade, ou melhor, ao tentar adequar, de forma reflexiva, arte/cultura e vida material/social, estabeleceu, no debate público brasileiro, uma concepção a-histórica de forma (LIMA, 1991, p. 149).

Abel Barros Batista, em “O cânone como formação” (2005), põe em evidência o que considera uma “teoria da literatura brasileira de Antonio Candido”. Na hipótese do autor, a naturalização da perspectiva teórica do crítico, orientada para a construção de um cânone nacional, borrou a fronteira entre as múltiplas formas de figuração do literário no Brasil e a própria institucionalização da literatura no país. Para ser mais preciso, Barros Batista identifica que a “formação”, por seu caráter impositivo, torna-se a moldura necessária para se definir o que é canônico, desde que entendido como um produto fruto do processo histórico de construção do nacional. “Trata-se de um processo que implica projeto, estipulação, imposição, ou seja, construção” (BAPTISTA, 2005a, p. 2)

A emergência da literatura brasileira é descrita pela mais poderosa de suas teorias, a de Antonio Candido, como processo de “formação”: das primícias das “manifestações literárias” dos primeiros séculos à maturidade do “sistema”, situado na obra de Machado de Assis, a literatura brasileira desenvolve-se em consonância com a própria nação, pura continuidade em direção ao tólos de uma “forma” genuinamente brasileira. Ao colocar o Brasil no lugar do fundamento, a descrição da “formação” naturaliza o estabelecimento do cânone brasileiro (BAPTISTA, 2005, p. 22).

Ainda na mesma direção, Marcos Siscar, no texto “O discurso da história na teoria literária brasileira” (2010), mergulha nas discussões teóricas mais amplas do campo dos estudos literários brasileiros. O autor considera que existe uma hegemonia de certa teoria nacionalista no país, vinculada sobretudo à figura de Antonio Candido, que seria seu maior

expoente. De corte sociológico e preocupada sempre com a vinculação entre poética e realidade, entre literatura e certo *instinto de nacionalidade*, essa abordagem ocupa uma posição que lhe confere poder de autenticação e tem força de validação dentro do campo. Na prática, ela teria sido responsável por historicamente interditar outras formas de ler a cultura, como o ponto de vista sobre o “estatuto discursivo” da literatura – ou o problema da forma poética, como reivindica Costa Lima.

O que Siscar indica é que, por trás dessa compreensão teórica da literatura reside, também, uma construção ideológica do país, ou seja, os padrões de interpretação do fenômeno literário tornam-se pontos de vista sobre a formação do Brasil e sobre seus fatos de cultura, funcionando como *bula* para as próprias leituras da realidade nacional. De forma a antever essa possível acusação, Candido teria se refugiado numa pretensa objetividade científica que resolve a questão de forma dupla: primeiro, desloca a crítica para o campo da transposição descritiva do real e dos fatos, sem a mediação subjetiva do crítico; depois porque, ao isentar-se da pecha de ideológica, poderia dar vazão aos problemas literários, que na prática seriam os próprios problemas da vida brasileira. Assim, essa conciliação forçada entre teoria e realidade, entre hermenêutica e história, acabaria por colocar uma situação espinhosa: para figurar no mosaico das tradições interpretativas brasileiras e ser reconhecido como tal seria preciso, então, “identificar-se com as questões teóricas que já estão associadas com essa localidade” (SISCAR, 2006, p.110-111).

Essa percepção foi aprofundada por Silviano Santiago, em “A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo” (2014), texto no qual considera que o conceito de “formação”, da maneira como foi apresentado por Candido em *Formação*, e exatamente por ter se tornado paradigma acadêmico posteriormente, afastou a literatura brasileira da “revisão pós-colonial”. Ao focar no desenvolvimento de um sentimento nacional em nossa literatura, compondo o projeto “desenvolvimentista como tarefa prioritária no crescimento da jovem nação brasileira” (SANTIAGO, 2014, p. 11), o crítico teria deixado de lado tanto uma crítica mais contundente ao colonialismo e seus mecanismos de dominação, quanto uma análise mais ampla das formas de inserção cultural do Brasil no cenário cultural mundial.

Nessa perspectiva, no século XX, parte da intelectualidade brasileira estaria amarrada à ideia de formação, cuja aparição inaugural no debate público foi a obra *Minha Formação* (1900), de Joaquim Nabuco, que ressaltou o processo evolutivo de “amadurecimento pessoal e cultural do indivíduo e do cidadão brasileiro na passagem do século 19 para o 20”. O vocábulo então foi levado à frente por livros como "Formação do Brasil Contemporâneo" (1942), de Caio Prado Jr., e "Formação Econômica do Brasil" (1950), de Celso Furtado. Santiago considera que a abrangência semântica desse conceito de *formação*, tal como ele foi mobilizado nas múltiplas obras do pensamento brasileiro, acabou por dotá-lo de força epistêmica capaz de moldar certas “visões históricas e de versões identitárias do brasileiro e da nação brasileira” (SANTIAGO, 2014, p. 3).

Para Santiago, o termo formação, sob influência da noção germânica de *Bildung*, adquiriu então uma conotação pedagógica: organizar o lento e longo processo de interiorização do saber culto – notadamente, a “civilização europeia”. Na obra de Candido, embora o conceito de formação possa “qualificar nosso desejo literário de independência e de liberdade sob o jugo do poder colonial da cultura portuguesa, nosso desejo de autonomia política e literária”, a ideia de *formação* “fala sobre o espírito do Ocidente à procura de uma nova morada nesta nossa parte do mundo” (SANTIAGO, 2014, p. 5). Por isso, Candido vaticinaria a literatura brasileira contra o “descarrilamento” pós-colonial, de modo a imunizar o sistema literário contra qualquer influência não europeia em nossa cultura.

Na prática, portanto, Silviano considera que o modelo de formação proposto por Antonio Candido impede uma investigação mais profunda sobre o eurocentrismo introduzido no seio de nossa literatura, ao mesmo tempo em que opera com um silenciamento de toda a verdadeira diversidade cultural que marca a formação do país. Diante disso, a proposta de Santiago é incutir na Literatura Brasileira – e na teoria literária, diga-se – o “vírus colonial lusitano”, capaz de chacoalhar os paradigmas rígidos e de desnudar as próprias estratégias de dominação sociocultural articuladas por Portugal na organização da cultura brasileira ao longo do período colonial, além de abrir espaço e legitimar outras formas de expressão que se situam fora dessas tradições canônicas.

Por fim, no ensaio *Genealogia da ferocidade*⁴ (2017), o mesmo Silviano procura demonstrar como a crítica brasileira tratou de *domesticar* a escrita de Rosa, cobrindo-a com “sobrecapas”, cadeias de significado nacionalizantes, pinceladas de sentido positivistas e, sobretudo, pitadas de amestração estética e política. Nessa posição ocupa lugar central a figura de Antonio Candido. No capítulo “Domesticação”, o autor considera que Candido, em “O sertão e o mundo”⁵ (1957), ao debruçar-se sobre a narrativa rosiana, desejava enquadrá-lo em “nosso acervo literário brasileiro”, vinculando-o a um conjunto de obras relevantes da cultura nacional. Contudo, o fazia a partir de uma acolhida “unilateral e egoísta”, como que encurralando na fazenda aquele “animal selvagem” (a obra rosiana) retirada de seu “habitat originário”. “Quem domestica estabelece um contrato desvantajoso (ou pernicioso) com o que é selvagem a fim de que no passo-a-passo da leitura [...] traga para seu lado a figura domesticada” (SANTIAGO, 2017, p. 34).

Diante disso, Santiago teria uma missão, nesse e em outros livros: escavar genealogicamente essas camadas de interpretação em busca da autenticidade poética do “monstro rosiano”. Sua intenção é

[...] que sua beleza selvagem seja mais bem apreciada se lida e analisada – em ambiente linguístico, social e político, que lhe é refratário, insista-se – como objeto estético insólito, uma pedra-lascada, e não uma *pilastra de concreto armado, geometricamente perfeita*. Uma pedra lascada difícil de ser compreendida pela *mera revisão acrítica do passado pátrio*. Intolerável, se lida no seu presente anacrônico. E indigesta, se assimilada espontaneamente pelo leitor compulsivo, ou às pressas *pelo medíocre estudioso das letras nacionais* (SANTIAGO, 2017, p. 12, *grifos meus*)

De todas as questões levantadas pela recepção crítica acerca da obra de Candido, cabe reter três delas: a abordagem realista-nacionalista, que submete a literatura à ideia de formação da nação e optar por dar

⁴ O texto foi elaborado como prefácio à edição de *Gran sertón: veredas* da Biblioteca Ayacucho, projeto editorial do governo venezuelano criado por Ángel Rama em 1974. Até o presente momento, contudo, a tradução para o castelhano não foi publicada.

⁵ Originalmente publicado no nº 8 da revista *Diálogo*, em 1957, foi posteriormente rebatizado de “O homem dos avessos”, título extraído de uma passagem do próprio romance rosiano: “o Diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos.”

dignidade apenas às obras imbuídas de um *instinto de nacionalidade* missionário; a perspectiva estritamente sociologizante, que rejeita o tratamento da questão da forma artística e dispensa uma análise pormenorizada dos elementos estéticos que compõem uma obra poética; a visada eurocêntrica, marcada pelas ralas críticas ao colonialismo europeu e ao silenciamento de toda a verdadeira diversidade cultural que marca a formação do país. Pretende-se, assim, verificar em que medida as elaborações de Candido nos anos sessenta e setenta nos permitem matizar esses apontamentos, ampliando o horizonte de análise de sua obra.

Estruturação

Em entrevista concedida em 1974, relançada pela Revista *Trans/Form/Ação* em 2011, Antonio Candido foi indagado, já na abertura da conversa, sobre como ele interpretava sua própria produção teórica: “Haveria um projeto comum ou uma “linha-mestra” que a percorre?”; “Teria havido rupturas, cortes epistemológicos? Quais e em que momentos?”. As respostas a essas questões são importantes porque, como vimos, seus interlocutores o criticam por silenciar sobre a dimensão teórica da literatura e da própria atividade crítica, além de adotar uma perspectiva eminentemente nacionalista e evolucionista.

Se olhar para a minha atividade de estudioso de literatura, exercida desde o começo do decênio de 1940 e mesmo quando eu era professor de sociologia, talvez possa tentar uma formulação geral e esquemática, identificando *três etapas principais*. Para isso, será preciso simplificar as ideias e lhes dar uma coerência maior do que tiveram e tem (CANDIDO, 2011, p. 3, *grifos meus*).

Antes de prosseguir à questão, façamos uma objeção. Deve-se ter em vista que toda entrevista ou depoimento representa, antes de tudo, um esforço de elaboração autobiográfica por parte do entrevistado, isto é, uma tentativa de construção de uma memória de si que possa guiar as percepções outras sobre sua própria trajetória profissional, política, acadêmica etc. Por isso, como mostra Philippe Lejeune (1991), embora o autorrelato esteja respaldado por um “pacto de autenticidade”, baseado nas ideias de fidelidade à veracidade dos fatos e compromisso com a realidade,

ele não deixa de ser um discurso subjetivo, parcial e, portanto, defectível. No caso de Candido, obviamente, não seria diferente.

Diante do depoimento de Candido, nos interessa pensar, como um indício, a forma pela qual ele buscou caracterizar sua própria atividade no período posterior à década de sessenta. Nesse momento, segundo ele,

a preocupação teórica se subordina ao interesse pela estruturação. Não pela estrutura propriamente dita; mas pela estruturação, isto é, o processo por meio do qual o que era condicionante se torna elemento interno pertinente. A preocupação não é mais tanto o condicionamento quanto o próprio sistema. Não o sistema isolado, tornado em si, mas na medida em que é uma fórmula através da qual o externo se torna interno. O interesse pela funcionalidade leva ao interesse pela estrutura, num sentido diferente dos estruturalistas, pois o que se indaga é como a estrutura se estrutura (CANDIDO, 2011, p. 4).

Segundo o próprio Candido, no período inicial da sua carreira, na década de 1940, seu interesse maior seria pela “busca de condicionamentos” ou a “busca de causas” externas à obra literária. Já nos anos 1950, passou a se interessar pela funcionalidade, ou melhor, pela relação entre a obra poética e os contornos do nosso sistema literário. Já no momento recortado nessa pesquisa, da década de sessenta em diante, a obra do crítico teria se desenvolvido em torno do interesse pela ideia de estruturação, ou seja, pensar a maneira pela qual a realidade externa à obra literária e que circunda o escritor, mediada pelas questões formais de natureza poética, é plasmada e se torna literatura de fato.

Nossa análise pretende investigar, no recorte entre 1960 e 1973, em que medida houve e quais são as bases, no plano epistemológico, dessa guinada de interesse pela estruturação. Para tanto, pretende-se examinar as transformações de seu aparato conceitual, de suas premissas teóricas e até de suas crenças ideológicas, tendo como pano de fundo as diversas movimentações internacionais de Candido por universidades, centros de pesquisa e projetos editoriais. Depois, a partir da ampliação do campo de visão da obra de Candido, veremos como o crítico trouxe para o centro de sua agenda intelectual a discussão sobre os contornos do colonialismo e seus desdobramentos na periferia do capitalismo, a amplificação do escopo espacial dos objetos literários do Brasil para América Latina e a dissociação

das obras poéticas do problema estrito da formação nacional, de modo a pensar também a literatura por um prisma estético e formal e por sua capacidade alegórica.

O percurso desta tese será o seguinte: no primeiro capítulo, vamos explorar inicialmente o prefácio à reedição de *O método crítico* de Silvio Romero, a passagem de Candido por Montevideu e a aproximação a Angel Rama. Em seguida, vamos analisar o início da jornada europeia do crítico, que entre 1964 e 1966 esteve como professor em Paris, período no qual participou do *Terzo Mondo* realizado em Gênova, na Itália, em 1965. A partir disso, vamos abordar, de maneira detida, dois textos: “Natureza, elementos e trajetória da cultura brasileira” (1965) e “Literatura de dois gumes” (1966). No capítulo seguinte, a ideia é investigar a viagem de Candido pelos Estados Unidos para lecionar em Yale, em 1968. Veremos como, por lá, o crítico se aprofundou nos estudos sobre a ficção naturalista latino-americana, movimento que o permitiu escrever, pouco tempo depois, os ensaios “Dialética da malandragem” (1970) e “De cortiço a cortiço” (1973). Por fim, a intenção é discutir a participação de Candido no projeto editorial *America Latina en su literatura*, para o qual o crítico produziu seu ensaio mais denso do período: “Literatura e subdesenvolvimento” (1970).

O que se pretende aqui, em suma, é mostrar que a obra de Antonio Candido é vasta e variada, de modo que tomá-la apenas por seus clássicos é lançar sobre ela um olhar fragmentário. Suas reflexões produzidas entre as décadas de sessenta e setenta indicam uma transformação gradativa de seu aparato conceitual, de suas premissas teóricas e até de suas crenças ideológicas.

2. Colonialismo e crítica anticolonial

Numa palavra, o Terceiro Mundo se descobre e se exprime por meio da voz. Sabemos que ele não é homogêneo e que nele se encontram ainda povos subjugados, outros que adquiriram uma falsa independência, outros que se batem para conquistar a soberania, outros enfim que obtiveram a liberdade plena mas vivem sob a constante ameaça de uma agressão imperialista. Essas diferenças nasceram da história colonial, isto é, da opressão (SARTRE, 1961).

2.1 Revisão das ideias críticas

A 2ª edição de *O método crítico de Silvio Romero*, publicada em 1963 no boletim nº 266 de Série Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo traz duas novidades: a omissão da “Introdução” presente na primeira edição e o acréscimo de um “Prefácio”. Nesse prefácio, com redação original de 1961, Candido procura justificar os motivos que o levaram a relançar a própria tese de livre docência produzida no ano de 1945. Segundo ele, “apesar dos anos”, Silvio Romero continuava “no centro de nossa historiografia literária”. Além disso, ressaltou que nesse estudo ele teria conseguido, pela primeira vez, sistematizar suas concepções de crítica literária e cultural, dado que, nos anos anteriores à confecção do escrito, seus textos em revistas e jornais eram esparsos e pouco orgânicos. Com esse livro, portanto, Candido teria conseguido finalmente organizar suas reflexões teóricas e historiográficas de maneira mais consistente (CANDIDO, 1963, p. 9).

Salta aos olhos, ademais, uma outra motivação para a recuperação do texto. Nas palavras de Candido, naquele momento, início dos anos sessenta, época de reedição da obra, “a discussão desenvolvida a propósito da crítica naturalista⁶” apresentava “certa atualidade”, “num

⁶ A crítica realista-naturalista brasileira se desenvolveu na segunda metade do século XIX, em torno de nomes como Sílvio Romero (1851-1914), José Veríssimo (1857-1916) e Araripe Júnior (1848-1911). Segundo Lilia Schwarcz (1992, p. 149), trava-se de um movimento “marcado com as fortes tintas das teorias raciais deterministas” que nutria uma “crença inabalável na ciência, na objetividade e nas noções de progresso e evolução unidirecionada” e que pretendia “romper intelectual e historicamente com o escravismo e a monarquia, de um lado, e com o romantismo, de outro, dialogando com as teorias

momento de revisão das ideias críticas entre nós” (CANDIDO, 1963, p. 9).

E completa:

Como ele [Silvio Romero], alguns praticantes de nossa crítica [atual] têm pendor acentuado por tudo que é acessório em literatura. Haja vista a mania classificatória e metodológica, que substitui a investigação e análise pela divisão dos períodos; a discussão de origem e limites cronológicos; a catalogação de escritores em agrupamentos mais ou menos inócuos; o debate gratuito sobre definições; a mania polêmica e reivindicatória. Ainda mais, o nacionalismo, que subordina a apreciação a critérios de funcionalidade – agora, paradoxalmente, de parceria com um alegado rigor de análise formal, que corresponde simetricamente ao cientismo, de que se gabava o velho Sílvio. Junte-se a isto o alvoroço na divulgação de ideias estrangeiras, sem muito sistema, sem digestão adequada, com uma fome comovedora de autodidata – que tudo quer aproveitar e, sem perceber, acaba no ecletismo e na ilusão de originalidade. O resultado é que a obra literária sai do foco, aparecendo como pretexto, tanto nos escritos dos atuais paladinos, quanto nos dele (CANDIDO, 1963, p. 9 [acréscimos meus]).

A avaliação de Candido se dirigia à chamada “nova crítica brasileira”, especialmente à figura de Afrânio Coutinho (1911-2000), que reivindicava para si a função de modernizar os estudos literários no país com base em uma “abordagem científica da arte”. Anos antes, Coutinho havia tido contato, nos EUA, com um novo referencial teórico baseado no formalismo de Roman Jakobson (1896-1982), na estilística de Leo Spitzer (1887-1960) e na filologia de René Wellek (1903-1995) e Helmut Hatzfeld (1892-1979). Como método crítico, esse movimento adotava uma perspectiva que preconizava sobretudo a instância estética da obra, deixando em segundo plano os fatores biográficos, sociológicos e históricos, considerados externos à criação artística, em reação ao que se considerava a análise meramente impressionista e à crítica não sistemática de rodapé de jornal.

Como obra de história literária, *A literatura no Brasil* obedece a um conceito de literatura que é de natureza estética. A literatura, para ela, é o produto da imaginação criadora, artística, é uma forma de arte, a arte da palavra, cuja finalidade é apenas despertar o prazer estético (COUTINHO, 1975 [1957], p.151, *grifos do autor*).

dominantes da antropologia e da biologia”. Para um panorama da crítica literária naturalista brasileira, cf. ACÍZELO, 2014.

Candido reage a esse movimento ressaltando o perigo do “ecletismo inócuo”, da “ilusão de originalidade” e do “estetismo hermético”, reafirmando a importância de pensar os aspectos externos ao objeto literário para uma avaliação mais precisa do fenômeno artístico. Por isso, relançar uma obra que expõe o método de Silvio Romero, procurando atualizá-lo, representava, no debate da época, firmar posição em defesa de uma abordagem integral, que não era “unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística”, mas uma crítica em condições de “utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente”. Na visão dele, essa “nova crítica”, se prestou algum serviço, foi o de superar “não [...] a orientação sociológica, sempre possível e legítima, mas o sociologismo crítico, a tendência devoradora de tudo explicar por meio dos fatores sociais⁷” (CANDIDO, 2011, p. 17)

Afora a contenda metodológica, é interessante pensar que, ao mesmo tempo que reatualizou aspectos de natureza teórica da reflexão de Romero, Antonio Candido buscou, nos anos seguintes, afastar-se substancialmente de algumas das teses que ele próprio havia formulado acerca da formação do Brasil, como veremos adiante, em especial aquelas relacionadas aos desdobramentos históricos e culturais do colonialismo e aos dilemas étnico-raciais de nossa sociedade. Essa posição só foi possível por conta de uma outra dimensão da “revisão das ideias críticas entre nós”: a apropriação que Candido vai fazer de algumas ideias que circulavam no repertório intelectual latino-americano e “terceiro-mundista”, especialmente a posição anticolonialista que se fortalece a partir do início dos anos 1960. Veremos como o crítico produziu então novas leituras historiográficas e sociológicas sobre o Brasil e a América Latina, com especial atenção ao caráter dual de nossa formação.

Poucos anos antes da produção desse prefácio, Antonio Candido esteve em Montevideu, no Uruguai, para ditar alguns cursos de verão na

⁷ Esse excerto faz parte de uma intervenção feita por Antonio Candido no II Congresso de Crítica e História Literária, realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, em São Paulo, no mês de julho de 1961. O título, “Crítica e Sociologia (tentativa de esclarecimento)”, por suposto, era já uma forma de intervir no debate teórico e metodológico dos estudos literários da época, com especial atenção aos detratores da importância da Sociologia na análise das artes em geral. Cf. CANDIDO, 2011.

Universidad de La Republica (UDELAR), viagem que foi fundamental para o desenvolvimento de sua trajetória pessoal e intelectual. O ano era 1960 e o convite havia sido feito por intermédio do cientista social Lourival Gomes Machado (1917-1967), que em 1959 esteve na capital uruguaia para realizar algumas palestras e recebeu um pedido especial do reitor da universidade, Mario Cassinoni (1907-1965), para que indicasse alguns brasileiros que pudessem ditar os cursos no verão do ano seguinte. Lourival, então, indicou João Cruz Costa (1904-1978), professor de filosofia na USP, e Candido, naquele momento professor de literatura brasileira da Faculdade de Assis, hoje integrada à Universidade Estadual Paulista (UNESP).

O tema seria a “Unidade cultural da América Latina”. Embora resignado, pois considerava que “não estava preparado”, justamente “porque não tinha conhecimentos suficientes” (CANDIDO, 2009, p. 19), Candido decidiu aceitar o convite. O curso apresentado orbitou em torno das questões presentes em *Formação da literatura brasileira* (1959), especialmente a noção de sistema literário, mas também procurou propor uma análise mais acurada de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, lançado em 1956, obra até então pouco conhecida nos países hispano-americanos.

Como indica um artigo publicado no *El País* em 13 de fevereiro de 1960, Candido explorou a tese de que a colonização europeia na América teria criado aqui dois mundos diversos: de um lado, o da dominação, de característica “ eminentemente branca ” e “ radicado sobretudo nas principais cidades ”; de outro, o “ mundo do interior ”, de cunho tradicional e popular. Para verificar a hipótese, utiliza-se de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1902), uma das obras que, segundo ele, melhor teria identificado, no seio da formação social brasileira, o “ choque ” entre um modelo de civilização europeu e a “ vida americana ”, criando tensões e dualidades perenes (EL PAÍS, 1960, p. 1).

Na visão de Candido, a jornada montevideana

[...] foi uma experiência mais importante para mim do que para os estudantes, inclusive porque a passagem por Montevideu me abriu possibilidades de conhecer melhor a cultura uruguaia, além de estimular meu interesse pelas

literaturas hispano-americanas. Além disso, visitei livrarias, tanto de livros novos como de usados, e adquiri muitos volumes que me foram de grande utilidade, como, por exemplo, os de Alberto Zum Felde, importantes para a iniciação de um estrangeiro na literatura uruguaia e para o estudo do processo literário hispano-americano⁸ (CANDIDO, 2016, p. 170).

Além de possibilitar uma ampliação da literatura com a qual mantinha contato, a viagem também permitiu diversos encontros intelectuais importantes:

O professor Cruz Costa era amigo de Arturo Ardao, cuja família nos recebeu com encantadora cordialidade. Num jantar em casa de seus pais provei pela primeira vez um vinho uruguaio. Aprendi muito sobre a história de seu país com a irmã de Ardao, María Julia, e uma de suas colegas, cujo nome esqueci, ambas pesquisadoras da Casa de Rivera. Pude conversar com o diretor do Museu Histórico Nacional, Juan Pivel Devoto, com quem comentei o livro então recente de John Street, *Artigas and the emancipation of Uruguay*, que eu acabara de ler. Além de revêr Cipriano Vitureira, fiz boas relações com diversos intelectuais, inclusive José Enrique Etcheverry e Tabaré Freire. Este me deu obras de Carlos Reyles e Javier de Viana. Montevideú tinha excelentes livrarias onde comprei não apenas muitos livros de autores uruguaioes [...], mas também de brasileiros do passado, difíceis de encontrar aqui (CANDIDO, 2009, p. 21).

Arturo Ardao (1912-2003), doutor em Direito e Ciências Sociais pela *Universidad de La Republica* (UDELAR) e docente da cadeira de História das Ideias da América na então *Facultad de Humanidades y Ciencias* da mesma universidade entre 1949 e 1974, era personagem de destaque no ambiente intelectual latino-americano. À época, ocupava-se intensamente da história uruguaia, estabelecendo relações com diversos outros intelectuais, tais como o argentino Francisco Romero (1891-1962), o mexicano Leopoldo Zea (1912-2004) e o espanhol José Gaos (1900-1969). Essas figuras eram protagonistas de um movimento intelectual que orbitava

⁸ Tradução própria. No original: "Puedo decir que el curso fue una experiencia más importante para mí de lo que pudo ser para los estudiantes, incluso porque la estancia en Montevideo me abrió posibilidades de conocer mejor la cultura uruguaia, además de estimular mi interés por las literaturas hispanoamericanas. Eso, aparte de que, visitando librerías, tanto de libros nuevos como de usados, adquirí muchos volúmenes que me fueran de gran utilidad, como, por ejemplo, los de Alberto Zum Felde, importantes para la iniciación de un extranjero en la literatura uruguaia y para el estudio del proceso literario hispano-americano".

em torno da *Revista de Historia de las Ideas*, editada em Quito pelo Instituto Panamericano de Geografía e Historia e pelo Editorial Casa de la Cultura Ecuatoriana, que buscava, através do adensamento das pesquisas de “história do pensamento”, congregar debates, análises, interpretações e discussões voltadas exclusivamente para o que era produzido no cenário da América Latina, numa perspectiva de “autoafirmação nacional e continental” (CARVALHO, 2012, p. 221). Para Susana Strozzi (1999), tratava-se de relançar uma polêmica bastante recorrente nos meios intelectuais hispano-americanos desde o século XIX, que opunha, de um lado, o caráter “importado” de nossas ideias e, de outro, a “autoctonia” de nossa reflexão. Esse era, portanto, o projeto central de parte considerável do campo intelectual da América Latina no início dos anos 1960: a busca pelas nossas especificidades frente ao elemento exógeno, no caso, o europeu e o norte-americano (STROZZI, 1999).

Nesse novo contexto linguístico e intelectual, Candido também vai conhecer pessoalmente Ángel Rama (1926-1983), à época diretor da página literária do semanário *Marcha* (1939-1974), além de professor de letras no ensino médio e chefe de aquisições da Biblioteca Nacional Uruguaia. “Pessoalmente” porque ambos já se conheciam mutuamente por conta de uma publicação realizada anos antes, em 1958, sobre a qual nos fala Hugo Herrera Pardo

Um encontro não presencial, mas intelectual. Refiro-me em específico às páginas que ambos os críticos dividiram no periódico uruguaio *Acción*, no domingo, dia 11 de maio de 1958. Nessa época, Ángel Rama atuava como crítico teatral no periódico fundado por Luis Batlle Berres – quem, pouco depois, chegaria a ser presidente do Uruguai [...] Todavia, naquele domingo de maio, Ángel Rama não publicou uma nota sobre teatro, mas sim uma resenha de um texto narrativo, *Coronación*, o primeiro romance de José Danoso, cujo título foi ‘José Danoso. Uma revelação chilena’. Justamente nessa edição apareceu um ensaio de Antonio Candido intitulado ‘O romance brasileiro contemporâneo’⁹ (PARDO, 2018, p. 66).

⁹ Tradução própria. No original: “Un encuentro, eso sí, no presencial, sino que a nivel de sus firmas. Me refiero en específico a la página que ambos críticos compartieron en el periódico uruguayo *Acción*, el día domingo 11 de mayo de 1958. A la fecha, Ángel Rama oficiaba como crítico teatral del periódico fundado por Luis Batlle Berres - quien, por lo demás, llegaría a ser luego presidente de Uruguay[...]. Sin embargo, aquel domingo de mayo de 1958, Ángel Rama no publicó una nota sobre teatro sino una reseña de un texto narrativo, en concreto sobre *Coronación*, la primera novela de José Donoso, nota que tituló

Este texto de Candido havia sido veiculado pela primeira vez em espanhol alguns meses antes, especificamente em fevereiro de 1958, na publicação argentina *Ficción. Revista-Libro bimestral*. Nessa edição, segundo Pardo (2018, p. 71), a revista procurou estreitar laços entre o cenário hispano-americano e a produção literária brasileira. Nela foram publicadas uma antologia de contos da literatura brasileira (Mário de Andrade, João Alphonsus, Ribeiro Couto, Aníbal Machado, Graciliano Ramos, Marques Rebelo e Machado de Assis) e algumas notas introdutórias e panorâmicas sobre a cultura e o pensamento brasileiros, escritas por Gilberto Freyre, Hernan Lima, Decio de Almeida Prado, Alceu Amoroso Lima, Afrânio Coutinho, Sérgio Buarque, dentre outros.

Em maio de 1958, o texto de Candido, além de ter saído nas páginas do periódico *Acción*, foi republicado no suplemento literário *El Nacional*, na Cidade do México (DANTAS, 2002, p. 101). Nesse trabalho, apresentou uma leitura sobre a conformação do romance contemporâneo brasileiro no século XX, que teria como marco inicial o ano de 1930, período que segundo ele possibilitou a democratização da cultura e assimilou a “liberdade criadora” proposta pelos modernistas de 1922. Essa fase se alargaria até o início dos anos 1940, quando, a partir de 1945, inicia-se um período de menor originalidade, na qual se prologam algumas disposições anteriores, ao mesmo tempo em que emergem novas tendências criativas, dando início a uma onda criadora que se consolida, de fato, após 1955 (CANDIDO, 1958). O ensaio, portanto, dá prosseguimento aos estudos do movimento geral da literatura brasileira, mas agora para além do recorte da *Formação* (1750-1880), avançando nos estudos sobre a relação entre realidade social e matéria literária agora no século XX.

É possível dizer, então, que nesse período de final dos anos 1950 algumas ideias de Candido já circulavam em países latino-americanos, como Argentina, México e Uruguai. Tratava-se de uma decisão pessoal deliberada, interessada em estreitar contatos com os países do continente, que foi se desenvolvendo por conta dos convites esparsos recebidos dos

‘José Donoso. Una revelación chilena’. Justo debajo de aquella nota apareció un ensayo de Antonio Candido titulado ‘La novela brasileña contemporánea’.

editores de cada uma dessas publicações. Mesmo assim, é fundamental pensar que já nesse contexto suas análises não eram inteiramente desconhecidas, ainda que suas obras mais complexas e grandiosas, que tinham sido concluídas poucos anos antes, estivessem apenas começando a circular internacionalmente. O texto mencionado por Pardo (2018), “*La novela brasileña contemporánea*”, portanto, ergue uma das primeiras pontes entre o crítico brasileiro e os estudos literários latino-americanos.

Por outro lado, é certo que, até o início dessa mesma década de 1960, Candido não era um ávido leitor de escritos hispano-americanos. Conforme relato próprio, seu conhecimento restringia-se a algumas poucas obras de autores argentinos e uruguaios, além da revista literária *Sur*, fundada em 1931 pela escritora Victoria Ocampo (1890-1979). Nos anos 1950, esse interesse aumentou tanto pelo contato com o romance *Nostromo* (1904), do britânico-polonês Joseph Conrad (1857-1924), que narra as disputas políticas na imaginária república sul-americana de Costaguana, onde uma revolução tenta promover a independência da província de Sulaco em resposta a um golpe militar; quanto pela leitura de *Les démocraties de l’Amérique Latine* (1912), do peruano Francisco García Calderón (1834-1905), que utiliza-se do termo “latinidade” para assinalar a coerência político-social latino-americana como forma de resistência ao imperialismo estrangeiro (CANDIDO, 2009, p. 23).

Antonio Candido ressalta também a importância do contato com a publicação *Tierra Firme*, do *Fondo de Cultura Económica*. Segundo Carlos Contreras (2020), essa coleção, sob a direção de Daniel Cosío Villegas (1898-1976) e financiada pela Fundação Rockefeller¹⁰, foi importante para conformar e consolidar os estudos de história das ideias no México e no restante da América Latina, fortalecendo algumas redes intelectuais e editoriais.

Tierra Firme [...] influenciou decididamente na conscientização sobre ‘os problemas da América’. Representou, especialmente em sua primeira década de

¹⁰ Segundo Jaime Larry Benchimol, a Fundação foi criada nos Estados Unidos, em 1913, por uma iniciativa conjunta de um conglomerado econômico liderado pela *Standard Oil Company*, empresa do ramo petrolífero, e a Igreja Batista, com a finalidade de desenvolver ações nas áreas de educação e saúde. Pouco depois, com apoio da *International Health Commission*, ligada à Fundação Rockefeller, passou a atuar na América Latina, Ásia e África. Cf. BENCHIMOL, 2001.

existência, um dos projetos mais significativos na construção de uma enciclopédia do continente, de uma cultura americana¹¹ (SORÁ, 2010, p. 538)

Finalmente, foi com a leitura de *Los Nuestrros* (1966), de Luis Harss, obra que traça um perfil de diversos escritores da América Latina considerados representativos (como Jorge Luis Borges, Miguel Angel Asturias, João Guimarães Rosa, Juan Carlos Onetti, Julio Cortázar, Juan Rulfo, Carlos Fuentes etc), que Candido consolidou de vez seu interesse pela cultura latino-americana, especialmente pela narrativa do “boom literário¹²” que emerge no continente na segunda metade do século XX (CANDIDO, 2009, p. 23). A obra de Harss, inclusive, é considerada precursora na organização do cânone do próprio “boom”, na medida em que o antecipa no plano analítico, antes mesmo que ele adquirisse contornos práticos nas articulações dos próprios escritores nos anos subsequentes (MARTÍNEZ, 2014).

O nó definitivo desses laços provisórios veio com a relação tecida com Ángel Rama, que possibilitou a Candido descortinar um mundo pouco explorado em sua trajetória até então.

Ángel foi um dos homens de maior magnetismo pessoal que conheci. Tinha uma flama interior que envolvia e contagiava o interlocutor ou o ouvinte. Ele me convidou para colaborar em *Marcha* (o que não fiz) e passou a remetê-la regularmente quando voltei ao Brasil, além de mandar volumes de literatura uruguaia. Estabelecemos correspondência e não esqueço o que me disse na ocasião: que a tarefa maior dos intelectuais latino-americanos era trabalhar pelo intercâmbio entre os nossos países, e ele pretendia dedicar-se a isso. Muitos anos depois informou que desenvolvera o interesse pela Literatura Brasileira devido ao nosso encontro em Montevideú (CANDIDO, 2009, p. 21-22)

Depois da viagem a Montevideú, Rama e Candido estreitaram relações intelectuais e pessoais a partir de correspondências. O

¹¹ Tradução própria. No original: “Tierra Firme es una colección de la editorial mexicana Fondo de Cultura Económica (FCE), que influyó decididamente en la sensibilización hacia ‘los problemas de América’. Representó, especialmente en su primera década de existencia, uno de los proyectos más significativos en la construcción de una enciclopedia del continente, de una cultura americana”.

¹² Chamamos de “boom da literatura latino-americana” o momento em que alguns romances produzidos no continente, no período entre 1950 e 1970, foram amplamente divulgados, comercializados, lidos e analisados na Europa, nos EUA e em diversas outras partes do mundo. Cf. COSTA, 2012.

epistolário¹³ mostra a construção paulatina de uma amizade que vai influir decisivamente na trajetória dos dois críticos. Por isso, “o trabalho intelectual, longe de isolado, se faz por meio de diálogos e trocas”, e as amizades podem fornecer “um solo fundamental para a formação (sentimental e intelectual) do indivíduo e para a construção de conhecimento” (PEIXOTO, 2015, p. 22).

Esse vínculo de amizade, com diálogos, conversações e conexões de cunho particular, extrapolam a relação para a esfera profissional, com trocas de indicações de obras, propostas de debates e leituras de autores, além da articulação de diversos projetos para entrosar os países latino-americanos e estabelecer formas de conhecimento mútuo entre as nações do continente. Na prática, portanto, buscaram planejar eventos, seminários, cursos, congressos e núcleos de estudos, tudo isso ampliando as zonas de contato transnacionais, isto é, pontos não necessariamente físicos nem geográficos, mas que marcam encontros, no âmbito internacional, de discursos, objetos, práticas e perspectivas críticas e intelectuais (WEINSTEIN, 2013, p. 17).

O primeiro grande bloco das cartas se inicia com uma missiva escrita pelo brasileiro em 26 de abril de 1960, em que ainda repercute a referida viagem ao Uruguai: “Como vão os amigos? Enviei meu livro, em dois volumes (com o devido reembolso) a você, a [José Pedro] Díaz, a [José Enrique] Etcheverrey, e a Tabaré Freire. Recebeu-os¹⁴?” (CANDIDO y RAMA, 2016: 40). No afã de estreitar laços com importantes críticos, professores e escritores montevidéanos, o aceno de Candido representa o início de um interesse mais sistemático pela cultura latino-americana em geral, e uruguaia em específico, mas também o objetivo de fazer com que os platinos conheçam mais do que se produz no Brasil, em especial sua própria obra.

Nos anos seguintes, como mostram as cartas (CANDIDO y RAMA, 2016), os dois vão ampliar ainda mais os laços, tecendo uma relação que

¹³ Trabalhamos aqui com a edição em espanhol, compilada por Pablo Rocca (2016).

¹⁴ Tradução própria. No original: “Cómo van los amigos? Envié mi libro, en dos volúmenes (con el debido reembolso) a usted, a [José Pedro] Díaz, a [José Enrique] Etcheverrey, y a Tabaré Freire. ¿Lo han recibido?”

vai se estender por mais de duas décadas, com impacto decisivo na atuação e na reflexão que ambos estabeleceram posteriormente. No caso de Candido, essa amizade vai se desdobrar numa nova forma de pensar a cultura brasileira como parte de uma constelação maior: a América Latina. Suas preocupações das décadas anteriores (1940-1950) aos poucos vão sendo substituídas por novos interesses, novos referenciais teóricos e novas abordagens críticas, como veremos adiante. Ademais, seus espaços de circulação e sociabilidade e suas referências de diálogo intelectual são ampliados, fazendo-o navegar pelas águas do latino-americanismo que adquiriria novos contornos a partir da década de 1960.

2.2 Hermenêutica da distância

É curioso observar que, entre 1962 e 1967, há um hiato na correspondência entre os dois, o que poderia indicar a ausência de diálogo ou a perda de vigor na relação que se iniciou alguns anos antes, fazendo cessar a interlocução. Em carta enviada pelo uruguaio em 16 de outubro de 1967, entretanto, o silêncio de alguns anos é quebrado e faz vir à tona um capítulo decisivo na história pessoal e intelectual de Candido:

Não sei nada sobre você desde que nos vimos na Europa, há três anos. Me disseram (Darcy) que havia voltado ao Brasil. Usei a velha Caixa Postal de minha agenda para escrever-lhe e a coloquei nos Correios, tão inseguros e displicentes com os mortais. Dê-me notícias suas. Receba uma saudação cordial de seu amigo uruguaio que se lembra muito de você e o admira muito¹⁵ (CANDIDO y RAMA, 2016, p. 45)

A missiva indica que, no meio dos cinco anos de aparente silêncio, os dois se encontraram em solo europeu por volta de 1964, ano que marcou, também, a eclosão do golpe civil-militar e a implementação de uma ditadura no Brasil, interrompendo a experiência democrática que vinha sendo construída desde a segunda metade da década de 1940. Em entrevista concedida a Marcelo Rollemberg em 2002, Candido teceu elogios ao projeto de país que se desenhava às vésperas do golpe:

¹⁵ Tradução própria. No original: “A todo esto nada sé de Ud. desde que nos vimos en Europa, hace ya três años. Me dijeron (Darcy) que había vuelto a Brasil. Utilizado la vieja Caixa Postal de mi agenda para escribirle y me encomiendo a los dioses del Correo, tan inseguros y displicentes con los mortales. Déme noticias tuyas. Reciba un saludo cordial de su amigo uruguayo que bien recuerda y mucho le admira”

[...] quando eu vi o João Goulart dizer aquelas coisas [...] no comício da Central. Em março [de 1964]. Quando eu vi aquele comício e li o discurso dele, aí eu caí em mim e fiquei entusiasmado. Isto é a plataforma do Brasil futuro. Aí, inclusive, houve um manifesto intelectual de apoio que eu assinei¹⁶. (CANDIDO, 2002, p. 154)

A derrubada do governo Goulart e a instauração de um regime ditatorial trouxeram consequências dramáticas para a sociedade brasileira. No campo intelectual, as repercussões da repressão afetaram diretamente uma enorme gama de personagens, especialmente, num primeiro momento, aqueles considerados “progressistas”. Segundo Rodrigo Patto Sá Motta (2014), a atuação dos militares foi bastante ostensiva também no espaço universitário:

VITORIOSO O GOLPE, e antes que os novos donos do poder definissem que rumos dariam ao país, o expurgo dos derrotados já era sua primeira preocupação. Depois dos sindicatos e das organizações de trabalhadores rurais, as instituições universitárias foram os alvos prioritários das ações repressivas. Na visão dos vitoriosos de 1964, as universidades haviam se tornado ninhos de proselitismo das propostas revolucionárias e de recrutamento de quadros para as esquerdas. Ali se encontraria um dos focos principais da ameaça comunista, o perigo iminente de que o Brasil deveria ser salvo, e que mobilizou muitos, sobretudo nas corporações militares, a se levantar em armas contra o governo Goulart, acusado de tolerar ou, pior ainda, de se associar aos projetos revolucionários. (MOTTA, 2014, p.22)

O golpe, a perseguição e a repressão produziram também consequências no campo das ideias e na própria reflexão produzida pelos intelectuais brasileiros à época. Como mostra João Hernesto Weber,

estava suficientemente claro que nem o projeto nacional-desenvolvimentista, nem o nacional-popular, ou populista, nem o projeto de constituição de uma sociedade civil burguesa homogênea, sustentado, no caso, pela classe média “ilustrada”, tinham qualquer possibilidade de realização histórica, sendo necessário, pois, proceder-se à

¹⁶ Segundo Rollemberg, essa entrevista faria parte de um livro cujo título seria *Antonio Candido: uma homenagem à palavra*. “Em finais dos anos 1990, começo dos anos 2000, fui convidado pela editora Ivana Jinkings, da Boitempo Editorial, para uma tarefa ao mesmo tempo instigante e complexa – para não dizer quase impossível: convencer o professor Antonio Candido a dar uma longuíssima entrevista, um grande depoimento, na qual sua história de vida se fundiria com a história do Brasil e do mundo, com os vários personagens de carne e osso que o grande professor conheceu ou que foram seus contemporâneos ao longo de décadas.” (ROLLEMBERG, 2017, s/p).

releitura da “Nação”, buscando-se compreender os novos tempos em que se vivia (WEBER, 1997, p. 146)

Em outros termos, Weber indica que os múltiplos projetos políticos presentes na cena pública brasileira desde os anos 1930, ancorados no binômio modernização/democratização nacional, impulsionado pelo desenvolvimentismo e pelo nacionalismo, teriam encontrado no golpe militar de 1964 um freio que impossibilitou o desenrolar de nossa “marcha à civilização”. Era necessário, então, reler nossa história, mergulhar novamente no passado nacional e reavaliar nosso processo formativo, com ênfase agora menos nos aspectos construtivos e integrativos e mais nas estruturas de dominação, exploração e opressão que haviam sido montadas ao longo dos séculos.

Tudo isso serviu de fermento às reflexões de Antonio Candido. Logo após o golpe, o crítico embarcou para a Europa a fim de lecionar Literatura Brasileira na Faculdade de Letras e Ciências Humanas e no Instituto de Estudos de América Latina, ambos na Universidade de Paris. O convite foi feito pelo geógrafo francês Pierre Monbeig (1908-1987), que, em carta de outubro de 1963¹⁷, além de acenar com a possibilidade de Candido lecionar na *Sorbonne Université*, pediu ao brasileiro que ele enviasse um texto a ser publicado nos *Cahiers des Amériques latines*, publicação de estudos latino-americanos criada nos anos sessenta e já à época referência no cenário francês e internacional (MONBEIG, 1963).

Na *Université de Paris-Sorbonne* e no *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine*, Candido ministrou, entre 1964 e 1966, diversos cursos para candidatos a certificados de licença em Estudos Portugueses, Estudos Brasileiros e Literaturas e Civilização da América, dentre eles “Os poetas da escola mineira”, “Tomás Antonio Gonzaga e as Cartas Chilenas”, “O romance urbano na literatura brasileira: Manuel Antonio de Almeida”, “A poesia moderna de Carlos Drummond de Andrade”, “Claudio Manoel da Costa e os poetas da Escola Mineira” e “A poesia indianista de Gonçalves Dias”, transitando por temas como Arcadismo, Romantismo, Realismo e Naturalismo.

¹⁷ IEB-USP: AC-SBN-102.

Em carta enviada em maio de 1966¹⁸ ao conselheiro do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, Hélio Antônio Scarabôto (1921-1996), Candido anota outras atividades que teria realizado no período da estadia francesa: além de conferências em Caen, Lyon e Besançon e palestras na Escola Normal Superior de Fontenay-aux-Roses, na Fundação Universidade Nova e no Centro Português de Difusão da Instrução Pública, teria produzido artigos para o Boletim organizado pelo Serviço Cultural da Embaixada Brasileira, para a o vol. I da História das Literaturas Europeias publicada pela enciclopédia Pléiade e para o primeiro número de uma revista que seria publicada pelo Instituto de Estudos da América Latina (IAL). Por fim, menciona que, fora da França, participou de um Colóquio sobre o Terceiro Mundo realizado na Itália (CANDIDO, 1966).

Entre um curso e outro, uma viagem vai marcar definitivamente a jornada europeia de Candido. Em 1965, o crítico vai a Gênova para participar do *Terzo Mondo e Comunità Mondiale e Quinta Rassegna del Cinema LatinoAmericano*, organizado pelo Instituto *Columbianum*, entidade cultural criada pelo padre jesuíta Angelo Arpa (1909-2003). No encontro, reuniram-se intelectuais e cineastas europeus, africanos e latino-americanos interessados em duas questões: discutir os problemas específicos das culturas dos países da “periferia do capitalismo” e realizar uma grande mostra de cinematográfica. O encontro abrigou um conjunto de reflexões de cineastas e intelectuais africanos, latino-americanos e europeus, de críticos literários a escritores, de historiadores a antropólogos, de filósofos a ensaístas.

Em carta de fevereiro de 1965¹⁹, endereçada a Mário Guimarães Ferri (1918-1985), então diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, a quem deveria “prestar contas”, Candido menciona o evento e ressalta um ponto interessante:

Recentemente passei dez dias na Itália, participando ativamente dos encontros culturais promovidos pelo *Columbianum*, em Gênova, onde se reuniram professores, escritores, cineastas da América Latina, da África e da Europa. Fiz uma comunicação, presidi uma comissão e sapeei o resto. O Brasil fez bonito graças às fitas da

¹⁸ IEB-USP: AC-SBN-026.

¹⁹ IEB-USP: AC-SBN-147.

rapaziada do Cinema Novo, que empolgou o auditório e tirou os maiores prêmios. Pessoalmente, a grande experiência para mim foi o diálogo com os *intelectuais africanos*, coisa que não temos noção aí [no Brasil]. A nossa faculdade, como lembrou Madame Monbeig, era a instituição mais representada, o bloco mais numeroso, pois lá estavam os antigos professores [Giuseppe] Ungaretti, [Roger] Bastide, [Fernand] Braudel e [Pierre] Monbeig, e os atuais Gilda [de Mello Souza], Lourival [Gomes Machado] e eu. Esta verificação nos deu maior prazer a todos, antigos e atuais, irmanados do espírito comum que, nestes momentos, a gente vê que existe, e que transcende as fronteiras, graças à nossa organização inicial e feliz, do corpo docente recrutado fora do país (CANDIDO, 1965, p. 1, *acréscimos e grifos meus*)

Na missiva, três questões importantes são evidenciadas: em primeiro lugar, que a presença brasileira no evento foi bastante significativa, especialmente pela participação ativa dos cineastas. Depois, ao mencionar a “conexão além das fronteiras”, Candido deixa claro que as articulações de intelectuais brasileiros encontraram, no exterior, uma forma de reorganização e resistência diante das ações antidemocráticas da ditadura brasileira à época, visão que, anos mais tarde, vai reafirmar.

[A integração latino-americana é fruto, sobretudo] do advento das recentes ditaduras militares. A primeira surgiu no Brasil, em 1964; pode-se dizer que o Brasil deu o mau exemplo à América Latina, instaurando uma ditadura reacionária e repressiva, que levou ao êxodo de intelectuais, como você sabe. [...] Isso coincidiu com a ascensão da literatura hispano-americana, o início de uma reflexão sociológica e econômica em toda a América Latina, e também com a grande esperança da luta armada, encarnada principalmente por Cuba. Esse *intenso redemoinho colocou intelectuais em contato*: foi o aspecto positivo desse enorme *fenômeno negativo do exílio, da fuga, da perseguição* (CANDIDO, 1984, p. 176, *grifos meus*).

Por fim, ressalta a escassez da presença de intelectuais e ideias africanas no Brasil, de modo que o evento possibilitou ao crítico certa “descoberta”, além da possibilidade de uma aproximação inédita.

Meses antes do encontro, em novembro de 1964, a repórter Miriam Alencar, em sua coluna intitulada *Letreiro*, publicada no *Jornal do Brasil* (RJ), ressaltou que o evento teria três seções: duas mesas-redondas, “uma sobre o lançamento da revista trimestral *América Latina*, outra sobre a cultura negro-africana e suas expressões cinematográficas”, e “a Resenha

propriamente dita, que além da habitual mostra competitiva irá estudar o cinema novo brasileiro” (ALENCAR, 1964, p. 15). Ainda segundo a jornalista, alguns filmes foram selecionados pelo Setor de Cinema da Divisão de Difusão Cultural do Ministério de Relações Exteriores do Brasil para a “mostra informativa”, dentre os quais destacam-se *Rio, Quarenta Graus*, de Nelson Pereira dos Santos; *Barravento*, de Glauber Rocha; e *Assalto ao Trem Pagador*, de Roberto Farias. Já na mostra competitiva, chamada de “Resenha do Cinema Latino-Americano”, concorriam *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha; *Ganga Zumba*, de Carlos Diegues; *Os Fuzis*, de Rui Guerra; e *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos (ALENCAR, 1964, p. 15).

Em pequenas notas, os jornais *Diário Carioca* e *O Jornal* falaram sobre o evento, ressaltando, além da mostra cinematográfica, a realização de um “colóquio de escritores” sobre “a formação, desenvolvimento, originalidade e vinculação da cultura e da arte latino-americana”. Entre os presentes, destacam nomes como Gilberto Freyre, Guimarães Rosa, Alceu Amoroso Lima, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Miguel Angel Asturias, Jorge Luis Borges, Eduardo Mallea, Ángel Rama, Alejo Carpentier, Juan Rulfo etc. Também estiveram no encontro, segundo os periódicos, figuras de proa da cena europeia, como Damaso Alonso, Salvador de Madariaga, Jean Cassou, Roger Bastide e Jean Paul Sarte (LATINOS se reúnem na Itália, 1965: 9; EM Gênova, 1965: 2).

Inscrito no contexto da Guerra Fria, o evento buscava atuar para além das duas grandes zonas de influência exercidas pelas nações envolvidas na geopolítica da época, especialmente os blocos antagônicos ligados aos EUA e à URSS. Essa posição fica evidente, em primeiro lugar, pelo próprio termo escolhido para dar nome ao encontro: “Terceiro Mundo”. O termo, que emerge da tessitura linguística (*langue*) do cenário político da segunda metade do século XX, havia sido cunhado originalmente pelo demógrafo francês Alfred Sauvy em texto intitulado “*Trois mondes, une planète*”, publicado no semanário parisiense *L’Observateur* em 1952, e se referia aos países “em desenvolvimento”, aqueles dos continentes africano, asiático e latino-americano.

Para além do contexto linguístico de emergência “original” do conceito, interessa-nos pensar as múltiplas possibilidades semânticas que vão preencher a ideia de Terceiro Mundo com sentidos diversos nos anos subsequentes. Trata-se de perscrutar os lances e as performances (*parole*) engendradas na mobilização do termo no espaço público internacional e nos debates políticos da época (POCOCK, 2003), na busca por delinear os sentidos que ele adquire de acordo com as demandas ideológicas específicas de cada conjunto de países na segunda metade do século XX, contexto de efervescência das disputas geopolíticas globais.

“Terceiro Mundo” pode ser lido como vocábulo que foi mobilizado, *a priori*, para ressaltar as diferenças específicas das sociedades da periferia do capitalismo, geralmente associadas à condição de atraso, abrindo brecha para legitimar algumas das diversas intervenções diretas e indiretas realizadas nos países da América Latina, África e Ásia, mesmo após os processos de Independência (ESCOBAR, 1988). Nesse caso, o conceito estaria atrelado a uma reafirmação da debilidade insanável dos “terceiro-mundistas”, de modo que, novamente, precisariam da tutela das “civilizações avançadas” com a finalidade de garantir a o “desenvolvimento”, a “democracia”, a “paz” e a “ordem”.

Outra possibilidade é a que busca situar a noção de “Terceiro Mundo” para além da lógica estrita da Guerra Fria, atrelando-a mais à potencialidade da descolonização afro-asiática e aos desdobramentos da Conferência de Bandung²⁰ (KALTER, 2016), realizada em 1955, na Indonésia. Nessa perspectiva, os países marcados pela “ferida colonial” (MIGNOLO, 2005) teriam se apropriado do conceito como forma impulsionar a construção de expectativas políticas emancipatórias²¹ (BERGEL, 2019, p. 112).

²⁰ Reuniu 29 países asiáticos e africanos com o objetivo de costurar alianças e projetos políticos comuns aos países do “Terceiro Mundo”, com vistas à promoção da cooperação e como forma de oposição à bipolarização da Guerra Fria. “A Conferência representou o início da tomada de consciência em relação ao papel que os novos países independentes deveriam exercer no mundo, no sentido de representar os excluídos, os oprimidos e os rejeitados nas grandes discussões internacionais do centro.” (PEREIRA e MEDEIROS, 2015, p.124).

²¹ Tradução própria. No original: “fue pronto adoptado como un nombre que condensaba expectativas políticas emancipatórias.”

[...] o vetor principal [da ideia de Terceiro Mundo] são os movimentos de libertação nacional, e tanto em sua vertente socioeconômica – ligada desde o pós-segunda guerra ao desenvolvimentismo – como política – associada com a descolonização e ao princípio de autodeterminação nacional – seu corolário exitoso devia estar na afirmação de Estados-nacionais economicamente viáveis e politicamente independentes²² (BERGEL, 2019, p. 110 [acréscimos meus])

À primeira vista, portanto, a ideia de “Terceiro Mundo” era mobilizada tanto para a compreensão dos problemas comuns às zonas consideradas “atrasadas” no cenário do capitalismo mundial, como também para dar sentido de unidade e direção aos projetos de desenvolvimento nessas regiões, sobretudo aqueles amparados pelos países dominantes. E é na esteira desses jogos de interesses que o *Terzo Mondo* se inseria: ao mesmo tempo que proporcionou a articulação intelectual, política e institucional voltada para a elaboração e a execução de projetos editoriais, culturais e sociais especificamente construídos pelos países da periferia do capitalismo, foi feito na Europa e sob os auspícios de uma entidade católica.

O padre Angelo Arpa, organizador do encontro, fala do evento em tom poético, ressaltando, sobretudo, o caráter convergente das discussões. Para ele, o congresso estaria voltado ao

[...] diálogo, não apenas na vontade de colaborar e buscar por uma resposta ainda desconhecida, mas no sentido de uma vocação ao encontro, de confiança nas virtudes maiêuticas do confronto, onde, resguardada a validade científica e a boa-fé, a verdade se funde em seu esplendor plural e difícil²³ (ARPA, XIII, 1967).

Apesar disso, os debates do *Terzo Mondo* não indicaram apenas o caminho da convergência e da confluência de interesses. A “maiêutica do conflito” foi a tônica do encontro, na medida em que se buscou tensionar a

²² Tradução própria. No original: “su vector principal son los movimientos de liberación nacional, y tanto en su vertiente socioeconómica –ligada desde la segunda posguerra al desarrollismo– como política –asociada con la descolonización y al principio de autodeterminación nacional– su corolario exitoso debía estribar en la afirmación de Estados-nación económicamente viables y políticamente independientes.”

²³ Tradução própria. No original: “[...] dialogo, non solo nella disponibilità alla collaborazione e all’attesa di una risposta tuttavia sconosciuta, ma più propriamente nel significato di vocazione all’incontro, di fiducia nelle virtù maieutiche del confronto, dove, salvo il presupposto della validità scientifica e della buona fede, la verità merge nel suo plurale e difficile splendore”

condição hegemônica do “centro” do capitalismo na ordem mundial. Os debates e discussões sobre temas como cultura, artes, subdesenvolvimento, analfabetismo e ideologias foram analisados à luz de duas molduras fundamentais: as constantes crises do modo de produção capitalista – com destaque para a de 1929 e a decorrente da 2ª Guerra Mundial; e o incremento da sociedade de massas no século XX, com a intensificação dos processos de urbanização e crescimento populacional.

A ideia de aproximar africanos e latino-americanos, muitas vezes dispersos entre si ou desradicalizados pelos múltiplos espaços de produção e reprodução intelectual europeus ou estadunidenses, demandava também uma reformulação do vocabulário crítico com o qual operavam as ideias naquele contexto. Tratava-se, portanto, de reelaborar linguisticamente os conceitos ou dar-lhes nova carga semântica, movimentos necessários à tentativa de compreender melhor aquelas sociedades consideradas, até então, “atrasadas”. Por isso, ganham fôlego nos debates do evento termos como “periferia”, “subdesenvolvimento”, “autonomia”, “colonialismo”, “exploração”, “consciência”, “dependência” etc.

Leopoldo Zea (1912-2004) apresentou, no evento, a comunicação “El problema de la originalidad en Latinoamérica” (1967), que se debruça sobre questões que já vinham sendo discutidas desde o final dos anos cinquenta pelo filósofo mexicano. No ensaio, Zea defende que a busca constante por uma expressão “original” latino-americana era, na verdade, uma tentativa de afirmar-se diante do concerto das civilizações na geopolítica global, ou seja, de fazer parte de um mundo compartilhado formado pelas “civilizações”. Em outros termos, “originalidade” não seria buscar uma diferença, uma expressão “inérita” e desconectada do legado europeu, mas sim

mostrar que seus homens e suas obras são iguais [às europeias] [...] Não, claro, num espírito de imitação, de repetição, mas o mesmo espírito que tornou possível a cultura europeia e os seus bens e valores. Não é imitando a Europa em seus frutos que é possível tornar-se parte de sua cultura [...] Ser original não é rejeitar ou imitar, mas simplesmente ser homem, esse grande valor que a cultura europeia expressou plenamente e manteve, embora apenas para si, como a cultura ocidental. [...] A Europa é original porque criou e cria sem se preocupar em ser diferente, imitar ou não, pois simplesmente age, cria

cultura, origina valores e bens. É essa capacidade, essa forma de originalidade, que deve ser imitada, ou seja, seguida pela América Latina. O espírito que tornou possível a cultura europeia é o espírito que deve animar os latino-americanos para que sejam originais, ou seja, para que possam originar cultura²⁴ (ZEA, 1967, p. 52).

E prossegue:

O professor venezuelano Andrés Bello disse: ‘Nossa civilização também será julgada por suas obras; e se for vista copiando servilmente as europeias, mesmo no que não tem aplicável, qual será o julgamento de um [Jules] Michelet, um [François] Guizot? Eles dirão: a América ainda não se livrou de suas correntes; ela arrasta nossos passos com os olhos vendados; ela não respira em suas obras seu próprio pensamento, nada original, nada característico: ela imita as formas de nossa filosofia e não se apropria de seu espírito. Sua civilização é uma planta exótica que ainda não sugou seus sucos da terra que a sustenta²⁵’ (ZEA, 1967, p. 53).

É interessante notar que a tônica do argumento de Zea procura pôr de lado as perspectivas intelectuais que associavam a ideia de “originalidade latino-americana” à recusa de toda a influência recebida do centro do capitalismo. Tratava-se, na visão dele, de uma postura ingênua e infértil, na medida em que as assimetrias centro-periferia do capitalismo tornavam a influência ocidental-europeia sobre a América Latina inevitáveis e incontornáveis. Até por isso, as discussões no *Terzo Mondo* orbitaram em torno da seguinte questão: dada a condição de dominação colonial nos campos da cultura e das artes, para não dizer no âmbito mais amplo da

²⁴ No original: “mostrar que sus hombres y sus obras son iguales [...] No, desde luego, con un espíritu de imitación, repetición, sino con el mismo espíritu que ha hecho posible la cultura europea y sus bienes y valores. No es imitando a Europa en sus frutos que se forma parte de su cultura [...] Ser original no es rechazar o imitar, sino ser simplemente hombre, ese gran valor que ha expresado en toda su plenitud la cultura europea y mantenido, aunque solo para sí misma la cultura Occidental [...] Europa es original porque ha creado y crea sin preocuparse en ser distinto, de imitar o no, ya que simplemente actúa, hace cultura, origina valores y bienes. Es esta capacidad, esta forma de originalidad, la que debe ser imitada, esto es, seguida, por Latinoamérica. El espíritu que ha hecho posible a la cultura europea, es el espíritu que debe animar a los latinoamericanos para que puedan ser originales, esto es, para que puedan originar cultura.

²⁵ No original: “El maestro venezolano, Andrés Bello, decía: “Nuestra civilización será también juzgada por sus obras; y si se la ve copiar servilmente a la europea, aún en lo que ésta no tiene de aplicable, ¿cuál será el juicio que formará de nosotros un Michelet, un Guizot? Dirán: la América no ha sacudido aún sus cadenas; se arrastra sobre nuestras huellas con los ojos vendados; no respira en sus obras un pensamiento propio, nada original, nada característico: remeda las formas de nuestra filosofía y no se apropia de su espíritu. Su civilización es una planta exótica que no ha chupado todavía sus jugos a la tierra que la sostiene.”

formação social, o que fazer com essa influência europeia? Mais do que recusá-la, era preciso tratá-la de forma crítica.

É o que apresenta, no evento, o cineasta brasileiro Cacá Diegues, em comunicação intitulada “Relação dialética, cinema e cultura no Brasil: história e balanço²⁶”, publicada anos depois também nos anais do evento. Diegues produz uma síntese da história do Brasil com base na relação entre brasileiros e europeus, com hipótese semelhante à que Candido vai apresentar na sua comunicação no encontro: nossa formação, no campo das representações intelectuais e simbólicas, se assenta na dualidade “idealização europeizada do país” e “constatação objetiva de nossa realidade”, tópicos presentes, respectivamente, nas expressões da cultura erudita e da cultura popular. Ciente desse artifício narrativo europeísta, cuja função primordial seria domesticar o elemento local, o cineasta propõe que artistas e intelectuais busquem mediar as relações entre esses elementos em busca de uma síntese, que seria a própria representação do que haveria de mais genuíno na cultura brasileira.

Uma das discussões mais argutas ficou a cargo de Glauber Rocha, que apresentou, na seção intitulada “Quinta Resenha do Cinema Latino-americano”, suas reflexões sobre “Cinema novo e cinema mondiale²⁷” (1965), ensaio escrito exatamente “no bojo de um amplo debate acerca da libertação nacional dos povos colonizados” (CARVALHO e DOMINGUES, 2017, p. 379). A comunicação de Glauber adotou um tom eminentemente crítico à herança colonial europeia na América Latina, em especial no campo da criação cultural e artística.

O observador europeu interessa-se pelos processos de criação artística do mundo subdesenvolvido na medida em que estes satisfazem a sua nostalgia do primitivismo; mas esse primitivismo aparece de forma híbrida, herdada do mundo "civilizado", incompreendido porque imposto pelo condicionamento colonialista. A América Latina continua sendo uma colônia e a diferença entre o colonialismo de ontem e o de hoje reside apenas na forma mais refinados que os atuais colonizadores²⁸ (ROCHA, 1967, p. 435)

²⁶ No original, “Rapporto dialettico, cinema e cultura in brasile: storia e bilancio”

²⁷ Pouco tempo depois, o ensaio foi publicado em italiano na *Rivista Cinema 60* com o título “L'estetica della violenza”. No Brasil, saiu ainda em 1965, na revista *Civilização Brasileira*, com o título que o consagrou: “Uma estética da fome”.

²⁸ No original, “L'osservatore europeo si interessa ai processi di creazione artistica del mondo sottosviluppato nella mistura in cui questi soddisfino la sua nostalgia del

A fala disruptiva de Glauber estabelecia uma assimetria estrutural entre as sociedades consideradas avançadas e os países subdesenvolvidos. Além disso, punha em questão uma crítica epistemológica às próprias formas de pensar em contextos periféricos. Conforme observa Ismail Xavier

Da fome. A estética. A preposição “da”, ao contrário da preposição “sobre”, marca a diferença: a fome não se define como tema, objeto do qual se fala. Ela se instala na própria forma do dizer, na própria textura das obras. [...] A carência deixa de ser obstáculo e passa a ser assumida como fator constituinte da obra, elemento que informa a sua estrutura e do qual se extrai a força da expressão, num estratégia capaz de evitar a simples constatação passiva (“somos subdesenvolvidos”) ou o mascaramento promovido pela imitação do modelo imposto (que, ao avesso, diz de novo “somos subdesenvolvidos”). A estética da fome faz da fraqueza a sua força, transforma em lance de linguagem o que até então é dado técnico. Coloca em suspenso a escala de valores dada, interroga, questiona a realidade do subdesenvolvimento a partir de sua própria prática (XAVIER, 1983, p. 9).

No olhar glauberiano, entende-se que toda a cultura das nações subdesenvolvidas “não poderia ser representada com os recursos [...] linguísticos da cultura dita ‘avançada’, mas deveria encontrar na própria exasperante realidade, na própria deficiência de meios, os temas e formas com os quais expressar-se.” (SIEGA, 2014, p. 156). Por isso, “Uma estética da fome” se apresenta não como uma forma específica de olhar e falar sobre as mazelas do mundo, mas sim como um *locus* de enunciação singular de brasileiros e, por extensão, de latino-americanos e terceiro-mundistas em geral. Essa visão que estrutura a própria condição social acaba por se instalar na forma mesma do enunciado crítico ou do objeto estético produzida a partir dessas regiões. A fome é a metáfora que expressa as heranças e o legado do colonialismo, de modo a desnudar as condições estruturais da condição periférica dos países africanos e latino-americanos.

primitivismo; ma questo primitivismo si presenta in una forma ibrida, ereditata dal mondo ‘civilizzato’, ma compressa perché imposta dal condizionamento colonialista. L’America Latina rimane tuttora colonia e la differenza fra il colonialismo dieri e quello di oggi risiede soltanto nella forma piú raffinata degli attuali colonizzatori”.

Nessa discussão, a questão da “condição de atraso” das culturas tidas como periféricas é entendida não mais como mera matéria de análise da produção cinematográfica, acadêmica e intelectual ou como um “tema” de pesquisa, por exemplo, mas sim como local de onde se pode falar e produzir um pensamento crítico válido e capaz, inclusive, de questionar frontalmente a realidade na qual está imerso o próprio narrador de determinado discurso. É, portanto, uma postura também ético-política desse artista ou intelectual periférico, que sempre vai se pronunciar estética ou conceitualmente a partir da fome, desdobramento das condições estruturais impostas pelo colonialismo, entendido enquanto alegoria da condição periférica dos países africanos e latino-americanos.

Na tentativa de produzir um relato mais detalhado do encontro, Ángel Rama publicou, no semanário *Marcha*, a 26 de fevereiro de 1965, pouco tempo após o evento, o artigo intitulado “*Coloquio de Genova: dos tareas que valen un viaje*”. No texto, o crítico uruguaio procurou ressaltar a pluralidade de perspectivas políticas e ideológicas presentes no encontro, indicando outras presenças importantes:

Ali estavam os cubanos, com seu teórico marxista Juan Marinello, e os representantes de posições muito diferentes: Roberto Fernandez Retamar, como exemplo de intelectual atrelado ao movimento revolucionário, e Cintio Vitier, católico, que poderíamos definir com um exilado interior. Ali estavam os comunistas (Elvio Romero, Franco Moggi, Argueles Morales, Rafael Alberti) e os de uma posição centrista, como Ciro Alegría (disputado no movimento Belaúnde Terry), Augusto Céspedes (embaixador boliviano em Paris), Carlos Pellicer (o grande poeta católico mexicano) e as figuras de uma esquerda independente (Roa Bastos, Salazar Bondy, José Luis Romero) e os homens de direita (Alejandro Magnet, embaixador do Chile na OEA, João Guimarães Rosa, alto funcionário do Itamaraty)²⁹ (RAMA, 1965, s/p).

²⁹ Tradução própria. No original: “Allí estaban los cubanos, con su teórico marxista Juan Marinello y los representantes de dos posiciones muy diferentes: Roberto Fernandez Retamar, como ejemplo de intelectual incorporado al movimiento revolucionario, y Cintio Vitier, católico, quien podría definirse como un exiliado interior. Allí estaban los comunistas (Elvio Romero, Franco Moggi, Argueles Morales, Rafael Alberti) y los de una posición centrista, como Ciro Alegría (disputado en el movimiento de Belaúnde Terry), Augusto Céspedes (embajador boliviano en Paris), Carlos Pellicer (el gran poeta católico mexicano) y las figuras de una izquierda independiente (Roa Bastos, Salazar Bondy, José Luis Romero) y los hombres de la derecha (Alejandro Magnet, embajador del Chile en la OEA, Joao Guimaraes Rosa, alto funcionario de Itamaraty.”

O crítico uruguaio ressaltou a dificuldade de fazer um “balanço geral” do colóquio, posto que a distribuição dos participantes em comissões dispersas acabou por isolá-los de alguns debates maiores em âmbito coletivo. No grupo do qual participou, foram discutidas questões relacionadas à contradição, na América Latina, entre o universo jurídico-político e as estruturas econômico-sociais; à importação de ideologias do centro do sistema e à tentativa de convertê-las em instrumentos de libertação; à vinculação, naquele momento, da história latino-americana à crise do capitalismo industrial e ao impacto das inovações técnicas diante do crescimento da sociedade de massas; e, por fim, àquilo que vai ressoar de forma mais importante tanto nos estudos de Rama quanto nos de Candido: a constatação do apego à cultura europeia e a necessidade de buscar formas de arte que transfigurem o repertório externo, potencializando a “criação original” e fortalecendo a “unidade subjacente à pluralidade cultural latino-americana”³⁰ (RAMA, 1965, s/p).

Candido também procurou compartilhar a percepção que teve do encontro:

[...] o primeiro evento, não de cunho apenas regional, mas abrangendo os intelectuais de toda a *'nuestra America'* de que participei foi o congresso *Terzo Mondo e Communita Mondiale*, realizado na cidade de Genova em 1965 pela instituição *Columbianun* criada e dirigida pelo benemérito padre Angelo Arpa e dedicada a promover o *intercâmbio* entre a Europa e o Terceiro Mundo. [...] Foi, repito, um acontecimento memorável e, para mim, uma extraordinária experiência de *encarnação de nomes que eu lia* e de repente vi transformados em pessoas (CANDIDO, 1999, p. 264, *grifos meus*)

O depoimento aponta duas questões fulcrais: ao falar em “encarnação dos nomes que eu lia,” Candido indica, por suposto, que já era um conhecedor das reflexões de alguns intelectuais latino-americanos, interesse que, salvo engano, parece ter se fortalecido especialmente no início dos anos 1960, a partir do contato com Rama e das primeiras viagens pelo continente, como mostramos no início desse capítulo. Depois, ao apontar a capacidade de o evento ampliar o intercâmbio cultural, social,

³⁰ Tradução própria. No original “[...] creación original en el arte y en la cultura”; “Existe una unidad subyacente a la pluralidad cultural latinoamericana”

político e intelectual entre figuras que, por questões da própria geopolítica do conhecimento mundial, encontravam-se dispersas e distantes, ainda que suas existências históricas sejam semelhantes, dada a “ferida colonial”, marca comum legada aos países atravessados pela experiência colonialista. Fortaleceu-se, portanto, a ideia de uma “unidade terceiro-mundista” a partir de uma identificação histórica.

Por esse motivo, os presentes buscaram articular a criação de projetos coletivos. Um deles seria a revista *America Latina*, que teria como foco a cultura latino-americana e seria publicada na própria cidade de Gênova nas línguas espanhola e portuguesa, além de contar com alguns resumos em francês, italiano e inglês, e com centros de distribuição no México e na Argentina. Teria Miguel Ángel Asturias e Amos Segala como diretores e Fernand Braudel, Antonio Candido, Leopoldo Zea, José Luis Romero e Alejo Carpentier como assessores. A publicação focaria especialmente no exame crítico das “sociedades americanas”, debatendo questões como a escravidão africana, o estatuto da terra, os projetos de desenvolvimento nacional, a situação do romance, o estatuto das artes etc (RAMA, 1965, s/p).

Outro projeto costurado no evento foi a criação da “Comunidade Latino-americana de Escritores”, um organismo supranacional que reuniria escritores de todo o continente. A inspiração vinha sobretudo da Comunidade Europeia de Escritores, que à época era presidida por Giuseppe Ungaretti, poeta e crítico italiano que inclusive chegou a lecionar na Universidade de São Paulo (USP) no final dos anos 1930. A proposta de realização de um congresso anual no México foi amplamente aprovada, e a criação de um manifesto chamado “*Declaración Latinoamericana de Génova*” obteve a assinatura de diversos delegados, exceto Alejandro Magnet, do Chile, e João Guimarães Rosa, do Brasil, enviado oficial da ditadura civil-militar.

É uma tentativa com amplas projeções de futuro, na medida em que permitiria um contato mais assíduo dos intelectuais latino-americanos, uma comunicação de suas respectivas contribuições, uma elaboração comum da cultura de “nossa América”. Este projeto por si só já é suficiente para justificar a viagem a Gênova, se não fosse o fato de que também se chegou a um debate maduro

sobre o problema latino-americano e fortaleceu-se o projeto de lançamento de uma revista que pode ser um instrumento enriquecedor para as diferentes linhas da ação intelectual de um continente de quem se exige que entre em cena.

A Comunidade de Escritores é um organismo nascido incidentalmente na reunião de Gênova e, portanto, *independente do Columbianum*. Por enquanto, é mais um desejo do que uma realidade, e seu verdadeiro contexto será conhecido a partir do Congresso do México, que o dotará de estatutos e o colocará em funcionamento³¹ (RAMA, 1965, s/p, *grifos meus*).

A visão de Ángel Rama indica que o congresso foi importante para estreitar os laços intelectuais e culturais entre América Latina e África, mas também para pontuar algumas ideias fundamentais presentes na semântica do termo “terceiro mundismo”: a busca pela autodeterminação dos povos colonizados e a tentativa de integração dessas regiões consideradas periféricas. Desenhava-se, assim, aquilo que vamos chamar de crítica anticolonial, um gesto intelectual que, a princípio, preocupava-se tanto com a demarcação de uma fronteira entre a Europa e o resto do mundo, quanto com a busca por uma caracterização específica do pecúlio negativo do colonialismo, em suas múltiplas dimensões sociais, culturais, econômicas e políticas.

Na esteira disso, a comunicação apresentada por Antonio Candido no *Terzo Mondo* buscou, já naquele momento, contestar algumas das ideias erigidas por diversas tradições do pensamento social e político brasileiro que pouco tensionavam a herança colonial legada às sociedades do continente. Em outros termos, o crítico buscou desvelar como o colonialismo desdobrou-se, no campo das representações intelectuais, em

³¹ Tradução própria. No original: “Se trata de un intento con amplias proyecciones de futuro, en cuanto permitiría un contacto más assíduo de los intelectuales latinoamericanos, una comunicación de sus respectivos aportaciones, una elaboración en común de la cultura de “nuestra América”. Sólo este proyecto es suficiente para justificar el viaje a Génova, si no fuera porque además se alcanzó un debate adulto sobre la problemática latinoamericana y se contribuyó al lanzamiento de una revista que puede ser un instrumento enriquecedor de las distintas líneas de acción intelectual de un continente al que se exige que entre en escena.”

“La Comunidad de Escritores es un organismo nascido incidentalmente en la reunión de Génova y por lo tanto independiente del Columbianum. Por ahora es un deseo más que una realidad, y su verdadera contextura se conocerá a partir del Congreso de México que lo dotará de estatutos y lo pondrá en marcha.”

formas específicas de ver o passado brasileiro a partir do que ele considerou alguns “artifícios ideológicos”.

2.3 Artifícios ideológicos

No encontro, Candido apresentou, em língua francesa, o texto “*Nature, éléments et trajectoire de la culture brésilienne*”³², produzido em 1965 e publicado dois anos depois nos anais do evento. Trata-se de um ensaio que buscou confrontar alguns discursos hegemônicos sobre as características centrais da cultura brasileira. Para o crítico, as elites intelectuais do país foram responsáveis por construir narrativas sobre “nossa civilização”, que, se olhadas em conjunto, representavam, em alguns casos, uma espécie de “pensamento bastante desejoso” ou a “projeção ideal de uma realidade que só imperfeitamente lhe corresponde.” (CANDIDO, 1967, p. 411).

Segundo o crítico, nessas narrativas encontram-se as bases de discursos “pretensamente verdadeiros” sobre o Brasil: a ideia de que somos um país vasto formado pela mistura de várias raças e pela convergência das suas contribuições culturais; que somos um povo cordial e alegre, onde tudo tendeu a dar certo; que aqui não existem preconceitos étnicos, visto que o país é fraterno e aberto; que nossa cultura é composta por diversas contribuições étnicas, de indígenas e africanos e mais tarde italianos, alemães, judeus e japoneses, que confluíram harmonicamente com a ajuda do “colonizador plástico”: o português. Candido (1967, p. 411) considera que essas premissas foram responsáveis por construir uma visão do país como uma nação aberta à universalidade, na medida em que nosso “convívio pacífico” formou uma sociedade que poderia ser “projetada para todo o mundo”.

Na visão do crítico, essas narrativas, embora não fossem um completo “falseamento da realidade”, procuravam ressaltar, antes de tudo, apenas o que se consideravam algumas das potencialidades não realizadas de nossa “civilização”. Traços que, por conta do próprio desenvolvimento histórico brasileiro, foram sendo “sufocados” e “omitidos”

³² Utilizamos aqui a tradução livre realizada por Laura dos Santos Paiva (UERJ).

em detrimento de outros elementos que se tornaram preponderantes. São “virtuais características positivas do Brasil” que, ao longo do tempo, encontram diversos obstáculos para serem realizadas. A tarefa do intelectual, segundo Candido, é tomar consciência dessas barreiras, analisá-las em perspectiva crítica e indicar possibilidades de saída para esses dilemas (CANDIDO, 1967).

O ensaio toma essas perspectivas historiografias pela tendência genealógica subjacente às narrativas. Trata-se de selecionar, no passado, elementos de nossa formação com a finalidade, em dado presente, de atingir um objetivo ideológico específico. Nesses discursos, coexistem, na visão de Candido, o realismo, como um desejo de compreender a realidade do país, e a utopia, como uma proposta de solução para nossos problemas, que se evidencia, por exemplo, no desajuste entre as jurisdições e a vida social; na desarmonia entre a diversidade social e o desejo por uma ordem unificadora; e exploração da ideia de cordialidade como compensação. Reside aí uma tensão histórica de fundo entre, de um lado, discursos que “distorcem a realidade”; de outro, visões que são “fiéis à realidade”, cujo desdobramento é a figuração de visões dualistas que tomam o Brasil ora de maneira pragmática, ora edênica. Segundo ele, essas percepções foram

particularmente fortes entre os portugueses e os espanhóis, que ao mesmo tempo sonhavam com *El Dorado* e, enquanto o procuravam, tomaram medidas muito concretas para desenvolver o ambiente natural.

[...] Esta visão contraditória permite publicar ao mesmo tempo, no início do século XVIII, um ‘documentário’ tão fundamentado e objetivo como o livro de Antonil sobre economia colonial, e a crônica barroca de Rocha Pita, que dissolve a realidade em lendas literárias (CANDIDO, 1967, p. 412).

Para ser mais específico: Candido indicou que, no âmbito da formação do Brasil, havia se desenhado uma oposição básica no seio da nossa criação cultural, formando duas tendências que, atuando como forças contrárias, se chocavam e engendravam uma condição de dependência cultural que submeteu o Brasil, de um lado, à idealização europeizante operada pela tentativa de importação mecânica do repertório externo à luz do processo colonizador; de outro, à tendência mais localista,

que deu sentido a uma “constatação objetiva” da própria realidade da nação (SIEGA, 2017, p. 171).

Essa “tendência genealógica” de selecionar ideologicamente no passado os elementos que servem à justificativa de certo discurso no presente pode ser compreendida como uma operação historiográfica (CERTEAU, 2011), na medida em que é costurada sobretudo em função do lugar social do intelectual, que no caso analisado por Candido está vinculado a grupos dominantes e à necessidade de construir uma autoimagem atrelada à ideia de “autonomia nacional”, sem deixar de pertencer a uma “ordem universal”. Por isso, para Candido, é no século XVIII, especificamente no Arcadismo, num contexto amplo de crise do sistema colonial, que a perspectiva genealógica se fortalece, posto que se olhava para o passado com o objetivo de selecionar nele alguns elementos adequados para uma visão nativista, mas que ao mesmo tempo “se aproximassem dos modelos europeus aos quais os estratos dominantes tendiam, rodeados por todos os lados pelos costumes, línguas e religiões dos ameríndios e dos africanos” (CANDIDO, 1967, p. 412).

Essas narrativas, portanto, funcionariam como artifícios ideológicos voltados à construção de certa ideia de nacionalidade brasileira. O maior exemplo, para Candido, é aquele relacionado às narrativas sobre a questão racial brasileira, elemento primordial nos debates sobre nossa formação. No século XIX, ressalta ele, o indígena passou a ser representado como um antepassado ideal de nossa “civilização”, enquanto o negro de origem africana foi tomado apenas como apêndice ou adereço. Em geral, as narrativas que reforçaram essa imagem operaram com o que ele chamou de “genealogia”, que “organiza-se por meio de uma espécie de automistificação em relação ao passado”, o que impediu o desenvolvimento de uma percepção clara sobre o problema da “discriminação racial” num país que, no século XIX, supostamente estaria caminhando de forma “independente” rumo à formação (CANDIDO, 1967, p. 412).

Um dos desdobramentos possíveis dessa leitura desembocou na hipótese da “harmonia racial brasileira” como elemento que diferenciaria o Brasil do restante do mundo, tópica que foi mobilizada por diversos intelectuais já no século XIX, mas sobretudo na primeira metade do XX,

com destaque para Gilberto Freyre. Sobre o tema, Candido utiliza-se de um exemplo curioso:

Se quiserem uma ilustração pitoresca do que acabo de dizer, tomo a liberdade de assinalar uma entrevista concedida há alguns anos por um eminente sociólogo à revista americana *Time*, onde este ousado analista da contribuição africana falava da falta de preconceito no Brasil e na sua obra, [...] e deu como prova de seus pontos de vista a presença [de sangue não branco] em suas veias, na proporção que ele fixou com precisão para deleitar os geneticistas, de 1/64, e que se devia ao casamento de um de seus ancestrais no século 16 com uma dessas encantadoras princesas de sangue brasileiro³³ (CANDIDO, 1967, p. 412, [acréscimos meus])

Salvo engano, o personagem a que se refere é justamente Freyre, um dos argutos intelectuais brasileiros responsáveis por essa “mistificação de nossa realidade” – nesse caso, pela inscrição no espaço público da ideia de “democracia racial”. O tom usado por Candido busca evidenciar exatamente o mecanismo ideológico presente na declaração do referido sociólogo, que, para ressaltar a importância das três raças para a constituição do Brasil, recorre ao exemplo da mistura genética. O que se pretende ressaltar, portanto, é que parte da historiografia brasileira estabeleceu uma mitologia acerca de nossa formação, focalizando sempre o caráter harmônico e confluyente de nossa sociedade, buscando atenuar as marcas de conflito que nos constituíam³⁴.

Essa visão “mitológica”, segundo Candido, teria um lastro histórico complexo: o senso de inadequação na sociedade brasileira, isto é, uma espécie de impossibilidade de se aplicar a visão europeia à realidade local, fazendo com que os artistas e intelectuais oscilassem entre a “representação deformada” e a “fidelidade à realidade”. Por isso, a solução

³³ No original: “Si vous voulez une illustration pittoresque de ce que je viens de dire, je me permets de signaler un interview donné il y a quelques années par un éminent sociologue à la revue américaine *Time*, où cet analyste hardi de l’apport africain parlait du manque de préjugé au Brésil, et dans son œuvre, et donnait comme preuve de la largesse de ses vues la déclaration dans ses veines, dans la proportion qu’il fixait avec une précision à ravir les généticiens, de 1/64, et qui était dû au mariage d’un de ses ancêtres au XVI^e siècle avés une de ces charmantes princesses du sang brésilien”

³⁴ Interessante salientar que, também em 1967, Candido publicou “Significado de Raízes”, prefácio à reedição de *Raízes do Brasil* (1936), obra de Sérgio Buarque de Holanda, em que ressaltou a importância teórica, epistemológica e historiográfica do trabalho de *Casa Grande & Senzala* (1933), de Freyre. No ensaio que estamos trabalhando, contudo, esse elogio é matizado.

foi uma espécie de “fuga para os sonhos”, deslocando as representações para o campo da utopia.

Cito para ilustrar o caso do bispo Azeredo Coutinho, curiosa mistura de liberalismo e obscurantismo, que fundou nos últimos anos do século XVIII o primeiro grande estabelecimento de ensino moderno do Brasil, o seminário de Olinda, em Pernambuco. Num estudo sobre o comércio português onde manifesta um mercantilismo atrasado, atravessado por vislumbres magníficos, propõe uma forma de desenvolvimento económico através do comércio do sal, que serviria ao mesmo tempo para incorporar os indígenas à civilização. Com base nas teorias pedagógicas de Rousseau, conclui que é preciso aproveitar as aptidões naturais do indígena, que seriam, neste caso, a propensão à navegação e à construção naval. De um modo geral: indígena bom navegador, madeira disponível para construção naval e maior extensão costeira, além de boas salinas confluiriam para o florescente comercial que enriqueceria o país³⁵ (CANDIDO, 1967, p. 413).

A visão de Azeredo Coutinho (1742-1821) à qual se refere Candido desnuda o contraste entre uma mentalidade europeísta e o dado social local. Para o crítico, essa idealização é perceptível também em outro conflito, nos âmbitos social e jurídico, entre a “superordenação legal” e a “ação real”. No século XIX, o Estado monárquico investiu na possibilidade de criar uma ordenação jurídica e administrativa baseava na projeção de um modelo ideal de civilização, ancorado no legalismo e no respeito à ordem. Por isso, o crítico ressalta que, nos meios intelectuais, os juristas eram considerados elementos importantes para a construção de um tecido social harmonioso e organizado. Contudo, havia uma oposição clara entre o ideal e a rotina, entre a norma e a vida prática. E exemplifica:

Mencionarei apenas um grande jornalista, João Francisco Lisboa, que na década de 1850 traçou um retrato incontestável da verdadeira fisionomia do sistema eleitoral [brasileiro], marcado por um fosso catastrófico entre

³⁵ No original: “Je cite pour illustrer le cas de l'évêque Azeredo Coutinho, curieux mélange de libéralisme et d'obscurantisme, qui fonda dans les dernières années du XVIIIème siècle le premier grand établissement moderne d'enseignement au Brésil, le séminaire d'Olinda, em Pernambuco. Dans une étude sur le commerce portugais où il manifeste un mercantilisme arriéré, traversé par des aperçus magnifiques, il propose une forme de développement économique au moyen du commerce du sel, qui servirait en même temps à incorporer les indigènes à la civilisation. Basé sur les théories pédagogiques de Rousseau, il conclut qu'il faut mettre à profit leurs aptitudes naturelles, qui seraient dans le cas le penchant pour la navigation et la construction navale. De l'ensemble: indien bon navigateur, plus bois disponibles pour la construction navale plus grande extension côtière plus bonnes salines, il concluait à un commerce florissant qui ferait la richesse du pays.

formas jurídicas bastante exigentes e o verdadeiro árbitro dos proprietários de terras que manipulavam votos de acordo com os seus interesses económicos, favorecidos pela dócil vigilância da administração do governo imperial³⁶ (CANDIDO, 1967, p. 414).

Para Candido, foi esse apego ao formalismo e à “abstração”, atrelado ao discurso da construção da ordem, que serviu de base para a estruturação de um arranjo social que prezava pela recusa à diversidade de nossa formação e atuava em contraponto à negatividade presente na pluralidade que nos constituía enquanto nação, impondo os tipos de vida e cultura europeus – embora esses, é importante dizer, também tenham por base a própria noção de mistura. Essa “ideologia oficial”, ligada às classes dominantes, à herança colonialista e às formas de dominação, investiu na imagem do Brasil fraterno e harmônico, assentado na convivência não violenta de raças e classes diversas, possibilitando a construção do mito de uma “civilização equitativa”.

O crítico ressalta que, a partir da segunda metade do século XIX, se desenvolveu um tipo de consciência histórica que buscava representar a sociedade brasileira como um todo integrado constituído por elementos antes depreciados. Ao longo do tempo, figuras como Carl von Martius (1794-1868) e Silvio Romero (1851-1914), por exemplo, teriam sido responsáveis por ressaltar o caráter mestiço de nossa sociedade, “de tal forma que as três raças acabaram por trocar todo o tipo de elementos”, fundindo-se [...] sob a égide de uma “cultura em que os elementos de origem europeia dominavam³⁷” (CANDIDO, 1967, p. 414). Como veremos adiante, embora haja, na visão de Candido, um avanço significativo em relação à “inclusão” das “três raças” no *hall* dos grupos responsáveis pela formação do Brasil, é fundamental perceber como, até o início do século XIX, negros e indígenas foram tomados de forma pitoresca, como

³⁶ No original: “Je ne ferai mention que d'un grand journaliste, João Francisco Lisboa, qui vers les années 1850, esquisse un tableau inoubliable du fonctionnement réel du système électoral, marque par un écart catastrophique entre des formes légales assez exigeantes et l'arbitre réel des seigneurs terriens qui faisaient manipuler les votes d'après leur intérêts économiques, par une administration docile que leur fournissait le gouvernement impérial”

³⁷ No original: “De telle façon que les trois races ont fini par échanger toute sorte d'éléments, par se fusionner à tous les degrés imaginables, sous l'égide d'une culture où dominant les éléments d'origine européenne”

apêndices do processo formativo capitaneado, essencialmente, pelo branco europeu.

Até por isso, na perspectiva de Candido, foi somente no século XX que se buscou desnudar de fato os aspectos dolorosos e desarmoniosos da diversidade social e racial brasileira, com destaque para Euclides da Cunha (1866-1909). Na jornada de Canudos, o escritor teria explorado a existência de dois Brasis contraditórios, que se repelem mutuamente, e cujo contato só pôde ser feito através da violência e do conflito. E completa, referindo-se ao livro *Os Sertões*.

Atrás da fachada construída por uma burguesia próspera que dava a si mesmo um brilho especial através das reformas urbanas da capital e do crescimento vertiginoso de São Paulo, descreveu as populações geralmente mistas, reprimidas e condenadas à miséria, esquecidas pelo isolamento e inconsciência dos estratos dominantes, explodido periodicamente em convulsões de messianismo religioso e afirmando-se apenas através do banditismo endêmico. Euclides da Cunha mostrou [...] que, tendo em vista essas populações, as camadas dominantes encontram como solução apenas a repressão desumana, em nome da civilização concebida, como gozo destinado à minoria (CANDIDO, 1967, p. 415)

Cabe dizer que, com o avançar dos estudos de historiografia literária, a obra de Euclides hoje é lida também por outros prismas. Luiz Costa Lima (2000), ao analisar os diários de viagem de Euclides que vão servir de base para a escrita posterior do livro, indica que o escritor desenhava já uma oposição básica que vai marcar sua narrativa sobre o povo organizado no Arraial de Belo Monte: de um lado, a “inexplicável capacidade tática e guerreira daqueles seres tão miseráveis”, aprisionados numa “condição de atraso”; de outro, uma “simpatia pelo homem do interior”, mergulhados numa “insciência deplorável”. Já em *Os Sertões*

Euclides professa um darwinismo antropológico difuso, para não dizer arbitrário. A desigualdade de potencial, inerente às raças, faria com que elas reagissem diversamente às coordenadas de tempo e espaço. De tempo: ‘raças’ inferiores, porque incapazes de abstração intelectual – argumento que ainda não está no Diário (LIMA, 2000, p. 15).

De todo modo, o gesto que procura ressaltar a existência de violência, miséria, conflitos e desigualdades, extrapolando as

“mistificações” presentes em diversas narrativas dominantes, faz com que Candido evidenciasse a obra euclidiana como um ponto de inflexão nas tópicas do pensamento social brasileiro. Ao colocar a violência no centro da problemática, diz Candido, soma-se a Machado de Assis, que, “espiando na própria estrutura das suas obras a dualidade fundamental do seu país”, apresenta uma “visão profundamente dramática de conflitos moralmente sangrentos, dos labirintos perversos da alma”; e a Graciliano Ramos e, sobretudo, Guimarães Rosa, este capaz de desenhar um “mundo convulsionado e fantástico” ao mesmo tempo (CANDIDO, 1967, p. 415).

Por fim, o crítico salienta que esse discurso corrente que ressalta o espírito de tolerância e compreensão como traço definidor da “identidade brasileira” se assenta, sobretudo, na noção de “cordialidade”, aqui tomada pela perspectiva de seu “formulador” primeiro, Ribeiro Couto (1898-1963). Couto considerava que a “civilização latino-americana” resguardava um espírito hospitaleiro e uma tendência à credulidade, pincelada com pitadas de afabilidade e maleabilidade, de modo que haveria um ajustamento quase natural das relações sociais, mesmo entre diferentes: “Somos povos que gostam de conversar, de fumar parados, de ouvir viola, de cantar modinhas, de amar com pudor, de convidar o estrangeiro a entrar para tomar café” (COUTO, 1931).

Candido, contudo, insiste que é necessário aprofundar a discussão sobre a semântica do conceito de cordialidade, mostrando, a partir de Sérgio Buarque de Holanda (1936), que o termo se refere menos à afabilidade e mais à tentativa de caracterizar as relações humanas a partir de um “tom pessoal”, de forma a subordinar as normas às vontades individuais – procedimento que, na prática, seria a antítese mesma da busca por uma harmonia social. E completa:

o postulado do homem cordial apareceria antes como uma construção ideológica, que prolonga por um lado a visão edênica que notamos para o início da colonização, mas que por outro seria uma espécie de camuflagem, servindo para esconder, sob uma máscara de falsa bondade, as desarmonias do subdesenvolvimento, a desigualdade social, a opressão das raças e a violência da repressão. A convicção de ser um homem cordial no sentido pleno dá aos brasileiros a consciência tranquila [...] e ajuda a formar

uma imagem do país bastante adequada à manutenção das dominações tradicionais³⁸ (CANDIDO, 1967, p. 416).

A percepção da cordialidade como elemento positivo que definiria o caráter nacional brasileiro encobriu o legado negativo do colonialismo. Essa é a leitura de Candido, mas era também a de Dante Moreira Leite (1927-1976), que em 1954 havia defendido, na FFLCH da USP, a tese “O caráter nacional brasileiro: descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologias e estereótipos”. Dante propunha a hipótese de que, a partir de paradigmas etnocêntricos, os intelectuais artífices da ideia de “alma cordial” teriam operado como ideólogos de um discurso que procurava atenuar os conflitos existentes na vida social brasileira. Para isso, ressaltavam nossa aptidão quase natural a um ajustamento das diferenças capaz de produzir uma sociedade equilibrada e conciliadora.

A comunicação de Candido, portanto, dialoga com os debates do campo intelectual brasileiro da época, mas também com as discussões travadas no próprio *Terzo Mondo*. Nas comunicações de Glauber, Cacá e Zea no *Terzo Mondo*, os problemas das sociedades latino-americanas foram tratados, também, como repercussões, dentre outras coisas, da herança colonial e escravista legada pelo longo processo de exploração econômica, política, social e cultural levado à frente pelos europeus na modernidade. No campo das artes/literatura, que é o mais trabalhado por Candido, mas também nas produções do pensamento social, certas narrativas serviram de alicerce à manutenção dessas estruturas de poder que estabelecem assimetrias estruturais entre centro e periferia do capitalismo mundial.

³⁸ No original: “Vu de cette façon, le postulat de l’homme cordial apparaîtrait plutôt comme une construction idéologique, qui prolonge d’un côté la vision édénique que nous avons constaté pour le début de la colonisation, mais qui serait de l’autre une espèce de vaste processus de comoufflage, servant à dissimuler sous un masque de fausse bonté les désharmonies du sous-développement, l’iniquité sociale, l’oppression des races, la violence des répression. La conviction d’être un homme cordial au sens plein donne bonne conscience aux brésiliens et finit par s’imposer aux autres peuples; et ele aide à former du pays une image quiconvient assez au maintien des dominations traditionnelles. Il est facile de constater que la même personne qui refuse comme trop brutale l’application d’une norme légale, et qui est prête, par gentillesse, à favorizes une prétention irrégulière, passe avec une insensibilité remarquable à côté de la mortalité infantine où de la faim endémique.”

No ensaio de Candido apresenta-se uma análise complexa de algumas das “mitologias” do pensamento brasileiro, mostrando seus artifícios retóricos e suas construções discursivas. O objetivo, sem dúvidas, era tensionar essas narrativas e movimentar a esfera pública em direção à crítica dos lugares-comuns que nos assolavam. Seria preciso “desmascará-los” com a finalidade de “intervir construtivamente” no desenvolvimento do país. Atinente às discussões do evento, assim, Candido desenvolveu uma análise que procurou desnaturalizar o colonialismo, adotando uma postura anticolonial, focalizando as estruturas arcaicas que assolavam a sociedade brasileira e que impediam a democratização e o desenvolvimento, à época ainda um *télos* possível para ele.

2.4 Dois gumes

Após a jornada europeia, no ano seguinte, em 1966, Candido foi convidado a participar de um evento na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos. Produziu, para o encontro, “Literatura de dois gumes”, publicado originalmente em inglês, em 1968, na *Luso-Brazilian Review*, com o título “Literature and the rise of brasilian self-identity”³⁹. Nesse ensaio, reiterou uma tese que já havia sido defendida anos antes: a da existência de um “sentimento de contrários” — a apropriação de um repertório cultural externo e a busca por uma autonomia local — que orientou a formação literária brasileira entre os séculos XVI e XIX. Esse vínculo entre as culturas periféricas e os elementos da cultura europeia são lidos por Candido agora a partir de uma complexa rede de relações que se constroem não de maneira mecânica e meramente adaptativa, mas sim pela marca indistinguível da violência do processo de ocupação, dominação e exploração europeia nas Américas, que, embora tenha sido possível através de mecanismos de poder, não impediu a potencialidade criativa e transfigurativa que formou nossa cultura em sua singularidade.

Escrito no calor do momento após a passagem por Gênova, esse texto, portanto, apresenta um vocabulário distinto daquele presente tanto

³⁹ Utilizaremos a versão traduzida, intitulada “Literatura de dois gumes”, publicada em *A educação pela noite* (2011).

na *Formação* quanto em outros escritos anteriores. Em grande medida, é possível identificar, no ensaio, uma apropriação de formulações intelectuais produzidas no evento, impactando diretamente a forma como Candido vai analisar a cultura brasileira e latino-americana. O ensaio, fruto de uma “experiência de viagem”, é ao mesmo tempo produto e artefato do conhecimento adquirido pelo crítico nas migrações fora do território brasileiro. Em outros termos, “as trocas e as relações (profissionais e pessoais) estão na base da definição e redefinição dos pontos de vista” (PEIXOTO, 2015, p. 22) construídos por ele na década de sessenta. É possível falar, portanto, que Candido é atravessado por uma condição epistemológica distinta: a “hermenêutica da distância” (TRAVERSO, 2012), isto é, uma condição epistemológica que permite o deslocamento de olhar, no caso dele uma forma específica de reanalisar problemas já colocadas pelos seus estudos de historiografia literária desde os anos 1940, mas que agora são vistos a partir de um referencial teórico, ideológico e conceitual distinto, dado, sobretudo, pelos deslocamentos fora do Brasil. É a distância que incorpora a diferença.

É importante ressaltar que esse ensaio se insere num conjunto mais amplo de reflexões sobre a realidade brasileira. Como mostra Fernando Perlatto (2021), entre os anos 1950 e 1960 as discussões sobre desenvolvimento, superação do atraso e os caminhos para se chegar ao moderno tomaram o centro da agenda intelectual nacional. Para uma série desses estudiosos, o Brasil seria um país fincado num “dualismo” básico, que opunha dicotomicamente, no seio da sociedade, aspectos “modernos” e “atrasados”. Esse tipo de interpretação do país foi dominante, de diferentes modos, nas reflexões da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e nas formulações de alguns setores do próprio Partido Comunista Brasileiro (PCB)⁴⁰.

⁴⁰ Como veremos no terceiro capítulo desta tese, a visão dualista foi hegemônica entre os anos 1950-1960, e depois destronada pela crítica dialética, que ganhou fôlego na década de 1970. Perlatto ressaltava inclusive outras obras e autores que enxergaram na formação do Brasil esse dualismo fundamental, como *Dualidade Básica da Economia Brasileira* (1953), de Ignácio Rangel, e *Os dois Brasis* (1959), de Jacques Lambert. Cf. PERLATTO, 2021.

No caso do ensaio aqui analisado, Candido tanto replica algumas dessas visões dualistas, apostando na ideia de “sentimento dos contrários”, ao mesmo tempo que busca tensioná-las, ressaltando que os dois polos não são estanques, mas sim que “em cada tendência” é possível enxergar elementos da “componente oposta”, possibilitando uma apreensão “da realidade em sua forma mais dinâmica, que é sempre dialética” (CANDIDO, 2011b, p. 198). Isto é, nos termos específicos da problemática do texto, o processo de formação da literatura brasileira e, por extensão, latino-americana, é analisado não somente como um procedimento de cópia dos moldes e modelos matriciais europeus, mas também pela incidência constante da luta por uma expressão cultural autônoma – processos que se imbricam e dão vida à própria dinâmica da nossa formação.

Em “Literatura de dois gumes”, o primeiro deslocamento argumentativo diz respeito à leitura sobre o processo de colonização das Américas. Para o crítico, o que antes, na *Formação*, era um “transplante” dos padrões europeus às Américas, agora é um processo de dominação, submissão e imposição cultural.

A instauração de uma cultura europeia no Brasil se deu a partir do deslocamento de outras culturas que já existiam aqui e não foi um processo natural, mas uma disputa violenta, um enfrentamento tanto cultural como militar. Em *Formação*, entretanto, a violência deste processo não recebe atenção e o global, ou europeu, se torna quase que naturalmente o ponto de chegada do próprio do local (LOTUFO, 2019: 51).

Ao verificar que o colonialismo é mais do que um processo “natural” de aclimatação e adaptação, como fazia crer parte da historiografia de elogio à ocupação europeia⁴¹, o crítico amplia a semântica do termo “colonização”, atrelando-o às ideias de embate e conflito, em que os elementos geral e particular, universal e local, em um complexo jogo de forças e tensões, produziram uma cultura específica, contaminada reciprocamente tanto pelo prolongamento do repertório externo quanto pela articulação do particular ligado à vida local. A desnaturalização do processo

⁴¹ O termo procura abarcar diferentes reflexões historiográficas sobre a formação colonial brasileira que produziram sínteses explicativas em sentido positivo e elogioso ao processo colonizador e aos desdobramentos do colonialismo. Nessa seara, destacam-se, por exemplo, Francisco Adolfo de Varnhagen e Gilberto Freyre. Cf. REIS, 2007.

colonial indica, portanto, que a formação da América Latina pode ser representada num tensionamento entre uma “dominação ideológica” (LOTUFO, 2019), como uma tentativa de imposição unilateral da visão de mundo europeia, e o caráter transfigurador da própria formação cultural e intelectual “americana” ao longo dos séculos.

A ligeira diferença no argumento nos parece indicar uma incorporação, ainda que parcial, do repertório presente nas discussões do *Terzo Mondo*. A análise das “literaturas nacionais da América Latina no que têm de prolongamento e novidade, cópia e invenção, automatismo e espontaneidade” (CANDIDO, 2011b, p. 199) lançou um novo olhar para as relações estabelecidas entre os colonizados e suas respectivas matrizes metropolitanas colonizadoras. O entendimento da empreitada colonial como um processo de dominação cujas bases são dinâmicas – com violências, disputas e conflitos — permitiu ao crítico reexaminar por outro prisma o fenômeno literário em contextos tidos como periféricos, focalizando mais as tensões e disputas do que propriamente a harmonia da formação cultural latino-americana. Esse é um dos primeiros indícios de que a visão funcionalista da *Formação*, preocupada em indicar os momentos decisivos da construção da ordem cultural brasileira, desloca-se para um olhar que identifica as clivagens e dissensos presentes no processo de constituição cultural da América Latina.

A discussão de abertura de “Literatura de dois gumes” tem a ver com a ideia de que, no processo colonial, houve uma imposição cultural e, por conseguinte, uma “adaptação” dos padrões estéticos e intelectuais da Europa às condições sociais do Novo Mundo – as Américas. Esta visão dá sentido positivo à formação literária nacional por seu caráter essencialmente europeísta. Os produtos estéticos que foram gestados nessas sociedades são, portanto, meros apêndices ou “galhos” dessas tradições construídas nas metrópoles. Nesse ponto, o ensaio é de fato um prolongamento do que foi defendido em *Formação da literatura brasileira*, ou seja, que nossa literatura foi produzida numa “passagem de tocha”, para usar a metáfora candidiana, cuja imagem é a de um encadeamento intelectual progressivo no plano das ideias, em que obras subsequentes

resgatam e replicam questões de textos anteriores, avançando nos argumentos.

Contudo, o ensaio vai além. Segundo Anita Moraes,

[...] ao invés de povos jovens e velhos, temos colonizados e colonizadores; os homens cultos agora fazem parte da classe dominante, estando a literatura implicada em práticas de conquista, opressão, violência. O que na *Formação* é “transplante” da cultura europeia, neste ensaio posterior é “processo colonizador”. [...] Nota-se que o estudioso mantém sua tese da tensão entre tendências universalistas e particularistas, ou seja, da adaptação das formas europeias para o tratamento da realidade local. Não se trata mais, porém, de um processo gradual (e penoso) de aclimatação, mas de um episódio da colonização (MORAES, 2015: 69).

O argumento de “Literatura de dois gumes”, assim, avança também em outra direção não tão explorada na *Formação*. Ao interpretar as características singulares dessa contato europeu com o continente americano e com os povos e etnias de cores e tradições diversas das europeias, que posteriormente vão se somar às centenas de milhares de pessoas trazidas do continente africano na condição de escravizados, Candido enxerga a produção de uma ambivalência: de um lado, a tentativa de imposição, por parte dos colonizadores, do que era produzido nas sociedades do Ocidente; de outro, como consequência desse processo, explode uma necessidade de exprimir e representar essa nova realidade natural e humana que foi encontrada no continente “descoberto”. A consequência disso é que a cultura europeia, diante da novidade, precisou conceber formas de experimentação artística nas Américas, isto é, adaptar, transformar e adequar a arte à realidade local, não apenas impor de modo enrijecido o repertório externo ao longo do processo de colonização (CANDIDO, 2011b, p. 199).

Outra questão importante diz respeito aos debates raciais. Candido procura se colocar contrário à visão de que a literatura brasileira seria o resultado da “atuação *ativa* de três raças”: a do português, a do índio e a do africano. Especialmente ao longo do século XIX e início do XX, a questão do cruzamento cultural multiétnico no Brasil solidificou-se como importante tópica da historiografia nacional. A ideia de pensar o país a partir das especificidades e peculiaridades populacionais, advindas sobretudo do

caráter multifacetado das “raças” residentes ao longo de todo o território, levou à produção de ensaios, artigos, livros e obras cujos sentidos se ligavam à tentativa de produzir sínteses que fossem capazes de explicar o passado brasileiro, apontando para um horizonte de consolidação de projetos de poder político no contexto de emergência da Monarquia e, depois, da República.

Antes de avançar sobre a visão de Candido, é fundamental dizer que esse debate tem um lastro importante nas produções da historiografia brasileira. A ideia de “mistura cultural e racial”, por exemplo, foi desenvolvida por Karl von Martius (1794-1868) no século XIX. Ao vencer um concurso feito pela revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1840, sobre “Como se deve escrever a historia do Brazil”, o alemão colocou em cena a seguinte tese:

Qualquer que se encarregar de escrever a História do Brasil, país que tanto promete, jamais deveria perder de vista quais os elementos que aí concorreram para o desenvolvimento do homem. São porém estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo particular três raças, a saber: a de cor de cobre ou americana, a branca ou caucasiana, e enfim a preta ou etiópica. Do *encontro*, da *mescla*, das *relações mútuas* e mudanças destas três raças, *formou-se a atual população*, cuja história por isso mesmo tem um cunho muito particular. (MARTIUS, 1844, p. 382).

Se não equipara em grau de importância a contribuição das “três raças”, Martius ao menos ressalta a participação *efetiva* que elas tiveram no processo de formação do país. A despeito disso, no texto prepondera a figura do homem branco europeu, que acaba por se sobrepor, em primeiro lugar, à figura do índio idealizado, colocado como fator secundário da formação, e depois à “raça negra”, nos próprios termos do alemão, a que menos teria contribuído⁴².

Na segunda metade do século XIX, Silvio Romero vai embalar a discussão ao interpretar, em perspectiva antropológica, a composição étnica da população brasileira a partir do parâmetro da mistura e do cruzamento de “raças” (indígenas, negros e brancos). No caso de Romero,

⁴² Para um debate mais aprofundado sobre a importância do IHGB e das teses de Von Martius, cf. Guimarães, 2000; Schwarcz, 1997.

porém, há uma longa discussão sobre a inevitabilidade e a positividade relativa dessa miscigenação, sobretudo pela possibilidade de se desenvolver um traço de originalidade local brasileiro, que, com o passar dos anos e o avançar da fusão étnica, levaria a nação a consolidar uma figura singular e genuína: o mestiço.

Sabe-se que a seleção natural na mestiçagem ao cabo de algumas gerações faz prevalecer o tipo da raça mais numerosa [...] a branca. Quase não temos mais famílias extremamente arianas; os brancos presumidos abundam. Dentro de dois ou três séculos a fusão étnica estará talvez completa, e o brasileiro mestiço, bem caracterizado. (ROMERO, 1953, p. 110).

Poucas décadas depois, a partir dos anos 1920, esse debate avança no ambiente intelectual brasileiro. Em *Casa grande & senzala* (1933), Gilberto Freyre buscou inaugurar uma linhagem de estudos raciais de cunho sociológico e culturalista, com vistas a romper com as teses tipicamente biologizantes que caracterizavam parte da produção intelectual nacional até a década de 1930. Para tanto, apostou na ideia de que foi o processo de mistura étnica que contribuiu decisivamente para a construção de um processo de formação singular no Brasil (ARAÚJO, 1994).

Para Benzaquen (1994), a argumentação freyriana se defrontou, de início, com duas perspectivas hegemônicas no campo intelectual brasileiro. A primeira, assentada na recepção positiva das reflexões racistas de Arthur de Gobineau (1816-1882) e Louis Agassiz (1807-1873), atacava a ideia de “mistura” racial. Nessa visão, argumentava-se que a miscigenação, ao produzir um cruzamento entre “espécies diversas”, produziria uma esterilidade cultural, comprometendo qualquer esforço de civilização, inviabilizando a formação do país. A segunda, em sentido oposto, vai recusar essa “condenação à barbárie” decorrente das misturas raciais, de modo que a miscigenação deixa de ser responsável por nossa ruína para se converter num mecanismo capaz de garantir, através da extinção da “questão racial”, a redenção do Brasil e seu conseqüente ingresso no concerto das civilizações.

Ambas, contudo, avaliavam de modo negativo a presença do negro no seio da sociedade brasileira. A diferença entre as duas percepções é que, na primeira, o constrangimento derivado dessa constatação

implacável torna a questão impenetrável e o problema insolucionável; na segunda, mesmo que haja uma herança negativa do passado colonial, seria possível e necessário superá-la através da mistura racial, que na prática seria a sobreposição das qualidades do homem branco ante a inferioridade negra. Como afirma Benzaquen, nos dois casos a operação por detrás da argumentação é a mesma: uma ideia de supremacia branca como forma de organizar a sociedade brasileira, de modo a espelhá-la às nações europeias.

Benzaquen mostra que Gilberto Freyre pretendia inaugurar uma terceira posição, cujo objetivo seria, antes de tudo, distinguir raça de cultura, valorizando em “pé de igualdade” as contribuições de negros, portugueses e indígenas – esses em menor grau – para a formação do Brasil.

Freyre pretendia construir uma outra versão da identidade nacional, em que a obsessão com o progresso e com a razão, com a integração do país na marcha da civilização, fosse até certo ponto substituída por uma interpretação que desse alguma atenção à híbrida e singular articulação de tradições que aqui se verificou (ARAÚJO, 1994: 30)

Essa seria, inclusive, a marca de distinção da brasilidade: a partir de uma relativa convivência racial pacífica, a mestiçagem produziria uma mistura de saberes, práticas e vivências de negros, indígenas e brancos, que, relacionando-se de modo harmônico, teriam construído um tecido social essencialmente democrático e estável.

A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido da aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sanduichada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação (FREYRE, 2006: 33).

Na hipótese de Freyre, a mistura de raças serviu para desestruturar os conflitos étnicos que poderiam surgir como decorrência do escravismo e da exploração dos indígenas por parte dos portugueses ao longo do processo colonial. Ao invés de uma sociedade marcadamente conflitiva, seccionada por “ressentimentos raciais”, erigiu-se um tecido social

democrático do ponto de vista da convivência entre as raças. Em outros termos, como indica Lilia Schwarcz,

Com efeito, com esse e outros trabalhos, Freyre fazia uma apologia da civilização luso-tropical [...]. Tratava-se de uma civilização simbiótica – que congregava de forma sincrética e feliz negros, índios e brancos – e pioneira em função da ausência de segregação e de uma miscigenação extremada e singular (SCHWARCZ, 1995, p. 22).

Antes de voltar à questão central – a entrada de Candido no debate racial – cabe uma objeção. A tese central de Benzaquen avança num ponto fundamental: embora Freyre pretendesse se distanciar das teses anteriores, em algumas passagens de *Casa Grande & Senzala* ficou evidente que “Gilberto realmente preserva [...] todo um vocabulário, marcado pelo louvor à biologia, que parece muito mais compatível com o determinismo racial do século XIX que com o elogio da diversidade cultural que ele desde o início procurou endossar (ARAÚJO, 1994, p. 31). Na visão de Benzaquen, a autoimagem construída por Freyre, segundo a qual suas ideias culturalistas se filiavam às inovações reflexivas de Franz Boas, não correspondia totalmente à realidade na medida em que o livro operava, um tanto mais, com as ideias neolamarckianas, que associavam a raça ao meio físico e à capacidade de adaptação.

De volta ao ponto central: apesar das especificidades, as teses de Martius, Romero e Freyre, assim, apontam para a ideia de que a colonização/formação do Brasil foi um processo de ajustamento *efetivo* e *ativo* de três raças, que dão suas contribuições em maior ou menor grau à civilização e à cultura nacionais. Pode-se falar, inclusive, que essas visões, a despeito das clivagens existentes em cada escrita da história específica, sedimentaram um projeto político-historiográfico que desagregou, mesmo de forma relativa e parcial, uma tradição que atribuía certo heroísmo unívoco ao português e à “raça branca” na jornada colonial nas Américas. Mais do que isso: essa hipótese, ao tornar-se paradigmática, vai ser constantemente reatualizada e reapropriada, ao sabor e ao gosto de cada contexto, para reafirmar a leitura de um Brasil avesso ao conflito e, portanto, pacífico e harmônico.

Candido finca um pé nesse debate, ainda que por um ângulo lateral, dado que seu interesse primordial é a literatura. Sua leitura sobre o debate racial brasileiro, portanto, atenta-se especificamente ao campo da cultura.

Quanto ao Brasil [...] [transmitiu-se] por vezes a ideia enganadora de que a literatura foi aqui produto do encontro de três tradições culturais: a do português, a do índio e a do africano. Ora, as influências dos dois últimos grupos só se exerceram (e aí intensamente) no plano folclórico⁴³; na literatura escrita atuaram de maneira remota, na medida em que influíram na transformação da sensibilidade portuguesa, favorecendo um modo de ser que, por sua vez, foi influir na criação literária. Portanto, o que houve não foi fusão prévia para formar uma literatura, mas modificação do universo de uma literatura já existente, importada com a conquista e submetida ao processo geral de colonização e ajustamento ao Novo Mundo (CANDIDO, 2011b, p. 199).

Na percepção de Candido, não houve participação *ativa* ou fusão das três raças no processo de formação da cultura brasileira. Ao contrário, o colonialismo foi responsável por domesticar as práticas culturais desses grupos étnicos distintos do “luso-brasileiro”. Em outros termos, o produto estético europeu, em choque com a materialidade do mundo colonial, acabou por se modificar e incorporar, ao menos no plano das temáticas, a diversidade dos personagens que compõem o mosaico nacional. Contudo, não se operou uma abertura de espaço à pluralidade de vozes desses sujeitos subjugados pela empreitada colonial.

No caso latino-americano, Candido defende que a literatura foi, em primeiro lugar, uma expressão da cultura do colonizador; depois, tornou-se a expressão do colono de origem europeia. Em ambos os casos, portanto, a posição decorrente da condição de dominação serviu, quase sempre, como forma bastante eficaz de impor um conjunto de valores às culturas consideradas “primitivas” que compunham o mosaico social e cultural nativo. A literatura, assim, funcionou como componente central do processo colonizador. Com raras exceções, como ao fato de ao longo do território brasileiro as culturas dominadas terem sido permitidas como “apêndice” ou

⁴³ No conjunto da obra de Candido, esse conceito encontra difícil definição. Em alguma medida, associa-se, quase sempre, às expressões culturais não eruditas ou às formas literárias “não consagradas”. Para Anita Moraes (2012: 5), “o folclore se caracteriza, na perspectiva do autor, pela pouca autonomia da palavra quanto a elementos performáticos, que são também sonoros e visuais”.

como “elemento pitoresco” e como forma de “realçar, distinguir e criar um contraste com a cultura dominante”, na maioria dos casos essas manifestações dos indígenas e dos africanos encontraram uma série de restrições às suas expressões. Para ele, portanto, nesse processo de imposição cultural, a literatura realizou trabalho importante, pois serviu de mecanismo de controle dos povos dominados aos ditames e às regras dos colonizadores (CANDIDO, 2011b).

Esta conclusão se liga diretamente a um dos traçados presentes nos debates de Gênova: os mecanismos que conformaram – e perpetuam – a dominação colonial. Contudo, se a ideia do ensaio é ver em cada tendência analisada a sua “componente oposta”, conforme mencionado acima, Candido então procura caminhar também em outra direção aberta provavelmente a partir dos debates do “Terzo Mondo”: a questão da autodeterminação dos povos colonizados. Candido identifica que a colonização portuguesa, a partir do crescimento da exploração e da tentativa de imposição cultural, produziu sua própria contradição, na medida em que consolidou as classes dominantes no período colonial e, por conseguinte, abriu espaço para os choques destes grupos com os interesses metropolitanos (CANDIDO, 2011b: 202).

Essa, por exemplo, é a posição de Ángel Rama, que apresentou a comunicação “Sentido y estructura de una aportación literaria original por una comarca del Tercer Mundo: Latinoamérica⁴⁴”, na qual, dentre outras coisas, desenvolveu uma leitura sobre os desdobramentos do colonialismo europeu nas Américas. Para o crítico, toda a cultura do subcontinente foi submetida à lógica “metropolitana”, de modo que as contribuições de africanos e indígenas se tornaram pouco “originais” e “autônomas”. Desdobra-se disso a ideia de que, essas duas culturas “periféricas” só podem sobreviver se inseridas e processadas no interior da cultura dominadora, jamais independente dela.

Nem as culturas africanas têm a possibilidade visível de desenvolvimento autônomo dentro do continente americano, nem as culturas indígenas podem cobrir o salto no tempo necessário para alcançar e superar as culturas ‘criollizadas’ europeias. Eles ocuparam a América e lá ela

⁴⁴ Anos depois, em 1979, o texto original foi publicado nos *Cuadernos de Cultura Latinoamericana*, da Universidade Nacional Autônoma do México. Cf. RAMA, 1979.

permanece sólida. Tanto o primeiro quanto o segundo estão destinados a morrer, e só podem inserir seus próprios elementos nessa cultura europeia-americana, ou ocidental, ou atlântica, conforme desejado⁴⁵ (RAMA, 1979, p. 9)

A posição “fatalista” de Rama encontra ecos no ensaio de Candido. Contudo, a posição do crítico brasileiro é ligeiramente distinta. Para ele, embora haja “imposição cultural” europeísta, o processo comportou mediações que abriram brechas à manifestação de elementos tipicamente locais. Nesse momento, o crítico tece forte crítica à leitura dos românticos de que o caráter alienante da importação das formas culturais europeias levou a elite cultural brasileira a uma situação dificultosa, na medida em que precisou se chocar com esse afluxo externo no momento de exprimir suas próprias ideias. Na verdade, ao manter amplas relações com a realidade social que a circunda, a literatura latino-americana incorporou boa parte das contradições políticas, econômicas e sociais existentes no subcontinente, e as levou ao plano da elaboração estética – temática e formal. Sendo assim, a “adaptação” do elemento europeu ao meio “americano”, embora tenha sido possível graças às formas de dominação, não impossibilitou totalmente a expressão local. O exemplo mais bem acabado, para Candido, é o desenvolvimento do sentimento de reação à colonização, presente, por exemplo, nas chamadas Academias Literárias, que realizaram uma ampla pesquisa sobre o passado nacional e, com isso, “valorizaram as figuras dos brasileiros natos e exaltaram a importância dos seus feitos, acentuando os traços próprios do País e preparando deste modo as atitudes nacionalistas em embrião.” (CANDIDO, 2011b: 202)

Essa ambivalência, fruto da exploração intelectual europeia sobre o cenário brasileiro, segundo ele, levou à consolidação de obras como *O peregrino da América* (1728), de Nuno Marques Pereira; *História da América Portuguesa* (1730), de Sebastião Rocha Pita; *O Uruguai* (1769), de Basílio da Gama; *Vila Rica* (1776), de Cláudio Manuel da Costa; e

⁴⁵ Tradução própria. No original: “Ni las culturas africanas tienen posibilidad visible de desarrollo autónomo dentro del continente americano, ni las culturas indígenas pueden cubrir el salto en el tiempo necesario para alcanzar y superar a las culturas europeas acriolladas. Estas han ocupado América y allí se mantiene sólidamente. Tanto las primeras como las segundas están destinadas a morir, y sólo pueden insertar elementos propios dentro de esta cultura europea americana, u occidental o atlántica, como se quiera.”

Caramuru (1781), de Santa Rita Durão. Sobre elas Candido (2011b) lança um duplo olhar: de um lado, a ideia de que consolidaram um conformismo com relação à colonização, colocando-a como justa, aceitável e fecunda, posto que implementou um conjunto de valores morais, políticos e religiosos capazes de “civilizar a barbárie” do Novo Mundo. Por outro lado, nessas mesmas obras seria possível enxergar a gestação de alguns sentimentos importantes que, mais à frente, alavancariam o desejo de emancipação: em Rocha Pita, por exemplo, elabora-se um nativismo que sustenta a possibilidade de traçar uma diferenciação do país com relação à metrópole; em Basílio da Gama, ao passo que havia o elogio da ação do Estado na guerra contra as missões jesuíticas no Sul, havia também um interesse pela ordem natural da vida indígena e pela beleza do mundo americano, visão que posteriormente vai ser retomada pelo indigenismo; no *Caramuru*, de Rita Durão, a incorporação das ambiguidades da sociedade local valia como “glorificação do português e como glorificação do País, onde o brasileiro já começava a sentir-se coagido pelo sistema colonial” (CANDIDO, 2011b, p. 203).

O que há de mais interessante no desenvolvimento do argumento é a ideia de que, sobretudo a partir do século XVIII, esse processo de importação da cultura e da literatura europeias nas colônias levou à criação de novos temas literários e de novas maneiras de tratar os velhos problemas. Em outros termos, algumas obras, ainda que possibilitassem um reforço da ordem política e cultural dominantes, passaram a se utilizar mais de sugestões, personagens e cenários locais, o que, para o crítico brasileiro, acabou por funcionar como uma possibilidade de afirmação das peculiaridades nacionais, abarcando sentimentos singulares contra a “superimposição externa” (CANDIDO, 2011b, p. 203). Assim, o que antes era mera “imposição” vai se tornando, aos poucos, adaptação, no sentido de transformação, e a literatura que se exprime no Brasil e no resto da América Latina mudaria sua caracterização: de mera herança cultural europeia incontornável à condição de composição cultural por meio da qual os grupos dominados também podem se expressar, ainda que de forma relativa e fragmentada.

Para Candido, ademais, a força dessa produção fez com que a cultura latino-americana, especialmente no alvorecer do século XIX, caminhasse em duas direções: de um lado, aproximou-se de uma “tendência transfiguradora”, que permitiu a reapropriação e a transformação de todo o aparato intelectual e poético importado ou imposto pelas metrópoles no processo de colonização; de outro, seguiu a tendência genealógica e fez uso ideológico do próprio passado colonial com vistas à sedimentação, em determinado presente, das configurações literárias em relação íntima com seus desejos por autonomia e independência. Segundo ele, são dois expedientes importantes que vão conformar boa parte do que se produziu na América Latina, no âmbito estético e artístico, ao longo do Oitocentos.

No caso da transfiguração da realidade, retoma *Visão do paraíso*, de Sérgio Buarque de Holanda (1958), que teria mostrado

[...] que a colonização do Brasil sofreu a influência (mesmo freada pelo realismo português) duma série de imagens ideais a respeito da beleza, riqueza e propriedades miraculosas do continente americano, imagens bem representadas pela famosa lenda do *El Dorado*, que obseou tanta gente. Este movimento da imaginação pode ser também considerado uma forma de orientar inconscientemente a realização da Conquista, pois permitiu não apenas estimular a exploração de recursos naturais, mas, indiretamente, penetrar na vastidão desconhecida e submetê-la às normas e à cultura impostas pela Metrópole. (CANDIDO, 2011b, p. 203).

Acontece que essa imaginação literária, segundo ele, gerou duas consequências: de um lado, transfigurou a realidade da terra; de outro, submeteu-a a uma descrição objetiva, tornando o processo algo contraditório. A atitude transfiguradora poderia ser vista, de forma mais aberta, nos séculos XVII e XVIII, na linguagem de feição barroca, em que parece se ampliar o “domínio do espírito sobre a realidade” (CANDIDO, 2011b, p. 204). A explicação é que nessa expressão literária a natureza brasileira, por exemplo, passou a ser ainda mais representada, de forma alegórica, a partir de sua grandiosidade, o que servia como uma espécie de compensação diante das constatações de atraso, pobreza de recursos e toda sorte de problema congênito de ordem social. Como fator ideológico, esse estilo, de acordo com o crítico, “compensa de certo modo a pobreza

dos recursos e das realizações, e, ao dar transcendência às coisas, fatos e pessoas, transpõe a realidade local à escala do sonho” (CANDIDO, 2011b, p. 204).

Entretanto, Candido ressalta que se desenvolveu, de maneira paralela, uma forma literária que prezou pela “representação direta da realidade”. Fortemente atrelada à emergência do século XVIII, em especial às circulações intelectuais fruto da Ilustração, adquire feições de crítica social e acaba por rascunhar o que mais à frente se desenvolveria como uma certa “consciência nacional”. O exemplo mais importante, segundo ele, são *As cartas chilenas* (1845), escritas por Tomás Antônio Gonzaga, que circularam na região de Vila Rica no contexto da Inconfidência Mineira. No poema são expostos, de forma veemente e satírica, argumentos críticos contrários aos desmandos administrativos e abusos do poder no governo das Minas Gerais, região que à época vivenciava, ainda, os impactos importantes da exploração mineradora.

Alguns escritores, misturando tanto a visão utópica dos nativistas transfiguradores da realidade quanto a mentalidade dos precursores do nacionalismo, chegaram a delinear algumas formas de crítica no sentido de perceber o que havia de danoso na manutenção e perpetuação do pacto colonial europeu.

E os que se reuniram a fim de debater e aventar soluções para tais problemas foram presos, processados, exilados, infamados socialmente, tanto na repressão da Inconfidência Mineira, de 1789, quanto da que se poderia chamar Inconfidência Carioca, de 1794. Esses poetas, eruditos, sacerdotes exprimem a maturidade da inteligência brasileira aplicada ao conhecimento e à expressão do País. A sua tomada de posição, que caro lhes custou, pode ser considerada o primeiro sinal concreto do movimento que terminaria com a independência política em 1822. E isto mostra como a literatura foi atuante na imposição dos padrões culturais e, a seguir, também como fermento crítico capaz de manifestar as desarmonias da colonização.

[...] Feita a independência política, difundiu-se entre os escritores a ideia de que a literatura era uma forma de afirmação nacional e de construção da Pátria; daí subsistirem, como antes, os dois aspectos indicados. (CANDIDO, 2011b, p. 2007).

É o novo gênero do romance, especialmente a partir de 1840, que vai se constituir como um instrumento de “sondagem social” capaz de explorar, de forma crítica e poética, a vida na cidade e no campo, abarcando classes e grupos sociais distintos, na busca por esboçar um quadro denso e complexo da nação em construção. Nos dizeres de Bakhtin (1988, p. 400), “o romance tornou-se o principal personagem do drama da evolução literária na era moderna precisamente porque, melhor que todos, é ele que expressa as tendências evolutivas do novo mundo”. O que Candido vai chamar de tendência genealógica, inclusive, emerge disso: a existência, na literatura, de um uso ideológico do passado para reafirmar alguma posição em determinado ponto do presente nos séculos XIX e XX, a partir das amplas transformações e modificações sócio-históricas que afetavam o Brasil e a América Latina.

De fato, a “tendência genealógica” consiste em escolher no passado local os elementos adequados a uma visão que de certo modo é nativista, mas procura se aproximar o mais possível dos ideais e normas europeias. Como exemplo para ilustrar este fato no terreno social e no terreno literário, intimamente ligados no caso, tomemos a idealização do índio. Àquela altura, nas zonas colonizadas este já estava neutralizado, repellido, destruído ou dissolvido em parte pela mestiçagem. Para formar uma imagem positiva a seu respeito contribuíram diversos fatores, entre os quais a condição de homem que os jesuítas lhe reconheceram; a abolição da sua escravização em meados do século XVIII; o costume dos reis portugueses de conferir categoria de nobreza a alguns chefes que, nos séculos XVI e XVII, ajudaram a conquista e defesa do País; e finalmente a moda do “homem natural”. Tudo isso ajudou a elaborar um conceito favorável, não sobre o índio de todo o dia, com o qual ainda se tivesse contato, mas sobre o índio das regiões pouco conhecidas e, principalmente, o do passado, que se pôde plasmar com a imaginação até transformá-lo em modelo ideal (CANDIDO, 2011b, p. 208-209).

No Indianismo e no Romantismo brasileiros, essa visão teria se fortalecido no intuito político das elites locais de negar os valores ligados à colonização portuguesa. A busca por uma diferenciação entre colônia e metrópole levou à articulação, no plano literário, de uma narrativa capaz de buscar no próprio passado nacional uma contribuição para o germinar da brasilidade. O índio, por exemplo, vira símbolo nacional de afirmação das particularidades locais, ainda que enxergado de forma exótica e alegórica.

Retoma-se a discussão sobre a “contribuição” dos nativos à formação da literatura brasileira: pelos critérios de Candido, especialmente ligados à noção de sistema literário (autor, obra e público), a influência é remota. Do ponto de vista temático, enquanto elemento constitutivo do “espírito nacional”, é retomado, portanto, de forma folclórica e caricatural.

Trata-se, em certa medida, de uma postura crítica em relação às recorrentes imagens construídas anteriormente sobre a complexa formação multiétnica brasileira e latino-americana. Candido não nega a importância social de “negros e índios” para a construção dessas nações. O que procura discutir e colocar como ponto de análise é o fato de que, por um lado, a essas etnias foi dispensada toda sorte de violência, exploração e cerceamento como forma de controle e imposição cultural do repertório externo produzido no âmbito das metrópoles. O que ele não nega, também, e é aqui que seu argumento avança com mais força, é o fato de que a empreitada colonizadora europeia na América Latina, em especial no Brasil, criou ela própria a força motriz que a partir do século XVIII consolidou um sentimento nacional e anticolonial que levou tanto à emancipação política quanto à busca por emancipação estética.

Em linhas gerais, portanto, “Literatura de dois gumes” mostra que as literaturas produzidas na periferia do capitalismo são sempre o resultado de um processo dualista entre o geral (a mentalidade e as normas da Europa) e o particular (aspectos próprios da localidade). Ao avançar na hipótese de que toda produção estética latino-americana, em específico, é um jogo complexo e assimétrico de forças “locais” e “universais”, “nacionais” e “internacionais”, que se manifestam sempre de forma entrecruzada, em choques, conflitos e dilemas Candido toma como regra geral a ideia de que as culturas de caráter pós-colonial⁴⁶ têm como característica central a elaboração de produtos estéticos tomados pelo caráter ambivalente do mundo.

Isso, na visão de Candido, a despeito de movimentações artísticas que colocavam como *télos* tanto a possibilidade da originalidade absoluta

⁴⁶ Cabe aqui uma ressalva importante de que usamos o termo pós-colonial, em primeiro lugar, no sentido cronológico, relacionado ao período pós-independência. Para um debate mais aprofundado sobre isso, cf. BALLESTRIN, 2013.

quanto o desejo pela reflexividade, no sentido de espelhamento total da realidade. Por um lado, é o caso do Romantismo, que, atrelado à missão de difusão do “espírito nacional” e atravessado pelo sentimento de euforia⁴⁷, embebia-se às vezes da ingenuidade de tentar suprimir todo e qualquer tipo de contato com o influxo externo de ideias. Outro caso mencionado por ele é o do Classicismo e da “literatura colonial”, que ao longo do tempo foram convencionalmente consideradas apenas um conjunto de produções ligadas à norma europeia, reflexas, ou seja, produtos estéticos que perseguiram a cópia das molduras culturais da metrópole (CANDIDO, 2011b).

Na busca pelo “sentimento dos contrários”, o crítico vai identificar, em primeiro lugar, a outra face desse Classicismo, em que a escritura que tentava estabelecer um contraste com relação ao “primitivismo reinante” na Colônia levou à preservação da existência da própria literatura. Ao tentar fazer do escritor um cidadão da “república universal das letras”, foi “fator de civilização do país” e neutralizou o perigo de “absorção” da cultura pelo “universo do folclore”.

Daí a sua capacidade crítica, às vezes mesmo a sua rebeldia, como verificamos em diversos aspectos da obra de Gregório de Matos, ou, de modo mais engajado, nos poetas chamados arcádicos do século XVIII. Portanto, o que havia de negativamente artificial na moda clássica foi compensando por esta circunstância, graças à qual certos escritores de valor dos séculos XVII e XVIII parecem às vezes menos provincianos, mais abertos para os grandes problemas do homem do que muitos românticos do século XIX, enrolados no egocentrismo e no pitoresco. (CANDIDO, 2011b, p. 214).

Candido considera, portanto, que essa “abertura à universalidade”, antes de servir de alinhamento mecânico e automático da produção literária periférica às regiões centrais, trouxe de positivo a possibilidade de traçar uma linha de contraste entre a “civilização europeia” e o “meio rústico colonial”. E é exatamente nessa condição de diferenciação que se desenha, de forma paulatina, uma consciência do que tornam assimétricas as relações entre periferia e centro do capitalismo mundial. Nesse sentido,

⁴⁷ A ideia de um “nacionalismo eufórico” vai ser melhor desenvolvida, na perspectiva de uma consciência histórica, no ensaio “Literatura e subdesenvolvimento” (CANDIDO, 1970).

o que o crítico considera interessante, de todo modo, é uma continuidade histórica entre a literatura da colonização e o Romantismo, posto que ambas estavam orientadas pela mesma tendência, isto é, o duplo processo de integração e diferenciação, de incorporação do geral (mentalidades europeias) para obter a expressão do particular, ou seja, os aspectos novos que iam surgindo no processo de amadurecimento do país. As “literaturas nacionais da América Latina” e cultura periférica em geral, portanto, são originais pelo que “têm de prolongamento e novidade, cópia e invenção, automatismo e espontaneidade” (CANDIDO, 2011b, p. 199).

No contexto latino-americano, as relações estabelecidas entre os colonizados e suas respectivas “matrizes metropolitanas” se deram a partir de um processo violento e impositivo, mas também dinâmico e dialógico. É essa a hipótese central do texto de Candido. Ela recusa a ideia de que o colonialismo é mera imposição do dominador sobre o dominado, e que, portanto, as culturas periféricas são apenas cópia do “espírito europeu”. Explorando a tese já conhecida da existência de um “sentimento de contrários” — a apropriação de um repertório cultural externo e a busca por uma autonomia local — que orientou a formação literária brasileira entre os séculos XVI e XIX, as ideias de Candido que aqui analisamos, produzidas “na esteira” do encontro de Gênova, ampliaram o horizonte analítico construído em seus clássicos da década anterior. Ao invés de falar apenas em “transplante” dos padrões europeus às coloniais, ressalta a condição *impositiva-adaptativa* desse contato e, especialmente, o potencial transfigurador da “formação americana” ao longo do processo colonizador.

Nesse sentido, o argumento encaminha-se para a seguinte leitura: a formação cultural e social latino-americana foi construída pelo choque em que o geral e o particular, o universal e o local, em um complexo jogo de forças, produziram uma cultura específica e singular, com seus traços de continuidade em relação ao repertório externo e de particularidade ligada à vida local. Essas disputas se deram tanto de forma violenta e impositiva, dada a dominação metropolitana, quanto criativa e negociada, dada a capacidade “americana”.

O ensaio “Literatura de dois gumes” ecoa parte do vocabulário político-cultural, das categorias analíticas e das perspectivas teóricas de

caráter anticolonial que foram elaboradas no até hoje pouco conhecido encontro do *Terzo Mondo*.

2.5 Repertório anticolonial

Nas últimas décadas, toda uma tradição de estudos pós-coloniais e decoloniais se desenvolveu na América Latina. Anibal Quijano (1997), por exemplo, considera que a “modernidade europeia” foi construída a partir da relação com o Outro, marcado pela diferença em relação à “identidade ocidental”. Dessa contraface surge o que o autor considera a colonialidade, uma expressão desse ser moderno, projetada nas regiões ocupadas pelos europeus, que transcende os particularismos próprios da empreitada de dominação, criando uma dimensão lógica da existência social que não desaparece, no caso da América Latina, com as independências políticas no século XIX. Em outros termos, a colonialidade é lida como parte constituinte e constitutiva da modernidade, posto que foi em decorrência da expansão marítima europeia pós século XVI que germinou, em primeiro lugar, uma nova economia mundial pautada na lógica do capitalismo emergente; e que depois o próprio continente europeu pôde se autoconstruir do ponto de vista étnico, cultural e econômico, a partir da definição de um Outro com o qual não queria se identificar.

Como mostra Enrique Dussel (1993), se o europeu se autoproclamava “vocacionado”, do ponto de vista da consciência histórica, a nomear tudo o que existia no mundo material, esse sujeito cognoscente buscou construir, para si e para o Outro, o próprio sentido atribuído àquele que não pertence à sua identidade. Essa “projeção de si no Outro”, típica da modernidade/colonialidade, é garantida a partir de um mecanismo fundamental: a violência. Não restrita aos elementos físicos, adotou feições simbólicas, culturais e intelectuais, de modo a se transformar em motor fundamental do processo de conquista e subjugação “Novo Mundo” ao longo da modernidade.

Também podemos ver acepção parecida nas reflexões de Walter Mignolo (2005), que se debruçou sobre as formas de perpetuação do complexo epistemológico e metafísico europeu sobre a América ao largo

de toda a persistência da colonialidade, desde o século XVI até o século XX. Entendida como uma “diferença colonial”, essa narrativa etnocêntrica sustentou a distinção dos povos “ocidentais” em relação a tudo o que era encontrado no “Novo Mundo”. Essa diferenciação, ao invés de buscar equalizar os antagonismos sociais existentes entre as culturas, na verdade serviu de justificativa à inferiorização e à dominação europeia em meio à expansão da própria matriz capitalista europeia moderna.

Seria de todo exagerado considerar, até por uma indigência anacrônica, que Candido compartilharia das leituras pós-coloniais ou decoloniais. Alguns dos gestos do crítico nos anos 1960, como vimos neste capítulo, indicam uma direção que deve ser considerada: a tentativa de desestabilizar algumas das teses que acomodavam o legado colonial na América Latina numa perspectiva positiva, ora tomando-o como inevitável, ora como agente incontornável da “civilização”. Para ele, o colonialismo europeu que se impôs no espaço latino-americano utilizou-se de ferramentas sofisticadas de dominação, garantindo o vigor de suas expressões; porém, teve de fazer isso não sem enfrentar instabilidades, choques, entrecruzamentos, resistências e recriações. A relação é de conflito transcultural, não só de mera imposição, embora as assimetrias nas relações de poder entre centro e periferia estivessem bem demarcadas.

Com isso, é possível afirmar que Candido se distancia de certas tradições do pensamento brasileiro que, em tons quase elogiosos à colonização ibérica, atenuavam as mazelas do colonialismo e insistiam no caráter plástico e harmonioso como legado positivo da colonização para caracterizar a formação da subjetividade brasileira. O crítico, então, atacou também “lugares-comuns” da historiografia brasileira da época: a tese da “cordialidade”, levantada por Ribeiro Couto e outros, que para ele era tomada como forma de definir o latino-americano a partir de características como pacifismo, tolerância, compreensão etc.; e a ideia de “democracia racial”, que se desdobra do pensamento freyreano e procurava enxergar nas questões raciais brasileiras um processo de ajustamento que teria produzido uma “harmonia étnica”.

Em “Natureza, elementos e trajetórias da cultura brasileira” (1965) e “Literatura de dois gumes” (1966) evidencia-se ainda a persistência de uma

visão situada na fronteira entre o funcionalismo e o estruturalismo, que toma a realidade a partir de oposições binárias em constantes choques, verificando as funções exercidas por cada um dos elementos analisados na organização e composição da sociedade. Essa percepção aparece, por exemplo, na sua interpretação sobre a questão colonial na América Latina: de um lado, a dominação europeia e a inevitável influência externa para a construção da cultura latino-americana. De outro, a luta constante por uma autonomia poética da literatura periférica, em choque contra o poder colonial.

Acontece que, nessa ensaística da segunda metade dos anos sessenta, a leitura de *Candido* avança também, no sentido sociológico e historiográfico, em outra direção: em primeiro lugar, o que antes era uma “aclimatação” ou adaptação quase natural do elemento colonial na América agora é percebido como um processo cheio de rasuras e fissuras, dada a caracterização violenta do imperativo europeu no “Novo Mundo”. Essa adjunção fica perceptível na ampliação dos conceitos utilizados para compreender o fenômeno literário latino-americano, isto é, na incorporação do repertório anticolonial apreendido a partir da hermenêutica da distância possibilitada pelas circulações internacionais.

De modo geral, essas viagens possibilitaram, também, o desenvolvimento de outros interesses de pesquisa por parte de *Candido*. É o que veremos em relação a sua passagem pelos Estados Unidos em 1968 e sua preocupação em estudar a chamada ficção naturalista latino-americana.

3. Alegorias do Brasil

Jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles (CALVINO, 1990).

3.1 Desleitura deliberada

No ano de 1970, Antonio Candido redigiu e publicou o ensaio “Dialética da Malandragem⁴⁸”. No texto, analisou o romance *Memórias de um sargento de milícias* (1853), de Manuel Antonio de Almeida, a fim de verificar como o enredo, fincado no Brasil do século XIX, um país atravessado pelo escravismo e pelo regime monárquico, buscou representar ou alegorizar a sociedade brasileira para além dos reiterados conflitos entre escravizados e senhores. O foco do romance, na leitura de Candido, seriam os sujeitos “livres”, situados socialmente, dadas as condições da época, entre os polos da ordem e da desordem, entre o lícito e o ilícito, produzindo uma forma de vida específica que vai marcar a própria construção da sociedade brasileira.

Um dos maiores interlocutores de Candido, figura posicionada na margem oposta de suas searas teóricas, Haroldo de Campos (1929-2003) identificou nesse escrito uma abordagem inusual do fenômeno literário e um desvio de sua própria rota intelectual:

‘Romance malandro’, assim batizado por Antonio Candido em *‘Dialética da malandragem’* (1970), ensaio que, a meu ver, num certo sentido, representa a *‘desleitura’* deliberada, pelo crítico, da *estrada real topografada* em sua *Formação*. Aqui a história passa a ser o produto de uma *construção*, de uma apropriação re-configuradora, ‘monodalógica’, na acepção de Walter Benjamin. Distinguindo o romance malandro da ‘picaresca’ europeia, Candido reconhece nele elementos arquetípicos de matriz *folclórica* e um fermento vivo de realismo popularesco. [...] Na medida em que tradição ‘malandra’ seria um outro nome para *‘carnavalização’*, ela retroage ao *Barroco* [...]: espaço *lúdico* da *polifonia* e da linguagem *convulsionada* (CAMPOS, 1992, p. 224, *grifos meus*).

⁴⁸ Destinava-se a um livro de homenagem a João Cruz Costa, que acabou não sendo publicado a pedido dele próprio. Saiu então na Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, nº 8, em 1970, com dedicatória a João e o acréscimo de um subtítulo: “Caracterização das Memórias de um sargento de milícias”.

O mergulho de Candido na literatura naturalista-realista no início da década de setenta não se restringiu a *Memórias*. Em 1973, o crítico redigiu “De Cortiço a Cortiço”, um estudo da obra *O Cortiço* (1890), de Aluísio Gonçalves de Azevedo. O ensaio identifica no enredo do romance um conflito entre as classes populares dos cortiços e os exploradores econômicos, produzindo dois polos sociais que, na narrativa, coexistem de maneira desequilibrada. A hipótese de Candido é que, mais que apenas a exploração material, o romance apresenta, como pano de fundo, a dinâmica dos conflitos raciais e étnicos brasileiros, de modo que o ódio dos populares contra os exploradores é sobressaltado também pela diferença de nacionalidade [portugueses x brasileiros] e de raça [brancos x negros/mestiços].

Como afirma Ana Paula Pacheco:

Um ponto de *culminação* da *crítica radical* de Antonio Candido pode ser visto em ‘De Cortiço a Cortiço’, num sentido que ultrapassa os limites daquela radicalidade de intelectuais dos setores intermediários brasileiros, por ele designada. O ensaio é célebre e, como se sabe, juntamente com ‘*Dialética da malandragem*’, inaugurou a *crítica literária dialética* no Brasil. (PACHECO, 2018, p. 113, *grifos meus*)

Seja como for, o fato de reabilitar especificamente esses romances no início dos anos 1970 nos parece bastante simbólico: estudioso de nossa formação sociocultural, Candido procurou reler nosso passado à luz de obras literárias com as quais havia mantido pouco contato nos seus estudos das décadas anteriores, buscando nelas, agora, maneiras de compreender por que nosso percurso ao moderno, – discurso que, como veremos adiante, fomentou diversos projetos político-ideológicos ao longo do século XX – teria sido tortuoso, inconcluso, cambaleante, desviante e não linear – um debate que se alastrou pelo campo intelectual brasileiro, sobretudo, depois do golpe de 1964 e do início da ditadura militar, após o interregno democrático.

Nos dois ensaios, Candido verifica nos romances formas de alegorização da realidade brasileira, marcada pelo caráter amorfo, oscilante, incerto e espontâneo da vida nacional, em contraposição à visão

construída em outras obras que, segundo ele, buscavam identificar disciplinarizações, ordenações, contenções e regularidades sociais na formação social do país. Nesse sentido, poderíamos dizer, nos termos de Chico de Oliveira (2012, s/p), que a problemática de fundo da análise do crítico são os contornos específicos de uma “modernidade truncada”, de uma “formação *deformada*”, isto é, os dilemas que levaram os intelectuais brasileiros, após o golpe, à revisão de seus pressupostos desenvolvimentistas e, de certa maneira, à descrença no par formação-modernização como *télos* possível da experiência social brasileira.

Esses ensaios foram produzidos na esteira de outra viagem que o crítico havia feito: em 1968, Candido tornou-se, por um semestre, professor de Yale, onde ofereceu cursos exatamente sobre a ficção naturalista latino-americana, inclusive *Memórias* e *O cortiço*. É importante dizer que, à época, os Estados Unidos passavam por intensas turbulências relacionadas às lutas por igualdade racial, às disputas da Guerra Fria e à intensificação dos discursos de defesa das liberdades individuais. Candido, além disso, estava se aproximando dos debates do marxismo heterodoxo, de modo que, início da década de setenta, suas leituras foram tomadas de vez pela percepção dialética da história brasileira.

Nos dois ensaios, deste modo, a perspectiva dialética, empregada para compreender a figuração do processo social na forma literária ou identificada como o próprio movimento histórico das dinâmicas da realidade brasileira, indica que Candido incrementou suas bases teóricas e epistemológicas em relação à produção dos anos anteriores. Dito de outro modo, os dois textos são indícios da aproximação do crítico, no final da década de sessenta, dos debates prementes sobre o problema da construção da ordem moderna e das próprias dinâmicas geopolíticas do capitalismo global. A apropriação desse novo repertório se deu a partir de circulações transnacionais, como na passagem pelos EUA, mas também em contato com questões fulcrais das contendas intelectuais brasileiras da época.

3.2 Solo fértil

Pouco tempo depois de ter passado dois anos na França como professor visitante, período em que, como vimos, também circulou por alguns países do Velho Continente, Candido vai ser convidado a lecionar nos Estados Unidos. A convite de Victor Brombert⁴⁹, e por intermediação de Richard Morse, o crítico brasileiro recebeu uma proposta para se juntar à universidade de Yale, em New Haven, no estado de Connecticut, próximo a Nova Iorque, como professor convidado do Departamento de Línguas Românicas durante o ano letivo 1967. A costura para essa estadia, entretanto, começou bem antes. O primeiro convite de Brombert a Candido foi feito em carta de 29 de outubro de 1965⁵⁰, com proposta para que o crítico brasileiro lecionasse em Yale por um ano. Em resposta, datada de 20 de novembro do mesmo ano⁵¹, Candido agradeceu o convite, mas afirmou que, por motivos burocráticos ligados à Universidade de São Paulo (USP), para onde teria de voltar depois da jornada europeia, teria de declinar à oferta. Brombert então retorna em carta do dia 26 de novembro⁵² aventando a possibilidade de Candido lecionar por lá ao menos por um semestre. A resposta do crítico brasileiro⁵³ indica que, caso conseguisse uma liberação da USP, até poderia ir, mas que o prazo máximo de estadia teria de ser por no máximo quatro meses. Após o aceite do professor de Yale, parece ter sido selada, então, a passagem do brasileiro pelos EUA no início do período letivo do ano de 1966.

Poucos meses depois, em fevereiro de 1966, porém, Candido remeteu nova missiva a Brombert⁵⁴ com comentários sobre o prolongamento de sua estadia na Universidade de Sorbonne, na França, culminando, por conseguinte, na alteração de sua data de retorno ao Brasil. Além disso, o crítico brasileiro faz menção à expectativa de que, antes de regressar ao país natal, pudesse finalmente visitar os Estados Unidos, mais

⁴⁹ Crítico e historiador da literatura, nasceu em Berlim, em 1923. No período de perseguição nazista na Europa, migrou com a família judia para os Estados Unidos, em 1941. Doutor em Línguas e Literaturas pela Universidade de Yale (1953), onde lecionou entre 1968 e 1975. Também foi professor de Literatura Comparada da Cátedra Henry Putnam na Universidade de Princeton. Seu tema de pesquisa foi a literatura francesa moderna, com destaque para Stendhal, Baudelaire, Flaubert, Balzac e Victor Hugo.

⁵⁰ IEB-USP: AC-YALE-014.

⁵¹ IEB-USP: AC-YALE-016.

⁵² IEB-USP: AC-YALE-017.

⁵³ IEB-USP: AC-YALE-018.

⁵⁴ IEB-USP: AC-YALE-019.

especificamente Yale. Pelo tom da escrita, essa passagem seria rápida, diferente da estadia longa que fora ofertada por Brombert e Morse. De todo modo, a conversa entre eles selou, a princípio, um encontro para um almoço em New Haven no dia 01 de abril de 1966.

Pela ausência de documentos disponíveis, não é possível confirmar se houve o referido encontro, mas o fato é que o crítico brasileiro passou pelos EUA e, ao menos no ano de 1966, não permaneceu em Yale. É o que mostra um outro conjunto de cartas com datas iniciais de dezembro de 1965⁵⁵. O brasileiro Celso Lafer, então professor na Universidade de Cornell, situada em Ithaca, no estado de Nova Iorque, contactou Candido com o objetivo de convidá-lo para o “ano latino-americano” que aconteceria na universidade. A missiva começa assim: “Meu caríssimo *fater* [sic], você sabe que um dos meus aborrecimentos constantes é a distância geográfica que nos separa. É a falta que sinto das nossas conversas e de sua orientação”⁵⁶.

Lafer menciona ainda que, para esse “ano latino-americano”, alguns intelectuais brasileiros tinham sido convidados para realizar palestras em Cornell, casos de Érico Verissimo (1905- 1975), Octavio Ianni (1926-2004), Hélio Jaguaribe (1923- 2018) e Celso Furtado (1920-2004). Essa abertura às figuras brasileiras, nas palavras dele, era fruto do “espírito francamente liberal” da Universidade, com sua “disposição ao diálogo”. Além disso, Lafer menciona as condições oferecidas para que Candido fosse a Ithaca, como valores de honorários, transportes, hospedagem etc. Por fim, mostra preocupação com a situação política e social do Brasil, à época vivenciando os primeiros anos da ditadura militar que havia se instaurado no país no início do ano de 1964⁵⁷.

Ainda em dezembro de 1965, Candido responde⁵⁸: agradece e aceita o convite, além de tecer grandes elogios à logística proposta e ao valor do pagamento oferecido. Além disso, menciona que, para as palestras designadas, sua ideia seria falar sobre literatura brasileira e o

⁵⁵ IEB-USP: AC-CORNELL-013.

⁵⁶ IEB-USP: AC-CORNELL-013.

⁵⁷ IEB-USP: AC-CORNELL-013.

⁵⁸ IEB-USP: AC-CORNELL-014.

desenvolvimento nacional brasileiro, tema recorrente nas suas reflexões desde as décadas anteriores, em especial no livro *Formação da literatura brasileira* (1959). Dito desta maneira, nos parece importante frisar que, talvez por se tratar de um ambiente inteiramente novo, o crítico tenha optado por não fugir tanto de suas temáticas de estudo, restringindo-se inclusive ao espaço brasileiro e à questão nacional, diferente dos movimentos que vinha realizando tanto pela participação no Terzo Mondo em si quanto pelas reflexões que lá apresentou. Ao final da mesma missiva, indica ainda que também havia sido convidado por Morse para ir a Yale, mas que não tinha certeza sobre qual percurso faria.

Depois disso, a comunicação entre Candido e Cornell passa a ser intermediada por Richard Graham⁵⁹, então diretor do Latin American Studies Program da referida Universidade, que assim escreveu:

O *Cornell Latin American Studies Program* convida você para proferir uma palestra pública na *Cornell University* em algum momento de fevereiro de 1966. O tema seria de sua escolha, mas acredito que a relação entre a Literatura Brasileira e o desenvolvimento da nacionalidade brasileira seria de especial importância, algo que nos interessa. Se você aceitar este convite, espero que você possa passar dois dias em nosso campus conhecendo pessoas aqui interessadas nesses problemas e no Brasil. Poderíamos oferecer-lhe honorários de US\$ 350 mais suas despesas com alimentação e hospedagem enquanto estiver aqui⁶⁰.

Em resposta⁶¹, Candido novamente sinaliza de forma positiva, mas solicita mudança na data da palestra por conta daquele prolongamento da estadia na Universidade de Paris. A ampliação do tempo na França fez com que o crítico brasileiro chegasse a Ithaca apenas em abril para realizar as conferências que, após definição consensual, versariam sobre “a Literatura

⁵⁹ Historiador brasileiro-estadunidense, nasceu em Goiás, em 1941. Especializado em História do Brasil e da América Latina no século XIX, além de atuar em Cornell, foi também professor de História na Universidade do Texas, em Austin, nos Estados Unidos da América, além de presidir o Conference on Latin America History, a organização profissional dos historiadores latino-americanos.

⁶⁰ Tradução própria. No original: “The Cornell Latin American Studies Program invites you to deliver a public lecture at Cornell University sometime in February, 1966. The topic would be of your own choosing, but I believe that the relationship between Brazilian Literature and the Development of Brazilian Nationality would be of special interest to us. If you accept this invitation I would hope that you could spend two days on our campus meeting persons here interested in these problems and in Brazil. We would be able to offer you and honorarium of \$350 plus your expenses of food and lodging while here.” IEB-USP: AC-CORNELL-002.

⁶¹ IEB-USP: AC-CORNELL-005

Brasileira e o desenvolvimento da autoconsciência nacional”. Além disso, Graham sugeriu que Candido participasse de algumas aulas e outras atividades, como conversas com alunos da pós-graduação em Estudos Latino-americanos e participações em cursos de Literatura Hispano-Americana dos séculos XIX e XX.

Os temas elencados por Candido, dentro do escopo da problemática da relação entre a literatura brasileira e a formação de uma “autoconsciência nacional”, foram diversos e variados, alguns atrelados a problemas de pesquisa que o crítico vinha desenvolvendo na última década, como a análise da importância de Silvio Romero para a reformulação dos conhecimentos sobre cultura e literatura brasileira. Mas, por outro lado, procurou também sair da ‘zona de conforto’ e apresentar alguns de seus novos estudos, dentre os quais destacam-se aqueles interessados nos escritores brasileiros pós-1930, como José Lins do Rego e Carlos Drummond de Andrade. Em relação aos “cursos de literatura hispano-americana”, o crítico brasileiro diz o seguinte:

[...] falta-me competência para o tema sugerido. Não poderia ser um tema só brasileiro? Eu poderia falar sobre certas relações entre aspectos sociais e a literatura, tomando quatro momentos históricos diferentes e mostrando as repercussões dos seus problemas noutros tantos romances⁶².

Mesmo que tivesse entrado em contato com escritos e escritores latino-americanos desde o início da década de sessenta, na passagem por Montevideu, na estadia em Paris e na ida ao encontro de Gênova, conforme vimos no capítulo anterior, Candido mostrou-se pouco à vontade para oferecer cursos que versassem especificamente sobre a “literatura hispano-americana”, ou seja, sobre o cenário da porção não brasileira do continente. Ao contrário, sugeriu apresentar ao público americano suas reflexões sobre a relação entre a cultura brasileira e a realidade sócio-histórica específica do país, assunto que considerava dominar melhor,

⁶² Tradução própria. No original: “As for the hispanic-american literature class, I lack competence for the suggested topic. Couldn't it just be a Brazilian theme? I could talk about certain relationships between social aspects and literature, taking four different historical moments and showing the repercussions of their problems in so many other novels.” IEB-USP: AC-CORNELL-005

embora seu recorte cronológico não se restringisse mais às produções pré-machadianas, como em *Formação*.

Nos dias 5 e 6 de abril de 1966, alguns almoços e jantares foram organizados. Na lista de convidados⁶³ constam nomes como Octavio Paz (1914-1998), Archie Ammons (1926-2001), Cesáreo Bandera, Jerome Bernstein, Norma Gallins etc. Em geral, a passagem de Candido por Cornell foi bastante aclamada por Graham, Lafer e os demais professores da universidade. O primeiro, inclusive, disse o seguinte: “Nossos alunos ainda falam sobre você e tenho certeza de que ficarão pensando no que você disse por muito tempo. Meus colegas são unânimes em sentir que você honrou enormemente a Universidade Cornell com sua presença⁶⁴”.

Mas e a prometida viagem a Yale, costurada em diálogos com Brombert e Morse? As conversas foram retomadas em janeiro de 1967. Em carta enviada por Victor Brombert⁶⁵, Candido é novamente convidado para lecionar em New Haven. Depois de acenar positivamente, inicia uma interlocução com o objetivo de delimitar exatamente o conjunto de reflexões que pretendia propor ao público da universidade norte-americana.

Em resposta a Brombert⁶⁶, datada de 8 outubro de 1967, Candido diz:

pensei numa análise do romance de tipo realista-naturalista, na medida em que [este] põe em causa as condições do meio ambiente. Isto porque grande parte da ficção latino-americana tem sido a aplicação mais ou menos fiel e mais ou menos consciente de fórmulas naturalistas desde o final do século XIX até os dias atuais. Não se trata de uma imitação pura e simples das modas europeias, mas de uma transposição orgânica, uma vez que o significado dos determinismos estava de acordo com o próprio movimento das nossas culturas, marcadas pela luta constante contra os obstáculos geográficos e pela mistura de raças⁶⁷.

⁶³ IEB-USP: AC-CORNELL-017.

⁶⁴ Tradução própria. No original: “Our students are still talking about you and I am sure they will be thinking about what you said for a long time. My colleagues are unanimous in feeling that you greatly honored Cornell University by your presence.” IEB-USP: AC-CORNELL-012

⁶⁵ IEB-USP: YALE-057.

⁶⁶ IEB-USP: AC-YALE-078.

⁶⁷ Tradução própria. No original: “Pour ce qui touche au cours en langue portugaise, portanto exclusivement sur des auteurs brésiliens, je suis déjà en rapport avec M. Batchelor, qui séjourne actuellement à Rio de Janeiro. Pour le cours “comparatif”, j’ai songé à une Analyse du roman de type réaliste-naturaliste, dans la mesure où il met en cause les conditions du milieu. Ceci, parce que la fiction d’Amérique Latine a été pour une bonne

É fundamental perceber que seu interesse pelo realismo-naturalismo passa pelo que ele considera a persistência, no século XX, das características sociopolíticas das sociedades latino-americanas retratadas nos próprios romances, situados no século XIX. Por isso, afirma ser preciso verificar as condições do “meio ambiente” e analisar os constantes conflitos de classes e raças. Para chegar a esse objetivo, delineou um plano de estudos: 1) Os modos de vida urbanos, as camadas proletárias e a mobilidade social na obra *L'Assomoir*, de Émile Zola (1877), e *O Cortiço* (1891), de Aluísio Azevedo; 2) As relações entre ambiente e modos de vida em *I Malavoglia* (1881), de Giovanni Verga, e *Doña Bárbara* (1929), de Rómulo Gallegos; 3) O ambiente ‘sul-americano’ específico e os efeitos de seus excessos na vida humana em *La Vorágine* (1924), de José Eustasio Rivera, e *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos. No mosaico, escritores franceses e italianos, mas também venezuelanos, colombianos e, claro, brasileiros.

O espírito do curso não seria a busca de *influências diretas e documentadas*, no sentido tradicional da literatura comparada, mas, de forma mais livre, a análise de um certo número de *manifestações comparáveis em diferentes contextos*. Os textos não seriam tomados como documentos sociológicos. Pelo contrário, tentaria mostrá-los como criações que devem ser estudadas na sua *estrutura literária, como universos próprios, construídos a partir de sugestões sociais e geográficas*⁶⁸.

Essas falas indicam duas questões: a tentativa de elencar, no mesmo plano de importância, romances europeus e latino-americanos, destacando-os por suas narrativas, mas também por seus aspectos histórico-estruturais. Em outros termos, trata-se da possibilidade de

partie l'application plus ou moins fidèle et plus ou moins consciente des formules naturalistes, depuis la fin du XIXe. Siècle jusqu'à nos jours. Il ne s'agit pas d'une imitation purê et simple des modes d'Europe, mais d'une transposition organique, puisque le sens des déterminismes s'accordait au mouvement même de nos cultures, marquées par la lutte constante contre l'obstacle géographique et le brassage des races.” IEB-USP: AC-YALE-078.

⁶⁸ Tradução própria. No original: “L'esprit du cours serait, non pas la recherche des influences directes et documentées, dans le sens traditionnel de la littérature comparée, mais, d'une façon plus libre, l'analyse d'un certain nombre de manifestations comparables dans des contextes différents. Les textes ne seraient pas pris comme des documents sociologiques. Au contraire, je tâcherais de les montrer comme des créations qu'il faut étudier dans leur structure littéraire, comme des univers propres, construits à partir des suggestions sociales et géographiques” IEB-USP: AC-YALE-078.

estabelecer uma abordagem comparada entre eles, senão no que têm de esteticamente semelhante, ao menos no que há de aproximação ou distanciamento entre o “pano de fundo” social de cada obra. Outra questão fundamental é que, menos de um ano após passagem por Cornell, Candido decide então, sem o temor aventado anteriormente, discutir obras do universo latino-americano, ambiente em que agora parecia sentir-se mais seguro para navegar. Embora sejam escritos de menor circulação continental, discutir a produção literária de figuras como Rómulo Gallegos (1884-1969) e José Eustasio Rivera (1889-1928), por exemplo, confirma aquela ampliação do recorte de obras literárias que vinha acompanhado suas produções nos anos anteriores.

Em depoimento dado a Pablo Rocca em entrevista realizada em 2005, Candido evidenciou um aspecto importante desses cursos:

Em 1968 fui professor visitante na Universidade de Yale, onde dei entre outros um curso de Literatura Comparada intitulado ‘A representação do espaço na ficção naturalista’. Nele incluí ‘Doña Bárbara’, de Rómulo Gallegos e ‘La vorágine’, de José Eustasio Rivera, romances de segunda ordem bastante aborrecidos, mas não tive coragem de abordar livros do boom, a respeito dos quais ainda não me sentia seguro (CANDIDO, 2009, p. 24)

Embora se arrisque na análise de algumas obras da literatura latino-americana, Candido opta por não investigar os escritos do “boom”, talvez por conta da própria indefinição, aferida pela crítica cultural do continente, acerca do que seria esse “movimento”. Tomado como fenômeno quase “mítico” (COSTA, 2001), o *boom* da literatura na América Latina teria ocorrido entre as décadas de 1960 e 1970 e seria marcado pela publicação de diversos romances considerados originais e inventivos, sob as penas de escritores como Julio Cortázar (1914-1984), Gabriel García Márquez (1927-2014), Carlos Fuentes (1928-2012), Juan Carlos Onetti (1909-1994), Alejo Carpentier (1904-1980), Miguel Ángel Asturias (1899-1974), José Donoso (1924-1996), Mario Vargas Llosa, dentre outros.

Para se ter uma ideia, já em 1972, José Donoso, um dos escritores vinculados ao movimento, declarou, no texto intitulado “Historia personal del ‘boom’”:

O que então é o boom? O que há de verdade e o que há de ficção nele? Sem dúvidas, é difícil definir com rigor este

fenómeno literário que acaba de terminar – se é que é verdade que terminou –, e cuja existência como unidade não se deve ao arbítrio daqueles escritores que o integrariam, à sua unidade de visões estéticas e políticas, e às suas lealdades amigáveis, mas é antes uma invenção daqueles que o questionam⁶⁹ (DONOSO, 1998, p. 12).

Na visão de Donoso, portanto, havia, em primeiro lugar, uma dificuldade de enquadrar o *boom* como um movimento propriamente uniforme e homogêneo se fossem tomadas como parâmetro as características estéticas e temáticas das obras, as afinidades político-ideológicas dos autores e até a autodeclaração dos escritores que supostamente dele fariam parte. Por outro lado, a dignidade da tese de que haveria, sim, um “*boom* da literatura latino-americana” viria das próprias leituras de críticos que se colocavam em seara oposta àquela ocupada por escritores como Cortázar, Vargas Llosa, Garcia Marquez etc. Salvo engano, é também pela magnitude desta contenda, e pela imensidão de obras apontadas como devedoras do movimento, que Candido preferiu discutir autores considerados por ele de segundo escalão, ou seja, com menos circulação e recepção.

Entretanto, é possível arriscar outra hipótese complementar: a propor o tema da “representação do espaço na ficção naturalista latino-americana”, Candido buscava identificar aproximações um tanto improváveis entre o naturalismo do século XIX e a literatura da segunda metade do século XX na América Latina. Esse não é um debate de todo simples, haja vista a própria afirmação de originalidade dos discursos do e sobre o *boom*, no sentido de pretender se colocar como um gesto estético de distinção em relação ao próprio passado literário do continente. Um exemplo é a reflexão de Ángel Flores, em “Magical realism in Spanish American fiction”, publicado em 1955, que busca traçar as clivagens entre “realismo mágico” e a ficção naturalista oitocentista. Para ele, o *boom* se caracterizaria, dentre outras coisas, por uma representação da vida

⁶⁹ Tradução própria. No original: “¿Qué es entonces, el boom? ¿Qué hay de verdad y qué de superchería en él? Sin duda es difícil definir con siquiera un rigor módico este fenómeno literario que recién termina – si es verdad que ha terminado -, y cuya existencia como unidad se debe no al arbitrio de aquellos escritores que lo integrarían, a su unidad de miras estéticas y políticas, y a sus inalterables lealtades de tipo amistoso, sino que es más bien invención de aquéllos que la ponen en duda”.

cotidiana capaz de agregar o fantástico e o “irreal”; pela utilização de imagens sintéticas capazes de melhor apresentar esse fantástico, ao invés do reiterado desejo pelas descrições exaustivas da realidade; e, por fim, pela tendência à alteração das cronologias lineares dos acontecimentos do enredo (FLORES, 1955).

Em direção oposta, Irlemar Chiampi buscou aproximar os dois movimentos literários. Em primeiro lugar, o autor aponta um erro conceitual: o termo “‘realismo mágico’ veio a ser um achado crítico-interpretativo, que cobria, de um golpe, a complexidade temática (que era realista de um outro modo) do novo romance e a necessidade de explicar a passagem da estética realista-naturalista para a visão (‘mágica’) da realidade” (CHIAMPI, 1980, p. 19). Isto é, a ideia de realismo mágico implicava considerar a literatura latino-americana da segunda metade do XX a partir dos vínculos extraliterários da autoria, seja pela captação fenomenológica de uma atitude poética específica do escritor, seja pela inclusão da magia como tema em si (CHIAMPI, 1980, p. 43).

Para ser mais preciso,

Maravilhoso é o “extraordinário”, o “insólito”, o que escapa ao curso ordinário das coisas e do humano. Maravilhoso é o que contém a maravilha, do latim *mirabilia*, ou seja, ‘coisas admiráveis’ (belas ou execráveis, boas ou horríveis), contrapostas às *naturalia*. Em *mirabilia* está presente o “mirar”: olhar com intensidade, ver com atenção, ou ainda, ver através. O verbo *mirare* se encontra também na etimologia de milagre –portanto contra a ‘ordem natural’ – e de miragem – efeito óptico, engano dos sentidos. O maravilhoso recobre, nesta acepção, uma diferença não qualitativa, mas quantitativa com o humano; é um grau exagerado ou inabitual do humano, uma dimensão de beleza, de força ou riqueza, em suma, de perfeição, que pode ser mirada pelos homens. Assim, o maravilhoso preserva algo do humano, em sua essência. A extraordinariedade se constitui da frequência ou densidade com que os fatos ou os objetos exorbitam as leis físicas e as normas humanas (CHIAMPI, 1980, p. 48).

Essa percepção de Chiampi sobre o “realismo maravilhoso” e sobre o *boom* busca identificar o quanto o mágico deixa de ser inusual e o místico passa a ser incorporado ao real. Destituídos de mistério, seres, objetos, personagens, eventos e acontecimentos são tomados como parte da realidade, não como a negação ou sobreposição dela. Nas narrativas do

boom sobre as quais Candido não queria se debruçar, o que há de maravilhoso é, no limite, a própria matéria prima da vida social, econômica e política, ou seja, o *ethos* latino-americano. Para Chiampi, embora haja diferenças importantes no quesito estético, essa seria, também, parte das intenções da escrita de ficção-naturalista do século XIX.

Candido buscava, no estudo do romance realista-naturalista, especialmente nas obras de Antônio de Almeida e Aluísio Azevedo, formas de apreensão e estruturação das próprias dinâmicas sociopolíticas brasileiras do século XX, mas que persistiam na situação contemporânea do país e do continente, tais como a violência, a ingerência imperialista, os conflitos de classe e os dilemas étnico-raciais. Como indicam Max Gimenes e Gabriel Lima (2022), essas questões históricas, aliás, eram prementes também na vida estadunidense exatamente quando o crítico lecionou por um semestre em Yale, em 1968.

No primeiro semestre de 1968 eu fui professor visitante na Universidade de Yale, e isso influiu na minha disposição de voltar à atividade política, porque pude ver o empenho com que os colegas americanos e estrangeiros lá radicados participavam de causas como a luta contra a guerra do Vietnã ou a luta pelos direitos dos negros (CANDIDO, 1988, s/p.).

Os anos sessenta foram marcados por intensas agitações sociais e políticas em escala mundial. Como mostra Frederic Jameson (1992), essa década começa com a Revolução Cubana (1959), passa pela descolonização da África e da Ásia, com destaque para a Guerra do Vietnã, e desemboca no “Maio de 1968” e na radicalização do movimento negro norte-americano. Esse momento histórico caracteriza-se por um choque entre a expansão do capitalismo em escala global e uma imensa “liberação ou desprendimento de energias sociais, uma prodigiosa escapada de forças não-teorizadas: as forças étnicas dos negros e das “minorias” ou dos movimentos que eclodiram por toda parte no Terceiro Mundo” (JAMESON, 1992, p. 125)

A situação dos EUA à época, embora inserida nesse mosaico mais amplo, era também bastante específica. Após a abolição oficial da escravidão no país em 1865, em meio à Guerra de Secessão (1861-1865) e ao processo de unificação nacional, o país tomou o rumo da segregação

racial, assentada sobretudo nas chamadas “Leis Jim Crow⁷⁰”, promulgadas em diversos estados já no final do século XIX. Por isso, ao longo de todo o século XX, a luta por direitos civis da população afro-americana foi uma mola propulsora dos debates políticos nacionais. A partir de 1955, com o boicote aos ônibus na cidade de Montgomery, ocasionado pela prisão de Rosa Parks⁷¹, o movimento antirracista, liderado por Martin Luther King Jr, tomou as ruas não só do estado do Alabama, como de diversas outras regiões do país.

Soma-se a isso o impacto, no país, da Guerra do Vietnã, conflito entre as forças do Norte e do Sul no país asiático que ocorreu entre 1959 e 1975 e contou com a participação ativa de EUA, China e União Soviética em meio ao recrudescimento da Guerra Fria. Especificamente em 1968 o conflito teve uma escalada importante: janeiro desse ano marca o início da Ofensiva do Tet (Ano Novo Lunar), série de ataques coordenados do Exército do Vietnã do Norte e dos guerrilheiros vietcongues contra o Vietnã do Sul, incluindo como alvo a Embaixada dos Estados Unidos em Saigon. A resistência vietnamita à ocupação militar imperialista estadunidense gerou uma “onda de solidariedade internacional” (SADER, 2008, 6).

Assim, 1968, ano de estadia de Candido em Yale, foi marcado por uma

[...] explosão de protesto e de radicalização nos Estados Unidos como em diversos países ao redor do mundo. Duas questões centrais – o racismo e a guerra do Vietnã – estão no coração desse ano de mobilização popular. Os eventos de 1968 estenderam os movimentos sociais radicais e transformaram o modelo ideológico da esquerda nos Estados Unidos. O assassinato de Martin Luther King e a nomeação de dois candidatos a favor da guerra pelos dois grandes partidos do país convenceram milhões de pessoas de que o sistema não poderia ser reformado. Houve uma mudança no interior das fileiras radicais: passou-se de uma “Nova Esquerda”, radicalmente anti-ideológica, ao marxismo, em particular às variedades de

⁷⁰ “O termo [...], nascido de uma música popular, referia-se a toda lei (foram dezenas) que seguisse o princípio ‘separados, mas iguais’, estabelecendo afastamento entre negros e brancos nos trens, estações, ferroviárias, cais, hotéis, barbearias, restaurantes, teatros, entre outros” (FERNANDES e MORAIS, 2007, p. 145).

⁷¹ O caso Rosa Parks (1913-2005) foi um marco na luta contra a segregação racial nos EUA e no mundo. Ao se recusar a levantar de seu assento no ônibus para dar lugar a pessoas brancas, Rosa foi presa pela polícia e encaminhada para uma delegacia. A detenção gerou uma onda de boicotes às empresas de transporte e diversos protestos antirracistas em todo o território dos Estados Unidos.

marxismo anti-imperialistas e antirracistas que buscavam uma fonte de inspiração nos partidos comunistas do Terceiro Mundo (ELBAUM, 2018, s/p.)

Ainda no mesmo ano, mais especificamente em maio, outra turbulência sociopolítica abalou a Europa e, por conseguinte, os EUA. O “Maio de 68”, iniciado na França a partir de greves gerais e ocupações estudantis, reuniu jovens que tomaram as ruas em amplos protestos políticos. Segundo Michael Lowy (2008, p. 1), o movimento, mergulhado num “romantismo revolucionário”, pode ser definido por sua

[...] revolta contra a sociedade capitalista moderna [...] e um protesto contra o desencantamento moderno do mundo, a dissolução individualista/competitiva das comunidades humanas, e o triunfo da mecanização, mercantilização, reificação e quantificação. [...] Pode tomar formas regressivas e reacionárias, propondo um retorno às formas de vida pré-capitalistas, ou uma forma revolucionária/utópica, que não preconiza uma volta, mas um desvio pelo passado em direção ao futuro; neste caso, a nostalgia do paraíso perdido é investida na esperança de uma nova sociedade (LOWY, 2008, p. 1)

O “espírito de 1968” se apresentou em forma de protesto cultural contra os fundamentos da civilização capitalista-industrial moderna, baseada na intensificação das lógicas produtivista e consumista. Os jovens levantaram-se contra a corrida armamentista, nuclear e espacial, além de abordar assuntos e pautas diversas, como a noção engessada de família, as discussões sobre gênero e sexualidade, a função das religiões etc. Nesse sentido, Daniel Singer (1970, p. 21) considera que o movimento rebelde repugnou também “tudo o que vinha do alto, contra o centralismo, a autoridade, a ordem hierárquica”, ou seja, contra as lógicas de dominação social, cultural e política impostas de maneira autoritária.

O contexto da estadia em Yale, então, era de intensa ebulição social. Questões de classe, raça, gênero, debates sobre imperialismo, violência de Estado, descolonização. Toda essa conjunção política, traduzidas em bandeiras terceiro-mundistas, anti-imperialistas e antirracistas, vão ecoar, mesmo que de maneira rarefeita, nas reflexões posteriores de Candido. Isto é, a ressonância dessa conjuntura intensa e conflitiva vai reverberar nas discussões não somente dos cursos que o crítico vai oferecer em Yale,

mas também nos ensaios que ele vai produzir sobre a ficção realista-naturalista brasileira pouco tempo depois da estadia nos EUA. É o que veremos a partir do exame dos dois textos aqui elencados, identificando neles também a produção de interpretações alegóricas da realidade brasileira num contexto que o próprio país passava por tempos sombrios.

Não é por acaso, então, que as reflexões presentes em “Dialética da malandragem” (1970) e “De cortiço a cortiço” (1973) tenham se desenvolvido como desdobramento da disciplina intitulada “A representação do meio no Romance Naturalista”, ministrada por Antonio Candido no Departamento de Línguas Românicas da Universidade de Yale no 1º semestre de 1968. Tanto a seleção das obras específicas de Manuel Antonio de Almeida e Aluizio Azevedo quanto as discussões propostas nos ensaios são fruto não somente do lastro de seus estudos literários das décadas anteriores, mas também dessas vivências sociopolíticas às quais o crítico estava submetido nos anos sessenta. Segundo Elbaum (2018), as universidades estadunidenses à época eram espaços porosos a esses debates. Candido, professor em Yale, não passaria ileso a essas agitações.

3.3 Marxismo estruturante

Antes de nos atentarmos aos ensaios, é preciso tentar ajustar os ponteiros de uma questão importante aberta acima e só parcialmente respondida: por que a escolha pela ficção realista-naturalista para pensar algumas alegorias da subjetividade brasileira? Na aula inaugural do curso ministrado em Yale, no início de 1968, Candido oferece aos alunos uma longa explicação dos motivos que o levaram a essa seleção.

O meio físico e social em que vivemos é uma dimensão normal da vida. Mas nem sempre os críticos tiveram a noção adequada de sua influência sobre as instituições da sociedade e os modos de ser e agir dos homens. Da mesma maneira, os escritores sempre descreveram o meio físico e o meio social. [...] Mas aos poucos é que se instala a ideia de uma influência do meio nos estados psicológicos⁷².

Embora considere que na ficção latino-americana a noção de espaço apareça primeiro como mero adereço à narrativa, Candido identifica que,

⁷² IEB-USP: AC-YALE-002, 1968.

na virada dos séculos XVIII e XIX, se estabelece uma poética que busca correlacionar o “quadro natural” e os sentimentos ou o “quadro social” e os comportamentos. Por isso, considera que aumenta a importância da “descrição dos ambientes, ajustados à condição das classes”. Por descrição ele entende não somente a narrativa específica sobre o cenário físico, mas a apresentação de lugares, casas, roupas, cidades, ruas etc., todos tomados como componentes que integram e marcam as ações e os sentimentos dos personagens. Assim, “o romancista se demora neles, e cada um é um espaço bem caracterizado, correspondendo ao modo de vida de um grupo humano⁷³”.

Tomando por objetivo o romance de ficção assolado pela modernidade capitalista, Candido, ainda na aula inaugural, considera que

A brusca diversificação dos grupos sociais trazida pela industrialização e pela urbanização do começo do século XIX trouxe à consciência, tanto do político, quanto do crítico e do filósofo, uma série de formas de vida que antes não era objeto da sua ação ou da sua reflexão. Os direitos humanos, por exemplo, marginalizados pelo êxodo rural; ou os proletários, vivendo nos flancos ou interstícios das grandes cidades. Com eles, os novos bairros populares, as péssimas condições de vida, as novas profissões⁷⁴.

Em decorrência disso, escritores como Eugène Sue (1804-1857), Charles Dickens (1812-1870) e Honoré de Balzac (1799-1850) teriam sido importantes por introduzirem o “pobre” e o “marginal” em seus romances não mais como “personagens pitorescos”, mas como elementos importantes que exercem influência na dinâmica da sociedade. Além disso, passaram a se preocupar cada vez mais com os espaços nos quais essas pessoas viviam, produzindo novas representações do meio físico. Esse é o mote do curso oferecido pelo crítico brasileiro em Yale: pensar, a partir da literatura produzida do XIX, a “diversificação da sociedade” e o “aparecimento de novos grupos e novos ambientes” no contexto das transformações industriais; e refletir sobre o “desenvolvimento de um novo tipo de documentário no romance de costumes contemporâneos”, com a

⁷³ IEB-USP: AC-YALE-002, 1968.

⁷⁴ IEB-USP: AC-YALE-002, 1968.

“ruptura dos hábitos anteriores no que se refere aos tipos de personagens e à ligação com o ambiente⁷⁵”.

Ainda na apresentação feita na aula inaugural, o crítico demonstrou a importância de ressaltar que, no fim do século XVIII e às vésperas do século XIX, alguns romances de formação (“*Bildungsroman*”) perfilaram os elementos ambientais em íntima relação com os personagens. “Sob este aspecto, o campo, a fazenda, a pequena e a grande cidade aparecem como fatores, como condicionantes que decidem o modo de ser e os atos”. É possível dizer, então, que as ações, os atos e os sentimentos dos personagens derivam não somente de seu estado psicoemocional particular, mas das circunstâncias materiais, físicas e ambientais que o cercam. Com isso, “o meio não é mais, então, o quadro, a moldura do ato e do sentimento; é uma realidade significativa paralela a ambos, formando com eles o sistema de referência do romance⁷⁶”.

Dito isso, o naturalismo aparece para Candido como uma tendência literária que deu excepcional importância ao meio, considerando-o como parte determinante dos sentimentos e dos atos do próprio do personagem.

Para os naturalistas (...) o meio é o conjunto de circunstâncias físicas e sociais que regem de maneira determinante o comportamento dos personagens, em associação com os fatores biológicos. Mas este ponto de vista teórico não nos deve fazer esquecer que eles deram um grande desenvolvimento à *descrição do meio como quadro, para estabelecer um ‘certo’ ambiente para as ações*, dotando-o de um grande valor simbólico de alegoria, que, mesmo sem constituir uma explicação, de acordo com a sua teoria, tem um acentuado valor interpretativo⁷⁷.

O mergulho na ficção naturalista não era motivado pela intenção de buscar correspondências exatas entre as ações dos personagens e o pertencimento ao meio físico específico para cada um deles. Candido pretendia ir além: *Memórias de um sargento de milícias* e *O cortiço* seriam, por si só, formas de apreensão da realidade brasileira no século XIX, possibilitadas pela disposição, nas narrativas, do “meio”, do “ambiente” e

⁷⁵ IEB-USP: AC-YALE-002, 1968.

⁷⁶ IEB-USP: AC-YALE-002, 1968.

⁷⁷ IEB-USP: AC-YALE-002, 1968.

da “atmosfera”, seja por seus elementos físicos em geral, seja pelas ações propriamente humanas. Segundo ele,

O espaço pode ser, quanto à sua natureza, material ou social. Quanto ao âmbito e à qualidade, pode, nos dois casos, ser meio social, ambiente ou atmosfera. Quanto à função na narrativa, pode, nos dois casos, ser decorativo, ilustrativo, simbólico, subjetivo ou múltiplo [...] O essencial é que o espaço funcione na narrativa com a qual deve entrosar-se intimamente, não podendo ser separado dela. No presente curso, estamos interessados no espaço como meio, como dimensão mais geral, como meio físico ao qual se liga intimamente a dimensão social⁷⁸.

Para ser mais preciso, então, o crítico entende que o romance naturalista, do ponto de vista sociológico, pode ser uma forma de compreensão das múltiplas dimensões da vida social brasileira e latino-americana não somente do passado, mas, dadas as permanências sociais estruturantes da vida coletiva brasileira, também no século XX, não tanto por uma descrição exaustiva das paisagens e dos ambientes visíveis, mas pela função mediadora que o espaço exerce nas relações sociais entre os indivíduos dispostos como personagens. É a ideia de tomar o meio físico entrelaçado na dimensão social e, portanto, de verificá-lo como um a alegorização da vida nacional.

A propósito, essa visão de que o social se estrutura no literário não era novidade absoluta na empreitada intelectual de Candido. Já na *Formação* ele defendia que “uma obra é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não literários” (CANDIDO, 2007, p. 35). Leopoldo Waizbord defende que essa percepção advém, nos anos cinquenta, da apropriação que o crítico teria feito, via Sérgio Buarque de Holanda, das ideias presentes na filologia românica de Ernst Robert Curtius, autor de *Literatura europeia e Idade Média latina* (1948), e Erich Auerbach, autor de *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental* (1946)

embora em muito divergentes, [os dois autores] convergem precisamente no intuito de escrever história literária, mas rompendo com uma história que pretende completude: mediante o conjunto de momentos, suas histórias buscam e oferecem uma totalidade, mas não a completude. E oferecem uma totalidade aberta, que

⁷⁸ IEB-USP: AC-YALE-002, 1968.

permite sempre novos "complementos". No caso de Curtius, novos "*topoi*" e novos desdobramentos; no caso de Auerbach, as "lacunas" a que fez menção ao final de *Mimesis* (WAIZBORT, 2002, p. 181)

Só que, a partir dos anos 1960, suas reflexões passam a se ancorar também, de forma complementar, no que ele chamou de "marxismo estruturante", isto, uma crítica literária organizada em torno do objetivo analítico de verificar exatamente os processos que levavam o externo (mundo social) a se tornar interno (texto literário). Seria preciso, então, traçar uma espécie de genealogia das proposições marxistas contidas nas reflexões de Candido a partir da década de sessenta, em especial nos textos que vamos analisar a seguir. Para tanto, podemos seguir algumas pistas importantes

O primeiro rastro foi deixado no texto "Crítica e Sociologia", publicado em 1965, mas cuja confecção se iniciou em 1961, por ocasião de uma intervenção feita nos debates do II Congresso de Crítica e História Literária, realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. Candido procurou analisar as relações entre a obra literária e o seu condicionamento social, na busca por superar duas visões que, para ele, eram dominantes no campo da historiografia literária à época: de um lado, o "sociologismo", que considerava o significado do objeto estético uma mera reprodução, mais ou menos engenhosa, do mundo extraliterário; por outro lado, a posição "estetista" ou "formalista", que toma como central na literatura as operações formais e linguísticas, de modo que a obra torna-se alheia ao mundo social externo (CANDIDO, 2011, p. 13)

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa *interpretação dialeticamente íntegra* em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CANDIDO, 2011, p. 14)

Em direção semelhante, na entrevista concedida à Revista *Trans/Form/Ação*, conforme vimos na introdução, Candido considerou que, a partir dos anos 1960 seus interesses voltaram-se às formas de estruturação, “num sentido diferente dos estruturalistas”, da realidade na literatura. E completou

Talvez tenha havido aí alguma influência de Lukács, que li em traduções italianas no começo do decênio de 50. Mas posso dizer que não estava consciente dela quando pela primeira vez formulei em público aquela preocupação. Foi no II Congresso de Crítica e História Literária, realizado em Assis em 1961. Como não ficou bem registrada nos Anais, publiquei uma formulação correta e mais completa no livro *Literatura e Sociedade*, de 1965 (CANDIDO, 2011, p. 4)

É preciso dizer que, nos anos 1960, “diante das limitações das abordagens formalistas ou historicistas”, Candido elaborou “de maneira independente um modo de examinar a dialética de forma literária e processo social”. Nesse sentido, “embora seu trabalho mantenha distância da terminologia marxista, pode-se dizer que sua inspiração fundamental é o marxismo” (OTSUKA, 2015, p. 390). E isso não somente pela abordagem dialética, mas por incorporar alguns dos problemas dos quais diversos críticos de linhagem marxista da década de sessenta se ocupavam.

Tudo o que eu escrevo, pode-se notar mais visível ou menos visível, é sempre feito em função dos contrários, é um processo dialético, é e não é, pode e não pode, era e não era. [...] embora eu não me considere marxista, nunca me considerei marxista, [...] sempre tirei muitos elementos de análise do marxismo (CANDIDO, 1997, p. 17)

É o caso de Gyorgy Lukács, autor de *Zur Soziologie des Modern Dramas* (1961), de quem Candido extrai as seguintes indagações: "O elemento histórico-social possui, em si mesmo, significado para a estrutura da obra, e em que medida?". E "seria o elemento sociológico na forma dramática apenas a possibilidade de realização do valor estético (...) mas não determinante dele?" (LUKÁCS *apud* CANDIDO, 2006, p. 14). A resposta é que a crítica deveria se preocupar menos em estabelecer correlações estreitas entre os temas (ambiente, costumes, mentalidades) e a própria realidade e mais com a forma pela qual o extraliterário torna-se agente estruturante da obra poética. “A análise crítica, de fato, pretende ir

mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra” (CANDIDO, 2006, p. 14).

Como indica Roberto Schwarz,

Em vez de opor a invenção formal à apreensão histórica, segregando essas faculdades e os respectivos domínios, ele buscou a sua articulação. A forma — que não é evidente e que cabe à crítica identificar e estudar — seria um princípio ordenador individual, que tanto regula um universo imaginário como um aspecto da realidade exterior. Em proporções variáveis, ela combina a fabricação artística e a intuição de ritmos sociais preexistentes. De outro ângulo, tratava-se de explicar como configurações externas, pertencentes à vida extra-artística, podiam passar para dentro de obras de fantasia, onde se tornavam forças de estruturação e mostravam algo de si que não estivera à vista (SCHWARZ, 2012, p. 48)

O mais significativo desse debate aparece nas reflexões de Lukács no período anterior à sua adesão ao marxismo. Em *A alma e as formas* (1911), o filósofo húngaro apresenta a ideia de que a forma não existe isoladamente, posto que ela é sempre a forma de um conteúdo específico. A dialética entre forma e conteúdo, assim, apresenta-se da seguinte maneira: a forma literária é, per si, a redução de um conjunto de manifestações da alma do escritor, que por sua vez é um ser social imerso na realidade cotidiana, portanto alguém entrecruzado por concepções de mundo e pontos de vista. O estudo da “forma literária”, não no sentido do formalismo estetista, é um meio para se apreender as vivências subjetivas postas em contato no mundo. “As formas circunscrevem uma matéria que, de outro modo, dissolver-se-ia no todo.” (LUKÁCS, 2017, p. 40).

Já em *A teoria do romance* (1916), Lukács identifica na modernidade o momento da ruptura da relação orgânica entre o homem e os elementos extracorpóreos. No mundo capitalista, industrial e urbano, as sociedades tornaram-se fragmentadas e os contatos entre os sujeitos passam a se basear em relações de desvinculação. A forma romance, assim, na medida em que plasma a realidade à volta da obra poética, poderia ser um meio de sondagem dessa condição sociohistórica de dissolução. Para Lukács, embora a literatura não seja um reflexo direto da realidade, é sua

capacidade de apreender a historicidade das sociedades que a torna, também, uma forma de compreensão do mundo.

É este, com efeito, o núcleo do problema, pois quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar (CANDIDO, 2006, p. 13).

O crítico menciona também o contato que teve com Lucien Goldmann (1913-1970), outro estudioso da literatura de orientação marxista. No período em que esteve na Universidade de Paris, Candido fazia parte da Congregação que era consultada cotidianamente sobre questões acadêmicas, contratações de professores etc. No caso, em 1965 houve uma consulta sobre a chegada de Goldmann, então professor da Escola de Altos Estudos de Paris, à Faculdade de Letras da Sorbonne. Candido narra assim o acontecido:

Apresentou-se a candidatura do professor Goldmann, [...] houve uma vaga na Faculdade de Letras e o nome dele apareceu. Ele não foi escolhido, mas votei nele. Lembro que colegas me interpelaram, mas por que é que votou nele? Eu disse: - porque considero Lucien Goldmann um teórico de grande importância; ele soube tirar do marxismo, e em especial da obra de Lukács, uma visão muito mais flexível, porque é a visão de mundo; através da noção de visão de mundo em que ele desloca a percepção do indivíduo para a classe, sem anular a visão individual, ele flexibilizou muito o método marxista. [...] Por isso achei que era uma boa aquisição para a Universidade de Paris (CANDIDO, 1997, p. 17)

Próximo do estruturalismo, Goldmann, em *A sociologia do romance* (1964), estudou a interface entre as condições sociais e historicamente determinadas e a formação de “estruturas mentais” que operam a criação poética. Para o crítico francês, essas estruturas, que têm raízes inclusive ideológicas, dada a condição de classe do escritor, são responsáveis por mediar as formas de representação postas no fenômeno literário. A literatura, ao figurar determinadas visões de mundo, seria também uma maneira de desvelar as próprias características políticas e culturais de uma sociedade. Candido o considerava, com isso, portador de um

marxismo enriquecido, que recebe contribuições de outras correntes, que ele assimila [...] um marxismo enriquecido como acho que deve ser, não é um aplicador de fórmulas,

e essa questão da visão de mundo e essa reversibilidade entre a visão de mundo e a visão de classe é que faz com que seja possível interpretar, de modo muito pertinente, as obras literárias (CANDIDO, 1997, p. 18)

Também nos parece interessante lembrar que, em 1958, o debate sobre o marxismo havia chegado à Universidade de São Paulo com mais intensidade. Nesse ano formou-se um grupo de estudos d'*O Capital* (1867), de Karl Marx, liderado por José Arthur Giannotti, Fernando Henrique Cardoso e Fernando Antonio Novais e que contou, entre idas e vindas, com a participação de Ruth Cardoso, Francisco Weffort, Michael Lowy, Gabriel Bolaffi, Ruy Castro, Bento Prado Jr, Roberto Schwarz, Paul Singer, dentre outros (RODRIGUES, 2011). Embora as reuniões tivessem por finalidade discutir a “obra magna do marxismo”, os presentes debatiam também as ideias de outros autores do campo, em especial os já citados Gyorgy Lukács⁷⁹ e Lucien Goldmann, mas também Jean Paul Sartre etc., figuras ligadas àquilo que Roberto Schwarz (1999) chamou de “marxismo heterodoxo”, proeminente num período de intensa crítica à ortodoxia stalinista.

Jean Paul-Sartre⁸⁰ (1905-1980) havia publicado, em 1957, o livro *Questão de método*, uma crítica forte ao marxismo dogmático e stalinista e uma tentativa de lançar um novo olhar para a relação entre existência e saber. Nele o filósofo francês se debruça, dentre outras coisas, sobre o processo de “interiorização da exterioridade”, ou seja, de que maneira o mundo social se organiza no processo de formação do pensamento. Em relação ao objeto literário, a visão de Sartre, ancorada no chamado método “progressivo-regressivo”, reage à “autossuficiência formal”, e propõe pensar o fenômeno poético em íntima relação com a concretude da vida real. Trata-se de tomar a realidade como o espaço “das contradições gerais

⁷⁹ Notável perceber que, na mesma época, no final da década de cinquenta, a obra lukacsiana era recebida também pelos movimentos comunistas brasileiros. “Ainda em 1959, a revista Estudos Sociais (nº 5), dirigida pelo fundador do Partido Comunista Brasileiro, Astrojildo Pereira, publicou o primeiro texto de Lukács no país: o prefácio de *A destruição da razão*, que apareceu com o título “O irracionalismo – fenômeno internacional do período imperialista” (FREDERICO, 2004, p. 1).

⁸⁰ Curiosamente, em 1960, ano em que estava cedido à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, Candido foi o responsável por receber e traduzir simultaneamente as falas de Sartre e Simone de Beauvoir, que visitaram o *campus* de Araraquara da Universidade. Cf. SARTRE, 1987.

das forças produtivas e das relações de produção” (SARTRE, 2002, p. 112), de modo que ela sugestiona a produção literária. Com isso, desenha-se um “vaivém enriquecedor entre o objeto (que contém toda a época como significações hierarquizadas) e a época (que contém o objeto em sua totalização)” (SARTRE, 2002, p. 112).

Em sobrevoo, é possível verificar também a importância do “Seminário de Marx”. Sobre ele, inclusive, Florestan Fernandes menciona um aspecto interessante:

No processo de auto-afirmação psicológica e científica, eles [o grupo de estudos d’*O Capital*] impunham, claramente, o peso da renovação que eles configuravam, graças a Lukács, primeiro, a Sartre, em seguida, a Goldman, mais tarde, e a uma pletera de leituras menores, em que se confundiam a ‘nova esquerda’, a ‘contracultura’ e os principais representantes mais recentes da sociologia europeia ou norte-americana. [...] O que quer dizer eu tinha de recomeçar, gostasse ou não, reciclando a minha concepção de sociologia e redefinindo o que eu vinha admitindo como sociólogo. Esse, em suma, foi o quinhão que me tocou na revolução mental que a reconstrução da cadeira de Sociologia I provocou dentro de mim. Diante de um grupo orgânico de sociólogos-pesquisadores, os quais se dispunham a interpretar o Brasil e a periferia do mundo capitalista à luz de novas categorias sociológicas, eu precisava refazer as minhas metas para ter o direito de continuar à testa do grupo (FLORESTAN, 1977, p. 190-192)

Com Florestan e, por extensão, pode-se dizer, também com Candido, a situação se sucede com base, grosso modo, nesse “choque etário”, ou seja, na tensão entre as perspectivas teórico-metodológicas em voga em cada época de formação, em que alguns dos catedráticos consagrados da FFLCH/USP, sem abandonar suas convicções intelectuais, se veem impelidos a acolherem a pluralidade e a abraçarem uma espécie de ecletismo crítico que era fomentado pelo Seminário. Como afirma Gabriel Delgado, “essa leitura renovada do marxismo”, além de outras mais, “informa o debate universitário brasileiro nos anos 1960” que gera um “deslocamento de orientação” (DELGADO, 2018, p. 128-129). É possível dizer, salvo engano, que parte das apropriações e recepções desse marxismo heterodoxo de Candido foi feita também no contato com as novas leituras realizadas na USP, especialmente pela mediação de

Roberto Schwarz e Fernando Henrique Cardoso, duas figuras próximas a ele.

Esse inventário de referências, assim, é importante para entender o caleidoscópio teórico do qual partem as reflexões de Candido a partir dos anos 1960. Não pretendemos aqui realizar um *close reading* dos dois textos em si. Nossa intenção, na verdade, é identificar neles duas questões: os traços das novas posições intelectuais do crítico, sobretudo aquelas que já mencionamos, como a aproximação ao marxismo, visível na disposição dialética da história e na relação entre forma e matéria literária, além das novas leituras dos problemas de raça e classe das sociedades latino-americanas. E, além disso, examinar as alegorias da realidade periférica apreendidas por Candido a partir das semânticas contidas nas categorias “malandragem” e “cortiço”, de maneira a estruturar algumas percepções sobre a *historicidade brasileira*.

3.4 Ordem e desordem

“Dialética da malandragem” (1970) é um ensaio que se dedica a analisar o livro *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, publicado entre os anos de 1852 e 1853 em forma de folhetim do jornal *Correio Mercantil*. A história do romance gira em torno da vida de Leonardo, que vive inúmeras desventuras na cidade do Rio de Janeiro no século XIX até se tornar Sargento de Milícias. O texto de Candido procura realizar dois gestos importantes: primeiramente, tensionar as definições usuais do livro, que o enquadraram em diversos gêneros, como o documentário e o picaresco. Embora considere que não se pode desprezar totalmente essas visões, o objetivo central do crítico era produzir um outro tipo de caracterização para o romance de Antônio de Almeida, inserindo-o dentro de uma tradição poética que engendra melhor os meandros da vida social na América Latina: “romance malandro”.

Em artigo recente, Vinícius Barros (2023) mostrou que, ainda na fase da crítica literária de rodapé, especificamente em 1946, Candido havia tecido alguns comentários esparsos sobre a obra de Antônio de Almeida no jornal *Folha da Manhã*. Segundo o autor, a preocupação do crítico em

relação a *Memórias* era verificar as vinculações, no plano das influências literárias, entre o romance e a produção poética europeia. Nessa seara, Candido não descartou a possibilidade de associar a obra à produção de Balzac, ao romance burguês europeu ou à picardia espanhola pós século XVII, por exemplo, mas ressaltou, de forma veemente, que “não só ele [o romance] apareceu isolado e sem predecessores [...], como a análise do seu texto não nos permite estabelecer com *segurança* filiações estrangeiras” (CANDIDO, 2000, p. 213, [acréscimos meus]).

Segundo Barros (2023), Candido considerava que, marcado pela “fatura desleixada” e pela “língua frouxa das aventuras narradas”, *Memórias* destaca-se por ser um “romance pátrio” na medida em que encara a realidade brasileira por um ângulo próprio de visão:

Candido, portanto, atribui a dificuldade de situar e caracterizar as *Memórias* à complexa conjunção entre influências estrangeiras das mais diversas ordens do romance e a certo ângulo particular de visão forjado por Manuel Antônio de Almeida, o que lhe permitiria interpretar o cotidiano nacional à época do Rio de Janeiro oitocentista e retratá-lo em seu livro. No rodapé da crítica literária de 1946, é possível perceber que a direção a qual os argumentos do crítico apontam [priorizam] a busca pela filiação do texto e o seu lugar na tradição (BARROS, 2023, p.273)

Outro aspecto importante salientado por Barros (2023) no rodapé de 1946 é a vinculação estreita entre literatura e sociedade analisada pelo crítico no romance em tela. Candido considerava que o escritor teve a capacidade de apreender as nuances da realidade sociohistorica à sua volta, de modo que foi possível replicá-la na obra poética. “Essa justaposição, na maneira em que é posta, tem algo de mecânico e redutor, uma vez que tende a simplificar a complexidade do movimento. [...] No artigo de 1946, não existe ainda certo cuidado crítico quanto à investigação das mediações existentes entre uma instância e outra” (BARROS, 2023, p. 2023).

Na *Formação da literatura brasileira* (1959), Candido já toma *Memórias de um sargento de milícias* em outro esquadro, agora inserido num movimento mais amplo das narrativas do moderno romance brasileiro do século XIX, à época duplamente constrangidas, na visão dele, pelo

próprio movimento geral da cultura nacional: de um lado, a força dos padrões poéticos europeus; de outro, a missão de exprimir a realidade local. No capítulo “Manuel Antônio de Almeida: o romance em moto-contínuo”, a hipótese do crítico é que, acossada por essa dualidade (localismo-cosmopolitismo), *Memórias* ora podia ser associado às contendas nacionalistas da época, em especial ao espírito romântico, ora como prenúncio das vinculações universalistas e do nosso desejo por inserção na ordem da civilização europeia.

O que há de novo, então, na leitura desse romance apresentada em “Dialética da malandragem”? O ensaio começa com um inventário das visões construídas pela crítica literária brasileira acerca do livro. O primeiro destaque é dado à leitura de José Veríssimo (1854-1916), presente em *Um velho romance brasileiro* (1894). Nesse texto, Veríssimo classificou o livro de Antônio de Almeida como um romance realista de caráter descritivo, cuja finalidade era

pintar a vida e a sociedade brasileira em uma determinada época, há cinquenta anos passada, mas ainda por muitos aspectos viva no seu tempo. Então, menos rápidas eram as transformações dos costumes e hábitos populares e das feições das cousas, e escrevendo ao cabo da primeira metade do século, Manuel d’Almeida tinha ainda presentes, para estudar, e copiar, tipos e costumes, homens e cousas, da época em que pôs a ação do seu romance, ‘no tempo do rei’ (VERÍSSIMO, 1894, p. 115).

Candido questiona essa visão do romance como “documentário” fiel da vida brasileira, capaz de retratar de maneira informativa e quase jornalística a realidade social da época. Para o crítico, é preciso lembrar que, mesmo que proclamasse para si a missão de relato fidedigno da vida na então capital do país no período joanino do início do século XIX, *Memórias* seria apenas parcialmente eficaz em sua tarefa: primeiro porque o enredo se desnudava nas áreas centrais da cidade, com pouquíssimas menções ao subúrbio; segundo porque o grupo ressaltado na história é o de “gente livre modesta” ou “pequena burguesia”, sem qualquer aparição significativa das “camadas dirigentes” ou das “camadas básicas”, como os escravizados, por exemplo. A ideia de Veríssimo de ver a ficção como “duplicação” é rejeitada por Candido. Na visão de Otsuka (2016, p. 162), a

leitura de Veríssimo indica que “o romance de Manuel Antônio não só não teria predecessores como também seria uma espécie de precursor do realismo e do naturalismo” no Brasil.

A segunda abordagem criticada por Candido é a que procura enquadrar o livro no gênero picaresco. Na Introdução ao relançamento de *Memórias* em 1941, Mário de Andrade teria considerado que a obra de Manoel Antonio, ao apresentar a figura de Leonardo como um personagem anti-heroico, tomava como representativa, na obra, a modalidade do pícaro. Segundo Edu Otsuka (2016), essa posição de Mário foi simplificada e difundida por diversos críticos posteriores, como Eduardo Frieiro, Mário González e Eugênio Gomes. Aquele que mais ressoou essa hipótese foi Josué Montello (1917-2006), em *Um precursor* (1955), ao estabelecer algumas analogias entre o romance e as obras *La vida de Lazarillo de Tormes* (1554) e *Vida y Hechos de Estebanillo Gonzales* (1645), consideradas inaugurais do gênero picaresco espanhol.

Contra essa visão, Candido tece o seguinte comentário:

Em geral, o próprio pícaro narra as suas aventuras, o que fecha a visão da realidade em torno do seu ângulo restrito; e esta voz na primeira pessoa é um dos encantos para o leitor, transmitindo uma falsa candura que o autor cria habilmente e já é recurso psicológico de caracterização. Ora, o livro de Manuel Antônio é contado na terceira pessoa por um narrador (ângulo primário) que não se identifica e varia com desenvoltura o ângulo secundário –, trazendo-o de Leonardo Pai a Leonardo Filho, deste ao Compadre ou à Comadre, depois à Cigana e assim por diante, de maneira a estabelecer uma visão dinâmica da matéria narrada. Sob este aspecto o herói é um personagem como os outros, apesar de preferencial; e não o instituidor ou a ocasião para instituir o mundo fictício, como o Lazarillo, Estebanillo, Guzman de Alfarache, a Pícaro Justina ou Gil Braz de Santilhana (CANDIDO, 1970, p. 2).

Ainda na leitura de Otsuka (2016, p. 162), essa associação mecânica à picaresca acabava por “agrilhoar as *Memórias* a um rótulo confortável que, no entanto, pouco esclarece quanto à especificidade da obra”. Não é por acaso, então, que Candido prossegue buscando ancorar-se na elaboração produzida por Darcy Damasceno (1922-1988), num movimento à contrapelo das caracterizações de Mário, Montello, Eugênio e cia.

Preocupado com a discussão estilística, Darcy, em “A afetividade linguística nas ‘Memórias de um sargento de milícias’ (1956), defendeu que

Não há que considerar-se picaresco um livro pelo fato de nele haver um pícaro mais adjetival que substantival, mormente se a este livro faltam as marcas peculiares do gênero picaresco; nem histórico seria ele, ainda que certa dose de veracidade haja servido à criação de tipos ou à evocação de época; menos ainda realista, quando a leitura mais atenta nos torna flagrante o predomínio do imaginoso e do improvisado sobre a retratação ou a reconstituição histórica (DAMASCENO, 1956, p. 156).

Esse, portanto, é o ponto de partida de Candido para desnudar sua própria interpretação. Embora seja diferente do pícaro, Leonardo, o personagem central de *Memórias*, compartilha com ele alguns traços, sobretudo a origem humilde e o fato de ser viver solto no mundo. Contudo, Candido procura ressaltar muito mais as singularidades do malandro Leonardo, que, embora “largado à própria sorte”, encontra Compadre, o barbeiro que toma conta dele para o resto da vida e o abriga da adversidade material. Longe das condições degradantes de vida, Leonardo nunca esteve submetido ao problema da subsistência. Até por isso, o personagem não apresenta um traço comum da picaresca: “o choque áspero com a realidade, que leva à mentira, à dissimulação, ao roubo”, atitudes que, ante a brutalidade da vida, o leva a se tornar um inescrupuloso.

Em Leonardo a malandragem é uma qualidade imanente que não foi produzida pelo estímulo da realidade cruel.

Semelhante a vários pícaros, ele é amável e risonho, espontâneo nos atos e estreitamente aderente aos fatos, que o vão rolando pela vida. Isto o submete, como a eles, a uma espécie de causalidade externa, de motivação que vem das circunstâncias e torna o personagem um títere, esvaziado de lastro psicológico e caracterizado apenas pelos solavancos do enredo (CANDIDO, 1970, p. 69).

Assim, o protagonista de *Memórias*, na visão de Candido, seria então o primeiro grande malandro na literatura brasileira. Leonardo vive “ao sabor da sorte”, “sem plano nem reflexão”, por isso é um aventureiro que pratica a astúcia pelo prazer do jogo, diferente dos personagens da picaresca, que em geral visam benefícios concretos com seus atos. O protagonista do romance possui, na visão de Candido, os traços do *trickster*, arquétipo que abarca elementos da personalidade de heróis

populares. A própria duplicação dos protagonistas, Leonardo Pai e Leonardo Filho, representaria, na economia do romance, as disposições das duas faces do *trickster*: tolice e esperteza.

Segundo Renato Queiroz, o *trickster* é “o herói embusteiro, cômico, pregador de peças, protagonista de façanhas que se situam, dependendo da narrativa, num passo mítico ou no tempo presente”. À vista disso, a trajetória do personagem costuma ser pautada por uma sucessão de boas e más ações, ora atuando em benefício coletivo, ora prejudicando a organização da sociedade, gerando sentimentos de “admiração e respeito, por um lado, e de indignação e temor, por outro”. Astucioso, errante e peregrino, o *trickster* atua nos limites entre o esperado e o inesperado, entre o indefinido e o conhecido, entre a transgressão e o enquadramento (QUEIROZ, 1991, p. 94).

Memórias, do ponto de vista do enredo, associa um plano voluntário (costumes e cenas do Rio) a um plano involuntário (traços folclóricos presentes no teor dos atos). Apimentado por um “realismo espontâneo e corriqueiro”, intui a dinâmica social brasileira na primeira metade do século XIX. Ao contrário da alegação de ser um “romance documentário”, Candido considera que a realidade extraliterária funciona nele como “elemento de composição, não como informes proporcionados pelo autor, pois neste caso estaríamos reduzindo o romance a uma série de quadros descritivos dos costumes do tempo” (CANDIDO, 1970, p. 76).

Sendo assim, é provável que a impressão de realidade comunicada pelo livro não venha essencialmente dos informes, aliás relativamente limitados, sobre a sociedade carioca do tempo do Rei Velho. Decorre de uma visão mais profunda, embora instintiva, da função, ou “destino” das pessoas nessas sociedades; tanto assim que o real adquire plena força quando é parte integrante do ato e componente das situações (CANDIDO, 1970, p. 76).

O que Candido considera é que *Memórias* foi capaz de figurar a própria dialética da ordem e da desordem que compõe as relações humanas no contexto brasileiro do século XIX. Esse elemento funciona como princípio estrutural da obra, posto que apresenta uma “formalização estética de circunstâncias de caráter social profundamente significativas como modos de existências” (CANDIDO, 1970, p. 76). Segundo Georges

Balandier, essa é mesmo uma característica típica do *trickster*: com ele, “os limites se apagam, as categorias se misturam, as regras e obrigações perdem sua força” (BALANDIER, 1982, p. 25).

No enredo, os personagens são organizados em relação à ordem e à desordem: Leonardo Filho é o personagem central, com sua mãe à direita e seu pai à esquerda. “Pai, mãe e filho são três nódulos de relações, positivas (polo da ordem) e negativas (polo da desordem), sendo que os dois primeiros constituem uma espécie de prefiguração do destino do terceiro” (CANDIDO, 1970, p. 77). Acima estão aqueles que vivem de acordo com as normas estabelecidas, liderados pelo major Vidigal, enquanto abaixo estão aqueles que vivem em oposição ou integração duvidosa em relação a essas normas. O pai de Leonardo, Leonardo Pataca, representa a ordem, mas acaba descendo para a desordem devido ao seu amor pela Cigana. No entanto, ele eventualmente se estabelece com a filha da Comadre, Chiquinha, formando um casal estável. Já Leonardo Filho também oscila entre a ordem e a desordem, com a influência de diferentes personagens que o direcionam para uma direção ou outra. Dito de outra maneira, Leonardo Filho oscila entre a ordem estabelecida e as condutas transgressivas, até finalmente se integrar à ordem. É assim também com Luisinha, que representa a ordem, e Vidinha, situada no polo da desordem.

Contudo, a grande questão posta no romance, segundo o crítico, é que Manuel Antônio dispõe os polos da ordem e da desordem sem atrelá-los a semânticas valorativas hierárquicas, com julgamentos morais qualitativos. Prova disso seria, segundo observação arguta de Candido, que Leonardo passa por situações sérias durante seu relacionamento com Vidinha, e quando se reaproxima de Luisinha, ato que na picaresca espanhola poderia representar uma *evolução*, já que haveria uma transição para o polo da ordem, a narrativa adquire uma tonalidade menos aprovativa. Até por isso, o romance em si cria um universo sem culpa e repressão, onde as ações dos personagens são movidas por curiosidade superficial e as pessoas não são merecedoras de censura. A encarnação da ordem sistêmica fica a cargo do major Vidigal, que no romance é tomado

como uma consciência exterior à dinâmica prevista no universo desenhado pelo enredo.

Por isso, é possível falar que o “princípio moral” do romance é um balanceio entre o bem e o mal, compensados a cada instante, sem aparecerem em estado de inteireza. A moral dos fatos é equilibrada, assim como as relações entre os personagens. A visão dos costumes é tolerante e, mesmo que alguém seja afetado pela ação de um personagem, não há remorso, posto que existe uma avaliação de que os atos são produzidos com vistas à eficácia. Existe, portanto, uma espécie de equidade entre ordem e desordem. Nas palavras de Candido

Vista deste ângulo, a história de Leonardo Filho é a velha história do herói que passa por diversos riscos até alcançar a felicidade, mas expressa segundo uma constelação social peculiar, que a transforma em história do rapaz que oscila entre a ordem estabelecida e as condutas transgressivas, para finalmente integrar-se na primeira, depois de provido da experiência das outras. O cunho especial do livro consiste numa certa ausência de juízo moral e na aceitação risonha do "homem como ele é", mistura de cinismo e bonomia que mostra ao leitor uma relativa equivalência entre o universo da ordem e o da desordem; entre o que se poderia chamar convencionalmente o bem e o mal (CANDIDO, 1970, p. 78).

Candido identifica, assim, que a sociedade que emerge de *Memórias* é sugestiva, não tanto por causa das descrições de festejos ou indicações de usos e lugares, mas porque manifesta, num plano mais fundo e eficiente, o referido jogo dialético da ordem e da desordem, funcionando como correlativo do que se apresentava na sociedade daquele tempo. Quer dizer, o romance teria sido construído segundo o ritmo geral da sociedade brasileira novecentista.

Suprimindo o escravo, Manuel Antônio suprimiu quase totalmente o trabalho; suprimindo as classes dirigentes, suprimiu os controles do mando. Ficou o ar de jogo dessa organização bruxuleante fissurada pela anomia, que se traduz na dança dos personagens entre lícito e ilícito, sem que possamos afinal dizer o que é um e o que é o outro, porque todos acabam circulando de um para outro com uma naturalidade que lembra o modo de formação das famílias, dos prestígios, das fortunas, das reputações, no Brasil urbano da primeira metade do século XIX (CANDIDO, 1970, p. 82).

Neste ponto, percebemos que a estrutura do livro sofre a tensão das duas linhas que constituem a visão do autor e se traduzem em duas direções narrativas, interrelacionadas de maneira dinâmica. De um lado, o cunho popular introduz elementos arquetípicos, que trazem a presença do que há de mais universal nas culturas, puxando para a lenda e o irreal, sem discernimento da situação histórica particular. De outro lado, a percepção do ritmo social puxa para a representação de uma sociedade concreta, historicamente delimitada, que ancora o livro e intensifica o seu “realismo infuso”, preocupado com a observação social do universo descrito

Talvez fosse possível dizer que a característica peculiar das *Memórias* seja devida a uma contaminação recíproca da série arquetípica e da série social: a universalidade quase folclórica evapora muito do realismo; mas, para compensar, o realismo dá concreção e eficácia aos padrões incaracterísticos. Da tensão entre ambos decorre uma curiosa alternância de erupções do pitoresco e de reduções a modelos socialmente penetrantes, evitando o caráter acessório de anedota, o desmando banal da fantasia e a pretenciosa afetação, que comprometem a maior parte da ficção brasileira daquele tempo (CANDIDO, 1970, p. 84).

Candido indica que *Memórias* se diferencia dos romances brasileiros do XIX justamente porque cria um universo em que não há culpa, peso, ressentimento ou repressão por conta de erros e pecados. Embora a maioria das sociedades modernas tenha se estruturado em torno de Estados nacionais responsáveis por organizar, a partir de uma perspectiva ideológica, o que é lícito ou ilícito, verdadeiro ou falso, moral ou imoral, justo ou injusto, no romance de Manuel Antônio essas fronteiras são borradas, já que seu princípio moral é, por si só, esse vaivém entre o bem e o mal, “compensados a cada instante um pelo outro sem jamais aparecerem em estado de inteireza” (CANDIDO, 1970, p. 85). E é curioso, como observa o crítico, que mesmo o major Vidigal, elemento externo à inteireza caótica do enredo, um “oficial da ordem oficial”, é tragado, de forma cômica, para a esfera da transgressão e acaba por embaralhar ainda mais esse possível as distâncias entre esses polos.

Com essa visão, o crítico abriu uma

perspectiva diferente sobre a nossa cultura e literatura, que permitia identificar, batizar e colocar em análise uma

linha de força inédita até então para a teoria, a linha da 'malandragem'. Esta vem da Colônia, inclui o Pedro Malazarte do folclore, Gregório de Matos, um gênero de humorismo popular, a imprensa cômica e satírica da Regência, um veio na literatura culta de nosso século XIX, e culmina no século XX, com Macunaíma e Serafim Ponte-Grande, em que é estilizada e elevada a símbolo (SCHWARZ, 1987, p.130)

A “linha de força” apresentada por Schwarz, marcada por obras literárias e personagens de corte popular, satírico, cômico e, sobretudo, *malandro*, na prática formariam uma constelação poética vasta e ampla, diferente daquelas definidas pelo próprio Candido como pertencentes a uma só tradição. Isso porque, embora pudesse ter havido contato direto ou indireto entre os autores dessas obras poéticas, não foi a *transmissão* “da tocha entre corredores”, “que assegura no tempo o movimento conjunto” (CANDIDO, 2014, p.25-26), que definiu essa “tradição literária” malandra. Estamos diante de um tipo literário que, antes de qualquer coisa, é tomado por Candido não por sua filiação a determinada “vertente”, mas por sua capacidade alegórica e inventiva.

Leonardo Filho, personagem central do romance, ao movimentar-se de maneira plástica e adaptável, é a síntese do vagar malandro, na medida em que, ao perambular pelos polos da ordem e da desordem, sua vida se desenvolvia mergulhada numa “sociabilidade mais folgada” (BUENO, 2008, p.47). Assim, a “dialética da ordem e da desordem” tem um “caráter de princípio estrutural, que gera o esqueleto de sustentação”, fruto da “formalização estética de circunstâncias de caráter social profundamente significativas como modos de existência” (CANDIDO, 1970, p. 77).

3.5 Espontâneo e dirigido

As reflexões contidas em “De cortiço a cortiço”, publicado em 1991, mas originalmente escrito em 1973, foram apresentadas antes, de forma fragmentada, em dois textos distintos: “A passagem do dois ao três (Contribuição para o estudo das mediações na análise literária)” (1974) e “Literatura-Sociologia: análise de O Cortiço, de Aluísio Azevedo” (1976). Somados, esses ensaios compilam a visão de Candido sobre *O Cortiço*, originalmente publicado em 1890. O romance narra a vida dos moradores

de habitações coletivas no Rio de Janeiro do século XIX, com destaque para o português João Romão, dono do cortiço, de uma pedreira e de uma taverna, e o também português Miranda, vizinho da habitação com quem Romão vai disputar espaço e poder.

Em “A passagem do dois ao três”, Candido apronta um prelude que informa sua própria concepção teórica usada para sondar o romance, em diálogo estreito e intenso com outra visão de Aluísio Azevedo: “Análise estrutural de romances brasileiros”, de Afonso Romano de Sant'Ana (1973). Na visão do crítico, Romano parte da oposição Natureza x Cultura, devota das metáforas do cru e do cozido de Lévi-Strauss, para desenhar uma disposição em que o Cortiço, enquanto Conjunto Simples, representa a natureza; ao passado que o Sobrado, como Conjunto Complexo, representaria a Cultura. Quer dizer, Candido identifica que essa proposição dispõe de uma leitura fatalista do processo de transição da natureza para a cultura, visão essa que, fundamentalmente dicotômica, é “excessivamente dominada pela paixão da simetria” e com isso “tende a ser estática” (CANDIDO, 1974, p. 790).

Candido pretende propor uma análise privilegiada, em termos de teoria literária, do número 3, ou seja, “1 + 1 + 1, em pé de igualdade”, traço comum, segundo ele, do marxismo, que é “eminentemente triádico”. Desse jeito, “o ritmo tese-antítese-síntese” passa a pressupor, diferente da diádica estruturalista que se assenta na “contemplação estática” e por vezes maniqueísta dos “sistemas em equilíbrio”, a apreensão de formas sociais irregulares, a captação de equilíbrios fugazes, a compreensão da própria irregularidade dos fatos (CANDIDO, 1974, p. 787).

Antonio Candido considera que falta à visão binária de Romano a chamada “mediação”. Embora Sobrado e Cortiço sejam categorias opostas que plasmam certa disposição binária do social, a relação existente entre eles é sempre mediada por outras categorias, como “português”, “brasileiro”, “animalidade”, “natureza” etc. Para se chegar à leitura dos significados subjacentes à narrativa do romance é preciso, na visão do crítico, “partir da estrutura de relações e tensões vista do ângulo dos elementos mediadores” (CANDIDO, 1974, p. 794).

Em termos teóricos, portanto, a introdução desenhada por Candido pretendia mostrar as limitações do método estruturalista e sua “díade antinômica”.

Um traço curioso do Estruturalismo é o que se poderia chamar de fixação com o número 2. A busca de modelos genéricos se associa nele a uma espécie de postulado latente de simetria, que o faz balançar entre cru e cozido, alto e baixo, frio e quente, claro e escuro, como se a ruptura da dualidade rompesse a confiança nele mesmo. Homologia, isomorfismo, até certo ponto isotopia são conceitos decorrentes (e nem sempre suficientemente esclarecidos), que convergem para o mesmo alvo. Talvez porque entre dois o espírito localize mais facilmente o ponto intermédio e equidistante, que serve de apoio para o compasso dos esquemas (CANDIDO, 1974, p. 787).

“De cortiço a cortiço” é caracterizado pelo mesmo Affonso Romano, por sua vez, pelo uso de uma “chave analítica à luz do estruturalismo genético de inspiração marxista tal como encontrado em Goldmann, Lefebvre, Sartre e Lukács (SANT’ANNA, 1977, p. 222). Além dele, também Paulo Arantes procura verificar os contornos da abordagem do crítico presente no texto: “em sua forma acabada, [...] também se orienta pela dialética marxista: a tensão entre o espontâneo e o dirigido, isto é, entre as ações das personagens norteadas pela ‘sociabilidade encharcada de natureza’ e o ‘cálculo burguês” (ARANTES, 1992, p. 45).

Candido inicia o ensaio definindo o foco de sua análise: o naturalismo brasileiro do século XIX, no qual os autores consideravam-se, eles próprios, capazes de transpor a realidade diretamente à literatura, “como se o escritor conseguisse ficar diante dela na situação de puro sujeito em face do objeto puro”, assinalando, “teoricamente sem interferência de outro texto, as noções e impressões que iriam constituir o seu próprio texto”. Segundo ele, essa teria sido, por exemplo, a postura do francês Rémy de Gourmont (1858-1915), cuja obra “repousa nessa utopia da originalidade absoluta pela experiência imediata, que o levava a desconfiar da influência mediadora das obras” (CANDIDO, 1991, p. 111).

Diante dessa visão, o crítico considera importante situar duas formas de analisar a obra literária: na primeira, a literatura seria fruto apenas da criação soberana do escritor, um “objeto manufaturado com arbítrio

soberano”, em que a realidade seria apenas residual e sem importância hermenêutica. A segunda seria aquela que encara a obra como “duplicação da realidade”, de maneira que o trabalho do escritor seria apenas acessório. Igualmente problemáticas, Candido considera que, na verdade,

seria melhor a visão que pudesse rastrear na obra o mundo como material, para surpreender no processo vivo da montagem a singularidade da fórmula segundo a qual é transformado no mundo novo, que dá a ilusão de bastar a si mesmo. Associando a ideia de montagem, que denota artifício, à de processo, que evoca a marcha natural, talvez seja possível esclarecer a natureza ambígua, não apenas do texto (que é e não é fruto de um contacto com o mundo), mas do seu artífice (que é e não é um criador de mundos novos) (CANDIDO, 1991, p. 111).

Diante desse posicionamento teórico que ressalta a necessidade de tomar a obra literária como *montagem e processo*, Candido indica então o objetivo específico do ensaio “De cortiço a cortiço”: analisar o problema da filiação de textos e da fidelidade aos contextos. Ressalta ele que, embora Aluísio Azevedo tenha se inspirado ostensivamente em *L'Assommoir* (1877), obra do escritor francês Emile Zola (1840-1902), especialmente no desejo por descrever a vida do trabalhador pobre no quadro de um cortiço, foi além, na medida em que também “quis reproduzir e interpretar a realidade que o cercava”. Portanto, a obra teria essa dupla derivação: de um lado, pela condição de subdesenvolvimento, “a elaboração de um mundo ficcional coerente sofre de maneira acentuada o impacto dos textos feitos nos países centrais”; ao mesmo tempo, a realidade local e seus múltiplos contratemplos impõem-se de forma “imperiosa” ante à pena do escritor (CANDIDO, 1991, p. 111).

Em *O Cortiço*, o eixo da narrativa, segundo Candido, seriam as relações estabelecidas entre o explorado e o explorador. Diferente da situação francesa, em que o processo de desenvolvimento econômico afastou o capitalista do trabalhador, no Brasil do século XIX, marcado pela “própria natureza elementar da acumulação num país economicamente ainda semicolonial”, desenhou-se uma “coexistência íntima do explorado e do explorador”, sobretudo se levada em consideração a exploração “através do trabalho muscular”, marcadamente a escravidão.

Dá a pertinência com que Aluísio escolheu para objeto a acumulação do capital a partir das suas fases mais modestas e primárias, situando-a em relação estreita com a natureza física, já obliterada no mundo europeu do trabalho urbano. No seu romance o enriquecimento é feito à custa da exploração brutal do trabalho servil, da renda imobiliária arrancada do pobre, da usura e até do roubo puro e simples, constituindo o que se poderia qualificar de primitivismo econômico (CANDIDO, 1991, p. 113).

O enredo do livro, segundo o crítico, gira em torno da ânsia por ascensão econômica do taverneiro português João Romão e das relações de escravização que mantinha com Bertoleza no Rio de Janeiro de começo do século XIX. O cenário de fundo e a base do êxito de Romão é “o cortiço, do qual tira um máximo de lucro sob a forma de aluguéis e venda de gêneros”. Na ótica de Candido, ao contrário do disposto em Zola, o romance de Aluísio Azevedo trata de “uma história de trabalhadores intimamente ligados ao projeto econômico de um ganhador de dinheiro”, por isso a disposição espacial, na obra, que aproxima a habitação coletiva dos pobres ao sobrado dos ricos (CANDIDO, 1991, p. 130).

Para situar o romance, Candido mostra que, no Rio de Janeiro do começo do século XIX, então capital do Brasil, em meio a esse cenário de intensas disputas econômicas e sociais, era comum a divulgação de um ditado: "Para português, negro e burro, três pês: pão para comer, pano para vestir, pau para trabalhar". Segundo o crítico,

o pão é alimento do homem, mas estendido ao animal de maneira quase profanatória aproxima um do outro. O pano, sendo metonímia da vestimenta, não pode ser estendido nem de maneira figurada se não houver, também figuradamente, uma confusão ontológica entre animal e homem, possível por meio da antanáclase implícita: burro (animal) e burro (pessoa sem inteligência, por isso animalizada). O pau é admissível quando aplicado ao animal, mas, graças às extensões precedentes, reflui sobre o negro e dele sobre o português. Resulta uma equiparação dos três, refletida estruturalmente na confusão fônica da paronomásia (pão, pano, pau), que por assim dizer consagra no plano sonoro (semantizado) a confusão econômica e social visada pelo enunciado, cujos sujeitos, uma vez nivelados, entram por meio dela na atmosfera ambígua dos jogos verbais, liberando várias séries de combinações possíveis: português-pão, negro-pano, burro-pau; português-pau, negro-pão, burro-pano e assim por diante (CANDIDO, 1991, p. 114).

O que Candido pretende mostrar é que, no ditado, reside uma indiferenciação social importante, na medida em que o que seria próprio do homem passa a se estender aos animais, permitindo, *mutatis mutandis*, que o que seria propriamente animal também se estenda ao homem. O crítico ressalta que, nessa visão, há uma “feroz equiparação do homem ao animal”, mas não todos os homens habitantes da cidade, senão apenas os homens trabalhadores. O “dito [...] visa ocultamente a definir uma relação de trabalho (ligada a certo tipo de acumulação de riqueza), na qual o homem pode ser confundido com o bicho e tratado de acordo com esta confusão” (CANDIDO, 1991, p. 114).

O ditado popular seria, acima de tudo, uma introdução ao universo próprio das relações sociais existentes na realidade em torno dos cortiços. Mais especificamente, Candido situa no centro da análise, assim como em “Dialética da malandragem”, o chamado “homem livre”, com sua forte tendência ao “ócio” e que, “favorecido pelo regime de escravidão”, encarava o trabalho como “derrogação” e maneira de nivelar por baixo, quase até à esfera da animalidade, como denota o ditado.

Para além do homem livre, Candido identifica que

O português se nivelaria ao escravo porque, de tamanca e camisa de meia, parecia depositar-se (para usar a imagem usual do tempo) na borra da sociedade, pois "trabalhava como um burro". Mas enquanto o negro escravo e depois libertado era de fato confinado sem remédio às camadas inferiores, o português [...] podia eventualmente acumular dinheiro, subir e mandar no país meio colonial (CANDIDO, 1991, p. 114)

Naquela sociedade do século XIX, Candido identifica que o trabalho era a chave que permitia a ascensão e, ao mesmo tempo, o elemento que possibilitava a sua verdadeira divisão em classes econômicas.

O que há n’O Cortiço são formas primitivas de alheamento, a partir de muito pouco ou quase nada, exigindo uma espécie de rigoroso ascetismo inicial e a aceitação de modalidades diretas e brutais de exploração, incluindo o furto como forma de ganho e a transformação da mulher escrava em companheira-máquina (CANDIDO, 1991, p. 114)

É possível então usar a seguinte fórmula: o cortiço é o espaço de acumulação de riqueza pelo trabalho, que por sua vez permite a acumulação de capital e, por conseguinte, a ascensão social tão desejada, no caso de Romão. Só que, no romance, do ponto de vista dos outros personagens, essa acumulação assume a forma de exploração do nacional pelo estrangeiro. Ressalta Candido que, “na obra há pouco sentimento de injustiça social e nenhum de exploração de classe”, enquanto a ideia de nacionalismo se fortalece como sentimento contrário ao “abuso do imigrante” que vem ao país apenas para “tirar nosso sangue” (CANDIDO, 1991, p. 114)

As ideias de roubo, exploração, enriquecimento e lucro exorbitante estão todas atreladas à atuação considerada desalmada de João Romão, cujos comportamentos representariam um tipo ideal português, aquele forasteiro que pensa apenas em ganhar fortunas “à custa dos naturais da terra”. O que diferenciava brasileiros e portugueses, além de tudo, era o comportamento em relação ao meio e à natureza locais, tomados no romance como elementos dispostos na realidade que condicionam as ações. A atitude de Romão, assim, o marca como personagem antagônico à alma brasileira, posto que é capaz de amplificar uma “luta de raças e nacionalidades” que vai conformar a formação do país no século XIX.

Na visão de Candido, o ditado dos “três pês” era anunciado publicamente por grupos sociais que tentavam assegurar sua própria superioridade em meio às dinâmicas do século XIX. Brancos, brasileiros e livres, para não deixar dúvidas em relação à posição que ocupavam, procuravam se diferenciar daquele que exercia o “trabalho bruto”, sobretudo o escravizado; ao mesmo tempo, resguardava certa distância em relação ao português, na medida em que esse, também “através do trabalho”, enriquecia e ocupava posições privilegiadas na ordenação social.

No romance, assim, tem-se a seguinte disposição:

[No] jogo na língua do pê [...] o primeiro figurante é o português, isto é: o Comendador Miranda, já posto no sobrado vizinho do cortiço; João Romão, labutando neste, olhando para o sobrado e lá chegando; Jerônimo e outros, que seguem os impulsos, nivelam-se aos da terra e perdem a vez. São variedades do branco europeu,

desprezado de maneira ambivalente pelo nativo mas pronto para suplantá-lo e tornar-se o verdadeiro senhor, se conseguir ser agente no processo de espoliar e acumular (CANDIDO, 1991, p. 117).

O português, em seus diversos matizes, mas sempre uma derivação do “branco europeu”, a princípio se diferencia socialmente tanto pela posição ocupada na ordenação do Cortiço, quanto por seu desejo de, via trabalho, espoliação e lucro, enriquecer e acumular capital, atos e atitudes que o fariam ascender socialmente e tornar-se, com isso, “cada vez mais branco”. Abaixo dele encontram-se os segundos figurantes: negros, mestiços, pobres e desvalidos, a “arraia-miúda dos cortiços”, “que mesmo quando etnicamente branca é socialmente negra”. E, por fim, na condição de terceiro figurante encontra-se o animalizado, ou seja, aqueles que, acossados pelas péssimas relações de trabalho, se animalizam. Eis a fórmula desenhada por Candido: “primeiro, o explorador capitalista; segundo, o trabalhador reduzido a escravo; terceiro, o homem socialmente alienado, rebaixado ao nível do animal” (CANDIDO, 1991, p. 117)

O cortiço brasileiro é tratado no romance, segundo o crítico, como uma alegoria da senzala, à medida que é considerado um desdobramento orgânico da própria natureza social brasileira, que, “embora cresça e aumente de volume”, ainda precisaria “ser domada”. Significa dizer, portanto, que o esforço do explorador econômico seria construir um crescimento dirigido e ordenado, de modo a amplificar ao máximo seus lucros econômicos. “Diríamos então que a vontade do ganhador de dinheiro é força racional, desígnio que pressupõe um plano e tende a extrair um projeto do jogo dos fatores naturais”, atenuando, portanto, o ritmo espontâneo de desenvolvimento dos cortiços. (CANDIDO, 1991, p. 118)

Isso leva a pensar que é importante no livro certa dialética do espontâneo e do dirigido, que pode ser percebida no desdobramento virtual do cortiço depois do incêndio, quando João Romão reconstrói as casas com mais largueza e num alinhamento melhor, estabelece horas de entrada e suprime a antiga incoordenação. Os moradores inadaptados são expulsos ou se expulsam, indo continuar o ritmo da desordem no cortiço próximo e rival, denominado Cabeça-de-Gato. O cortiço renovado é descrito por uma imagem de cunho mecânico, quando o antigo sempre o fora por meio de imagens orgânicas, que

continuam a ser usadas para o cortiço desorganizado que recebe os seus rebotalhos. A passagem do espontâneo ao dirigido manifesta a acumulação do capital, que disciplina à medida que se disciplina, enquanto o sistema metafórico passa do orgânico da natureza para o mecânico do mundo urbanizado (CANDIDO, 1991, p. 118-119).

No esquema desenhado por Candido, então, o cortiço velho (Carapicus) seria uma espécie de aglomerado espontâneo, mas que já continha em si mesmo os primeiros indícios de uma “ordenação racional e dirigida”. O cortiço novo (Vila São Romão), limpo, organizado e ordenado, representaria o triunfo do desejo por essa ordenação. Por fim, o cortiço rival (Cabeça-de-Gato), “que mantém a espontaneidade caótica sobre a qual atuou no outro cortiço, como força racionalizadora, o projeto de acumulação monetária do português”. O ponto central, entretanto, está não na ordenação do cortiço em si, mas numa outra ação decisiva para o enredo do romance e, por consequência, para a compreensão da própria dinâmica social brasileira da época, na visão do crítico: o sobrado construído por João Romão, que marca sua entrada nas classes superiores.

O cortiço, portanto, seria uma “alegoria do Brasil, com a sua mistura de raças, o choque entre elas, a natureza fascinadora e difícil, o capitalista estrangeiro postado na entrada, vigiando, extorquindo, mandando, desprezando e participando”. No caso do romance, então, o cortiço é o microcosmo das relações sociais do país, onde brancos, negros e mulatos eram dominados e explorados pelo português “ganhador de dinheiro”. É por isso que, diferente do que aparecia em Zola, Candido ressalta que *O Cortiço* apresenta, na narrativa literária, “aspectos que definem o país todo” (CANDIDO, 1991, p. 119)

E como solução literária foi excelente, porque graças a ele o coletivo exprime a generalidade do social. Na composição, o cortiço é o centro de convergência, o lugar por excelência, em função do qual tudo se exprime. Ele é um ambiente, um meio – físico, social, simbólico, – vinculado a certo modo de viver e condicionando certa mecânica das relações. Mas além e acima dele o romancista estabeleceu outro meio mais amplo, a ‘natureza brasileira’, que desempenha papel essencial, como explicação dos comportamentos transgressivos, como combustível das paixões e até da simples rotina fisiológica (CANDIDO, 1991, p. 120).

A alegoria do país ou o “Brasil em miniatura” desenhado no romance, segundo Candido, é tomado pela relação estreita entre os personagens e a “natureza brasileira”, que desempenha papel essencial na ordenação dos comportamentos transgressivos e como fermento das paixões que se desenvolvem. É o caso, por exemplo, do mestiço, que no cortiço, enquanto personagem, seria a representação da forma como a natureza (meio) condiciona o grupo (raça), relações que definem a própria posição dos sujeitos na habitação coletiva. Desenha-se, segundo o crítico, “um duplo movimento, portanto, ou dois movimentos complementares”: de um lado, a força centrípeta, ou seja, “a pressão do meio e da raça pesando negativamente sobre o cortiço e fazendo dele o que é”; por outro, há também uma força centrífuga, isto é, o “esforço do estrangeiro vencendo triunfalmente as pressões” (CANDIDO, 1991, p. 121).

Segundo Candido, essa dualidade complementar era um sintoma da própria organização intelectual brasileira na época, que ora rejeitava a sua terra, por conta de um pessimismo atrelado à consciência do atraso do nacional, ora adotava posição otimista, apostando na grandiloquência da natureza do país. Na visão do crítico, o melhor exemplo dessa disposição seria, como vimos no capítulo anterior, Sílvio Romero, figura que considerava a “importância das componentes africanas e do nosso caráter de povo mestiço”, ao passo que via como “solução dos problemas a superação [...] de uma coisa e de outra”, ou seja, a sobreposição dos elementos negros e mestiços pela “formação compensatória de uma população de aspecto aproximadamente branco”, cujo objetivo era aproximar o Brasil dos países europeus (CANDIDO, 1991, p. 121)

O elemento natural é tomado, na narrativa, como símbolo importante de ordenação do social. É o caso do Sol, por exemplo, que segundo Candido aparece no livro como manifestação potente dessa natureza tropical e, também, como princípio de fertilidade e fecundidade. “Sol e calor são concebidos como chama que queima” e que, por consequência, “derrete a disciplina” e “fomenta a inquietação e a turbulência”

Por isso, neste livro a natureza do Brasil é interpretada de um ângulo curiosamente colonialista (para usar anacronicamente a linguagem de agora) como algo

incompatível com as virtudes da civilização. Daí o homem forte, o estrangeiro ganhador de dinheiro estar sempre vigilante, como única solução, de chicote em punho e as distâncias marcadas com o nativo (CANDIDO, 1991, p. 123)

É interessante a definição que Candido estabelece em relação ao personagem João Romão, maior exemplo da percepção ambivalente de Aluísio Azevedo: de um lado, é tomado como o “europeu desalmado” que desfruta da terra alheia de onde extrai riquezas diversas; por outro lado, seu triunfo, mesmo com as adversidades de ordem natural, soluciona seus problemas através da integridade pessoal e social, utilizando-se da força e da astúcia. Desenha-se, então, um patriotismo fincado numa “espécie de amor-desprezo, uma nostalgia dos países-matrizes e uma adoração confusa da mão que pune e explora” (CANDIDO, 1991, p. 123).

O que Candido (1990, p. 123) percebe, na prática, é como essa possível dualidade escamoteia, no fundo, outro aspecto importante da obra, contido na voz do narrador: o racismo. Ao ligar-se com Bertoleza, mistura de ameríndia com africana, João Romão identificava na amada um desejo “instintivo” por um “homem numa raça superior à sua”. Estão presentes, nesse caso, elementos e imagens consideradas importantes para a compreensão da própria sociedade brasileira, tais como a ideia de instinto racial, a hierarquização das raças e a possibilidade de “melhoramento étnico” pelo contato com as raças superiores. Assim, o crítico verifica que, no romance, há uma disposição étnico racial que opõe o branco/europeu ao mestiço/negro/brasileiro.

O último aspecto do ensaio que cabe reter aqui é a percepção de Candido de que em *O Cortiço*, a presença do mundo do trabalho, do lucro, da competição e da exploração econômica visível acabam por dissolver as fábulas que apareciam com mais força, por exemplo, em *Dialética da malandragem*. O enredo baseado no jogo entre o espontâneo, entendido como organização difusa típica da sociabilidade do cortiço, e o dirigido, projeto racional de construção da ordem, é mediado pela visão alegórica do autor, de modo que a história do romance passa a ser uma “representação do Brasil”. Quer dizer, “o espaço limitado onde atua o projeto econômico de João Romão figura em escorço as condições gerais

do país, visto como matéria-prima de lucro para o capitalista” (CANDIDO, 1991, p. 128).

A diferença entre Aluísio Azevedo e Zola, por fim, seria exatamente a interposição dessa camada mediadora, em que o fato particular (cortiço) e o significado humano geral (pobreza/exploração) são coados pelas especificidades locais de uma sociedade de caráter colonial. “Havia uma tal necessidade de autodefinição nacional, que os escritores pareciam constrangidos se não pudessem usar o discurso para representar a cada passo o país, desconfiando de uma palavra não mediada por ele” (CANDIDO, 1991, p. 128). Assim, Candido considera que *O Cortiço* foi capaz de plasmar não somente a ordenação sociohistoricamente determinada do Brasil no início do século XIX, mas também trouxe à tona as discussões candentes do país à época no que diz respeito às questões do “meio” e da “raça”.

Na economia da obra, o cenário de fundo se desenvolve a partir do movimento histórico da dialética entre o espontâneo e o dirigido, ou seja, da oposição entre, de um lado, as tentativas de ordenação e organização do espaço social e das disposições coletivas que viviam em tornos das habitações; de outro, sobrevive a força da espontaneidade, da plasticidade, daquilo que, novamente, André Bueno (2008, p.47) chamou de “sociabilidade folgada”.

3.5 Historicidade brasileira

Na primeira parte desse capítulo, identificamos algumas linhas de força que atravessavam a vida profissional, política e intelectual de Candido no final dos anos sessenta e início dos anos setenta, tais como a aproximação ao “marxismo estruturante e, durante a passagem por Yale, no período de estadia nos Estados Unidos, o contato com as movimentações da luta por direitos civis antirracistas, com as repercussões da intervenção imperialista estadunidense no Vietnã e com o início das reverberações do “Maio de 68”. Enquanto o mundo social à sua volta apresentava-se em ebulição, seus cursos oferecidos na universidade voltaram-se à exploração da “ficção naturalista latino-americana” do

novecentos. Pouco tempo depois, no início dos anos 1970, dois ensaios do crítico são publicados, tendo como temática exatamente as obras de Manoel Antonio de Almeida e Aluísio Azevedo, dois escritores brasileiros do século XIX.

Não pretendemos afirmar aqui que esses ensaios são reflexos diretos das problemáticas sociais mencionadas acima. Contudo, chama a atenção o fato de que, em geral, os dois textos mobilizam, no interior de suas análises, temas correlatos àqueles vivenciados ou reconhecidos por Candido à época, seja nos EUA ou no Brasil, tais como conflitos raciais, explorações econômicas estrangeiras, dilemas em torno das liberdades individuais, as relações entre ordem social, violência e conflitos. Soma-se a isso o fato de que *Dialética da malandragem* e *De cortiço a cortiço* são sondados à luz de uma perspectiva dialética, que tanto buscou engendrar o movimento da realidade pelo ponto de vista da superação das dualidades, quanto operou com um marxismo heterodoxo preocupado em analisar as formas de apreensão e figurações da realidade na obra poética, sem perder de vista mediação formal e estética.

Em decorrência dessa aproximação ao marxismo, quer dizer, da construção de um “marxismo estruturante”, sob a influência, salvo engano, de Lukács, Goldmann e Sartre, dentre outros, Roberto Schwarz considera que a escolha de Candido pelos romances *Memórias de um sargento de milícias* e *O Cortiço* tinha por objetivo verificar, de fato, a “redução estrutural de um dado social externo à literatura e pertencente à história”. Quer dizer, o crítico pretendia analisar a “formalização estética de um ritmo geral da sociedade brasileira da primeira metade do século XIX” (SCHWARZ, 1987, p. 132). Sobre marxismo e dialética, aliás, Paulo Arantes menciona que

No ‘Sargento de Milícias’, além da Malandragem a dialética também define as relações entre as esferas sociais da ordem e da desordem. E no estudo do Cortiço a dinâmica do livro é referida a uma dialética do espontâneo e do dirigido. (ARANTES, 1992, p. 12)

Já os problemas da exploração estrangeira e dos conflitos raciais aparecem em *De cortiço a cortiço* imbricados, posto que Candido identifica, no enredo, um conjunto de conflitos sociais que se assentam, sobretudo, na dialética entre ricos, marcadamente os portugueses e brancos, e os

pobres, em geral trabalhadores, sejam negros ou não. Fundamentalmente, esses últimos eram representados como “raças inferiores” e, animalizados, tornavam-se desprezíveis e passíveis de violência, além de serem alvos constantes da exploração econômica “estrangeira”. Os critérios do “meio” e da “raça”, portanto, são fundamentais para a compreensão da obra de Aluísio Azevedo.

n’*O Cortiço* há pouco sentimento de injustiça social e nenhum de exploração de classe, mas nacionalismo e xenofobia [...] Daí uma espécie de luta entre raças e nacionalidades, num romance que não questiona os fundamentos da ordem (CANDIDO, 1991, p. 131).

A questão da organização coletiva e das relações sociais baseadas em conflito e violência aparecem também em *Dialética da malandragem*, posto que *Memórias* seria um romance que explora a dificuldade de organização da ordem moderna no Brasil. Por aqui, as fronteiras entre lícito e ilícito, verdadeiro e falso, moral e imoral, justo e injusto são borradas à medida que o personagem principal, Leonardo, opera um vaivém entre a ordem e a desordem, rasurando, inclusive semanticamente, os sentidos de bem e mal.

O cunho especial do livro consiste numa certa ausência de juízo moral e na aceitação risonha do “homem como ele é”, mistura de cinismo e bonomia que mostra ao leitor uma relativa equivalência entre o universo da ordem e o da desordem; entre o que se poderia chamar convencionalmente o bem e o mal (CANDIDO, 1970, p. 131)

Os dois ensaios, portanto, repercutiram a apropriação do marxismo e sondaram, de modo indireto, os problemas sociais verificados no Brasil e nos EUA à época. Entretanto, é possível avançar também no argumento de que Candido, ao perscrutar *Memórias* e *O cortiço*, pretendia também apreender certos contornos do que vamos chamar aqui de *historicidade da vida social brasileira*, um país atravessado pela experiência colonial, pelas chagas da escravidão e pelo uso constante e reiterado da violência como forma de resolução de conflitos. A ideia é que a reflexão de Candido proposta nos textos não foi somente um exercício de escrita da história literária ou de classificação das obras analisadas, mas também de interpretação da própria realidade nacional à luz de imagens elaboradas e

produzidas no interior de obras poéticas significativas. Na prática, o crítico vai perceber na elaboração dessas alegorias do Brasil – a malandragem e o cortiço – formas de compreender alguns traços e contornos específicos da modernidade em contextos periféricos, cujos países, especialmente na América Latina, são marcados por aquilo que chamamos no capítulo anterior de “ferida colonial”.

Pensar as nuances da *historicidade brasileira* a partir do argumento de Candido significa, em termos amplos, refletir sobre as qualidades e as condições historicamente determinadas da realidade nacional à luz de sua estruturação enquanto país, sobretudo no século XIX, pano de fundo dos romances de Aluizio Azevedo e Manuel Antônio de Almeida. Para pensar com Valdeci Araujo (2013, p. 39), significa explorar a “estrutura do acontecer humano”, “a temporalização de sua temporalidade”, a caracterização histórica do acontecer no devir do tempo, de modo que a organização social brasileira seja apreendida em sua historicidade, meio de acesso ao passado e à experiência histórica determinada, sem a ilusão da totalidade positivista, mas sem abandonar a tentativa de apreensão das formas de continuidade e descontinuidade do fenômeno histórico.

Fundamentalmente, é preciso dizer que a *malandragem* e o *cortiço*, imagens capturadas por Candido nos romances, não são dispostas como simbologias da *identidade* do Brasil, ou seja, como determinação de sua *natureza existencial* ou de sua *condição histórica* como país distinto no concerto das nações ocidentais modernas. O que identificamos em “Dialética da malandragem” e “De cortiço a cortiço” são alegorizações da realidade brasileira, formas de sondagem das nuances da formação nacional do país estruturada inicialmente no século XIX. mas várias delas perenes nos anos. Alegorias que, como mostra Carlos Ceia (1998, p. 19), remete à intenção de “dizer o outro” ou “dizer alguma coisa diferente do sentido literal”, jogando com “sentidos duplos e figurados”.

Walter Benjamin (1892-1940) entende a alegoria como uma imagem fundamentalmente profana e fragmentária da realidade. Em “A origem do drama trágico alemão” (1928), o filósofo procurou opor a alegoria ao símbolo: enquanto o segundo, preocupado com a totalização, busca uma significação completa do real, a alegoria pretende apreender apenas as

ruínas da vida social. Na visão dele, a concepção tradicional de símbolo toma a realidade como passível de representação a partir de uma imagem que se relaciona intrinsecamente com o que é simbolizado. Em contrapartida, a alegoria é uma forma de linguagem mais fragmentada e descontínua, avessa à imagem unitária e harmoniosa. A alegoria, assim, é a captura inexata dos fragmentos do real. Em Benjamin, portanto,

a alegoria [...] trabalha com os estilhaços, com os cacos [da] história. No reino do pensamento, a alegoria se utiliza dos fragmentos significativos acumulando-os numa nova construção, sem unificar os elementos fragmentários em uma chapa totalizadora (PENIDO, 1989, p. 66).

Em direção semelhante, Paul Ricoeur procurou distinguir o símbolo da alegoria a partir da ideia de hermenêutica. Enquanto o símbolo é anterior a toda a interpretação, porque figura a imagem do objeto em si, a alegoria é, em si mesma, uma interpretação sobrepositiva do objeto, ou seja, o símbolo dá o seu sentido “na transparência do enigma”, enquanto a alegoria é uma “interpretação por tradução”. Até por isso, Ricoeur defende a utilização do termo “interpretação alegorizante”, posto que a alegoria é uma forma hermenêutica capaz de construir o próprio objeto a partir de múltiplos conteúdos produzidos pelas dotações de sentidos à realidade (RICOEUR, 1995, p. 179).

A visão benjaminiana de alegoria pode servir como ferramenta crítica valiosa para explorar aquilo que Jorn Rüsen chamou de “cultura histórica” de determinada sociedade, isto é, como forma de expressão intelectual capaz de desvelar as contradições subjacentes à realidade social, política e cultural de determinado contexto. Os procedimentos alegóricos dispostos nos ensaios de *Candido*, enquanto fragmentos do real, teriam uma função profícua e determinante para o próprio debate sobre as configurações da historicidade brasileira.

Em “sociedades jovens”, como a brasileira, buscam-se formas de “disciplinar a irregularidade da sua seiva para se equiparar às velhas sociedades que lhe servem de modelo”. Para tanto, foi preciso criar mecanismos potenciais de contenção, que aparecem em todos os setores”

ancorado em “normas rígidas para emoldurar uma ordem regular baseada, sobremaneira, em múltiplos aparatos repressivos” (CANDIDO, 1970, p. 85).

É o que vemos em Peri, que se coíbe até negar as aspirações que poderiam realizá-lo como ser autônomo, numa renúncia que lhe permite construir em compensação um ser alienado, automático, identificado aos padrões ideais da colonização. N'O Guarani, a força do impulso vital, a naturalidade dos sentimentos, só ocorre como característica dos vilões ou, sublimados, no quadro exuberante da natureza -, isto é, as forças que devem ser dobradas pela civilização e a moral do conquistador, das quais D. Antônio de Mariz é um paradigma e o índio romântico um homólogo ou um aliado. (Lembremos o 'índio tocheiro. O índio filho de Maria, afillhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antônio de Mariz', do Manifesto antropófago, de Oswald de Andrade). Repressão mutiladora da personalidade é ainda o que encontramos noutros romances de Alencar, os chamados urbanos, como Lucíola e Senhora, onde a mulher oprimida da sociedade patriarcal confere ao enredo uma penumbra de forças recalçadas. Em meio de tudo, a liberdade quase feérica do espaço ficcional de Manuel Antônio, livre de culpabilidade e remorso, de repressão e sanção interiores, colore e mobiliza o firmamento do Romantismo, como os rojões do 'Fogo no Campo' ou as baianas dançando nas procissões (CANDIDO, 1970, p 85-86)

Para tanto, Candido busca também cotejar os traços da formação brasileira com a própria história da formação dos Estados Unidos, no qual houve, na visão dele, uma presença “constritora da lei, religiosa e civil, que plasmou os grupos e os indivíduos, delimitando os comportamentos graças à força punitiva do castigo exterior e do sentimento interior de pecado” (CANDIDO, 1970, p. 85). Em outros termos, por lá “esse endurecimento do grupo e do indivíduo confere a ambos grande força de identidade e resistência”, mas também “desumaniza as relações com os outros, sobretudo os indivíduos de outros grupos, que não pertencem à mesma lei e, portanto, podem ser manipulados ao bel-prazer.”

No Brasil, nunca os grupos ou os indivíduos encontraram efetivamente tais formas; nunca tiveram a obsessão da ordem senão como princípio abstrato, nem da liberdade senão como capricho. As formas espontâneas da sociabilidade atuaram com maior desafogo e por isso abrandaram os choques entre a norma e a conduta, tornando menos dramáticos os conflitos de consciência (CANDIDO, 1970, p. 86)

A dialética malandra, assim, decodifica as *brechas* encontradas no sistema de organização da ordem social brasileira. É o que observa Edu Teruki Ostuka, ao considerar que a alegoria da malandragem serve exatamente para mostrar as “fissuras da experiência histórica brasileira” e suas peculiaridades e singularidades. Com isso, tem-se em vista o “conjunto problemático de relações sociais que é em grande parte tributário do sistema escravista-clientelista de matriz colonial e está articulado ao desenvolvimento do mundo moderno”, na prática o modo específico pelo qual a modernização se concretiza em contextos periféricos (OSTUKA, 2005, p. 12).

De forma complementar, Ostuka identifica também outra alegorização presente em *Memórias*: o espírito rixoso. O núcleo de violência que ordena as relações entre os personagens estaria assentado em entreveros, rixas vinganças, tipos de relações entre as personagens que resultam de práticas sociais próprias ao país periférico de economia escravista.

(...) a tendência para a discórdia pessoal não é uma simples excentricidade ou idiosincrasia restrita a um ou a outro personagem, mas sim um padrão de comportamento que se manifesta em praticamente todas as relações interpessoais figuradas nas *Memórias*, bem como na perspectiva do narrador. Nesse sentido, pode-se dizer que o espírito rixoso se generaliza no romance e apresenta caráter estrutural (OTSUKA, 2007, p. 112)

Gostaríamos de propor aqui, para finalizar, uma outra camada de significação presente nas alegorizações da realidade apreendidas por Antonio Candido nos dois ensaios. Trata-se aproximar o “homem livre brasileiro”, personagem central dos dois romances que se vê tragado pelos movimentos dialéticos da ordem e da desordem e do espontâneo e do dirigido, do caráter plástico que conforma a *historicidade da vida nacional brasileira*. Para tanto, sigamos uma pista deixada por Roberto Schwarz

Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm (SCHWARZ, 2008, p. 16).

Schwarz fala da “cultura do favor”, traço típico do homem livre na ordem escravocrata. Esse é, inclusive, o tema de um estudo seminal da socióloga Maria Sylvia Carvalho Franco, defendido, na FFLC/USP, em 1961. “Homens livres na ordem escravocrata” só foi lançado em livro, contudo, em 1969, momento em que passou a figurar como peça importante nos debates sobre a formação da sociedade brasileira, em especial sobre os meios de vida e as condições sociais postas aos “homens livres e pobres” em meio à hegemonia do trabalho escravo no Brasil do século XIX. No livro, a autora procura caracterizar “uma formação sui generis de homens livres e expropriados, que não foram integrados [totalmente] à produção mercantil”. “Destituídos de propriedade dos meios de produção, mas não de sua posse”, desvinculados dos principais processos de organização do mundo social, eram, segundo a socióloga, considerados “desnecessários” e “dispensáveis”, por isso viviam imbricados em práticas de violência, mandonismo e trocas de favores (CARVALHO FRANCO, 1997, p. 14).

O caráter plástico do brasileiro, presente nas alegorizações captadas pela ensaística de Candido e característica primordial do “homem livre” de Carvalho Franco, seria uma espécie de marca de diferenciação da periferia do capitalismo em suas formas de inserção periférica nas novas dinâmicas globais do capitalismo. No caso dos EUA à época, por exemplo, a ordem hierárquica assentada na estrutura de segregação racial apresentava uma forma de organização do social que, por ser rígida, permitia poucas brechas, de modo que figurava por lá o extremo oposto do que acontecia no Brasil, questão explorada nas obras da literatura brasileira do século XIX selecionadas por Candido. A *malandragem* seria, então, uma capacidade plástica de *burlar* as ordenações sociais rígidas, no caso brasileiro, naquele momento, nomeadamente ditadura militar.

Nos dois ensaios, portanto, a perspectiva dialética, empregada seja para compreender a figuração do processo social na forma literária, seja para captar as próprias dinâmicas e movimentos da realidade brasileira, indicam que Candido aprofundou suas bases teóricas e epistemológicas que, anos antes, apareciam de maneira rarefeita. Ao se aproximar de certo marxismo heterodoxo, produzindo uma leitura “estruturante”, o crítico

elaborou não somente um plano de estudos das obras de Aluísio Azevedo e Manoel Antonio, como também foi capaz de apreender algumas alegorias da historicidade brasileira presente nos respectivos romances.

4. Dialética da dependência

Não somos europeus, nem americanos do Norte, mas, destituídos de cultura original, nada nos é estrangeiro, pois tudo o é. A penosa construção de nós mesmos se desenvolve na dialética rarefeita entre o não ser e o ser outro (GOMES, 2016).

4.1 América Latina em sua literatura

Ainda durante a passagem por Yale, na segunda metade dos anos 1960, outro evento de dimensão continental teve papel fundamental no percurso intelectual de Antonio Candido.

Em 1968 fui professor visitante na Universidade de Yale [...]. Naquela altura houve uma reunião promovida, creio que no México, pela Unesco a fim de planejar a obra que se chamou depois *América Latina en su literatura*. Parece que me convidaram, mas não recebi a comunicação em Yale. Nessa reunião, ao distribuírem as tarefas, Sérgio Buarque de Holanda propôs o meu nome para um determinado tópico, mas Ángel (que era seu amigo) interveio dizendo: '*Para Antonio Candido tengo un tema: 'Literatura y subdesarrollo'*'. Sérgio assumiu então o compromisso em meu nome, e eu, para não desautorizá-lo, aceitei a contragosto, porque achei a tarefa muito superior às minhas possibilidades.

[...] Posso dizer que foi o artigo mais trabalhoso que escrevi. Labutei nele doze meses para me ajustar ao assunto difícil e reunir as informações, mas nesse processo aprofundi bastante o conhecimento. O resultado dever ter sido satisfatório, porque o organizador, César Fernández Moreno, o publicou em tradução francesa nos *Cahiers d'histoire mondiale* antes do livro sair, e além disso o fez reproduzir no Correio da Unesco numa quantidade de línguas (CANDIDO, 2009, p. 24, *grifo meu*).

A participação de Candido no projeto editorial foi articulada, assim, por dois de seus maiores interlocutores: Ángel Rama e Sérgio Buarque de Holanda. Rama, inclusive, em carta de dezembro de 1967 endereçada ao crítico brasileiro, falou um pouco mais sobre a proposta.

Participei, em Lima⁸¹, de uma reunião de especialistas da UNESCO com o objetivo de organizar um plano realmente atraente de estudo das culturas latino-americanas. Transformamos a proposta em História Social da

⁸¹ Como é possível ver, a reunião parece ter sido realizada em Lima, no Peru.

Literatura, Artes Plásticas e Música da América Latina, concentrando-a em primeira instância no século XX. Dividimos a América Latina em regiões, nomeando conselheiros para cada uma delas, e imediatamente pensei em você para o Brasil. Em Lima conheci Sérgio Buarque de Holanda, que disse que o conhecia e que a proposta o agradava. Por fim, o deixamos como assessor pensando que o plano de literatura corresponderia a você. Seria muito bom se pudéssemos chegar a um grande plano de trabalho, assim podemos oferecer uma nova imagem do estado atual de nossas culturas. Invoco a Providência Divina para que a UNESCO não abandone esse projeto. Converse com Sérgio Buarque de Holanda sobre o assunto e veja que possibilidade temos de realizá-lo⁸² (CANDIDO y RAMA, 2016, p. 48).

A ideia era produzir um grande estudo sobre a história da cultura latino-americana, no primeiro momento restrita ao século XX. Sergio Buarque e Antonio Candido seriam indicados como dois dos responsáveis brasileiros por tocar o projeto capitaneado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Com o objetivo de mapear, conhecer e aproximar as culturas então “terceiro-mundistas” e as “regiões centrais” (Europa e EUA), o plano representava, para os intelectuais da América Latina, uma possibilidade de obter aporte financeiro, editorial e político para sedimentar, ampliar e maximizar os estudos acerca das culturas das regiões consideradas periféricas do capitalismo global.

Antes de tudo, é preciso entender as articulações que levaram-no a esse projeto. Depois do hiato provocado pela passagem do crítico brasileiro pela Europa, a interlocução entre Rama e Candido vai ser restabelecida nesse mesmo ano, em 1967. Através da correspondência epistolar é possível perceber, inclusive, que os dois vão retomar não só o vínculo

⁸² Tradução própria. No original: “En Lima estuve en una reunión de expertos de UNESCO destinada a organizar un plan, realmente atrayente de estudio de las culturas latinoamericanas. Transformamos la propuesta en Historia social de la literatura, las artes plásticas y la música en América Latina, concentrándola en una primera instancia en el siglo XX. Dividimos en zonas América Latina designando asesores para cada una de ellas, y pensé de inmediato en Ud. para el Brasil. Conocí en Lima a Sergio Buarque de Holanda, quien dijo que lo conocía y estimaba también lo propuso. Por fin dejamos a él como asesor pensando que a Ud. le habría de corresponder el plan de literatura. Sería muy bueno que pudiera llegarse a un gran plan de trabajo común para ofrecer una nueva imagen, actual de nuestras culturas. Invoco la Divina Providencia para que la UNESCO no tire al canasto el proyecto. Hable con Sérgio Buarque de Holanda del asunto y vean qué posibilidad tiene de aplicarse”.

pessoal, mas também os projetos intelectuais. É o que mostra uma missiva enviada pelo uruguaio em 16 de outubro de 1967.

Estimado Antonio Candido:

Envio-lhe pelo mesmo correio a revista do meu Departamento, com as 'piores' intenções. Como pode ver, trata-se da *Revista Iberoamericana*, que se restringe à parte hispânica do mundo Ibérico. Os colaboradores estão muito preocupados com uma análise literária que não ignore a sociologia e que integre a arte à sociedade. Peço-lhe uma contribuição sobre um tema brasileiro, de preferência moderno (talvez Guimarães Rosa?), mas como o imagino sobrecarregado de trabalho, limito-me a pedir-lhe que selecione um fragmento de seus muitos escritos desconhecidos em língua espanhola. Ficáramos encarregados de traduzi-lo com o maior cuidado⁸³ (CANDIDO y RAMA, 2016, p. 45).

Dada a situação política e institucional dos intelectuais latino-americanos no final dos anos 1960, muitos deles exilados ou perseguidos pelas ditaduras militares instaladas em seus respectivos países, esses projetos editoriais apresentavam-se como importantes espaços de resistência crítica à situação de ausência de liberdade e violência política. A referida revista, por exemplo, vinculava-se ao *Departamento de Literatura Hispanoamericana da Universidad de La Republica* (UDELAR), de Montevideu, e publicava textos de diversos intelectuais do continente. Em grande medida, essa opção se vinculava à percepção da figura do intelectual como pilar central da crítica social e histórica, especialmente nas discussões sobre o presente e os problemas que assolavam a América Latina naquele momento.

Em resposta ao convite, Candido, em carta de 27 de novembro de 1967, acenou positivamente. De pronto, apresentou a Rama algumas das reflexões que poderiam integrar a publicação: primeiro, um escrito inédito sobre a ideia de desassossego pessoal, estético e político na obra de

⁸³ Tradução própria. No original: "Mi estimado Antonio Candido: le envío por el mismo correo la revista del Departamento de mi cargo, con las más malas intenciones. Como verá se titula Revista Iberoamericana, pero de la nutricia Iberia sólo recoge la parte de Hispania fecunda. Como verá también los contribuyentes están – estamos – muy preocupados por un análisis literario que no ignore la sociología y que integre el arte en la sociedad. Estoy pidiéndole una contribución para mi revista sobre un tema brasileño, preferentemente moderno (acaso Guimarães Rosa?) pero como lo imagino recargado de trabajo, me limito a pedirle entresaque algún fragmento de sus muchos escritos y que son desconocidos en español: nos encargáramos de traducirle con el mayor cuidado"

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), manuscrito que, segundo ele, teria sido redigido para uma revista dedicada à cultura latino-americana. A cargo de Paul Verdevoye (1912-2001) e sob patrocínio do *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine*, tinha publicação prevista inicialmente para o ano de 1965, em Paris. Como não obteve mais resposta de Paul, o crítico brasileiro aventou a possibilidade de suspender a autorização para que saísse na Europa a fim de repassá-lo à *Iberoamericana* (CANDIDO y RAMA, 2016, p. 46). Em alguma medida, é importante salientar essa posição, pois demonstra um deslocamento de sua estratégia de articulação intelectual da Europa para América Latina.

O outro texto oferecido é o que vai despertar o interesse de Rama: um estudo sobre o banditismo em Minas Gerais a partir de João Guimarães Rosa, que segundo Candido poderia ser oportunamente publicado naquele ano, haja vista a morte do escritor mineiro em 1966. Na visão do crítico brasileiro, Rosa era pouco conhecido no cenário hispano-americano da época, e essa seria a chance de extrapolar, de fato, sua obra para além das fronteiras brasileiras. Em bilhete enviado ao próprio Guimarães Rosa, em 1965, o crítico escreveu o seguinte:

Meu caro embaixador, ontem, conversando com o crítico uruguaio [Emir Rodriguez] Monegal, ouvi dele que considerava você o maior escritor em prosa da América Latina. Achei pouco. Mais tarde, conversando com o [Giuseppe] Ungaretti, disse-me ele que o [Roger] Caillois considerava você o maior escritor em prosa do mundo [...]. Como vê, a verdade progrediu. Mas eu lhe peço lembrar que o primeiro a dizê-lo foi este seu criado⁸⁴.

Escrito e entregue a Rosa no Terzo Mondo, a mensagem, em tom laudatório, mostrava tanto a postura diplomática de Candido, quanto sua relativa devoção literária pela obra rosiana. O ensaio, portanto, tinha esse lastro, e depois de produzido, salvo engano, recebeu o título de “Ser jagunço em Guimarães Rosa”⁸⁵. Nele encontra-se a elaboração do argumento que Candido vai mobilizar em textos posteriores para entender

⁸⁴ IEB-USP: CX12,-1044/145-01 [acréscimos meus].

⁸⁵ Andrés Mejía Toro (2014) indica que o texto foi publicado na *Revista Iberoamericana de Literatura*, vinculada à *Universidad de La Republica*, de Montevideu, em 1970. É importante dizer que, também em 1970, consta a referência de outro ensaio de Candido, intitulado “Jagunços e mineiros de Cláudio Manoel da Costa a Guimarães Rosa”. (CANDIDO, 1995, p. 133-160; DANTAS, 2002, p. 120).

o movimento geral da moderna literatura latino-americana: a ideia de “superregionalismo”, espécie de superação dialética da ambiguidade histórica entre localismo e cosmopolitismo constitutiva de nossa formação cultural.

‘Grande Sertão: Veredas’, de João Guimarães Rosa, pertence aparentemente ao gênero regionalista, habitual nas literaturas latino-americanas, que ainda não puderam superar a apresentação pitoresca da realidade. Mas o seu significado é mais largo, porque nele o quadro local e sua cômica, apesar de expostos com uma capacidade prodigiosa de observação e informação, servem de veículo para dramatizar aspectos que não são próprios de um determinado tipo de homem brasileiro do sertão de Minas Gerais; mas formam a textura da alma de todos os homens. Este livro baseado na documentação mais real, atrai prolongamentos para uma esfera super-real (CANDIDO *apud* TORO, 2014, p. 34).

É importante notar que, embora sempre ressaltasse a dificuldade da tarefa de escrever ensaios sobre a literatura latino-americana, Candido confidenciou, na segunda parte da mesma carta de 27 de novembro de 1967, que à época estava debruçado sobre a obra de Mario Vargas Llosa e Mariano Azuela (1873-1952), autores que, diz ele, gostaria de discutir na pós-graduação na FFLCH/USP após seu retorno ao Brasil. O tema: “a literatura comparada sobre o romance político de tema latino-americano, em especial a questão do caudilhismo” (CANDIDO y RAMA, 2016, p. 46). Sua ideia era analisar temáticas e autores que circulavam no espaço hispano-americano, na tentativa de oferecer aos estudantes brasileiros uma aproximação com algumas dessas figuras ainda pouco conhecidos do cenário continental.

Pouco tempo depois, em 1970, Candido apresentou o trabalho solicitado para o projeto da UNESCO, intitulado “Literatura e subdesarrollo”, em que na prática ampliava o argumento apresentado em “Ser jagunço em Guimarães Rosa”. Diferente da maior parte de seus escritos anteriores, entretanto, nele o objeto de análise é também a porção hispânica da América Latina. No mosaico da obra do crítico brasileiro, esse ensaio é o culminar de um processo de deslocamento do olhar, ao colocar o Brasil em relação estreita com a constelação geopolítica latino-americana. Sua discussão, em síntese, parte de uma visão histórico-sociológica que

procura analisar os contornos específicos da condição de subdesenvolvimento e “atraso” cultural, econômico e político dos países que sofreram o processo de colonização ibérica, indicando que essa herança colonialista, e por conseguinte a lógica da dependência, são vetores importantes da ambientação intelectual e da formação da subjetividade dos escritores.

Como já indicamos, o texto foi lançado primeiro na França, no *Cahiers d’Histoire Mondiale*, e depois na obra à qual se destinava de fato, *América Latina en su Literatura*, organizado por César Fernandez Moreno (1919-1985). A propósito, na introdução do livro, intitulada “O que é América Latina”, Moreno salienta diversos aspectos importantes da publicação, com destaque inicial para uma problemática em torno do próprio conceito de “América Latina”.

Se nos aprofundarmos em busca das raízes desta ostensiva unidade [latino-americana], sua história subministra como primeira nota: sucessiva dependência do conjunto em relação a uma potência exterior. Primeiro, das monarquias ibéricas; quando elas caem, os ingleses e logo os norte-americanos erigirão às custas da América Latina seus impérios sucessores, já não no domínio político, mas econômico.

[...] E, a segunda, sua imersão na polaridade histórica mais forte da atualidade: o abismo que se abre entre os países ricos e os pobres; a oposição mais ampla que a anterior, mas não contraditória, com ela já que é ilustrada no conjunto das Américas, onde a anglo-saxã é a rica⁸⁶ e a latina, a pobre⁸⁷ (FERNANDEZ MORENO, 1972, p. 9, [acréscimos meus]).

A anotação de Moreno indica alguns dos objetivos político-editoriais da publicação: problematizar o caráter dependente da condição latino-

⁸⁶ A propósito, João Feres Jr (2005, p. 10) mostra que, no contexto estadunidense, o conceito apresenta também essa oposição: “*Latin America* tem sido definida no inglês americano, tanto na linguagem comum quanto nos textos especializados, como o oposto de uma autoimagem glorificada de *America*. [...] no inglês usado hoje em dia, há uma assimetria fundamental entre a percepção do Eu coletivo americano e do Outro Latino Americano”.

⁸⁷ Tradução própria. No original: “Si profundizáramos en busca de las raíces de esta ostensible unidad, su historia suministra esta primera nota: sucesiva dependência del conjunto respecto de una potencia exterior. Primero, de las monarquias ibéricas; cuando ellas caen, los ingleses y luego los norteamericanos erigirán a expensas de América Latina sus imperios sucesores, no ya en lo político, pero sí en lo económico. [...] Y, la segunda, su inmersión en entre los países ricos y los pobres; oposición más vasta que la anterior, pero no contradictoria con ella, ya que se ilustra en el conjunto de las Américas, donde la anglosajona es la rica y la latina es la pobre.”

americana, tanto em relação à dominação colonial moderna, em primeiro lugar ligada especialmente às ocupações de Portugal, Espanha e França, no contexto da chamada “primeira cascata de modernidade”, isto é, o momento de construção de certa subjetividade ocidental, calcada na oposição cartesiana entre sujeito/espírito, observador de primeira ordem e ator principal na produção do conhecimento, e objeto/materialidade (GUMBRECHT, 1998). Depois, a dependência decorrente das relações observadas no contexto pós emancipações políticas, no que diz respeito às ingerências econômicas inglesas e estadunidenses na América Latina, já no período de solidificação do Imperialismo. Embora partisse desse ponto de vista que delineava os contornos e componentes específicos da dominação geopolítica colonial, o estudo patrocinado pela UNESCO, lembra o autor, deveria também ir além, ou seja, tomar a América Latina como um todo integrado pelas suas formas políticas nacionais, verificar as posturas de resistência às formas de dominação e analisar a situação “contemporânea” da região (FERNANDEZ MORENO, 1972, p. 12-13).

Além dos já citados Rama, Candido e Sérgio Buarque, a tarefa ficaria a cargo também de Enrique Anderson Imbert (1910-2000), Eduardo Caballero Calderón (1910-1993), Affonso Arinos de Mello Franco (1930-2020), Fryda Schultz de Mantovani (1912-1978), Guillermo Lohmann Villena (1915-2005), Gustavo Beyhaut (1924-2011), dentre outros. O foco dos estudos: a literatura. Para Fernandez Moreno (1972, p. 13), inclusive, o título *América Latina en su literatura* era simbólico, porque “sugere claramente que o objeto deste autoestudo não é a cultura em si, os estilos e sua evolução, o inventário de obras realizadas, mas precisamente a própria América Latina, *em* ou *através* dessas manifestações culturais⁸⁸”.

A propósito, o livro deu voz a intelectuais importantes, como José Lezama Lima (1910-1976), Augusto Tamayo Vargas (1914-1992), José Miguel Oviedo (1934-2019), Adolfo Prieto (1928-2016), José Antonio Portuondo (1911-1996), Roberto Fernandez Retamar (1930-2019), Haroldo

⁸⁸ Tradução própria. No original: “Ella significa claramente que el objeto de este autoestudio no es la cultura en sí, los estilos y su evolución, el inventario de las obras realizadas, sino, precisamente, América Latina misma *en* o *a través* de esas manifestaciones culturales”.

de Campos (1929-2003), Juan José Saer (1937-2005), Noé Jitrik (1928-2022), Ramón Xirau (1924-2017), Emir Rodríguez Monegal (1921-1985), Hernando Valencia Goelkel (1928-2004), José Luiz Martínez (1918-2007), dentre outros. A publicação foi capaz de reunir figuras de proa do pensamento crítico latino-americano, com destaque para aqueles que tinham por tarefa debruçar-se sobre o fenômeno cultural e suas vinculações com as sociedades do continente.

Especificamente na seção onde o ensaio de Candido foi alocado, intitulada “Literatura e sociedade”, Mario Benedetti figurou como importante interlocutor. No texto “Temas y problemas”, o uruguaio Benedetti apresentou uma leitura que, curiosamente, é bastante similar à que veremos em Candido: historicamente, a literatura latino-americana esteve “desorientada” pela dificuldade de repetir um processo de autoafirmação típico dos países europeus. De certa maneira, ressalta o autor, ela “chegou com atraso ao jogo da arte”, de maneira que sua preocupação constante foi, quase sempre, “colocar-se em dia”. Contudo, essa “situação de atraso” foi, paradoxalmente, um de seus “atrativos”, porque

Se a literatura europeia tinha completado e ultrapassado essa revolução, o jovem continente [a América Latina], por outro lado, ainda tinha de compreender e apropriar-se dessa diferença, algo que coincidiu, melhor do que no rígido academicismo dos classicistas, com as ansiedades da sua revolução política inacabada⁸⁹ (BENEDETTI, 1972, p. 354, [acréscimos meus]).

O que Benedetti ilustra é que a “angústia” causada pela “incompletude da formação” que levou os escritores latino-americanos a buscarem obsessivamente formas de compreender da condição histórica do continente, abandonando a ilusão teleológica da “superação do atraso” e tomando consciência das especificidades sociais da condição periférica. O gesto inaugural dessa percepção teria sido, na visão dele, com a eclosão do modernismo, que congregou “elementos clássicos, românticos e autóctones” e teve “ressonâncias espanholas, francesas, inglesas e outras

⁸⁹ Tradução própria. No original: “Si la literatura europea había completado y superado esa revolución, el joven continente, en cambio, debía aún comprender y apropiarse el estallido, ya que éste coincidía, mejor que el rígido academicismo de los clasicistas, con las zozobras de su inacabada revolución política”

mais exóticas” (BENEDETTI, 1972, p. 355). Contudo, como não se tratava de uma literatura propriamente europeia, o escritor modernista, se apropriando conscientemente do repertório externo, estabelece intersecções com a finalidade de buscar seu próprio “desenraizamento” em relação às antigas metrópoles coloniais. Em outros termos: para Benedetti, a sensação de atraso fomentou a afirmação da diferença cultural.

Ainda no que tange à circulação transnacional dessas reflexões, a *Revista Argumento*, periódico que abrigou a tradução para o português do ensaio aqui no Brasil, em 1973, também teve papel decisivo. Publicada em apenas quatro números, entre final de 1973 e início de 1974, abrigou ensaios, resenhas, entrevistas, depoimentos etc. Sob a direção de Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000), jurista e político brasileiro, chegou a ser vendida em bancas de jornal nas principais cidades do Brasil, com uma tiragem inicial de cerca de cinco mil exemplares. No conselho consultivo e na comissão de redação atuavam figuras como Érico Veríssimo (1905-1975), Florestan Fernandes (1920-1995), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), Aníbal Pinto (1919-1996), Octávio Paz (1914-1998), Alberto Hirschman (1915-2012), Anatol Rosenfeld (1912-1973), Celso Furtado (1920-2004), Francisco Weffort (1937-2021), Leôncio Martins Rodrigues (1934-2021), Luciano Martins (1934-2014), Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977), Fernando Henrique Cardoso e, claro, o próprio Antonio Candido⁹⁰.

Eis aqui uma componente importante do ensaio “Literatura e Subdesenvolvimento”: sua dimensão marcadamente transnacional ou translocal, posto que as reflexões que propõe foram confeccionadas a partir de intercâmbios, interrelações e trocas inter e intracontinentais, para além dos estritos limites do espaço brasileiro. Em outros termos, não é só a “hermenêutica da distância”, como vimos no primeiro capítulo, que municia a reflexão do crítico, mas também, e sobretudo, as múltiplas interações transfronteiriças e as intensas conexões e interligações em rede (CONRAD, 2017), estabelecidas, no caso de Candido, a partir de estadias no exterior e da aproximação junto a intelectuais do continente que tinham

⁹⁰ Para mais informações sobre a revista, cf. VIEIRA, 2016 e COTA, Débora, 1997.

por missão produzir leituras latino-americanistas da realidade sociohistórica.

Tanto *Iberoamericana* quanto *Argumento*, assim, pretendiam construir espaços voltados para a apresentação de críticas e reflexões de diversos intelectuais latino-americanos no contexto de eclosão das ditaduras militares ao redor do continente. Tratava-se, desse modo, de buscar saídas a partir de pontes, contatos e conexões no cenário da América Latina, apostando que as conexões transnacionais poderiam vocalizar melhor as denúncias ante a repressão e o autoritarismo. Como mostra Fernanda Beigel (2003, p. 106), as revistas, especificamente na América Latina, são “pontos de encontro de trajetórias individuais e projetos coletivos, entre preocupações de ordem estética e relativas à identidade nacional, enfim, articulações diversas entre políticas e cultura que foram um signo distintivo da modernização latino-americana⁹¹”.

Com o texto, o objetivo de Candido era entender, a partir do debate sobre a crise do desenvolvimentismo, como a situação de dependência das sociedades latino-americanas em relação às dinâmicas do capitalismo global figurava no campo da cultura, especialmente na literatura. O ponto de partida do crítico é a identificação da coexistência, na virada do século XIX para o XX, de dois tipos de consciência que informavam o processo de criação dos escritores latino-americanos: a primeira, gestada no alvorecer da Independência e do Romantismo, era a “consciência amena do atraso” se orientava pela adesão à tese do progresso como superação definitiva de todas as mazelas sociais. Subsidiada pela ideia de “país novo”, resgatou a percepção de que as Américas, pelo mito edênico da exuberância natural, eram lugares privilegiados para o florescimento da ideia de liberdade. A partir de 1870, contudo, e com mais força no contexto pós 1930, eclode também, a “consciência catastrófica do atraso”, que ressalta a persistência trágica da pobreza, das desigualdades e do analfabetismo, ocasionados pela situação de dependência (CANDIDO, 1973).

⁹¹ Tradução própria. No original: “puntos de encuentro de trayectorias individuales y proyectos colectivos, entre preocupaciones de orden estético y relativas a la identidad nacional, en fin, articulaciones diversas entre política y cultura que han sido un signo distintivo de la modernización latinoamericana”

4.2 Desvantagens do subdesenvolvimento

Como foi possível notar na análise dos ensaios nos capítulos anteriores, a partir de 1966 alguns escritos de Candido vão operar com novos conceitos e categorias analíticas, e “Literatura e Subdesenvolvimento” é mais um sintoma dessa transformação. Para Anita Moraes (2015, p. 119), inclusive, deve-se ressaltar que o texto apresenta “todo um conjunto de termos como ‘classe dominante’, ‘grupos oprimidos’, ‘imposição cultural’, ‘países imperialistas’, ‘terceiro mundo’” que não figuravam em outros escritos. Esse é mais um indício da apropriação crítica de um novo repertório intelectual, como vimos nos capítulos anteriores.

No texto, Candido parte da hipótese apresentada por Mario Vieira de Mello (1912-2006) em “Desenvolvimento e cultura: o problema do estetismo no Brasil” (1963). Tomando como central o problema da conformação de uma consciência histórica no Brasil, Vieira identifica que até os anos 1930 predominava, no país, uma noção de “país novo” que colocava no futuro todas as expectativas de resolução dos problemas nacionais. Por isso, eram comuns, nos debates político-intelectuais da época, a proliferação e o uso contínuo de termos, conceitos e categorias como “progresso”, “devir”, “realizar-se”. Essa visão impulsionava e ampliava, até aquele momento, a imagem de uma nação pujante do ponto de vista de uma virtualidade, de um vir-a-ser, mas que ainda não tinha realizado todo o seu potencial de grandeza. Após os anos 1940, entretanto, essa imagem teria sido substituída por uma aceitação da condição de “país subdesenvolvido”, em que são mais destacadas as ideias de “pobreza” e “atrofia”, isto é, aquilo que “falta e não o que sobra”, momento em que o passado é percebido como uma continuidade voraz (MELLO *apud* CANDIDO, 1973, p. 08).

Candido ressalta que, no caso brasileiro, a consciência de “país novo”, fortemente atrelada ao contexto pós 1822, com a Independência, expressou-se, na literatura, a partir da surpresa, do interesse pelo exótico, do respeito pelo grandioso e da esperança quanto às possibilidades abertas para o futuro. Muito disso se devia à “ilusão paisagística” que escoava na continuidade da imagem da “grandeza natural” que se fazia

presente já nos momentos iniciais da ocupação europeia, no século XVI. “A ideia de que a América constituía um lugar privilegiado se exprimiu em projeções utópicas, que atuaram na fisionomia da Conquista” (CANDIDO, 1973, p. 08), criando uma percepção “edênica” do Novo Mundo que, segundo ele, tinha a ver com aquilo que Pedro Henríquez Ureña (1884-1946) considerava como o deslumbramento e a exaltação que já se encontravam presentes na carta de Cristóvão Colombo, documento que teria inaugurado certa visão mais abrangente do continente pela ótica do europeu (HENRÍQUEZ UREÑA, 1925).

Aqui Candido parece se distanciar de um argumento bastante específico apresentado por Sérgio Buarque de Holanda em *Visão do Paraíso* (1959). Nessa obra, o historiador procura matizar a questão do “imaginário da conquista” presente na empreitada colonial ibérica. Segundo ele, os espanhóis, mais “modernos” e portanto mais afeitos à cultura renascentista, criaram uma idealização mitológica sobre o território da América; enquanto isso, os portugueses, mais “realistas” e “pedestres”, ainda atrelados às tradições medievais, narraram a empreitada no Novo Mundo a partir de elementos mais plausíveis e verossímeis em relação às visões paradisíacas (HOLANDA, 1959).

Na leitura própria do crítico, a diferenciação entre Brasil e América Hispânica é substituída por uma generalização do argumento de que toda a empreitada colonial se baseou na construção de uma narrativa que combinava grandiosidade, natureza, paraíso, mito e utopia e que, portanto, esse discurso consolidou-se como um artifício ideológico importante para a construção do projeto de dominação europeu nas Américas (CANDIDO, 1973). Interessante notar, deste modo, como o crítico já esboçava uma aproximação entre a condição brasileira e a história do restante do continente.

Tanto é assim que, segundo ele, no período após as emancipações políticas do século XIX emergiu, no esteio dessa imagem “edênica”, uma visão de que toda a América Latina é terra predestinada à liberdade e lugar de consumação dos “destinos do homem ocidental”.

Esse estado de euforia foi herdado pelos intelectuais latino-americanos, que o transformaram em instrumentos

de afirmação nacional e em justificativa ideológica. A literatura se fez linguagem de celebração e terno apego, favorecida pelo Romantismo, com apoio na hipérbole e na transformação do exotismo em estado de alma. O nosso céu era mais azul, as nossas flores mais viçosas, a nossa paisagem mais inspiradora que a de outros lugares, como se lê num poema que sob este aspecto vale como paradigma, a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, que poderia ter sido assinado por qualquer um dos seus contemporâneos latino-americanos entre o México e a Terra do Fogo (CANDIDO, 1973, p. 8)

Como consequência, produziu-se uma literatura que, ao ressaltar com otimismo o “exotismo americano”, acabava por “compensar”, através da supervalorização dos aspectos regionais, as condições de atraso material e a debilidade das instituições.

Um dos pressupostos ostensivos ou latentes da literatura latino-americana foi esta contaminação, geralmente eufórica, entre a *terra* e a *pátria*, considerando-se que a grandeza da segunda seria uma espécie de desdobramento natural da pujança atribuída à primeira. As nossas literaturas se nutriram das "promessas divinas da esperança" – para citar um verso famoso do Romantismo brasileiro (CANDIDO, 1973, p 9, *grifo do autor*).

Curioso notar que as “promessas divinas da esperança” são um verso do poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves, escrito em 1868. Na visão de Andréa Werkema (2014), o poema pode ser lido como “peça de combate na campanha abolicionista de fins do século XIX”, tensionando até certa imagem eufórica do Brasil; ou como reafirmação alegórica e hiperbólica das recorrentes imagens da exuberância e da grandiosidade da natureza brasileira, comuns, como afirma Candido, em algumas tradições literárias nacionais. Desenha-se o contraste entre o tráfico de escravizados e “a extrema liberdade do oceano, do céu e mesmo do deserto, ilimitados, intocados pela história humana”. Eis a “a tópica romântica do sublime natural: amplitude espacial, elementos indômitos da natureza.” (WERKEMA, 2014, p. 160). Mesmo as escassas visões “desalentadas” e “pessimistas” sobre o “atraso” brasileiro até o século XIX, assim, compartilhariam da mesma ordem de associações: a ideia de que a debilidade e a desorganização das instituições latino-americanas

constituíam um paradoxo transponível, em face das grandiosas condições naturais que eram a marca do destino grandioso do país.

Candido identifica que, na virada do século, essa relação causal entre “terra bela” e “pátria grande”, que produzia uma imagem eufórica do país, foi totalmente contaminada pela emergência de uma nova “consciência crítica catastrófica do atraso e do subdesenvolvimento”, em especial no contexto pós anos 1930, que evidenciou questões como a pobreza dos solos, as técnicas arcaicas de produção, a miséria das populações do campo e da cidade, a violência endêmica e a “incultura paralisante” (CANDIDO, 1973).

A visão que resulta é pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro, e o único resto de *milénarismo*⁹² da fase anterior talvez seja a confiança com que se admite que a remoção do imperialismo traria, por si só, a explosão do progresso. Mas, em geral, não se trata mais de um ponto de vista passivo. Desprovido de euforia, ele é agônico e leva à decisão de lutar, pois o traumatismo causado na consciência pela verificação de quanto o atraso é catastrófico suscita reformulações políticas. O precedente gigantismo de base paisagística aparece então na sua essência verdadeira – como construção ideológica transformada em ilusão compensadora. Daí a disposição de combate que se alastra pelo continente, tornando a ideia de subdesenvolvimento uma força propulsora, que dá novo cunho ao tradicional empenho político dos nossos intelectuais (CANDIDO, 1973, p. 9, *grifo nosso*).

Essas reflexões sobre o “atraso” se delinearam de forma bastante arguta no interior do campo marxista por Leon Trótski (1879-1940), no começo do século, em reflexão sobre a situação socioeconômica da Rússia. Ao analisar as condições de possibilidade de uma revolução socialista no país, buscou ressaltar que a “característica marcante e mais estável da história da Rússia é o ritmo lento de seu desenvolvimento, com atraso econômico, primitivismo das formas sociais e o decorrente baixo nível cultural⁹³” (TROTSKY, 1959, p. 1). As “desvantagens do atraso”,

⁹² Célia Pedrosa (2001, p. 2) ressalta que o termo milénarismo, nesse contexto, representa “expressão utilizada para definir as diversas formas de pensamento utópico, isto é, de crença na possibilidade de realização futura de uma situação humana e social idealmente perfeita.”

⁹³ Tradução própria. No original: “The fundamental and most stable feature of Russian history is the slow tempo of her development, with the economic backwardness, primitiveness of social forms and low level of culture resulting from it”.

portanto, incluíam fatores como a falta de desenvolvimento industrial, o baixo nível de educação da população, a escassez de uma classe trabalhadora apta ao trabalho industrial e a predominância da agricultura de baixa produtividade.

Além disso, Trotsky (1985) confrontou o que considerava a perspectiva etapista e evolucionista do stalinismo, segundo a qual a remoção das estruturas sociais pré-capitalistas só seria possível através de uma revolução nacional-burguesa, antessala da revolução socialista. Apropriando-se da perspectiva de Lênin sobre o desenvolvimento desigual do capitalismo no plano internacional, Trotsky defendeu a ideia de que havia uma combinação entre progresso e atraso, entre moderno e arcaico, de modo que o percurso histórico dos países em condição “colonial” e “semi-colonial” era todo ele atravessado pelas demandas do “centro modernizado”. Esse é o germe da perspectiva que, anos depois, vai ser chamada de “dependentista”.

Na América Latina, esse debate tomou fôlego enorme no campo do pensamento social, econômico, político e cultural. Após a 2ª Guerra Mundial, sobretudo, e de forma mais acabada a partir dos anos 1950, a discussão sobre o problema do subdesenvolvimento ganhou fôlego no continente. Trata-se da emergência daquilo que John Pocock (2003) chamou de “idiomas compartilhados”, momento em que, na perspectiva histórica sincrônica, conceitos e categorias linguísticas encontram-se disponíveis aos autores de determinadas narrativas, que se utilizaram dessas ferramentas (*langue*) para enunciar seus discursos (*parole*) e inscrevê-los no debate público. Como indica Luiz Werneck Vianna, no caso brasileiro, por exemplo, nesse contexto havia se disseminado, dentre outras questões, o sentimento de que o país ainda estava por fazer-se, dadas as contradições sociais e os problemas históricos não resolvidos. À luz de um modelo de desenvolvimento europeu, alguns autores evidenciavam os dilemas do subdesenvolvimento e aludiam, também, às “desvantagens do atraso” (VIANNA, 1988).

Nessa seara aparece, com bastante destaque, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), liderada à época por Raúl Prebisch (1901-1986) e Celso Furtado. Criada em 1948 pela

Organização das Nações Unidas (ONU), foi a responsável por lançar um novo olhar para a condição social latino-americana a partir de uma leitura ao mesmo tempo dualista e estruturalista. Em primeiro lugar, o pensamento cepalino inicial, na década de 1950, como indica Claudia Wasserman (2017), apontava a coexistência de setores pré-capitalistas (arcaicos) e capitalistas (modernos) na sociedade brasileira e latino-americana. Com esses dois “conjuntos opostos”, tinha-se uma incompatibilidade social interna às nações do continente que levava à impossibilidade de crescimento e desenvolvimento, isto é, à estagnação na condição de subdesenvolvimento e atraso.

Já em 1967, Furtado começa a organizar o argumento dependentista para reinterpretar a situação latino-americana. Em *Teoria e política do desenvolvimento econômico*, o economista identifica uma assimetria estrutural na lógica centro-periferia que se desenhou historicamente na economia mundial. Por isso, identifica que o subdesenvolvimento era, acima de tudo, um subproduto do desenvolvimento – uma condição historicamente determinada pela desenrolar do capitalismo europeu. Essa percepção não era de todo inédita, dado que Caio Prado Júnior, em 1945, no clássico *Formação do Brasil Contemporâneo*, já havia apontado a natureza propriamente “subalterna” da inserção brasileira na lógica do capitalismo mercantil mundial no período das colonizações, a partir do século XVI. Em *A revolução brasileira* (1966), o autor defende que, como consequência dessa “inscrição subalterna”, a subordinação da economia nacional ao comércio internacional levou o país à condição histórica de dependência.

De volta a Furtado, o autor afirma que essa condição de dependência é a chave para se compreender a caracterização do mundo do subdesenvolvido, no contexto desta geopolítica global, através da persistente imagem da “deformação”, representada, em geral, na visão binária que opõe o atrasado e o moderno (FURTADO, 1967). Na mesma edição da *Revista Argumento* em que o texto de Candido foi publicado no Brasil, Furtado arremata essa questão em um artigo intitulado “O mito do desenvolvimento e o futuro do terceiro mundo”: essa ilusão criada em torno do “mito desenvolvimentista” subsumiu a própria consciência dessa

assimetria estrutural que existe entre “países periféricos” e “países centrais” (FURTADO, 1973).

É possível dizer, então, que os próprios impasses e dilemas enfrentados pelas múltiplas estratégias econômicas e políticas da primeira metade do século XX, em especial após os golpes militares no Cone Sul, levaram os intelectuais a um questionamento dos pressupostos básicos das teses desenvolvimentistas até então hegemônicas na reflexão sobre as relações entre o atraso e o moderno, entre centro e periferia, entre local e universal no Brasil e na América Latina (BRESSER-PEREIRA, 2010, p. 21). Em geral, essas novas reflexões passaram a explorar melhor a noção de dependência e o caráter singular das sociedades da chamada “periferia do capitalismo”.

Um dos primeiros gestos críticos dessa visão “dependentista” foi produzido por André Gunder Frank, no artigo *The Development of Underdevelopment* (1966). O autor procurou mostrar que as teses puramente desenvolvimentistas incorriam num erro crasso: acreditar que as marcas do “atraso” latino-americano são resquícios pré-capitalistas que poderiam ser removidos e superados com a voga do progresso.

Também se acredita que o subdesenvolvimento atual de um país pode ser entendido como produto ou reflexo exclusivamente de suas próprias características ou estruturas econômicas, sociais e culturais. Entretanto, a investigação histórica demonstra que o subdesenvolvimento contemporâneo é em grande medida o produto histórico de relações econômicas e de outros tipos, passadas e atuais, que o país satélite subdesenvolvido manteve e mantém com os países metropolitanos hoje desenvolvidos⁹⁴ (GUNDER FRANK, 1966, p. 2)

Gunder Frank ressalta aquilo que, como vimos acima, Celso Furtado, em 1967, vai chamar de assimetria estrutural entre o centro e periferia do capitalismo global. Para o autor, já a colonização europeia no século XVI deu início à empreitada capitalista na América Latina, e a

⁹⁴ Tradução própria. No original: “It is also widely believed that the contemporary underdevelopment of a country can be understood as the product or reflection solely of its own economic, political, social, and cultural characteristics or structure. Yet historical research demonstrates that contemporary underdevelopment is in large part the historical product of past and continuing economic and other relations between the satellite underdeveloped and the now developed metropolitan countries”

condição de subdesenvolvimento do continente é um desdobramento direto dessa exploração mercantil. Ou seja, teria ocorrido um desenvolvimento do subdesenvolvimento, para utilizar os termos próprios da reflexão de Frank (1966).

Também é nessa direção que, no mesmo ano de 1966, Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto apresentaram publicamente *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, escrito originalmente como um relatório para a mesma CEPAL. Certamente, dentre as obras citadas essa foi a que gerou maior impacto na discussão proposta por Candido, dada a proximidade uspiana existente entre os dois.

No texto, os autores buscaram

Esclarecer alguns pontos controvertidos sobre as condições, possibilidades e formas do desenvolvimento econômico em países que mantêm relações de dependência com os polos hegemônicos do sistema capitalista, mas, ao mesmo tempo, constituíram-se como Nações e organizam Estados Nacionais que, como todo Estado, aspiram à soberania (CARDOSO & FALETTO, 1966, pp.7).

Cardoso e Faletto pretendiam mostrar, a partir do exame da especificidade da situação latino-americana, os componentes social e político do nosso processo de desenvolvimento. A ideia era superar o que eles chamavam de abordagem “estruturalista”, típica da primeira fase da CEPAL, cujo conceito de subdesenvolvimento era preenchido mais com os aspectos estruturais econômicos dos elementos que compunham essa situação de atraso. Segundo os autores, pretendia-se buscar

uma compreensão global e dinâmica das estruturas sociais, ao invés de olhar apenas para dimensões específicas do processo social. Opomo-nos à tradição acadêmica que concebia a dominação e as relações socioculturais como “dimensões”, analiticamente independentes entre si, e em conjunto independentes da economia, como se cada uma delas correspondesse a esferas separadas da realidade. Neste sentido, acentuamos a natureza sociopolítica das relações econômicas de produção (CARDOSO e FALETTO, 2008, p. 5-6).

Os autores defendem a seguinte hipótese: a análise da vida social latino-americana deve partir do pressuposto de que existem estruturas

globais – fruto do comportamento coletivo dos humanos – que são relativamente estáveis, mas não imutáveis. Com isso, apesar de duradouras, essas estruturas estão em constante transformação pela própria lógica do movimento histórico. Por ‘movimento’ podemos entender, na visão de Cardoso e Faletto, sobretudo os conflitos e as lutas entre as classes. No caso especificamente latino-americano, as estruturas baseavam-se em relações de desigualdade e exploração, garantidos através de mecanismos de autopropetuação da própria lógica assimétrica. Em síntese: a situação de dependência da América Latina decorre tanto da organização geopolítica global, como também dos movimentos sociopolíticos internos ao próprio continente (CARDOSO e FALETTTO, 1966).

Também no debate interno ao campo cultural essas discussões tiveram ressonância importante. Ferreira Gullar, no livro "Vanguarda e subdesenvolvimento", escrito em 1969, vai propor um debate sobre o caráter potencialmente revolucionário da arte na América Latina. Para o autor, as relações internacionais, mediadas pelo Imperialismo, estabeleceram uma dinâmica de troca desigual entre o local e o global, impondo à periferia do capitalismo a condição de dependência e subordinação. Decorre disso uma série de fatores sociais que, como não poderia deixar de ser, impactam o campo artístico e a produção estética, tais como a fome, a miséria, a desigualdade etc. Mergulhada nessa relação desigual, a arte latino-americana permaneceu, por muito tempo, seduzida pelos modelos artísticos e culturais estrangeiros sem considerar suas próprias condições e contextos locais (GULLAR, 1969).

Por todas essas menções, cabe considerar que o ensaio de Candido se inscreve no horizonte analítico desse mosaico de novas interpretações do Brasil e da América Latina que, como mostra João Hernesto Weber (1997), a partir da segunda metade da década de 1960, colocou em pauta e mergulhou no debate sobre a ideia de dependência – em todas as suas dimensões.

Os anos 1960-1970 foram um período de grande efervescência intelectual no subcontinente, alimentado pela espiral de radicalização política que se seguiu à Revolução Cubana de 1959, à crise do

desenvolvimentismo que caracterizara a década precedente e a onda de golpes cívico-militares que se abateu, em especial sobre os países do Cone Sul. Contexto em que, ainda que já tivesse uma trajetória relativamente antiga na região, o termo ‘dependência’ ganhou um novo status teórico como conceito-chave para reinterpretar a formação histórico-social dos países latino-americanos (KAYSEL e MUSSI, 2017, p. 3)

É ancorado nessas contendas de fundo que o ensaio de Candido buscou identificar, inicialmente, as próprias condições de existência da literatura em meio a esse cenário de atraso e subdesenvolvimento, que se expressa, por exemplo, no drama do analfabetismo e da “debilidade cultural” na América Latina:

falta de meios de comunicação e difusão (editoras, bibliotecas, revistas, jornais); inexistência, dispersão e fraqueza dos públicos disponíveis para a literatura, devido ao pequeno número de leitores reais (muito menor que o número já reduzido de alfabetizados); impossibilidade de especialização dos escritores em suas tarefas literárias, geralmente realizadas como tarefas marginais ou mesmo amadorísticas; falta de resistência ou discriminação em face de influências e pressões externas. O quadro dessa debilidade se completa por fatores de ordem econômica e política, como os níveis insuficientes de remuneração e a anarquia financeira dos governos, articulados com políticas educacionais ineptas ou criminosamente desinteressadas (CANDIDO, 1973, p. 10).

Esses traços, para ele, atuam na consciência do escritor e na natureza da criação poética. Até por isso, no contexto da consciência amena do atraso, mais fortemente ao longo do século XIX, parte dos escritores imbuu-se do espírito da “ideologia ilustrada”. Segundo Célia Pedrosa,

Assumida por intelectuais e escritores na época da consciência amena do atraso, ela [ideologia ilustrada] justificava a crença de que a instrução traz automaticamente os benefícios que garantem a humanização e o progresso; legitimava sua auto-identificação com os valores cultos metropolitanos e seu conseqüente distanciamento da realidade nacional; e finalmente implicava numa compreensão do analfabetismo e da debilidade cultural, bem como dos meios para saná-los, de todo desarticulado da questão sócio-política da dominação imperialista, da exploração econômica e da dependência cultural (PEDROSA, 2001, p. 5, [acréscimos meus])

Por isso, acreditava-se que a instrução formal seria capaz de humanizar os homens e garantir o progresso da sociedade. Para Candido, essa “imaginação pedagógica” é recorrente no pensamento latino-americano: em Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), por exemplo, o “predomínio da civilização sobre a barbárie tinha como pressuposto uma urbanização latente, baseada na instrução”; na visão continental de Andrés Bello (1781-1865), pensava-se uma indissociabilidade entre visão política e projeto pedagógico; e no caso de Rómulo Gallegos (1884-1969), em que a resistência ao golpe militar venezuelano de 1948 se deu também através da difusão das luzes e da criação de uma literatura repassada de mitos da instrução redentora (CANDIDO, 1973, p. 13).

O mais simbólico dos casos seria o de Manoel Bonfim (1868-1932), autor de “A América Latina: males de origem” (1905). Na obra, Candido considera que há uma análise sofisticada da situação de atraso latino-americana, atrelada ao prolongamento do estatuto colonial, traduzido na persistência do poder das oligarquias e do imperialismo estrangeiro. No fim, contudo, ao invés de uma proposta de transformação estrutural da sociedade como objetivo final, Bonfim adere à tese de que apenas a instrução seria capaz de resolver os problemas sociais candentes. Trata-se de um caso claro do que Candido considera a “ilusão ilustrada”, fruto da ideologia da fase de consciência esperançosa do atraso.

Candido considera que essa perspectiva se desdobra em outras visões otimistas, como a de que a América Latina seria também “a pátria do livro e da instrução”, manifesta, por exemplo, no poema “O livro e a América” (1870), de Castro Alves.

Talhado para as grandezas,
P'ra crescer, criar, subir,
O Novo Mundo nos músculos
Sente a seiva do porvir.
[...]
Filhos do sec'lo das luzes!
Filhos da Grande nação!
Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão:
O livro — esse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo... (ALVES, 1870, s/p)

O poema fala do encontro entre o livro e um espaço fecundo para o desenvolvimento da instrução: a América. A função da leitura é não somente construir formas de saber, mas também a construção de modos de sociabilidade não-violentos, diferentes daqueles tipicamente europeus – por isso o destaque dado à “batalha de Waterloo”, conflito ocorrido no contexto da expansão napoleônica no começo do XIX. É o legado do Século das Luzes que está em jogo e o “Novo Mundo”, talhado para as grandezas, seria a seiva do porvir da liberdade.

A questão do “esclarecimento” foi analisada por Candido também no texto “Perversão da Aufklärung” (2002), produzido em forma de discurso pronunciado no *II Encuentro de Intelectuales por la Soberanía de los Pueblos de Nuestra America*, realizado em Havana, em 1985. O crítico identifica que com a Independência, consolidada ao largo do continente no século XIX, a crença de que a instrução traria a libertação do povo latino-americano passou a ser articulada em torno de uma finalidade ideológica clara:

Fechar e restringir a iniciação na cultura intelectual, bem como o seu uso social e político. De ideal ilustrado, teoricamente universal e altruísta, ele se tornou em boa parte um saber de classe e de grupo, um instrumento de dominação que serviu por sua vez para segregar o povo e mantê-lo em condição inferior pela privação do saber (CANDIDO, 2002, p. 321).

No fundo, porém, segundo ele, o desejo pelo esclarecimento era uma “visão ilusória”, fruto da ideologia da fase de “consciência esperançosa do atraso”. Diante da “debilidade” e da dificuldade com o drama do analfabetismo e da falta de instrução das massas, por exemplo, os intelectuais teriam produzido uma visão “deformada” de sua própria posição ante a incultura dominante. O crítico aciona Alfred Weber (1868-1958) e a ideia de “*intelligentsia* socialmente desvinculada” (WEBER, 1970) para falar desse letrado que, embora mergulhado na cultura de determinado contexto, persegue certa autonomia relativa com vistas à produção de enunciados discursivos minimamente apartados de alguns interesses políticos imediatos. Em outros termos, Candido identifica que esse intelectual, ao considerar a média da população “inferior, ignorante e incorrigível”, cria

uma ilusão compensadora: a fantasia de que a história, *per si*, seria redentora e que o progresso de tipo europeu removeria todo resquício de arcaísmo que persistia do passado colonial.

Flutuavam, com ou sem consciência de culpa, acima da incultura e do atraso, certos de que estes não os poderiam contaminar nem afetar a qualidade do que faziam. Como o ambiente não os podia acolher intelectualmente senão em proporções reduzidas, e como os seus valores radicavam na Europa, para lá se projetavam, tomando-a inconscientemente como ponte de referência e escala de valores, considerando-se equivalentes ao que havia lá de melhor (CANDIDO, 1973, p. 13)

A “incultura geral”, desta maneira, teria produzido uma fragilidade social importante em toda a vida intelectual, interferindo diretamente na qualidade das obras na América Latina. Além disso, teria sido decisiva na abertura às influências estrangeiras, que, se entendidas à luz das noções de atraso e de subdesenvolvimento, desembocam no debate sobre a dependência cultural. Isto que foi considerado por Candido uma “penúria”, ou seja, as condições de possibilidade de emergência de produtos estéticos no contexto periférico latino-americano, teria feito com que os escritores do continente se voltassem para os padrões metropolitanos e europeus, desenvolvendo uma espécie de “aristocratismo alienante” que se reflete, sobremaneira, no uso de línguas estrangeiras na criação literária.

Há validez em Rubén Dario, é claro, assim como em Herrera y Reissig, Martí, Bilac, Cruz e Souza. Mas há também muita joia falsa desmascarada pelo tempo, muito contrabando que lhes dá um ar de concorrentes em prêmio internacional de escrever bonito. O requinte dos decadentes e nefelibatas ficou provinciano, mostrando a perspectiva errada que pode ser adotada quando a elite, sem bases num povo inculto, não tem meios de se encarar criticamente e supõe que a distância relativa que os separa traduz uma altitude absoluta (CANDIDO, 1973, p. 14)

Candido cita diversos exemplos desse procedimento. No campo intelectual, José Ricardo Pires de Almeida (1843-1913) publicou, no Brasil, mas em língua francesa, as obras *L'instruction publique au Brésil : histoire – législation* (1889), um estudo sobre o sistema de ensino brasileiro desde os primórdios da colonização, e *L'Agriculture Et les Industries au Brésil* (1889), uma análise das transformações econômicas brasileiras da

agricultura e da industrialização brasileiras. Na América Hispânica, lembra o caso do peruano Francisco Garcia Calderón (1834-1905), que publicou, em francês, *Les démocraties latines de l'Amérique* (1912), livro que tentou esboçar uma visão integrada dos países latino-americanos.

Na literatura, destaca Vicente Huidobro (1893-1948), poeta vanguardista chileno que escreveu obras como *Horizon carré* (1917), *Tour Eiffel* (1918) e *Hallali* (1918), todas em língua francesa. No Brasil, são exemplos a produção de Claudio Manoel da Costa (1729-1789), que incluiu, nas suas *Obras* (1768), 14 sonetos e 4 outros poemas em italiano. Também Joaquim Nabuco (1849-1910), “típico exemplar da oligarquia cosmopolita de sentimentos liberais na segunda metade do século XIX”, que produziu, em francês, “[...] uma peça teatral cujos alexandrinos convencionais debatem os problemas de consciência de um alsaciano depois da Guerra de 1870”. Além deles, há também o caso dos escritores africanos, especialmente os “de língua europeia (francesa, como um Leopold Senghor, ou inglesa, como um Chinua Achebe)”, que “se afastam duplamente dos seus públicos virtuais; e se amarram, ou aos públicos metropolitanos, ou a um público local espantosamente reduzido” (CANDIDO, 1973, p.11).

Tudo isso não ia sem ambivalência, pois as elites [letradas] imitavam, por um lado, o bom e o mau das sugestões europeias; mas, por outro, às vezes simultaneamente, afirmavam a mais intransigente independência espiritual, - num movimento pendular entre a realidade e a utopia de cunho ideológico. E assim vemos que analfabetismo e requinte, cosmopolitismo e regionalismo, podem ter raízes misturadas no solo da incultura e do esforço para superá-la (CANDIDO, 1973, p. 15).

A condição de subdesenvolvimento que decorre da colonização e do colonialismo é lida por Candido, à primeira vista, como negatividade e desvantagem. Foi ela quem produziu e ampliou, antes de tudo, um mito do exotismo americano, base fundamental da percepção considerada ingênua da vida social. Além disso, teria feito eclodir a ideologia do progresso, a partir da qual acreditava-se que a superação do atraso seria um horizonte natural e automaticamente alcançável através do projeto desenvolvimentista. Por fim, alimentou, no âmbito cultural, ora uma

ingenuidade cosmopolita de incorporação acrítica de tudo que é produto estético, literário e artístico europeu, ora a rejeição ou subtração nacionalista do repertório externo com vistas à produção de uma cultura “genuína”.

Segundo Christian Lynch (2013), à época a sensação de um atraso atávico assolava parte da intelectualidade brasileira. Representada sobretudo pela agonia em relação à recorrência das catástrofes políticas, sociais e econômicas, foi essa sensação, nos anos 1960, entretanto, que ajudou a desestabilizar a adesão apaixonada desses intelectuais à panaceia da ideologia do progresso e das teses do desenvolvimento. Para Candido, tratava-se da consolidação, no espaço público, de uma nova consciência crítica, que no campo da cultura apresentou-se como uma forma específica de lidar com o próprio subdesenvolvimento: nem “ressentimento apocalíptico”, nem “idealismo compensatório” (CHIAPPINI, 2011, p. 16), nem recusa ativa, nem aceitação passiva.

Desde os anos 1930, ao abandonar a “amenidade”⁹⁵, a curiosidade e o encanto pelo pitoresco e pelo homem rústico, a literatura passa a cumprir “papel desmistificador” e, aos poucos, acaba por dissolver aquela consciência de “país novo” totalmente atrelada à euforia do progresso e do desenvolvimento (CANDIDO, 1973). Esse gesto representa uma espécie de antecipação, no âmbito estético, disso que bem posteriormente, com mais força após os anos 1960, se tornou tópica para alguns intelectuais do continente: o atraso é, por si só, uma condição específica das zonas periféricas do capitalismo, não um estágio histórico; portanto, como não pode ser removido ou ultrapassado pelo desenvolvimento, as sociedades da América Latina deveriam criar um caminho específico para a formação e a solidificação de sua própria vida social.

4.3 O lado oposto e outros lados do atraso

⁹⁵ Na visão de Célia Pedrosa (2001, p. 2), trata-se de um “traço básico da literatura regionalista produzida na fase da consciência amena do atraso, associado ao exotismo e ao pitoresco” que “consiste na representação superficial e harmonizante das relações humanas e sociais em grupos marcados pelo atraso, pela miséria e pela incultura”.

A inevitabilidade da influência exercida pelas metrópoles na América Latina desde o período das ocupações coloniais, momento em que se adotou o “transplante forçado do europeísmo” e criou-se um “vínculo placentário” com o “Velho Mundo”, passou a ser vista por Candido (1973) como “dependência cultural”. Para ratificar a hipótese, dá o exemplo da atitude nativista, que se certificou da condição de dominação, mas não abandonou o repertório externo:

[...] nunca se viu os diversos nativismos contestarem o uso das formas literárias importadas, pois seria o mesmo que se oporem ao uso dos idiomas europeus que falamos. O que requeriam eram a escolha de temas novos, de sentimentos diferentes. Levado ao extremo, o nativismo (que neste grau é sempre ridículo, embora sociologicamente compreensível) teria implicado em rejeitar o soneto, o conto realista, o verso livre associativo (CANDIDO, 1973, p. 16).

Essa dependência, enxergada como a consequência de um longo processo de colonização, contudo, leva à visão de que a cultura latino-americana é também uma forma particular e específica de participação e contribuição para o universo cultural mais amplo, que transborda os limites nacionais e continentais, permitindo a circulação de experiências e valores (CANDIDO, 1973). Em outros termos, Candido identifica que, na literatura latino-americana do século XX, diversos escritores abandonaram as ilusões do progresso redentor e da superação definitiva do subdesenvolvimento, acertaram-se com a “sensação de atraso” e incorporaram, como marca sociohistórica da periferia do capitalismo, os universos rural e agrário em suas imaginações literárias, além de rejeitar o modelo de “cópia” da cultura europeia.

O crítico identifica, por exemplo, que figuras como Lezama Lima (1910-1976), Alejo Carpentier (1904-1980) e Vargas Llosa buscaram se insubordinar frente à apropriação acrítica da matéria e da forma externa europeia. Essa insubmissão, realizada no momento de consolidação da consciência catastrófica do atraso, apontava para uma tentativa de atacar a dependência e trazia como marca congênita a produção de obras de

primeira ordem influenciadas também por exemplos nacionais anteriores⁹⁶, não só por modelos externos. O estabelecimento de uma “causalidade interna” que possibilita a ligação entre autores e obras nacionais e continentais na América Latina permitiu também, na visão de Candido, a construção de modos de apropriação criativa do próprio repertório importado no campo da cultura (CANDIDO, 1973).

O primeiro exemplo mais acabado desse procedimento seria, na visão de Candido, o modernismo brasileiro dos anos 1920, que tanto é descendente direto das expressões artísticas nacionais do passado quanto é fruto imediato da potência das vanguardas europeias daquela época, alterando fortemente o tratamento dos temas, problemas e dilemas que se apresentavam à consciência do escritor. Candido enxerga no modernismo um embate entre uma influência da “modernidade à europeia” e uma espécie de “vontade de poder dionisíaca” (NIETZSCHE, 2008) do material local da vida periférica, que busca criar um terreno para que as potências criadoras do ser artístico floresçam⁹⁷. Nessa percepção, Mário de Andrade (1893-1945) e Oswald de Andrade (1890-1954), por exemplo, teriam construído literaturas que, em geral, investiam no desejo de autonomia e autoafirmação da localidade em relação ao espaço europeu, sem mergulhar na ilusão de uma cultura absolutamente “pura” e “genuína”, impoluta em relação aos desdobramentos do colonialismo (CANDIDO, 1973, p. 17).

Não se trata, por isso, de uma expressão cultural “ingênua”, com um argumento de fundo nacionalista e isolacionista, a que chamamos, grosso modo, de “protecionismo cultural”. Candido adverte

⁹⁶ A questão da tradição foi amplamente discutida por Candido, de fato, em *Formação da literatura brasileira* (1959). Segundo ele, quando se tem “a formação da continuidade literária, – espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo”, desenha-se, também, “uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, [que] é o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há Literatura” (CANDIDO, 1959, p. 24 [Acréscimo meu]).

⁹⁷ Interessante notar que, em 1946, período de sua juventude, Antonio Candido escreveu um ensaio intitulado “O portador” (2013), no qual colocou-se em defesa das ideias nietzschianas, que para ele possibilitariam uma nova concepção plena do humano em meio ao “vendaval moderno”, à época representado pelos autoritarismos do nazismo, do fascismo, do stalinismo e, no caso brasileiro, do Estado Novo varguista.

Sabemos, pois, que somos parte de uma cultura mais ampla, da qual participamos como variedade cultural. E que, ao contrário do que supunham por vezes ingenuamente os nossos avós, é uma ilusão falar em supressão de contatos e influências. Mesmo porque, num momento em que a lei do mundo é a inter-relação e a interação, as utopias da originalidade isolacionista não subsistem mais no sentido de atitude patriótica, compreensível numa fase de formação nacional recente, que condicionava uma posição provinciana e umbilical (CANDIDO, 1973, p. 18).

O que ele pretende destacar é menos a busca por um fundo nacional e autêntico presente nessas literaturas e mais a relação entre produto estético, território local e tradições nacionais, em uma autoconsciência da necessidade de se recusar a importação mecânica do repertório europeu. Nessa mesma direção, algum tempo depois Roberto Schwarz (1987), buscando exaurir o argumento, revisitou a tese de que existem duas experiências importantes na vida intelectual na América Latina: de um lado, o caráter postiço, inautêntico e imitativo da cultura, correspondente àquilo que Candido considera a “fase amena do atraso”. A partir da clássica sentença de Machado de Assis, segundo a qual “o influxo externo é que determina a direção do movimento”, considera que esse mal-estar gera um sentido de inadequação, uma contradição entre a realidade local dos países do continente e o prestígio ideológico dos países que nos serviriam de “modelo” pela centralidade na geopolítica mundial (SCHWARZ, 1987, p. 30).

Em decorrência disso, teria surgido uma outra atitude igualmente problemática. Schwarz (1987) considera que, diante desta sensação de deslocamento, algumas expressões culturais buscaram caminhar, com a mesma ilusão, na direção oposta, ou seja, tentaram “não reproduzir a tendência metropolitana para alcançar uma vida intelectual mais substantiva”, culminando na busca por um “um fundo nacional genuíno, isto é, não-adulterado”, de onde brotaria a matéria necessária para a formação da cultura nacional (SCHWARZ, 1987, p. 32). Esse traço se desenha como a permanência da “consciência amena do atraso”, só que em chave oposta, deslocando o afã pela adesão total à tese da necessidade de “cópia do espírito europeu” para uma espécie de “utopia isolacionista” de caráter

essencialista. Essa orientação aparece não somente na produção literária “nacionalista”, mas também, por exemplo, na teoria social brasileira, como é o caso de algumas perspectivas presentes no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), em especial na reflexão de Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) sobre a redução sociológica, “método destinado a habilitar o estudioso a praticar a transposição de conhecimentos e de experiências de uma perspectiva para outra”, inspirado pela consciência de que “existe uma perspectiva [tipicamente] brasileira”, posto que “toda cultura nacional é uma perspectiva particular” (RAMOS, 1996, p. 42, [acréscimos meus]).

Essa atitude, na hipótese de Antonio Candido, arrefeceu justamente no momento de eclosão da consciência catastrófica do atraso, onde essa ingenuidade é substituída por uma visão mais matizada da realidade que rodeia o intelectual e o escritor. Ao encarar com mais objetividade e serenidade o problema das influências externas, vendo-as como vinculação normal no plano da cultura, o recorrente paradoxo desenhado na formação nacional como herança do colonialismo, expresso na tensão entre local e universal, vai se diluir para dar lugar a uma atitude de maturidade, muito menos afeita à tese das ambiguidades brasileiras (campo x cidade, litoral x interior etc.). Em outros termos, a análise não se restringiu à constatação de que o subdesenvolvimento está ligado à negatividade, à falta, à atrofia e à profusão de problemas sociais, culturais e econômicos. À emergência da “consciência catastrófica do atraso” corresponde uma postura intelectual que enxerga na cultura latino-americana uma série de traços positivos que tornam o continente algo específico e singular na dinâmica mundial (CANDIDO, 1973). Com a erupção da “consciência agônica do atraso”, essa ingenuidade é substituída por uma visão mais matizada.

Com efeito, quanto mais se imbuí da realidade trágica do subdesenvolvimento, mais o homem livre que pensa se imbuí da inspiração revolucionária, - isto é, o desejo de rejeitar o jugo econômico e político do imperialismo e de promover a modificação das estruturas internas, que alimentam a situação do subdesenvolvimento (CANDIDO, 1973, p. 18).

Um exemplo ilustrativo mobilizado por Candido é *La Ciudad y los Perros* (1963), de Mario Vargas Llosa, que parte da tradição do “monólogo interior” característico nas poéticas de Virginia Woolf (1882-1941), William Faulkner (1897-1962), James Joyce (1882-1941) e Marcel Proust (1871-1922). Fecundam-se, de um lado, as formas literárias vêm de fora como empréstimo cultural; de outro, os problemas especificamente locais. A fórmula de Vargas Llosa, para o crítico, opta por não apelar à imitação ou à reprodução mecânica do que está dado no cenário europeu, mas sim pelo compartilhamento de recursos comuns às experiências coloniais para construir uma literatura original. O crítico também menciona o exemplo da literatura cubana, país considerado por ele “vanguarda da América Latina contra o subdesenvolvimento”, que tem em figuras como Alejo Carpentier, Cabrero Infante e Lezama Lima, uma poética fortemente vinculada à experimentação estética, sem descuidar-se do dado latino-americano (CANDIDO, 1973).

Por isso é possível falar que Candido identifica a oposição entre uma literatura ingênua do século XIX, ligada à consciência amena do atraso, apegada ao ufanismo e ao pitoresco, e uma literatura de vigor já imbuída da “consciência dilacerada do atraso”, que emerge com mais força no século XX. Henrique Gaio (2017) compreende essa oposição como uma apropriação candidiana do repertório crítico schilleriano. Por “ingênua” entende-se uma expressão literária mais instintiva e natural ligada às identidades nacionalistas do século XIX, que justamente tentavam se desvencilhar da matéria importada em nome da exposição de uma localidade “pura” e, às vezes, essencializada, ainda que se utilizassem de uma forma literária e uma linguagem marcadamente europeias, desenhando, desde já, um paradoxo. Na virada do século, entretanto, algumas tendências já indicavam a tentativa de substituir esse procedimento de traço romântico por um gesto mais reflexivo e complexo em relação às “importações literárias” de tópicos temáticas.

O termo “maturidade”, no ensaio de Candido, se refere a uma atitude poética cuja consequência, no plano prático, é a consolidação de uma literatura aberta tanto à capacidade de inovação no plano da expressão quanto ao desígnio de lutar nos âmbitos econômico e político contra a

persistência da dependência (CANDIDO, 1973). Sai de cena, com isso, a afirmação da originalidade essencial, no sentido de um particularismo peculiar desconectado do mundo à volta, que leva a atitudes que reforçam o pitoresco e o servilismo cultural, e surge com mais força uma nova expressão literária.

A partir dos movimentos estéticos do decênio de 1920; da intensa consciência estético-social dos anos 1930-1940; da *crise de desenvolvimento econômico* e do experimentalismo técnico dos anos recentes, começamos a sentir que a dependência se encaminha para uma interdependência cultural (se for possível usar sem equívocos esta expressão, que recentemente adquiriu acepções tão desagradáveis no vocabulário político e diplomático). Isto não apenas dará aos escritores da América Latina a consciência da sua unidade na diversidade, mas favorecerá obras de teor maduro e original, que serão lentamente assimiladas pelos outros povos, inclusive os dos países metropolitanos e imperialistas. O caminho da reflexão sobre o desenvolvimento conduz, no terreno da cultura, ao da integração transnacional, pois o que era imitação vai cada vez mais virando assimilação recíproca (CANDIDO, 1973, p. 18-19, *grifos meus*).

Dessa forma, na fase de consciência do subdesenvolvimento, marcadamente no século XX, parte da literatura latino-americana não hesitaria mais entre uma aceitação indiscriminada do afluxo externo e o mito da originalidade essencialista, marcas peremptórias da ideologia desenvolvimentista em suas vertentes nacionalista (localista) ou liberal (cosmopolita). Misturam-se, assim, os impulsos de cópia e rejeição que, se antes eram vistos como fundamentalmente contraditórios, acabam se tornando complementares.

Atraso que estimula a cópia servil de tudo quanto a moda dos países adiantados oferece, além de seduzir os escritores com a migração – por vezes migração interior, que encurrala o indivíduo no silêncio e no isolamento. Atraso que propõe o que há de mais peculiar na realidade local, insinuando um regionalismo que, ao parecer afirmação da identidade nacional, pode ser na verdade um modo insuspeitado de oferecer à sensibilidade europeia o exotismo que ela desejava, como desfastio; e que assim se torna forma aguda da dependência na independência. Com a perspectiva atual, parece que as duas tendências são solidárias e nascem da mesma situação de retardo ou subdesenvolvimento (CANDIDO, 1973, p. 20).

Candido ressalta que nas regiões “subdesenvolvidas”, os países de herança colonial e de condição periférica, o problema do “atraso” invade o campo da consciência e da sensibilidade do escritor, propondo e sugerindo tópicos literários. O crítico considera que, em países desenvolvidos, as representações do campo no romance funcionam apenas como moldura para tratar de problemas urbanos. Já nos países “atrasados”, especialmente na América Latina, essas representações atuam como força importante no plano da criação estética. Embora na fase de “consciência de país novo” a dimensão “regional” apareça como “pitoresco” ou aspecto decorativo, no século XX, na fase da consciência catastrófica do subdesenvolvimento, essa condição acaba funcionando como uma espécie de presciência da crise, abrindo a possibilidade de expansão de um “regionalismo documentário”⁹⁸ que leva, posteriormente, ao sentido de urgência e ao empenho político na luta pela superação desse subdesenvolvimento (CANDIDO, 1973, p. 21).

A realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objeto vivo, a despeito da dimensão urbana ser cada vez mais atuante. Basta lembrar que alguns dentre os melhores encontram nela substância para livros universalmente significativos, como José María Arguedas, Gabriel García Márquez, Augusto Roa Bastos, João Guimarães Rosa. Apenas nos países de absoluto predomínio da cultura das grandes cidades, como a Argentina e o Uruguai, a literatura regional se tornou um total anacronismo (CANDIDO, 1973, p. 22)

Ainda que a partir de um determinado momento do século XX a literatura regionalista não fosse considerada mais a forma hegemônica de expressão poética nacional, pelo que se convencionou considerar seu caráter potencialmente alienante, interessa ao argumento do ensaio examinar exatamente o prolongamento da mesma realidade básica que o possibilitou. No momento da consciência eufórica, desenhada com mais força no século XIX em meio às independências, o regionalismo enquanto elemento pitoresco era considerado a “verdade literária”. Já no momento

⁹⁸ Em nota de pé de página, Candido descreve: “Uso aqui o termo ‘regionalismo’ à maneira da nossa crítica, que abrange toda a ficção vinculada à descrição das regiões e dos costumes rurais desde o Romantismo; e não à maneira da maioria da crítica hispano-americana moderna, que geralmente o restringe às fases compreendidas mais ou menos entre 1920 e 1950” (CANDIDO: 1973, p. 21).

de estruturação da consciência do subdesenvolvimento, após 1930, o regionalismo se imiscui no que foi chamado de “romance social”, “indigenismo” ou “romance do Nordeste”.

O que os caracteriza, todavia, é a superação do otimismo patriótico e a adoção de um tipo de pessimismo diferente do que ocorria na ficção naturalista. Enquanto esta focalizava o homem pobre como elemento refratário ao progresso, eles desvendam a situação na sua complexidade, voltando-se contra as classes dominantes e vendo na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não do seu destino individual [...] Apesar de muitos desses escritores se caracterizarem pela linguagem espontânea e irregular, o peso da consciência social atua por vezes no estilo como fator positivo, dando lugar à procura de interessantes soluções adaptadas à representação da desigualdade e da injustiça. Sem falar no mestre consumado que é [Miguel Ángel] Asturias em alguns dos seus livros, mesmo um romancista cursivo como [Jorge] Icaza deve a sua durabilidade, menos à deblateração indignada ou ao exagero com que caricaturou os exploradores, do que a alguns recursos de estilo que encontrou para exprimir a miséria [...]. Em *Vidas Secas* Graciliano Ramos leva ao máximo a sua costumeira contenção verbal, elaborando uma expressão reduzida à elipse, ao monossílabo, aos sintagmas mínimos, para exprimir o sufocamento humano do vaqueiro confinado aos níveis mínimos de sobrevivência (CANDIDO, 1973, p. 23).

No caso brasileiro, este regionalismo, que para Candido se inicia no interior do Romantismo, foi geralmente considerado uma tendência literária secundária ou uma expressão subliterária. Valorizou-se mais, quase sempre, a chamada “ficção urbana”, que em diversas situações, na economia interna das obras, não aderiu à caracterização comum do “pitoresco” rural. Em Machado de Assis, ressalta ele, esse afastamento em relação ao regionalismo que narra o campo evidenciou a fragilidade do simples descritivismo da “cor local”. Foi só a partir dos anos 1930, exatamente na fase de elaboração e consolidação da consciência catastrófica do atraso, que essas mesmas tendências regionalistas, longe de desaparecerem, foram “sublimadas e transfiguradas pelo realismo social” (CANDIDO, 1973, p. 21).

É bastante curioso notar que, no conjunto das reflexões produzidas pelos intelectuais brasileiros na virada do século XIX para o início do XX,

algumas figuras destacam-se por uma espécie de “elogio” de nosso atraso. Mesmo em meio às dinâmicas de modernização, alguns pensadores identificavam o Brasil como um país de vocação agrária, refratário ao progresso urbano-industrial, portanto singular e específico na dinâmica da economia global. “Para essa interpretação, o Brasil é o país essencialmente agrícola, é o país cheio de riquezas naturais e de cordialidade, mas tropical e mestiço, portanto, inferior” (BRESSER-PEREIRA, 1982, p. 272).

É o caso de Alberto Torres (1865-1917), por exemplo, que identifica na condição rural do país não a marca de um “retardamento sociohistórico” frente aos países desenvolvidos, mas a própria “condição natural” de nossa formação. Até por isso, Torres (1978) defendia que, no contexto da modernização do Brasil, no início do século XX, o melhor caminho seria apostar na vocação agrícola e construir uma nação de pequenos proprietários, gerando um tipo de produção econômica diversificada que contribuiria para a construção da identidade nacional baseada na solidariedade do povo.

A introdução do *moderno*, atrelado nesse caso à industrialização e à urbanização, era identificada por Torres como o responsável por produzir uma ordem artificial, capaz de gerar instabilidade e de disseminar o gosto pelo luxo e pela frivolidade na sociedade, o que, no caso brasileiro, seria particularmente problemático, haja vista a dificuldade de consolidação plena de uma coesão social no país. Assim, vinculado a um agrarismo que buscava romper com a dependência do país em relação ao exterior, superando as influências coloniais e monárquicas, o autor via na ênfase da agricultura a chave para garantir a soberania nacional brasileira. O caminho à *modernidade* burguesa-urbano-industrial seria a fonte de desintegração, além de negar a própria “natureza” da condição histórica do Brasil, uma sociedade, em essência, agrária (TORRES, 1978).

Essa era a visão, aliás, presente em *Parceiros do Rio Bonito* (1954), estudo sobre culturas tradicionais paulistas e a transformação dos seus meios de vida no século XX. No texto, Candido explora as mudanças nos costumes do caipira diante da expansão econômica capitalista. Com o choque entre o “moderno” e as tradições rurais, à cultura caipira restava a integração no novo sistema ou a anomia do isolamento. Embora lutasse

por sua sobrevivência, a dimensão rural acabaria sendo incorporada pela força da lógica urbano-industrial (CANDIDO, 2010). O universo regional, portanto, representado pelo “rural”, “agrário” ou “rústico”, em tese seria superado pela lógica avassaladora do progresso, da modernização e da urbanização.

Assegurada a abissal diferença ideológica entre Candido e Torres, voltemos ao argumento do crítico: na visão dele, é possível identificar que os escritores contemporâneos da América Latina, ainda que rejeitassem a pecha de “regionalistas”, tinham de conviver com a persistência da força desta dimensão “regional”, mesmo que ela não atuasse mais como tendência impositiva ou requisito prioritário da expressão da consciência nacional. Na reflexão apresentada em “Literatura e subdesenvolvimento”, o crítico observa que, na verdade, esse universo “agrário” e “rural” permaneceu vivo mesmo com o avançar dos projetos de modernização levados à cabo no continente no século XX. É exatamente por isso que, na literatura latino-americana moderna, isto é, no “superregionalismo”, a dimensão “regional” não pôde simplesmente ser ultrapassada ou superada; antes, ela foi assimilada como traço *sui generis* de nossa vida social, de modo que foi introduzida tomada como marca congênita de nossa condição periférica e fermento para a criação poética.

Ao constatar esse estado, os escritores, na visão de Candido, operam com uma “desprovincianização da consciência literária” (ARANTES, 1997, p. 29), cuja marca poética é a busca pela inventividade técnica, a partir da qual estas regiões identificadas como “atrasadas” poderiam se transfigurar, ultrapassando a recorrente caracterização pitoresca e transformando-se em matéria de universalidade.

Descartando o sentimentalismo e a retórica; nutrida de elementos não-realistas, como o absurdo, a magia das situações; ou de técnicas antinaturalistas, como o monólogo interior, a visão simultânea, o escorço, a elipse - ela implica não obstante em aproveitamento do que antes era a própria substância do nativismo, do documentário social. Isto levaria a propor a distinção de uma terceira fase, que se poderia (pensando em surrealismo, ou super-realismo) chamar de super-regionalista. Ela corresponde à consciência dilacerada do subdesenvolvimento e opera uma explosão do tipo de naturalismo, que se baseia na referência a uma visão empírica do mundo; naturalismo

que foi a tendência estética peculiar a uma época onde triunfava a mentalidade burguesa e correspondia à consolidação das nossas literaturas (CANDIDO, 1973, P. 24).

É exatamente na explosão dessa consciência agônica do atraso, no século XX, que Candido enxerga a emergência de uma produção literária que ele vai chamar de super-regionalista ou transregionalista. Em geral, ela se caracteriza por um “esforço de universalizar a região”, ou seja, em tratar os problemas específicos de algumas matérias “nativistas” (local, rural, campo, sertão) a partir de dilemas e sentimentos universais e de “problemas metafísicos”.

Isto levaria a propor a distinção de uma terceira fase, que se poderia (pensando em surrealismo, ou super-realismo) chamar de super-regionalista. Ela corresponde à consciência dilacerada do subdesenvolvimento e opera uma explosão do tipo de naturalismo, que se baseia na referência a uma visão empírica do mundo; naturalismo que foi a tendência estética peculiar a uma época onde triunfava a mentalidade burguesa e correspondia à consolidação das nossas literaturas (CANDIDO, 1973, P. 24).

O crítico considera que o melhor exemplo dessa literatura é a prosa de ficção do romance de Guimarães Rosa (1908-1967), mas também enxerga esses traços em outros escritores:

Não se exigirá mais, como antes se exigia explícita ou implicitamente, que Cortázar cante a vida de Juan Moreyra, ou Clarice Lispector explore o vocabulário sertanejo; mas não se deixará igualmente reconhecer que, escrevendo com requinte e superando o naturalismo acadêmico, Guimarães Rosa, Juan Rulfo, Vargas Llosa praticam em suas obras, no todo ou em parte, tanto quanto Cortázar ou Clarice Lispector no universo dos valores urbanos, uma espécie nova de literatura que ainda se articula de modo transfigurador com o próprio material do nativismo (CANDIDO, 1973, p. 24).

Quando mencionamos o impacto da reflexão de Cardoso e Faletto na argumentação de Candido é exatamente nesse ponto. Embora estejam presentes os mecanismos estruturais de autoperpetuação da condição de dependência nas sociedades da periferia do capitalismo, os dois autores ressaltam que, por outro lado, abrem-se possibilidades de mudança social.

As estruturas sociais impõem limites aos processos sociais e reiteram formas estabelecidas de comportamento. Contudo, geram também contradições e tensões sociais, abrindo possibilidades para movimentos sociais e ideologias de transformação. As análises não só devem explicitar as restrições estruturais que reforçam os aspectos reiterativos da reprodução da sociedade, mas também delinear as oportunidades de mudança, enraizadas no próprio interesse social e nas ideologias criadas pelo desenvolvimento de uma determinada estrutura. Neste processo, os grupos e classes sociais subordinadas, assim como os países dominados, tentam contra-atacar os interesses dominantes que sustentam as estruturas de dominação (CARDOSO e FALETTO, 2008, p. 7).

Candido, Cardoso e Faletto, guardadas as respectivas diferenças temáticas, aproximam-se na medida em que enxergam na situação de dependência não a estruturação de uma sociedade cristalizada e imóvel, na qual a cultura, por extensão, seria apenas uma repercussão dessa lógica de dominação rígida. Antes, observam que a dependência produz, também, contradições que abrem espaço à subversão e à insubordinação. O maior exemplo disso, portanto, seria a literatura que Candido chama de super-regionalista: diante da “situação de atraso” decorrente da dependência, o superregionalismo apropriou-se da matéria típica da realidade sociohistórica latino-americana e produziu um objeto cultural disruptivo, capaz inclusive de subverter a própria tradição estética hegemônica no continente, além de circular nos espaços do centro do capitalismo.

4.4 Novateurs brésiliens

Em 1973, Candido foi convidado a participar do VII Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC), que seria realizado no Canadá. Sobre ele, o crítico, em carta a Ángel Rama, diz o seguinte:

No ano passado, fui convidado para uma mesa redonda no Canadá em agosto deste ano, onde os outros convidados seriam o senhor e [Noé] Jitrik. Mas eles não receberam resposta de seu endereço em Montevideú. Por sugestão de Cortázar, que passou por aqui em fevereiro, enviei a eles o endereço de [Jorge] Ruffinelli, que iria

encaminhar a correspondência. [...] Vejo agora, pela carta de Eva Kushner, que eles já se comunicaram com você e que há alguma possibilidade de nos encontrarmos em Ottawa. Espero⁹⁹ (CANDIDO y RAMA 20, p.55).

Para o evento, Candido aprontou o texto *Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens*¹⁰⁰. O ensaio se debruça sobre a ficção contemporânea latino-americana tomada pela sua capacidade fabuladora, isto é, a abordagem adota como critério a inventividade e imaginação poéticas das obras. Embora o texto seja um desdobramento das proposições presentes em *Literatura e Subdesenvolvimento*, ele apresenta dois traços de originalidade: primeiro, ao analisar o objeto literário, o crítico procura se preocupar mais com os elementos *internos* à obra, como as relações entre realismo e fantasia e a capacidade de inventividade linguística e imaginativa da literatura (CANDIDO, 1973, p. 4). Além disso, ao colocar no centro da análise o romance latino-americano contemporâneo, com foco especial na chamada produção super-regionalista, Candido procurou formas de inserção das obras brasileiras no mosaico da ficção continental, cuja marca de expressão é, sobretudo, a explosão estética.

A hipótese que norteia o texto é que, no século XIX, atravessados pelo sentido de missão, os escritores dos países da América Latina se utilizaram mais de um enfoque nacionalista, por isso a posição realista e documental se torna hegemônica.

De toda forma, nossas literaturas se constituíram a partir do jogo dessas duas tendências (realismo e fantasia), que eu oponho aqui para a clareza da exposição, mas que seria melhor colocar em situação e avaliar dialeticamente. Pode-se dizer então que a inclinação em direção ao real corresponderia a um fantasma do documento, sob o impulso de uma realidade natural e social que seria preciso levar em consideração, explicar, superar – porque ela constituiria o quadro de uma nação em processo de se fazer. Descrever o real era de uma certa forma *fazer* a nação por meio da literatura; ao passo que, de outro lado,

⁹⁹ Tradução própria. No original: “El año pasado me invitaron a una mesa redonda em Canadá para agosto de este año, en la que los otros invitados serías tú y [Noé] Jitrik. Pero no recibieron respuesta de tu dirección de Montevideo. Por sugerencia de Cortázar, que pasó por aquí en febrero, les mandé la de [Jorge] Ruffinelli, quien iba a encaminhar la correspondencia. [...] Veo ahora por carta de Eva Kushner que ya se comunicaron contigo y que hay alguna posibilidad de encontrarnos em Otawa. Ojalá” Ibid., p. 55.

¹⁰⁰ Agradeço a Vinicius Dantas pelo envio de uma cópia fac-símile do texto.

a imaginação tenderia a deformar, a magnificar este mesmo real repleto de problemas, para dele escapar e para permitir esquivar-se de tarefas tão prementes quanto difíceis (CANDIDO, 1973, p. 1).

Com a virada para o século XX e a emergência da consciência da condição de atraso como marca congênita das sociedades periféricas do capitalismo, os escritores abandonam esse espírito missionário e, por conseguinte, abrem-se à fabulação e à fantasia. Candido considera que, com isso, buscava-se superar certo complexo de inferioridade dos povos latino-americanos, que desde as independências políticas do século XIX se empenharam mais na tarefa de formação das nações, produzindo, no plano literário, obras cravejadas pelo que ele considera esse “espírito documental”.

Em nossas literaturas, inovar significa destacar sujeitos ou temas que ainda não tenham sido explorados anteriormente. Era, por exemplo, descrever a floresta amazônica, os índios dos Andes ou os gaúchos das regiões meridionais. Essa inovação temática é sem dúvida importante, e em determinado momento ela desempenhou um papel fundamental. Porém, *só raramente ela implicou em um esforço paralelo de renovação extensível aos meios formais*. Ora, percebemos atualmente que o mais importante na literatura é encontrar meios novos para poder sugerir através de sua interpretação novas visões acerca do homem. Nos momentos de transformações profundas, como no nosso caso, a explosão da forma pode conduzir a uma explosão das visões ideológicas (CANDIDO, 1973, p. 2)

É considerável a posição de Antonio Candido ao destacar o impacto das inovações *formais* e *estéticas* operadas pela ficção latino-americana no século XX, não só por deixar escoar no objeto literário os gestos de inventividades que fecundam uma explosão criadora. Mais do que isso, essa porosidade à imaginação, à fantasia e à fábula representaria uma espécie de “cura” daquela consciência amena do atraso, já que agora os escritores conseguem situar suas inovações também no âmbito da forma literária, não mais apenas na ordem dos temas e enredos.

Pretendo sugerir, desse modo, que em nossos dias tornou-se difícil manter a posição tradicional, segundo a qual a condição de escritor americano implicaria em uma adesão ao realismo descritivo, com as intenções ideológicas encobertas de maneira mais ou menos hábil. Do mesmo modo, é preciso afirmar que a fantasia e, principalmente,

o refinamento da consciência técnica e experimental, por outro lado, não significa uma fuga às responsabilidades sociais do escritor” (CANDIDO, 1973, p. 3).

Os exemplos dessa transformação seriam diversos. Candido situa algumas figuras importantes do cenário latino-americano. Segundo ele, é preciso destacar a fantasia técnica de Mario Vargas Llosa, a fantasia mítica de Gabriel García Márquez e a fantasia simultaneamente técnica e mítica de Júlio Cortázar. Além disso, invoca figuras ligadas à literatura cubana, como Alejo Carpentier, Lezama Lima, Cabrera Infante e Severo Sarduy etc., considerados por ele bastante diversos entre si, mas semelhantes no que tange à apreensão dessa “consciência inovadora” no plano artístico.

Mas esse raciocínio serve para pensar a literatura brasileira? Como ela se insere nesse mosaico? Na leitura de Candido, o imperativo do nacionalismo e do realismo, em especial no século XIX, levou os escritores da literatura brasileira a interditar a autopercepção do quanto os produtos estéticos nacionais tinham de capacidade inovadora no que se refere à explosão potencial da linguagem. O caso de Machado de Assis, para ele, é exemplar

Só recentemente se começou a entender que a obra de Machado de Assis, nascido em 1839 e morto em 1908, representa uma diferença surpreendente em relação ao tipo de realismo que reinava em sua época, já que ela permite outra visão da realidade, desta vez mais rica, que se deve menos à sua *camada mimética* do que ao *refinamento dos artificios*. Nada lhe falta: possibilidade de leitura dupla, presença do absurdo, ruptura da objetividade, jogos verbais, retorno incessante do caráter fictício da narrativa, modelos rigorosamente desenvolvidos, que devem ser percebidos sob a pena de não compreender a coerência do discurso narrativo, bem como seu escopo final. [...] Não é de se admirar que ele tenha sido considerado “pouco brasileiro”, já que naquele momento ser brasileiro em literatura significava principalmente preencher o espaço figurativo com palmeiras ou personagens típicos (CANDIDO, 1973, p. 3).

Na década de 1920, Mario de Andrade e Oswald de Andrade teriam dado vazão a essa explosão estética a que Candido se refere. Nos casos das ficções *Amar, verbo intransitivo* (1927) e *Macunaíma* (1928), na visão do crítico, encontram-se um conjunto de narrativas de tom fabuloso, que revelam o fantástico através da incorporação do absurdo verbal e

psicológico, rompendo também com a lógica do tempo linear. Ainda no caso Oswald, sobretudo em *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924) e *Serafim Ponte Grande* (escrito em 1927, mas publicado em 1933), Candido considera que

explora-se de forma criativa a paronomásia, que acabou se transformando em uma das bases da poesia brasileira contemporânea; ele pratica brilhantes soldas de palavras, transpõe suas categorias gramaticais e as organiza de acordo com uma sintaxe livre, que torna possível qualquer experiência. Como tonalidade, o sarcasmo e uma brincadeira que ele dirigirá contra as convenções sociais e que o levarão a posições políticas revolucionárias (CANDIDO, 1973, p. 3).

Assim, o caráter inovador desta literatura latino-americana do século XX, na visão de Candido, reside no direito à fantasia, sem abandonar, contudo, o sentido de engajamento que havia desenvolvido com a tendência documental. Para ser mais preciso, podemos dizer que o crítico considerou que os “inovadores brasileiros” se despiram das obrigações políticas em relação à descrição, ligadas ao realismo dominante no século XIX e até em algumas obras do começo do século XX. Por outro lado, esses escritores também não cederam ao desejo da estetização completa da arte, ou seja, um movimento que leva a um afastamento completo das matérias locais, das temáticas recorrentes da vida nacional, que funcionam como enclaves na consciência do escritor.

O ensaio reafirma a hipótese apresentada em *Literatura e Subdesenvolvimento*: embora o atraso, decorrente da condição de dependência, seja catastrófico para os países da América Latina, foi a partir dessa situação que emergiu um movimento literário completamente singular se comparado aos das nações do centro do capitalismo. O superregionalismo avançado, sobretudo na segunda metade do século XX, põe em equilíbrio, de um lado, o apreço pela engenhosidade linguística e abertura à universalidade, ao mesmo tempo que jamais descola-se das permanências histórico-sociais dos países. Por isso que ele é, na prática, uma forma poética imanente à condição latino-americana.

4.5 Equilíbrio de antagonismos

Gabriel Lima (2020, 2022) considera que “Literatura e subdesenvolvimento” de Candido é devoto do repertório da ideologia desenvolvimentista, que supostamente desejava um “desfecho positivo para a marcha da história”. Embora não o mencione diretamente, poderíamos incluir *Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens* (1973) nessa sentença, já que ele é um desdobramento imediato do ensaio anterior. Para Lima, inclusive, a categoria “super-regionalismo” presente nos textos, embora funcionasse como tentativa de conciliação da matéria regional às técnicas narrativas do moderno romance europeu, não se ajustaria ao caso de alguns dos próprios escritores do continente mencionados pelo crítico, como José Maria Arguedas, por exemplo, “pois nele a tensão entre narrativa moderna e cultura local se apresenta em grau de irreconciliação” (LIMA, 2020, p. 41).

Se tomássemos a *Formação* como objeto de análise, certamente essa percepção faria sentido. Como mostra Grinor Rojo (2018), nesse livro o desenvolvimento literário brasileiro rumo ao amadurecimento se daria num processo linear em que a integração em pé de igualdade com as tradições metropolitanas seria a finalidade.

Chegamos assim a ser ‘mais’, porém só na medida em que formos ‘mais como o outro’, como aquele que fez as coisas antes e estabeleceu o padrão e o roteiro que deveria ser seguido, em suma, o outro que é o farol da plenitude. É [...] a ‘teoria do desenvolvimento’, mas em aplicação estrutural (ROJO, 2018, p. 163).

Podemos nos apoiar também na argumentação de Paulo Franchetti (2018), para quem o valor da *Formação* estaria exatamente no *otimismo* quanto à formação da sociedade brasileira e de nosso sistema literário, cujo final feliz se daria em dois atos: “o monólogo de Machado de Assis” e “a festa modernista”. Acontece que Candido e outros intelectuais brasileiros acabaram experimentando

a desilusão com o projeto civilizador da burguesia ilustrada, em aliança com a aristocracia do café, devido ao apoio dado por esses mesmos grupos ao golpe militar de 1964. O que o golpe lhes teria mostrado de forma indubitável é que estava sendo traçado um caminho muito diferente para a modernização brasileira, que agora se revelava poderoso e capaz de se impor de modo brutal: o modelo de um país periférico, modernizado em função e dentro dos limites estabelecidos pelos países centrais. Ou

seja, a modernidade que o país buscara ao longo da sua história terminava por ser uma modernidade relativa, exigida pelo capital internacional e por ele também controlada (FRANCHETTI, 2018, p. 329-330).

É por isso que, na nossa visão, “Literatura e Subdesenvolvimento” se vincula menos à tópica desenvolvimentista e mais às hipóteses gerais do pensamento dependentista.

Candido, ao adotar a literatura latino-americana como patamar analítico, aproximava-se, nesse sentido, da redução potencial implícita na ‘teoria da dependência’: a sua análise transcendia o campo restrito da literatura produzida no âmbito do Estado nacional brasileiro, ou mesmo o da literatura dos diferentes estados nacionais do continente, para situá-las no contexto abrangente do subdesenvolvimento e dependência que marcariam a condição de toda a literatura latino-americana. Assim procedendo, Candido obviamente inseria a literatura brasileira num *corpus* e sistema literário ampliado – a ‘literatura latino-americana’ –, unificado pelas vicissitudes da dependência. Mais ainda, as inseria, a seguir, no contexto das literaturas ocidentais (WEBER, 1997, p. 149).

Diferente da tese apresentada por Lima (2020, 2022), a questão central desenhada por Candido, salvo engano, nos parece outra. A literatura super-regionalista não se caracteriza pela subsunção das diferenças que homogeneíza artificialmente a realidade, de modo que, em alguns casos, seja impossível conciliar as diferenças. O que o ensaio nos apresenta é a hipótese de que a transformação paulatina da realidade histórica e da consciência crítica latino-americana entre fins do século XIX e meados do XX possibilitou a acomodação, em “equilíbrio de antagonismos¹⁰¹”, das disparidades fundamentais da formação social do continente, representadas no fenômeno literário a partir de técnicas linguísticas, dispositivos narrativos, temas e enredos.

¹⁰¹ Utilizo o termo no sentido elaborado por Gilberto Freyre (1933) para pensar a maneira como tensões, dilemas, conflitos e dualidades que compõem a formação brasileira, mesmo que antagonicas, convivem em relativo equilíbrio sem que se dissolva o tecido social e a nação. No caso de Candido, o equilíbrio que se apresenta é entre formação social precária e a modulação de um produto cultural, estético e literário de fôlego – o superregionalismo. “Embora equilibrados, recusam-se terminantemente a se desfazer e a se reunir em uma entidade separada, original e indivisível. Esta recusa vai garantir o privilégio de uma imagem da sociedade extremamente híbrida, sincrética e quase polifônica” (BENZAQUEN, 1994, p. 44).

Em outros termos, o que antes era visto como inconciliável agora equilibra-se numa dialética cuja síntese, o super-regionalismo, é a expressão maior do caráter dependente da cultura da América Latina. Superadas as ilusões mais imediatas das teorias do desenvolvimento, que tomavam o regional como marca perene do atraso, a constatação da inviabilidade da completude do processo de modernização à moda europeia coloca para Candido a questão da complementaridade e da coexistência da dualidade estrutural latino-americana, no limite a nossa marca de singularidade na geopolítica global. Para ser mais preciso: a marca fundamental da vida dependente baseia-se na constante busca pela conciliação dos antagonismos.

Para reforçar essa visão, refaçamos, pois, o percurso analítico de Candido. Com as independências e o alvorecer do Romantismo brasileiro, o discurso do progresso, da modernidade e do futuro promissor como processos inevitáveis, nos quais atingir-se-ia um nível civilizacional próximo das nações centrais, tomou a cena pública e ditou uma espécie de clima histórico otimista, interferindo diretamente na construção cultural e, por conseguinte, na produção literária. Essa atmosfera encontrou nos anos 1920 e 1930, a partir do fim da hegemonia do conglomerado oligárquico e com a ascensão ao Estado das burguesias industriais, o apogeu de sua ressonância, sobretudo nas formulações vanguardistas/modernistas.

Nessa condição, a produção intelectual, eivada por uma percepção dualista e recessiva, oscilava entre a ingenuidade da pureza nacional e a aceitação passiva da matéria ou da forma externa como fontes primordiais da criação estética. Este duplo desejo evidenciava “a vontade ambígua de conciliar duas realidades opostas, de maneira a manter harmonicamente esta dupla fidelidade de país periférico, que quer ser grande no que lhe é próprio sem perder de vista o modelo visado” (EWBANK, 2014: p. 78). Este caráter oscilante legava à vida latino-americana certo desequilíbrio, uma espécie de desarranjo, e isso interferia diretamente na consciência crítica do escritor e, por conseguinte, nas características específicas da produção literária em todo o continente. Em outros termos, até determinado momento a condição periférica, marcada na autoconsciência amena da situação de atraso e subdesenvolvimento, identificava a necessidade de superar os

desajustes e ambiguidades da formação nacional – aqui, sim, à luz do repertório de certa ideologia desenvolvimentista, ao qual, inclusive, filiavam-se as assertivas de *Formação da literatura brasileira*.

Entretanto, nesse mesmo contexto, especialmente após os anos 1940 e 1950, fortaleceu-se paralelamente um outro tipo de consciência: a dilacerada do subdesenvolvimento. Para Candido, o alvorecer dessa “sensação agônica” apresentou-se no próprio expediente romântico novecentista de importação de uma forma literária europeia, na qual elaborou-se um produto estético cuja matéria era, sobretudo, a paisagem natural, a fauna e a flora, além da cultura e das formações sociais locais, que juntas fizeram aumentar a identificação entre pátria e natureza. No século XX, essa expressão transregionalista, que se manifesta em função da constatação da dependência cultural que assola o continente, levou o escritor latino-americano a abandonar a fantasia das originalidades nacionais absolutas, construindo uma “literatura de maturidade” capaz de equilibrar e conciliar, no âmbito da economia interna das obras, aspectos de nossa formação que foram dispostos, até aquele momento, em categorias assimétricas e antitéticas especializadas e temporalizadas, como local/universal, nacional/cosmopolita, urbano/rural. Com isso, “o despertar do Continente para a realidade crua do subdesenvolvimento” abriu espaço para uma “nova espécie de literatura: aberta à *assimilação crítica* das influências metropolitanas, mas nem por isso desligada dos ingredientes regionais que eram a própria substância do nativismo primitivo” (CANDIDO, 1973, p. 07).

A persistência dramática da situação de subdesenvolvimento, com traços patentes de analfabetismo e pobreza material, não criou uma espécie de “deserto cultural”, como as teses da “teoria da modernização”, sobretudo a ideologia desenvolvimentista de corte historicista e evolucionista, poderiam supor; antes, levou à emergência de uma espécie de consciência crítica do subdesenvolvimento, impulsionando uma literatura super-regionalista que pôs em equilíbrio o local e o universal, isto é, que uniu ao temário regional uma linguagem transfiguradora e moderna para além do regionalismo tradicional (CANDIDO, 1973). Essa nova literatura brasileira e latino-americana do século XX, em nomes como

Manuel Bandeira (1886-1968), Clarice Lispector (1920-1977), Guimarães Rosa (1908-1967), Oswald de Andrade (1890-1954), Mário de Andrade (1893-1945), Alejo Carpentier (1904-1980), Lezama Lima (1910-1976), dentro outros, produziu “romances metafísicos” que recusaram a pura representação documentária do real e se abriram à invenção linguística e fabuladora (CANDIDO, 1973). É como se os dramas que se passam em “Grande Sertão: Veredas”, por exemplo, pudessem se fazer presentes em todos os lugares do mundo, para além do espaço físico onde o temário está fincado – eis a definição de “romance metafísico”. Ainda que o cenário seja marcadamente brasileiro, os dilemas são universais, considera o crítico. E é nesse “equilíbrio de antagonismos” que reside não uma operação de regressão, subsunção ou subtração, mas uma forma específica de *relação* cultural.

Esse momento distinto do pensamento de Candido marca a confluência entre uma revisão dos pressupostos desenvolvimentistas e um olhar atento para os “impasses da dependência” (MOTA, 1978: 45), entendida por ele como “elemento de ordem natural”, isto é, como desdobramento dos caracteres do colonialismo, mas também como um processo construído a partir da violência impositiva do “processo civilizatório”. Essa dependência, contudo, a despeito da perpetuação de desajustes e descompassos nas sociedades periféricas, não colocou os escritores latino-americanos em condição de inferioridade e esterilidade; antes, acabou fortalecendo a própria atitude apropriativa em relação ao repertório externo e a inventividade estética.

Segundo Claudio Lomnitz, no que diz respeito à questão da temporalidade, as reflexões das teorias da dependência dos anos sesenta e setenta

insistiam na coprodução do desenvolvimento e do subdesenvolvimento e, portanto, na contemporaneidade da América Latina em relação à metrópole. Em outras palavras, a teoria da dependência subvertia o marco evolutivo das teorias do desenvolvimento insistindo que o desenvolvimento não era o futuro do subdesenvolvimento; em vez disso, era seu “gêmeo malvado”. As nações dependentes não eram versões mais jovens das grandes potências capitalistas; eram igualmente velhas e constituíam a fonte perene de seu poder. O intercâmbio

desigual e as economias extrativistas mantinham a dependência dos países dependentes¹⁰² (LOMNITZ, 2016: 67).

A constatação dessa assimetria estrutural, analisada do ponto de vista da cultura, é o traço de distinção apresentado pela reflexão de Candido no ensaio aqui dissecado, mas também em outros textos produzidos por ele (e por outros intelectuais) a partir da segunda metade dos anos 1960. Para João Hernesto Weber (1997:21), esse contexto “é o tempo da leitura dialética, a dialetizar as relações entre metrópole e periferia, entre diferenças de classe, raça e regiões na própria periferia, entre ‘infraestrutura’ e ‘superestrutura’, entre ‘cultura dominante’ e ‘cultura dominada’. Longe da hipótese funcionalista e integracionista dos anos 1940-1950, Candido agora identifica uma *dialética da dependência* na experiência social latino-americana, marcada especialmente pela literatura “transregionalista”, que, mesmo com a persistência dramática da sensação de debilidade e com as “condições francamente proibitivas da dependência” (ARANTES, 1997: 33), foi capaz de criar “obras de primeira ordem” do ponto de vista da qualidade e da originalidade, preocupadas tanto em recusar a imitação servil quanto o nativismo e o regionalismo primários. O “atraso”, para Candido, passa a ser mais que uma etapa transitória em um tempo linear, progressivo e evolucionista; é como um fermento que potencializa a singularidade da própria condição periférica nacional e continental.

Ainda segundo João Hernesto Weber, pode-se dizer que

assistimos, em Literatura e subdesenvolvimento, à releitura, realizada por ele próprio, da *Formação*: a visão de uma literatura nacional homogênea, integrada ao Ocidente, dava lugar, nos anos setenta, à visão dos descaminhos, dos descompassos, das descontinuidades até, da inserção das literaturas da América Latina nas zonas de influência das literaturas metropolitanas (WEBER, 1997: 145).

¹⁰² Tradução própria. No original: “insistían en la coproducción del desarrollo y el subdesarrollo, y por onde sobre la contemporaneidad de América Latina respecto de la metrópoli. En otras palabras, la teoría de la dependencia subvertía el marco evolutivo de las teorías del desarrollo insistiendo en que el desarrollo no era el futuro del subdesarrollo; más bien era su gemelo malvado. Las naciones dependientes no eran veriones más jóvenes de las grandes potencias capitalistas; eran igualmente viejas y constituían la fuente perenne del poder de aquéllas. El intercambio desigual y las economías de extracción mantenían dependientes a los países dependientes”

Falamos em “releitura” porque, como mostra Celso Lafer (1979: 75), a *Formação* se preocupou especialmente com “o significado da elaboração da ordem”, isto é, com a função social dos momentos decisivos da literatura brasileira na construção de valores que justificaram a criação da “civilização brasileira”. Em outros termos, e pensando junto de Grinor Rojo (2018, p. 163), imbricavam-se, na formação social brasileira, a panaceia do desenvolvimento e a evolução progressiva do sistema literário que nos integraria ao Ocidente: “a literatura brasileira chegaria a ser plena ao cabo de um processo de crescimento durante o qual ela se fortaleceria até adquirir um caráter definido, quando então estaria incorporada como um ramo estimável [...] à árvore maior da literatura ocidental.”

A partir da década de sessenta, relendo a história cultural brasileira e latino-americana, Candido já não se apresenta embebido da ânsia pela chegada ao ponto de culminância da possível harmonia do sistema literário e da formação nacional. Se do ponto de vista metodológico a “dialética de dois gumes” da literatura brasileira presente em *Literatura e Subdesenvolvimento* lembra o movimento da *Formação*, na medida em que novamente se ressalta “a literatura brasileira como síntese de tendências universalistas e particularistas” (CANDIDO, 2000, p. 23), o argumento do ensaio identifica que essa síntese, porém, não seria a estabilização poética moderna. O que ocorre no superregionalismo é o aparecimento de disfunções, desordens e da anomia que perpassa o sistema cultural (e literário) da América Latina.

Nesse sentido, inclusive, o que se afirma em *Literatura e Subdesenvolvimento* é que a anomia é o único *nomos* possível nos quadros da dependência, do atraso, do subdesenvolvimento. Longe estamos, portanto, da visão positiva que perpassa *Formação*, em que se analisava justamente a integração ‘afortunada’ da literatura brasileira aos padrões cultos (e ‘disciplinados’, se se recordar o neoclassicismo) da Europa. Em *Literatura e Subdesenvolvimento* encontramos na contramão de *Formação*: a integração ao Ocidente é vista pelo seu reverso, isto é, pelos descaminhos que apresenta, dada a dependência” (WEBER, 1997: 141, *grifos meus*).

Na percepção de Candido, a “atmosfera opressiva do atraso”, manifesta de forma reiterada pela persistência do analfabetismo, da

debilidade cultural e da atrofia social, produz uma “consciência do subdesenvolvimento”, cujos efeitos, na cultura, seriam decisivos. Emerge a literatura super-regionalista¹⁰³ cujo traço mais marcante é a representação dialética das dimensões espaço-temporais latino-americanas antes entendidas como assimétricas: local-universal, nacional-cosmopolita, urbano-rural, dentre outros. A partir da análise dessa literatura “transregionalista”, cujo produto estético de vigor e original aflora em meio à persistência dramática da “sensação de debilidade”, o crítico brasileiro desfaz o olhar positivo presente em *Formação da literatura brasileira*, qual seja, o de que a qualidade evolutiva da obra artística brasileira dependeria, também, do desenvolvimento socioeconômico linear do país.

O deslocamento crítico produzido pelo ensaio é esse: o conceito de subdesenvolvimento é esvaziado de sua semântica historicista/evolucionista, ligada à ideologia desenvolvimentista, no interior da qual era pensado como uma etapa que prefigurava o progresso e a “civilização”, e passa a definir os contornos específicos e singulares da formação e das sociedades periféricas brasileira e latino-americana. De posse de uma “consciência crítica realista”, não mais iludida com os imperativos do progresso, o que antes eram considerados os grandes impasses, paradoxos ou incongruências da formação – as assimetrias entre urbano e rural, centro e periferia, local e universal, por exemplo – passam a ser lidos agora como o *nomos* latino-americano.

É possível perceber, deste modo, que a perenidade da “situação de atraso” brasileira e latino-americana, simbolizada pelas condições de “debilidade cultural” e “atrofia social”, funciona também como fermento para a emergência de uma literatura super-regionalista que, na recusa à linguagem documentária e ao realismo obsessivo, mistura tanto a “cor local” quanto aspectos da “textura da alma de todos os homens”, criando uma espécie de “romance metafísico”. Partimos da premissa de que esse ensaio de Candido, na esteira das reflexões produzidas inicialmente em “Literatura de dois gumes” e, mais fortemente, em “Dialética da

¹⁰³ No texto, Candido refere-se a essa literatura como super-regionalista. Contudo, em entrevistas e vídeos diversos, fala também em “transregionalista”. Optamos, aqui, por utilizar os dois termos como sinônimos.

malandragem” e “De cortiço a cortiço”, apresenta uma visão dialética da experiência histórica latino-americana moderna, agora mediada pela noção de dependência.

Em “Literatura e subdesenvolvimento”, assim sendo, o crítico apresenta a problemática do atraso em íntima relação com o caráter dependente da América Latina. O subdesenvolvimento é visto como a condição de singularidade da periferia do capitalismo, não mais como etapa transitória da evolução sociohistórica calcada numa noção de tempo linear, progressivo e evolucionista que precede o desenvolvimento. Ao constatar que o atraso não é somente uma força contrária ao progresso, Candido traça os contornos da dialética da dependência gestada já no seio da empreitada colonial e desdobrada nas vivências sociopolíticas contemporâneas da América Latina.

5. Considerações finais

[...] ter uma ideia do mundo, de certa maneira, é coisa fácil, todo o mundo tem, geralmente uma ideia circunscrita à sua aldeia, limitada ao torrão, às coisas tangíveis e medíocres que cada um tem diante dos olhos, e essa ideia do mundo, mesquinha, limitada, cheia de sebo familiar, costuma sobreviver e adquirir, com o passar do tempo, autoridade e eloquência (BOLAÑO, 2004).

Essa tese procurou analisar parte da produção ensaística de Antonio Candido de Mello e Souza produzida entre 1960 e 1973. Nosso objetivo principal foi articular os textos selecionados e as reflexões neles contidas às circulações internacionais do crítico, de modo a perceber as interfaces e as apropriações de ideias, repertórios, conceitos e categorias distintas daquelas comumente encontradas nos seus escritos “clássicos” das décadas de quarenta e cinquenta. Mais do que isso, pretendia-se também verificar as transformações produzidas no interior das suas reflexões críticas, manifestas, sobretudo, na forma como relançou um olhar sobre o problema da formação das sociedades em contextos de capitalismo periférico.

Até por isso, nosso movimento analítico procurou desvinculá-lo das definições mais cerradas produzidas pela história da crítica literária brasileira. Com força classificatória, essas abordagens, em alguns casos, produziram reduções que, grosso modo, encurtaram os olhares para uma obra vasta e ainda não totalmente explorada. Na contramão, buscamos ressaltar o quanto seu percurso intelectual foi cheio de desvios, nuances, oscilações, ora visíveis nos tensionamentos de suas próprias certezas anteriores, ora patente nas expansões de visada das quais o crítico lançava mão. Dito de outro modo, procuramos operar nas brechas deixadas pela história da historiografia literária.

Com isso, foi possível identificar, nas suas reflexões das décadas de sessenta e setenta, um interesse crescente pelo estudo dos contornos do colonialismo e da dependência na América Latina. Além disso, vimos a forma pela qual ele identificou, em alguns obras literárias do século XIX, alegorias do Brasil, imagens representativas de alguns fragmentos da

historicidade brasileira. Na prática, essas leituras apontaram para a caracterização das condições de diferenciação da América Latina na dinâmica do capitalismo global.

Apenas para recapitular brevemente: no início dos anos de 1960, Candido assinalou a existência, no Brasil, de um movimento de “revisão das ideias críticas” que havia assolado os intelectuais do país e, talvez, do continente. Em sua própria trajetória, essa revisão mostrou-se a partir da releitura dos problemas da cultura brasileira e latino-americana também nos anos sessenta, movimento que se iniciou, salvo engano, com a viagem do crítico a Montevideu, onde conheceu o uruguaio Ángel Rama, que se tornou um de seus maiores interlocutores, além de outras figuras e obras do pensamento do continente.

Influenciado por esses novos ventos, Candido viajou à Europa para uma jornada na Universidade de Sorbonne, em Paris, já no contexto pós golpe de 1964. Foi nesse período que teve contato com a tópica terceiro-mundista ao visitar a cidade de Gênova, em 1965, por ocasião do *Terzo Mondo*, evento que reuniu intelectuais, cineastas e escritores do “Sul Global”. Por lá o crítico apresentou uma comunicação que destrinchou os “artifícios ideológicos” e as “mitologias” envolvidas na construção da cultura brasileira, tais como a noção de cordialidade e a ideia de uma “contribuição ativa das três raças”. Nos ensaios produzidos nos anos seguintes, as novas visada teórico-política e abordagem historiográfica repercutiram, em partes, o repertório conceitual *terzomondista* em tons críticos ao colonialismo e suas heranças na periferia do capitalismo.

Adiante, discutimos a passagem de Candido pelos Estados Unidos em 1968, ano de acentuada turbulência sociopolítica no país, com a intensificação das lutas contra a segregação racial, articuladas em torno do movimento por direitos civis dos negros, e a participação ativa do país na Guerra do Vietnã, cuja repercussão pública intensificou os debates sobre o Imperialismo e as diversas formas de violência de Estado. Ainda nesse contexto, a eclosão do “Maio de 68” e suas ressonâncias ao redor do mundo vão servir de estímulo, também, para a afirmação de novas formas de sensibilidade, sociabilidade e subjetividade, além de uma crítica ao autoritarismo e às hierarquias rigidamente delimitadas.

Ao lecionar por um semestre na Universidade de Yale, em New Haven, o crítico vai se ver mergulhado nesse cenário de efervescência e ebulição. Seus cursos por lá abordaram o romance latino-americano do século XIX, de onde ele extraiu, com base em uma leitura marxista estruturante e heterodoxa, diversas formas de compreensão dialética das dinâmicas socioeconômicas que conformaram os países da periferia do capitalismo, em suas diferenças em relação à vida estadunidense, por exemplo. As alegorias do Brasil presentes nas imagens da malandragem e dos cortiços vão se apresentar como formas de caracterização da própria historicidade brasileira.

Por fim, constatamos o caminhar dessa leitura dialética da história latino-americana quando Candido, em 1970, se juntou ao projeto editorial articulado por Ángel Rama e Cezar Fernandez Moreno, intitulado *América Latina en su literatura*. Nele o crítico colaborou com um ensaio denso que investigou a condição de atraso dos países da América Latina na interface com a posição dependente do continente em meio às dinâmicas do capitalismo global. Nesse momento, salvo engano, Candido apresentou-se já despido da crença nas teorias do desenvolvimento, que antes o faziam abraçar abertamente os projetos de modernização postos na arena pública, vendo neles formas de superação do subdesenvolvimento.

O que Candido constata é a inevitabilidade da dependência, de modo que foi possível pensar, então, as “vantagens” e “desvantagens” do subdesenvolvimento. O argumento se direcionou para a indagação das condições de possibilidade da formação de uma literatura de alta qualidade estética em meio à catástrofe do atraso. Decorre disso a identificação, por parte do crítico, de um movimento super-regionalista na poética do continente, afeito à inventividade poética, ao tratamento do dado da realidade imediata e à aberto à universalização. Essa seria, portanto, a forma de inserção latino-americana no conceito mundial.

Constatada a transformação gradativa de seu aparato conceitual, de suas premissas teóricas e até de suas crenças ideológicas nas décadas de sessenta e setenta, nossa intenção era contribuir para a complexificação dos estudos da história da historiografia literária e do pensamento social brasileiro.

Referências bibliográficas

Documentos:

ALENCAR, Miriam. Cinema Novo na Itália. Coluna Letreiro. *Jornal do Brasil*, n. 270, 15 de novembro de 1964, p. 15.

ALENCAR, Miriam. Coluna Letreiro. *Jornal do Brasil* (RJ), dez/1964.

ARPA, Angelo. Significato di una iniziativa. In: *Terzo Mondo e Comunità Mondiale*: Testi delle relazioni presentate e lette ai congressi di Genova. Milão: Editore Marzoratti, 1967, p. XIII-XXII.

BROMBERT, Victor. Carta a Antonio Candido de Mello e Souza. Arquivo Antonio Candido, série Docência, *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo*, 29 out. 1965. Código de referência: AC-YALE-014.

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido e a palavra. Entrevista a Marcello Rollemberg. Arquivo do Antonio Candido, série Produção Intelectual, *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo*, 2002. Código de referência: AC-MR-001.

_____. Carta a Hélio Antônio Scarabôto. Arquivo Antonio Candido, série Docência, *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo*, 4 abr. 1966. Código de referência: AC-SBN-026.

_____. Carta a Mário Guimarães Ferri. Arquivo Antonio Candido, série Docência, *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo*, 8 fev. 1965. Código de referência: AC-SBN-147.

DISERTÓ em los Cursos de Verano, Cândido de Mello. *El País*, 13 fev. de 1960, 2 p. Arquivo Antonio Candido, série Docência, *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo*. Código de referência: AC-CNI-475

EM Gênova. *O Jornal*, n. 1333, 22 de janeiro de 1965, p. 2.

LATINOS se reúnem na Itália. *Diário Carioca*, n. 11.289, 9 de janeiro de 1965, p. 9.

MONBEIG, Pierre. Carta a Antonio Candido. Arquivo Antonio Candido, série Docência, *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo*, 17 out. 1963. Código de referência: AC-SBN-102

Obras de Antonio Candido:

CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latinoamericano*. Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia. Edición, prólogo y notas de Pablo Rocca. Montevideo: Estuario Editora, 2016, 176 p.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

_____. A experiência hispano-americana de Antonio Candido. Entrevista a Pablo Rocca. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 12, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/lis/article/view/25197>. Acessado em 25/10/2020.

_____. A nova narrativa. In: *Educação pela noite e outros ensaios*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.

_____. A passagem do dois ao três: contribuição para o estudo das mediações na análise literária. *Revista de História*, v. 50, n. 100, p. 787-800, 1974.

_____. Ángel Rama. *Folha de São Paulo*, 5 de janeiro de 1983.

_____. Antônio Cândido: a militância por dever de consciência. *Teoria e Debate*, v. 2, 1988. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1988/03/01/a-militancia-por-dever-de-consciencia/>. Acessado em 20/12/2020.

_____. Conhecer, conviver, integrar: anotações muito pessoais. La Trayectoria Intelectual de Antonio Cornejo Polar. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, año XXV, N° 50. Lima-Hanover, 1999, pp. 263-265

_____. Crítica e sociologia (tentativa de esclarecimento). In: *Literatura e Sociedade*. 2ª edição. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2011, pp. 12-24.

_____. De cortiço a cortiço. In: *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. p. 107-132.

_____. De cortiço a cortiço. *Novos Estudos CEBRAP*, 30(1), 1991, 111–119.

_____. Dialética apaixonada: Otto Maria Carpeaux. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. Dialética da malandragem. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

_____. Dialética da malandragem. *Revista do Instituto de estudos Brasileiros*, n. 8, p. 67-89, 1970.

_____. Discurso de aceptación del título de Doctor Honoris Causa de la Universidad de La Republica. In: *Un proyecto latino-americano*: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondência. p. 167-171, 2016.

_____. Discurso em Havana. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. Discurso en el lacto de constitución del jurado. Trad. Julia Calzadilla. *Casa de las Américas*, ano XXI, nº 126, Havana: maio-junho de 1981, pp. 5-7.

_____. Entrevista a Jorge Coli [1984]. Tradução de Maria Angélica Berghini Morales. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.10, n.32, jun.-set. 2018.

_____. Entrevista a Jorge Coli. Tradução de Maria Angélica Berghini Morales. *Aurora: revista de arte, mídia e política*. São Paulo, v.10, n.32, jun.-set. 2018 [1984].

_____. Entrevista com Antonio Candido de Mello e Souza. *Revista Trans/form/ação*, v. 34, p. 3-13, 2011.

_____. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*. 2 volumes. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

_____. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*. 2 volumes. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

_____. Introdução ao método crítico de Silvio Romero. Tese apresentada ao Concurso da Cadeira de Literatura Brasileira da FFLC da USP. São Paulo: *Revista dos tribunais*, 1945, 244 pp.

_____. La creación literaria latinoamericana (Balance y perspectivas). In: III Cursos Internacionales de Verano, 8-22 de febrero 1960. Reseña de las clases dictadas en el curso sobre Sociedad y cultura latinoamericanas en la realidad internacional. Organizado por el Centro Interuniversitario Regional C.I.R. Autores varios. Montevideo, Universidad de la República: 247-269.

_____. La novela brasileña contemporánea. *Acción*, 1958, s/p.

_____. Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens. In: DIMIC, Milan V.; FERRATÉ, Juan e KUSHNER, Eva (orgs.). *Actes du VIIème Congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée*. Montreal/Otawa: 1973.

_____. Literatura de dois gumes. In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011 [1966], pp. 197-217.

_____. Literatura e consciência nacional. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, 1969, p. 8-11.

_____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. Literatura e subdesarrollo. In: MORENO, Fernández César. *América Latina en su literatura*. México: Siglo XXI, pp. 335-353, 1972.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. *Argumento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, n. 1, 1973, p. 6-24.

_____. Literatura-Sociologia: análise de “O cortiço” de Aluísio Azevedo. *Cadernos da PUC*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 121-134, 1976.

_____. Literature and the rise of Brazilian national self-identity. *Luso-Brazilian Review*, v. 5, n. 1, 1968, p. 27-43.

_____. Mário e concurso. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 244.

_____. Nature, elements et trajectoire de la culture brésilienne. In: *Columbianum*. Terzo Mondo e Comunità Mondiale: Testi delle relazioni presentate e lette ai congressi di Genova. Milão: Editore Marzoratti, 1967, p. 411-416.

_____. O direito à Literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 199.

_____. *O discurso e a cidade*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004.

_____. O método crítico de Silvio Romero. *Teoria literária e literatura comparada*, 1, *Boletim*, 266, 2.ed. São Paulo: USP/FFCL, 1963.

_____. O olhar crítico de Ángel Rama. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. O Portador. *Diário de São Paulo*, 1946.

_____. O portador. *Cadernos Nietzsche*, n. 32, pp. 13-22, 2013 [1946].

_____. O pranto dos livros. *Revista Piauí*, 2018.

_____. O sertão e o mundo. *Diálogo*, v. 8, p. 5-18, 1957.

_____. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes da Brasil*. 26ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. Os brasileiros e a literatura latino-americana. *Novos Estudos CEBRAP*, vol. I, nº 1. São Paulo: 1981.

_____. Os brasileiros e a nossa América. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. Perversão da Aufklärung. In: *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades: Editora, v. 34, pp. 320-327, 2002.

_____. Ser jagunço em Guimarães Rosa. *Revista Iberoamericana de Literatura*. Montevideo, 2ª época, Nº 2: pp. 61-71.

_____. Sérgio em Berlim e depois. *Novos Estudos*, n. 3, 1982, p. 4-9.

_____. Sous-développement et littérature en Amérique Latine. Trad. Claude Fell. *Cahiers d'Historie Mondiale*, vol. XII, nº 4. Neuchâtel, Suíça: Unesco, 1970, pp. 617-639.

_____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

Demais obras citadas:

ACÍZELO, Roberto. *Historiografia da literatura brasileira: textos fundadores (1825-1888)*. Rio de Janeiro: Caetés, 2014

AGUIAR, Flávio. *Antonio Candido: pensamento e militância*. Humanitas Publicacoes FFLCH/USP, 1999.

AGUILAR, Gonzalo. Ángel Rama y Antonio Candido: salidas del modernismo. In: ANTELO, Raul (orgamg.). *Antonio Candido y los Estudios Latinoamericanos*. Pittsburgh, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2001.

ANTELO, Raúl (org.). *Antonio Candido y los estudios latino-americanos*. Pittsburgh-PA, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/Universidade de Pittsburgh, 2001.

ANTUNES, Benedito. Qui non c'e minga morale. *Itinerários: Revista de Literatura*, n. 3, 1992.

ARANTES, Daniel. *Caminho crítico: um roteiro de leitura dos artigos de Antonio Candido em Clima, Folha da Manhã e Diário de S. Paulo (1941-1947)*. Tese - Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022, 820 p.

ARANTES, Paulo; ARANTES, Otília. *O sentido da formação*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

ARANTES, Paulo. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: ARANTES, Otília Beatriz Fiori; ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentido da formação: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, pp. 7-66.

ARCINIEGAS, Germán. Nuestra América es un ensayo. *Cuadernos*, 73. 9-16, 1963.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões da literatura e da estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1988.

BARROS, Vinícius Victor A. Da sarabanda à dialética: um breve percurso das ideias estéticas de Antonio Candido. *Diacrítica*, v. 37, n. 1, p. 268-283, 2023.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Editora da UNB, 1982.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista brasileira de ciência política*, n. 11, 2013, p. 89-117.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, 687 pp.

BAPTISTA, Abel Barros. Formação continuada. Entrevistador: Adriano Schwartz. [jan. 2005]. São Paulo: *Folha de São Paulo*, 2005a.

_____. *O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.

BEIGEL, Fernanda. *Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana*. Utopía y praxis latinoamericana: revista internacional de filosofía iberoamericana y teoría social, n. 20, p. 105-116, 2003.

BENCHIMOL, Jaime Larry (Ed.). *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2001, 470 p.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BENZAQUEN, Ricardo. *Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

BERGEL, Martín. Futuro, pasado, y ocaso del 'Tercer Mundo'. In: KOZEL, Andrés, BERGEL, Martín e LLOBET, Valeria (orgs.). *El futuro: miradas desde las Humanidades*. Buenos Aires: UNSAM Edita, pp.108-125.

BENEDETTI, Mario. *Temas y problemas*. MORENO, Fernández César. América Latina en su literatura. México: Siglo XXI, 1972

BOSI, Alfredo. Antonio Candido – mestre da mediação. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, nº 14, 2009, pp. 30-41.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. As três interpretações da dependência. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, v. 38, 2010.

_____. Seis interpretações sobre o Brasil. *Dados*, v. 25, n. 3, p. 269-306, 1982.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Editora Companhia das Letras, 1990.

_____. *Por que ler os clássicos*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

CAMPOS, Haroldo de. A arte no horizonte do provável. São Paulo: Perspectiva, 1977.

CAMPOS, Haroldo de. Da Razão Antropofágica: Diálogo e Diferença na Cultura Brasileira. In: *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2011 [1989].

CARDOSO, Fernando Henrique, FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. *Repensando dependência e desenvolvimento na América Latina. Economia e movimentos sociais na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, p. 13-31, 1985.

CARPEAUX, Otto Maria. América Latina e Europa. *Suplemento Literário da Folha de São Paulo*, n. 185, 11 de junho de 1960.

CARVALHO, Noel dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. A representação do negro em dois manifestos do cinema brasileiro. *Estudos Avançados*, v. 31, n. 89, p. 377-394, 2017.

CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia de. *Homens livres na ordem escravocrata*. Unesp, 1997.

CASTRO, Érica Gonçalves de. *A aprendizagem da crítica: Literatura e História em Walter Benjamin e Antonio Candido*. São Paulo: FAPESP/Intermeios, 2014.

CEIA, Carlos. Sobre o conceito de alegoria. *Matraga*. Lisboa. Universidade Nova. Portugal, n. 10, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CHIAMPI, Irleamar. *O Realismo Maravilhoso*. Forma e Ideologia no Romance Hispano-americano. São Paulo: Perspectiva, 1980

CONRAD, Sebastian. *Historia global: una nueva visión para el mundo actual*. Barcelona: Crítica, 2017

_____. *O que é história global?* Tradução de Teresa Furtado e Bernardo Cruz. Lisboa: Edições 70, 2019.

CONTRERAS, Carlos Rodríguez. La elaboración de la primera serie de Historia de las Ideas del IPGH, 1948-1956. *Revista de Historia de América*, n. 157, p. 189-215, 2019.

COSTA, Adriane Vidal. O boom da literatura latino-americana, o exílio e a Revolução Cubana. In: *Dimensões*, vol. 29, 2012, p. 133-164.

_____. Os intelectuais, o boom da literatura latino-americana e a Revolução Cubana. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, 2001.

COTA, Débora. Contra fato, há Argumento. *Boletim de Pesquisa NELIC*, p. 35-40, 1997.

COUTINHO, Afrânio. *Conceito de literatura brasileira*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008 [1960].

_____. *Da crítica e da nova crítica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

COUTO, Ribeiro. *Origem do conceito do homem cordial*. Carta a Alfonso Reyes, 7 mar. 1931. Disponível em: <https://www.correioims.com.br/carta/origem-do-conceito-de-homemcordial>. Acesso em: 2 mai. 2022.

DANTAS, Vinicius. *Bibliografia de Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.

DE CARVALHO, Eugênio Rezende. As origens do movimento latino-americano de história das ideias. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 38, n. 2, p. 220-238, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DE ARAUJO, Valdei Lopes. História da historiografia como analítica da historicidade. *História da Historiografia*. Ouro Preto, v. 6, n. 12, p. 34–44, 2013.

DOMINGUES, Juliano. Era uma vez na Itália. A história do padre italiano Angelo Arpa e o nascimento do Cinema Novo Brasileiro. *Revista Sem Terra*, n. 47, out.-nov 2008.

DOS SANTOS, Theotonio. *Teoria da dependência: balanço e perspectivas*. Insular Livros, 2020.

DELGADO, Gabriel Estides. *Poéticas da desigualdade social na literatura brasileira contemporânea*. 2018. 269 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

DUSSEL, Enrique. 1492: *O encobrimento do outro*. Petrópolis: Vozes, 1993.

ELBAUM, Max. 1968: explosão e transformação da corrente radical nos Estados Unidos. *Revista Movimento*, Jun/2018.

ESCOBAR, Arturo. Power and visibility: Development and the invention and management of the Third World. *Cultural Anthropology*, v. 3, n. 4, p. 428-443, 1988.

EWBANK, Alice de Oliveira. *No fio da comparação: estudo do movimento crítico de Antonio Candido*. Dissertação (mestrado) — UFRJ/IFCS/Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, 2014.

FERES Junior, João. *A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos*. Bauru: Edusc, 2005, 317 p.

FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: *A Sociologia no Brasil*. Contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 142-43

FERNANDES, Florestan. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. 5ª ed. São Paulo: Global, 2008.

FLORES, Angel. Magical realism in Spanish American fiction. *Hispania*, v. 38, n. 2, p. 187-192, 1955.

FONSECA, Maria Augusta; SCHWARZ, Roberto (Ed.). *Antonio Candido 100 anos*. Editora 34, 2018.

FRANCHETTI, Paulo. “História literária: um gênero em crise”. In: VIOLA, Alan F. (Org.) *Crítica literária contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 81-100.

_____. Antonio Candido e a consciência do atraso. *Signótica*, v. 30, n. 3, p. 318-345, 2018.

FREDERICO, Celso. A recepção de Lukács no Brasil. Ponencia presentada en el Coloquio Internacional “Teoría Crítica y Marxismo Occidental. Lukács–Bloch–Gramsci–Adorno” organizado por UBA–CEDINCI–FISYP, v. 20, 2004.

FERNÁNDEZ MORENO, César. América Latina en su literatura. México: Siglo XXI. 1972.

FREYRE, Gilberto Freyre. *Casa-grande & senzala: formação da família sob o regime da economia patriarcal*. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 51ª ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

_____. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro, Maia & Schmidt, 1933.

FURTADO, Celso. O mito do desenvolvimento e o futuro do Terceiro Mundo. *Argumento*. São Paulo: Paz e Terra, nº 1, pp. 46-53, 1973.

_____. *Teoria e política do desenvolvimento econômico*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1967.

_____. *Formação econômica do Brasil*. Companhia das Letras, 2020.

GAIO, Henrique Pinheiro Costa. *Antologia e polêmica: a questão do barroco na crítica e na historiografia literária de Antonio Candido e Haroldo de Campos*. Tese de Doutorado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014. 194p.

_____. Por uma historiografia literária sentimental: formação e modernidade em Antonio Candido. *História da Historiografia*, v. 1, pp. 162-177, 2017.

GARRAMUÑO, Florencia & AMANTE, Adriana. Partir de Candido. In: ANTELO, Raul (org.). *Antonio Candido y los Estudios Latinoamericanos*. Pittsburgh, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2001.

GARRELS, Elizabeth. *The rise of the new Latin American narrative, 1950-1975: a rapporteur's report*. Washington D.C.: The Wilson Center, Latin American Program, 1979, s/p.

GIMENES, Max Luiz; LIMA, Gabriel Cordeiro. A radicalização política de Antonio Candido nos anos 1970. In: 44º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), 2020. Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS, 2020.

GOMES, Paulo Emilio Sales. Uma situação colonial? São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

GOMES, Paulo Emilio Sales. *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*. S. Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. *Manguinhos – História, Ciências, Saúde* [online], v. 7, n. 2, 2000, p. 391-413.

GULLAR, Ferreira. *Vanguarda e subdesenvolvimento*. Ensaios sobre Arte, v. 3, 1969.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, Ambiência, Stimmung: sobre o potencial oculto da literatura*. Tradução Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC Rio, 2014.

_____. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

GUNDER FRANK, André. The development of underdevelopment. *Monthly Review*, vol. 18, nº 4, sep. 1966.

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *La utopía de América*. Buenos Aires: La Plata Estudiantina, 1925.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: FFCL/USP, 1958.

JACKSON, Luis Carlos. *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002.

JACKSON, Luis Carlos. Antonio Candido: crítica e sociologia da literatura. In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JACKSON, Luiz Carlos; BLANCO, Alejandro. *Sociologia no espelho: ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina (1930-1970)*. Ed. 34, 2014.

JAMESON, Frederic. Periodizando os anos 60. In: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Pós-modernismo e política*. Rocco, 1991, pp. 81-126.

KALTER, Christoph. *The Discovery of the Third World: Decolonization and the Rise of the New Left in France, c. 1950–1976*. Cambridge University Press, 2016.

KAYSEL, André; MUSSI, Daniela. Populismo, classe e nação: Francisco Weffort e a teoria da dependência (1967-1972). In: Anais do 9º Congresso Latino-Americano de Ciência Política (ALACIP), 2017.

LAFER, Celso. Antonio Candido. Esboço de figura: Homenagem a Antonio Candido. São Paulo, Duas Cidades, p. 73-88, 1979.

LEITE, Dante Moreira. *Caráter nacional brasileiro*: descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologias e estereótipos. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1954.

LEJEUNE, Philippe. *El pacto autobiográfico*. In: DOBARRO, Ángel Nogueira (Org.). La autobiografía y sus problemas teóricos. Barcelona: Antropos, 1991, p. 47-61.

LEVIN, Orna Messer; BOAVENTURA, Maria Eugenia; PRADO, Antonio Armoni. Antonio Candido: Remate de Males. Campinas: UNICAMP, 1999.

LIMA, Gabriel dos Santos e GIMENES, Max Luiz; A radicalização Política de Antonio Candido nos anos 1970. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, p. 139-164, 2022.

LIMA, Gabriel dos Santos. A teoria desenvolvimentista do "super-regionalismo" em Antonio Candido e o caso Arguedas. *Revista Criação & Crítica*, n. 26, p. 40-54, 2020.

_____. Cordialidade, malandragem e autoritarismo: aspectos do Brasil por Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido e Roberto Schwarz. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 76, p. 93-104, jul. 2020

_____. Romance modernista e consciência Catastrófica: Relendo "Literatura e Subdesenvolvimento", de Antonio Candido. 2022. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

_____. Relendo "Literatura e Subdesenvolvimento". *Revista Entrecaminos*, v. 4, n. 1, p. 203-211, 2020.

LIMA, Luiz Costa. A concepção da história literária na Formação. In: *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1991.

_____. *Euclides da Cunha*: contrastes e confrontos do Brasil. Petrobras, 2000.

LIMA, Mônica Cristina Araújo. Anos 1950/1960: sonhos de autonomia. *Alceu* (PUCRJ), v. 8, p. 95-104, 2007.

LIMONGI, Fernando. Fernando Henrique Cardoso: teoria da dependência e transição democrática. *Novos estudos CEBRAP*, 2012, pp. 187-197.

LOMNITZ, Claudio. *Tiempo y dependencia em la América Latina*. In: *La nacion desdibujada*. 2. ed. Barcelona: Malpaso, 2016.

LOTUFO, Marcelo. O nacional e o global em Antonio Candido: uma leitura de 'Formação da literatura brasileira' e 'Literatura e subdesenvolvimento'. *Nau Literária*, p 45-61, 2019.

LÖWY, Michael. O romantismo revolucionário de Maio 68. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 84, p. 1964-1985, 2008.

LUKÁCS, Georg. *A alma e as formas: ensaios*. Autêntica, 2017.

_____. "Zur Soziologie des modernen Dramas", em *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, vol. 38, 1914. Cf. também *Schriften zur Literatursoziologie*, P.Ludz (org.), Neuwied, 1961, pp. 261-95.

_____. *Teoria do romance*. Editora 34, 2009.

LYNCH, Christian Edward Cyril. Por que pensamento e não teoria?: a imaginação político-social brasileira e o fantasma da condição periférica (1880-1970). *Dados*, v. 56, n. 4, p. 727-767, 2013

MARTÍNEZ, Augustín. Radicalismo e latino-americanismo. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (Orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

MARTÍNEZ, Ezequiel. El libro que anticipó el boom. *Revista Ñ, Clarín*, Buenos Aires, 04/04/2014.

MARTIUS, Karl Friedrich Phillip von. Como se deve escrever a história do Brasil, *Revista do IHGB*, tomo VI, p. 389-411, 1844.

MELLO, Mario Vieira de. *Desenvolvimento e cultura: o problema do estetismo no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1963.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

MORAES, Anita Martins Rodrigues de. A função da literatura nos trópicos: notas sobre as premissas evolucionistas de Antonio Candido. *CERRADOS*, v. 45, p. 41-54, 2017.

_____. *Da natureza à cultura: literatura e folclore no pensamento de Antonio Candido*. In: *Brasa Conference*, 11, Champaign-Urbana, 2012.

_____. Literatura de dois gumes. In: Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 69-76.

MORAÑA, Mabel. Ángel Rama y los estudios latino-americanos. Pittsburgh, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 1997.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. 4ª ed., São Paulo: Ática, 1978.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, 429 p.

NATALI, Marcos. "Além da literatura". *Literatura e sociedade*, v. 11, n. 9, p. 30-43, 2006.

NEVES, David Eulálio. *Telégrafo visual: crítica amável de cinema*. São Paulo: Editora 34, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Trad. de Marcos Sinésio e Francisco José. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NORONHA DE SÁ, Rethinking Conceptual History in an Iberian Atlantic Perspective. *The Historical Journal*, p. 1-4, 2023.

OLIVEIRA, Francisco de. Jeitinho e jeitão: uma tentativa de interpretação do caráter brasileiro. *Revista Piauí*, v. 7, n. 73, p. 32-34, 2012.

OTSUKA, Edu Teruki. A crítica integradora de Antonio Candido (nota sobre "De Cortiço a Cortiço"). *Magma*, n. 4, p. 55-60, 1997.

_____. Era no tempo do rei: a dimensão sombria da malandragem e a atualidade das Memórias de um sargento de milícias. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. Espírito rixoso: para uma reinterpretação das Memórias de um sargento de milícias. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 44, p. 105-124, 2007.

_____. Lukács, realismo, experiência periférica (anotações de leitura). *Literatura e Sociedade*, v. 15, n. 13, p. 36-45, 2010.

PACHECO, Ana Paula. O radicalismo do radical de classe média: "De cortiço a cortiço". In: FONSECA, Maria Augusta e SCHWARZ, Roberto (Org.). Antonio Candido: 100 Anos. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 107-121.

PARDO, Hugo Herrera. Antonio Candido y Ángel Rama, 1958. Addenda para una amistad intelectual. *Revista Chilena de Literatura*, nº 97, 2018, p. 63-86.

PEDROSA, Celia. Introdução crítica a Literatura e subdesenvolvimento, de Antonio Candido. In: BERND, Zilá (Org.). *Antologia de textos fundadores do comparatismo literário interamericano*. Porto Alegre, 2001. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom>, acesso em: 18/12/2018.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. *A viagem como vocação*. Itinerários, parcerias e formas de conhecimento. São Paulo: Fapesp/Edusp, 2015, 288p.

PENIDO, Stela. Walter Benjamin: a história como construção e alegoria. *O que nos faz pensar*, v. 1, n. 01, p. 61-70, 1989.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz; MEDEIROS, Klei. A emergência da periferia no sistema mundial: da Conferência de Bandung à Conferência de Buenos Aires (1955-1978). *AUSTRAL: Brazilian Journal of Strategy & International Relations*, p. 119-138, 2015.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Antonio Candido: o amor à literatura. In: *Inútil poesia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

PERLATTO, Fernando. Interpretações do Brasil, o moderno e as (des)vantagens do atraso. In: BARBOSA, Cairo; GAIO, Henrique; PEREZ, Rodrigo. *O signo do atraso no pensamento social brasileiro*. Editora Autografia, 2021, p. 227-248.

POCOCK, John. *Linguagens do ideário político*. Tradução de Fábio Fernandez. São Paulo, Edusp, 2003.

PONTES, Heloísa. *Destinos Mistos*. Os críticos do grupo clima em São Paulo (1940 – 1968). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PRADO JUNIOR, Caio. *A revolução brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1966.

QUEIROZ, Renato da Silva. O herói-trapaceiro. Reflexões sobre a figura do trickster. *Tempo Social*, v. 3, p. 93-107, 1991.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. *Anuário Mariateguiano*. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

RAMA, Ángel. “Aportación original de una comarca del Tercer Mundo: Latinoamérica”. *Cuadernos de Cultura Latinoamericana* 73. México, D. F., UNAM, 1979.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. Coloquio de Genova: dos tareas que valen um viaje. *Marcha*, Montevideo, nº 1245, 26 de febrero de 1965: 28-29.

- _____. *Diario (1974-1983)*. Montevideo: Trilce, 2001.
- _____. *Literatura, Cultura e sociedade na América Latina*. Org. Pablo Rocca. Belo Horizonte/ São Paulo: Ed. UFMG/ Humanitas, 2008.
- _____. *Transculturación narrativa em América Latina*. México: Siglo Veintiuno, 1982.
- _____. Um processo autonômico: das literaturas nacionais a literatura latino-americana. *Argumento*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, n. 3, p. 36-49, 1974.
- RAMASSOTE, Rodrigo. Antonio Candido em Assis e depois. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 50, 2010, p. 103-128.
- _____. *A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica acadêmica (1961- 1978)*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 2006.
- _____. A sociologia clandestina de Antonio Candido. *Tempo social*, v. 20, p. 219-237, 2008.
- _____. Inquietudes da crítica literária militante de Antonio Candido. *Tempo social*, v. 23, p. 41-70, 2011.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Editora FGV, 2007.
- ROCCA, Pablo (ed.). Un proyecto latinoamericano: Antonio Candido y Ángel Rama, correspondência. Montevideo, Estuario, 2016.
- _____. Antonio Candido, leitor de literatura hispano-americana. *Literatura e Sociedade*, v. 27, n. 35, 2022.
- _____. A experiência hispano-americana de Antonio Candido. Entrevista a Pablo Rocca. *Literatura e Sociedade*, n. 12 (2), p. 18-27, 2009.
- _____. Ángel Rama y Antonio Candido: un diálogo crítico. *La Jornada Semanal*, nº 352, México, 2001.
- _____. Notas sobre el diálogo intelectual Rama/Candido. In: ANTELO, Raul (org.). *Antonio Candido y los Estudios Latinoamericanos*. Pittsburgh, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2001.
- ROCHA, Glauber. Uma estética da fome. *Revista Civilização Brasileira*, n. 3, julho, 1965.

RODRIGUES, Lidiane Soares. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e um seminário (1958-1978)*. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RODRIGUES, Henrique Estrada. O conceito de formação na historiografia brasileira. In: MEDEIROS, Bruno et al. (org.). *Teoria e historiografia: debates contemporâneos*. Jundiaí: Paco Editorial, p. 253-275, 2015.

ROJO, Grínor. Ángel Rama, Antonio Candido y los conceptos de sistema y tradición en la teoría crítica latinoamericana moderna. *Caligrama*, Belo Horizonte, n. 12, p. 7-33, 2007

ROLLEMBERG, Marcello. Obra aberta. In: A vida, a obra e o legado de Antonio Candido. *Jornal da USP*, 19/05/2017. <https://jornal.usp.br/?p=87575>. Acesso em 18/08/2022.

ROMERO, Silvio. (1888). *História da literatura brasileira*. 52. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

RICOEUR, Paul. *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

RÜSEN, Jörn. *¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia*. [Unpublished Spanish version of the German original text in K. Füssmann, H.T. Grütter and J. Rüsen, eds. (1994). *Historische Faszination. Geschichtskultur heute*. Keulen, Weimar and Wenen: Böhlau, pp. 3-26], 2009.

SADER, Emir. Que anos foram aqueles? *Teoria e Debate*, São Paulo, n. 77, p. 6-9, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. In: *35 ensaios de Silviano Santiago*. Seleção e introdução de Italo Moriconi. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

_____. *Genealogia da ferocidade: ensaio sobre Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), 2018,

_____. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo. *Folha de São Paulo*, v. 7, n. 9, 2014.

_____. O entre lugar do discurso latino-americano. In: *35 ensaios de Silviano Santiago*. Seleção e introdução de Italo Moriconi. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, [1961] 1968, pp. 3-21.

_____. Questões de método. In: *Crítica da razão dialética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 19-123.

_____. Sartre no Brasil: a Conferência de Araraquara. São Paulo: Paz e Terra/Unesp, 1987.

SAUVY, Alfred. Trois mondes, une planète. *L'Observateur*, v. 118, p. 14, 1952.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Complexo de Zé Carioca. Sobre uma certa ordem da mestiçagem e da malandragem. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 29, n. 10, 1995, p. 17-30.

_____. O olhar naturalista: entre a ruptura e a tradução. *Revista de Antropologia*, p. 149-167, 1992.

_____. Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil. *AFRO-ASIA*, Bahia, n. 18, 1997, p. 31-45.

SCHWARZ, Roberto. Antonio Candido, 1918-2017. *New Left Review*, Londres, 107, set.-out. 2017

_____. Pressupostos, salve engano, de "Dialética da malandragem". In: *Que horas são?* São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

_____. Nacional por subtração. In: *Que horas são?: ensaios*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

_____. Um seminário de Marx. *Novos Estudos Cebrap*, v. 50, 1999.

SIEGA, Paula Regina. Antonio Candido, Eduardo Lourenço e Lino Micciché: a literatura brasileira no circuito da recepção externa do Cinema Novo. *FronteiraZ*, 2017, p. 163-180.

_____. Breve, brevíssimo! O discurso cinematográfico brasileiro dos anos 1960 em sua veiculação externa. *Outra travessia*, Florianópolis, n. 17, p. 149-168, dez. 2014.

SINGER, Daniel. *Prelude to Revolution. France in May 1968*. New York: Hill and Wang, 1970.

SISCAR, Marcos. O discurso da história na teoria literária brasileira. SANTOS, Alcides C. dos; DURÃO, Fábio A.; SILVA, Maria das Graças G. Villa da. (Orgs.) *Desconstruções e contextos nacionais*. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 102-114, 2006.

SORÁ, Gustavo. Misión de la edición para una cultura en crisis. El Fondo de Cultura Económica y el americanismo en Tierra Firme'. In: ALTAMIRANO, Carlos. *Historia de los intelectuales en América Latina. II: Los avatares de la "Ciudad letrada" en el siglo XX*, Buenos Aires, Katz, 2010, p. 537-567

STROZZI, Susana. El discurso del método y el método de los discursos en la historia intelectual de América Latina. In: CANCINO TRONCOSO, Hugo et al. (eds.). *Nuevas perspectivas teóricas y metodológicas de la Historia intelectual de América Latina*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuer, 1999. p. 1-14

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984

SZONDI, Peter. *Ensaio sobre o trágico*. São Paulo: Zahar, 2004.

TORO, Eduardo Mejía. Ángel Rama e Antonio Candido: de um sistema literário para o Brasil à construção de uma literatura para a América Latina. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2014

_____. Ángel Rama y Antonio Candido: la integración del Brasil en el sistema literario latinoamericano. *Literatura: teoría, historia, crítica*, v. 16, p. 165-192, 2014.

_____. Trilhos que se bifurcam: formação e inserção entre Antonio Candido e Angel Rama. *Remate de Males*, Campinas, v. 36, 2016.

TORRES, Alberto. *A Organização Nacional*. São Paulo: Editora Nacional. 1978 (1914).

TRAVERSO, Enzo. *Exilio y violencia. Una hermeneutica de la distancia. La historia como campo de batalla. Interpretar las violencias del siglo XX*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, p. 237-280, 2012.

TROTSKY, Leon. *The Russian Revolution: The Overthrow of Tzarism and The Triumph of the Soviets*. DUPEE, F. W. (org.). Garden City/New York: Doubleday Anchor, 1959.

TROTSKY, Leon. *A revolução permanente*. 2ª edição. São Paulo: Kairós, 1985.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. Sem Argumento: um projeto intelectual quase esquecido (Revista Argumento, Brasil, 1973). *História* (São Paulo), v. 35, 2016.

_____. Na Carne dos Dias: um fio de conversa sobre a (de)formação nacional em Paulo Arantes. *Passages de Paris* (APEB-FR), v. 21, p. 145-178, 2021.

VERÍSSIMO, José. Um velho romance brasileiro: Memórias de um Sargento de Milícias por M. A. de Almeida. *Estudos Brasileiros* (1889-1893) – 2ª série. Rio de Janeiro: Laemmert, 1894, pp.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. Movimentos de um crítico: Antonio Candido e a tradição anglo-americana. *Revista USP*. São Paulo, n. 118, p. 89-104, julho/agosto/setembro de 2018.

VON MARTIUS, Karl Friedrich Philipp. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, 6 (24), 1845.

WASSERMAN, Cláudia. *A Teoria da Dependência: do nacional-desenvolvimentismo ao neoliberalismo*. Editora FGV, 2017.

WEBER, Alfred. *História Sociológica da Cultura*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

WEINSTEIN, Bárbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 14, p. 13-29, jan./jun., 2013.

WERKEMA, André Sirihal. A hipérbole engajada: deserto, céu e oceano em “O navio negreiro”, de Castro Alves. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 23, n. 2, p. 155-167.

XAVIER, Ismail. *Sertão mar: Glauber Rocha e a estética da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WAIZBORT, Leopoldo. Erich Auerbach sociólogo. *Tempo social*, v. 16, p. 61-91, 2004.

ZEA, Leopoldo. El problema de la originalidad en Latinoamérica. In: *Terzo Mondo e Comunità Mondiale: Testi delle relazioni presentate e lette ai congressi di Genova*. Milão: Editore Marzoratti, 1967, pp. 289-295.